

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA  
Coordenadoria Geral de Pós-Graduação  
Programa de Mestrado em História

**CEB's:  
A Construção de uma Nova Maneira de Ser Igreja**

O nascimento e organização das Comunidades Eclesiais  
de Base em Volta Redonda (1967-1979)

Paulo Célio Soares

Vassouras  
2001

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Paulo Célio Soares

**CEB's:  
A Construção de uma Nova Maneira de Ser Igreja**

O nascimento e organização das Comunidades Eclesiais  
de Base em Volta Redonda (1967-1979)

Vassouras  
2001

**CEB's:**  
**A Construção de uma Nova Maneira de Ser Igreja**

O nascimento e organização das Comunidades Eclesiais  
de Base em Volta Redonda (1967-1979)

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Maria da Silva Moura

Dissertação de Mestrado Apresentada ao  
Programa de Mestrado em História, da  
Universidade Severino Sombra, Pelo  
Mestrando Paulo Célio Soares, para  
Obtenção do Título de Mestre.

Vassouras  
2001

SOARES, Paulo Célio

CEB's: A Construção de uma Nova Maneira de Ser Igreja -  
O nascimento e organização das Comunidades Eclesiais de  
Base em Volta Redonda (1967-1979)

I - Universidade Severino Sombra – CGPG – PMH

II - Título

Palavras-Chave:

1 – Igreja; 2 – Comunidades Eclesiais.

# Universidade Severino Sombra

Coordenadoria Geral de Pós-Graduação  
Programa de Mestrado em História

A Dissertação: **CEB's: A Construção de uma Nova Maneira de Ser Igreja** - O nascimento e organização das Comunidades Eclesiais de Base em Volta Redonda (1967-1979).

Elaborada por Paulo Célio Soares  
e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Mestrado em História da USS, como requisito à obtenção do Título de

## **MESTRE EM HISTÓRIA**

Banca Examinadora

---

Presidente

---

1º Examinador

---

2º Examinador

Vassouras  
2001

“O importante é que haja movimentos de base. Não é a cúpula que renova. Quem renova são as bases”

Maritain

*A Alexandra  
Minha querida esposa e companheira*

*A Gabriela/Marcos Paulo  
Você que ainda chegará para tornar  
nossa vida ainda melhor*



## *Agradecimentos*

## RESUMO

As Cebds (Comunidades Eclesiais de Base) representam um importante momento na vida da Igreja. Essas comunidades organizadas a partir dos anos sessenta, expressam uma “nova maneira de ser Igreja”, representando na prática uma tentativa de descentralização e democracia na arcaica estrutura dessa Instituição.

A partir de sua organização em pequenos grupos comunitários, as Cebds articularam com eficiência a relação Fé e Política, constituindo-se num importante movimento organizativo e reivindicatório das classes populares, com papel destacado nas lutas pela redemocratização da sociedade brasileira, no contexto da Ditadura Militar.

Em Volta Redonda, essas comunidades adquiriram especial destaque. Sua organização contrastou com a forte presença estatal na cidade, expressa no poder da Companhia Siderúrgica Nacional. Antes de seu nascimento, a atuação da Igreja na cidade pautava-se pelo estrito apoio aos grupos dominantes. A chegada de D. Waldyr Calheiros em 1966, altera profundamente esse quadro, quando a Igreja, a partir de sua base, estimulando a criação das Cebds, passa a apoiar diversos movimentos contestatórios da sociedade civil.

## A B S T R A C T

The Cebes to the Catholic Church na important contribution. These communities started from 60's and express a 'new way of being catholic', representing with actions a new trying to decentralize the old structure of that institution.

From its organization in small groups, the Cebes articulated efficiently the relationship between faith and policy and helped to take place an importation popular movement of organization and claim with remarkable influence on the fights for the democratization of the Brazilian society against the despotism of the military force

In Volta Redonda, these communities were specially stronger. Its organization was a threat to the federal presence in the city that used to have the CSN as a symbol.

Before the organization of the Cebes the rule of the Catholic Church in Volta Redonda was nothing but giving total support to the dominant groups.

The situation was changed in 1966 when D. Waldyr Calheiros arrived. The church started to give support to a number of people who protested, encouraging other organization of the Private Society.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	
1. Justificativa e objetivos.....	
2. Questões Historiográficas.....	
3. Hipóteses.....	
4. Quadro Teórico e Metodológico.....	
<b>I. CEBS: UM NOVO SUJEITO NA VIDA DA IGREJA</b> .....	
1.1. O nascimento das Cebs: uma retrospectiva histórica.....	
1.2. O lugar de nascimento das Cebs.....	
1.3. O contexto eclesial.....	
1.4. As transformações na Igreja Romana e sua relação com a conjuntura eclesial brasileira.....	
1.5. O contexto político.....	
<b>II. A IGREJA ALIADA DA DOMINAÇÃO</b> .....	
2.1. Breve histórico da diocese.....	
2.2. A construção da usina e o nascimento da cidade-fábrica.....	
2.3. O papel da Igreja na cidade-fábrica.....	
2.4. O bispado de D. Agnelo Rossi.....	
2.4.1. A experiência da catequese popular.....	
2.4.2. A fé inspirou grandeza siderúrgica.....	
2.4.3. A Cidade do Aço sede do bispado.....	
2.5. D. Altivo Pacheco: a perfeita harmonia CSN-Igreja.....	
<b>III. A IGREJA DO POVO</b> .....	
3.1. Cebs: Uma nova atuação Bibliografia.....	
3.2. Um pouco da história do menino alagoano que se tornou bispo.....	
3.3. Os primeiros passos de uma via-crucis.....	
3.3.1. A prisão dos membros da Judica.....	
3.3.2. A prisão dos professores Bedê e Santini.....	
3.3.3. A questão dos IPMs.....	
3.3.4. A prisão dos jocistas e o caso dos quatro militares assassinados.....	
3.3.5. As outras batalhas.....	
3.4. Volta Redonda: A cidade-paróquia.....	
3.5. A valorização do leigo nos projetos das Cebs.....	
3.6. A formação de lideranças populares e a gestação das primeiras comunidades de base.....	
3.7. As periferias: o lugar social de nascimento das Cebs.....	
3.8. Grupos de Reflexão: as células das comunidades de base.....	

- 3.9. A experiência da Cebcs na comunidade de São Sebastião-Retiro.....
- 3.10. Os padres operários: um impulso na pastoral popular .....
- 3.11. As Cebcs se espalham pela cidade .....
- 3.12. As intervenção no espaço da cidade .....
- 3.13. A participação das Cebcs nos movimentos operários.....
- 3.14. Os novos rumos da pastoral popular em Volta Redonda.....
- 3.15. As Cebcs e as mediações no campo político.....
- 3.16. A atuação da Cebcs e a organização da Oposição Sindical .....
- 3.17. A construção das Cebcs em Volta Redonda, um processo em marcha: algumas considerações .....

**CONCLUSÃO** .....

**BIBLIOGRAFIA** .....

**ANEXOS**.....

## INTRODUÇÃO

*“As comunidades eclesiais formam este povo em marcha; sua existência lança um desafio à hierarquia, que monopolizou em suas mãos todo poder sagrado, para que ela se entenda como serviço; não como poder que se exerce a partir do próprio poder, mas como mediação para a justiça, a fraternidade e a coordenação do povo”.<sup>1</sup>*

*Leonardo Boff*

As Cebes (Comunidades Eclesiais de Base) constituem-se numa experiência pastoral e num fenômeno fecundo e questionador das estruturas do catolicismo. Essas comunidades surgiram apresentando novas perspectivas de ação dentro da Igreja Católica<sup>2</sup> e quando assumidas por importantes setores desta instituição, transformaram sua estrutura, renovando-a e colocando-a em contato com a realidade social e os problemas da sociedade contemporânea.

As Cebes abriram espaços de participação para que a Igreja cumpra plenamente o seu papel evangélico e profético de estar concretamente ao lado dos injustiçados e de nossa sociedade. Esse movimento vem recuperar, com bastante dinamismo, o discurso e a prática libertária do cristianismo primitivo<sup>3</sup>, que permaneceram obscurecidos por séculos de alinhamento com o poder estabelecido.

---

<sup>1</sup> BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 185

<sup>2</sup> O termo Igreja Católica Apostólica Romana será utilizado neste projeto com a denominação Igreja Católica ou simplesmente Igreja.

<sup>3</sup> Vide Rosa de Luxemburgo: “(...) a religião cristã aparecia a estes infelizes seres( escravos e proletários), como um cinto de salvação, uma consolação e tornou-se, logo desde o princípio, a religião dos proletários romanos”, LUXEMBURGO Rosa de, O Socialismo e as Igrejas, texto mimeografado, São Paulo, CPV, p. 16

Gramsci também afirma o caráter revolucionário do cristianismo primitivo. Vide STACONE Giuseppe, Filosofia da Religião: O Pensamento do Homem Ocidental e o Problema de Deus, Petrópolis, Vozes, 2ª ed., 1991, p. 199-200 e PORTELLI Hugues, Gramsci e a Questão Religiosa, Trad. Luiz João Galo, São Paulo, Paulinas, 1984

As Cebbs se constituem instrumentos de organização e mobilização popular<sup>4</sup>. O trabalho de dissertação que ora se inicia, pretende abordar esse tema, tendo como objeto o nascimento e a organização destas comunidades, bem como sua atuação na década de 1970 em Volta Redonda/ RJ.

Raimundo Caramuru, numa das primeiras abordagens sobre o tema, em 1967, afirma que o movimento das Cebbs, “ (...) *surgiu, sobretudo da necessidade sentida por muitos de uma ação pastoral evangelizadora mais ampla e mais intensa, (...) e de uma comunidade de Igreja que possibilitasse aos cristãos participação responsável, relacionamento maduro de seus membros e presença efetiva como fermento na sociedade dos homens*”<sup>5</sup>, ou seja, a partir das Cebbs, os cristãos assumem sua parcela de responsabilidade como cidadãos do mundo e responsáveis também pela sua transformação.

A própria Igreja, reconhecendo a importância desse movimento, endossa a sua atuação e o seu trabalho. A partir das palavras dos bispos latino-americanos reunidos na CELAM (Conferência Episcopal Latino Americana) em Puebla, México – 1979, estes afirmam que “(...) *as comunidades de base que, no início, eram apenas uma experiência incipiente, amadureceram e multiplicaram-se. Em comunhão com os seus bispos, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento*”<sup>6</sup>.

Fenômeno inicialmente eclesial, e sendo influenciadas por toda a conjuntura sócio-política<sup>7</sup>, as Cebbs que, em nosso país, nasceram no seio da

---

<sup>4</sup> Vários autores destacam essa característica das Cebbs. Amaury Castanho endossa por exemplo que “ (...) *a compreensão e assimilação da dimensão política tem levado as Cebbs a um grande empenho na solução dos problemas humanos e sociais dos ambientes e bairros em que se organizam. A solidariedade que se afirma entre os participantes das Cebbs estende-se a todas as necessidades e carências humanas... as Cebbs tem se tornado a liderança das reivindicações populares*” CASTANHO, Amaury. Caminhos das Cebbs no Brasil – Reflexão Crítica, Rio de Janeiro, Agir, 1987, p. 55

<sup>5</sup> CARAMURU, Raimundo. Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva, Petrópolis, Vozes, 1967, p. 6

<sup>6</sup> MIRANDA Antônio F. de, Puebla Sintetizado, Santuário, Aparecida-SP, 1979, p. 25

<sup>7</sup> Dominique Júlia destaca que “(...) *as mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de idéias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso*”, JÚLIA Dominique ‘A Religião: História Religiosa’ In Histórias: Novas Abordagens, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976, p. 184

Igreja-Instituição, rapidamente abriram-se para toda a sociedade. Montenegro destaca que as mudanças da Igreja neste período sintonizavam com um “(...) *processo de desenvolvimento, correlativo de um feixe de mudanças sociais*”<sup>8</sup>. As Cebbs, no contexto da Ditadura Militar, que se instalou no Brasil em 1964, assumiram um papel relevante nas lutas do povo brasileiro e no processo redemocratização da sociedade brasileira<sup>9</sup>.

Dessa forma, a partir do nascimento dessas comunidades, em meados da década de 1960 em todo Brasil, “*um novo modo de ser Igreja*”<sup>10</sup>, começa a se organizar e a se expandir<sup>11</sup>: descentralizada, abrindo amplo espaço para a participação dos leigos<sup>12</sup> na Igreja, e colocando esta instituição em contato com o povo<sup>13</sup> e principalmente, reconhecendo neste o grande motor de sua ação e como o sujeito e agente de sua própria história, com suas dificuldades, erros e acertos, desenvolvendo também um amplo processo de educação popular<sup>14</sup>. Essa nova

<sup>8</sup> João Alfredo Montenegro, ‘Reflexão Metodológica sobre a História da Igreja no Brasil’ in Revista de Cultura Vozes, 182. Número 9, novembro de 1982

<sup>9</sup> Regina Novaes, destaca que, na década de 70, as comunidades de base, diante do que ela chama de *desorganização da sociedade civil*, imposta pelo regime militar, tiveram um papel importante nas lutas de resistência., in Vanilda Paiva (org) Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais - Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991, p.236.

Sobre esta problemática Daniel Aarão Reis Júnior salienta: “(...) *Setores da Igreja foram passando para o campo da crítica e da luta contra a ditadura. Ordens religiosas, bispos cardeais e numerosos contingentes de leigos, organizados nas Comunidades Eclesiais de Base (Cebbs), constituíram fator de resistência maior às ações dos governos militares*” in REIS, Daniel Aarão. Lutas Sociais, Reformas e Revolução nas Tradições das Esquerdas Brasileiras, in [http: www. artnet.org.br/gramsci/textos](http://www.artnet.org.br/gramsci/textos). Destaca-se neste contexto que Ditadura Militar foi um fator que propiciou o crescimento das Cebbs no Brasil.

<sup>10</sup> Antônio F. de Miranda op.cit., DP 2

<sup>11</sup> O estudo de Pedro de Oliveira aponta para a existência de cerca de 70.000 comunidades eclesiais de base existentes em todo o país. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, ‘CEB; Comunidade Estruturante da Igreja’ in BOFF, Clodovis... e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 131

<sup>12</sup> O uso da palavra leigo neste contexto, refere-se ao sentido eclesial e não o dito popular de “não conhecer nada do assunto”. De acordo com o dicionário de Direito Canônico, leigos “... *são fiéis que não receberam o sacramento da ordem; o seu estatuto fundamental, portanto, é o dos fiéis cristãos, com especial responsabilidade nos deveres e direitos que os clérigos, por diversas razões, não podem exercer diretamente... Presta especial atenção ao direito dos apóstolos que somente eles podem desenvolver: o da cristianização da ordem temporal, social, política, econômica e o do estado da vida matrimonial*”. Carlos Corral Salvador, Dicionário de Direito Canônico. Tradução de Jesús Hortal, São Paulo, Loyola, 1993

<sup>13</sup> Norberto Bobbio destaca esse conceito, afirmando-o como “... *uma mera designação social, realidade subalterna e disgregada, fundamentalmente excluída da gestão do poder*” in BOBBIO Norberto, MATTEUCCI Nicolla e PASQUINO Gianfranco, Dicionário de Política, Trad. Carmen C. Varriale et al, coord. Trad. João Ferreira, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998, vol. 2, p. 987

<sup>14</sup> O papel educativo é certamente uma das características marcantes das Cebbs. Vários autores defendem as Cebbs como o mais vasto trabalho de educação popular, não promovido pelo Estado, neste século



Igreja foi sendo assumida por amplos setores comprometidos com um maior engajamento pastoral e social e principalmente a partir da TdL (Teologia da Libertação)<sup>15</sup>, fundamento teórico das Cebbs<sup>16</sup>.

Com as Cebbs abriu-se um novo canal para a participação popular. À respeito dessa problemática suscitada, Leonardo Boff lembra que “(...) o novo que as Cebbs trouxeram foi o fato de oferecerem, dentro da Igreja, um espaço para o próprio povo simples participar da evangelização da sociedade através da luta pela justiça. Nesse sentido, as Cebbs têm se manifestado como lugar privilegiado de educação para a justiça e como instrumento de libertação”<sup>17</sup>.

De acordo ainda com L. Boff, foi a partir do fenômeno das Cebbs que “a Igreja se fez povo. (...) aquelas imensas maiorias de gente consideradas economicamente desprezíveis, politicamente alienadas, culturalmente

no Brasil. Vide BOFF Clodovis et al, Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 53 e WANDERLEY, Luiz Eduardo, ‘Comunidade de Base e Educação Popular’, in Revista Eclesiástica Brasileira, 41, 1981, p. 686-707

<sup>15</sup> Corrente Teológica, originária da América Latina, que rapidamente se alastrou pelo resto do mundo, que defende um engajamento político dos cristãos nas lutas sociais, buscando a transformação da sociedade. Nos anos setenta influenciou decisivamente os movimentos de renovação pastoral, principalmente as Cebbs, em toda a América Latina. Segundo Clodovis Boff, ‘A TdL, se auto define como um ‘novo modo de fazer teologia’. Esse novo modo se caracteriza por uma palavra: Práxis. Práxis aqui é entendida sobretudo como uma prática política, a saber como ação de intervenção sobre as estruturas sociais. Portanto é a relação à práxis que distingue a TdL’ in BOFF, Clodovis, Comunidade Política-Comunidade Eclesial: Ensaio de Eclesiologia Política, Petrópolis, Vozes, 1978, Capítulo 10. Gutierrez destaca que a TdL “(...) é uma reflexão a partir da práxis histórica do homem. Busca pensar a fé na base dessa práxis histórica e a partir de como é vivida a fé no compromisso libertador” in GUTIÉRREZ, Gustavo, Teologia da Libertação: Perspectivas, Trad. Jorge Soares, Petrópolis, Vozes, 4ª edição, 1983. A TdL recebeu impulso a partir da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (CELAM), ocorrida em Medellín, na Colômbia, em 1968,. “(...) essencialmente comprometida numa práxis libertadora e, portanto, contextual e militante. (...) esta práxis de fé, tem por objetivo mudar a realidade, transformar as relações humanas de dependência e de domínio em vista da libertação humana integral. (...) quer, portanto uma reflexão crítica sobre uma práxis humana... à luz da práxis de Jesus e das exigências da fé (L.Boff). (...) se constrói sobre a opção fundamental pelos pobres e sobre a práxis libertadora, de um lado, e, do outro, sobre a articulação recíproca das três mediações: sócio-analítica, bíblico-hermenêutico e prático-pastoral”. Dicionário de Teologia Fundamental, LATOURELLE, René e FRISICHELLA Rino; Trad. de Luiz João Baraúna. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 972-976.

<sup>16</sup> A relação das Cebbs com a TdL é assim expressa: “(...) a intensificação das condições políticas em todo o Continente (americano) no decorrer dos anos setenta...leva a uma disseminação ainda mais vigorosa da teologia da libertação nos movimentos populares e nas comunidades de base...elas (comunidades eclesiais de base), constituem a instância na qual Igreja e teologia nascem de maneira nova ”, EICHER Peter, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, São Paulo, Paulus, 1993, p. 886 e 867

<sup>17</sup> BOFF, Leonardo, E a Igreja se fez Povo, Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1986, p. 6

*marginalizadas e religiosamente sincretizadas foram sendo assumidas na missão pastoral da Igreja. A maneira de evangelizá-las foi propiciar que de seu seio se organizassem comunidades eclesiais (grifo meu) (...) a partir da fé, das condições de opressão e sofrimento. Através da ação comunitária e libertadora desses cristãos conferiu-se um conteúdo concreto e histórico à afirmação de fé de que a Igreja é povo de Deus dentro da história ”*<sup>18</sup>. Valorizou-se dessa maneira, a partir das Cebbs, o caráter popular e a dimensão libertadora da Igreja<sup>19</sup>, na medida em que esta, atenta às novas problemáticas da sociedade contemporânea e no esforço de atualizar-se, empreendeu uma série de mudanças internas que propiciaram o seu deslocamento para as classe subalternas<sup>20</sup>, dentro de um contexto que será abordado com maior profundidade no decorrer da dissertação.

As Cebbs, na verdade, constituem-se numa experiência eclesial muito complexa e diversificada, que principalmente, nos últimos anos vem sendo muito discutida e debatida. Elas se apresentam na prática, como “(...) células vivas da Igreja, ... em sua "fome e sede de justiça", ... desenvolvem, ainda, um fenômeno de intercomunicação participativa e da formação do senso crítico diante da massificação dos meios de comunicação. No constante esforço de atuar, refletir e celebrar, as Cebbs são uma alternativa de educação para os que buscam uma sociedade nova, onde o individualismo, a competição e o lucro cedem lugar à justiça e à fraternidade”<sup>21</sup>. Vivencia-se nas Cebbs um vigoroso processo de educação e organização popular<sup>22</sup>, onde valores como solidariedade, participação

---

<sup>18</sup> Idem ibid., p. 13

<sup>19</sup> Segundo a CNBB: “As seis dimensões da Igreja (Comunitária e Participativa, Missionária, Bíblico-Catequética, Litúrgica, Ecumênica e do Diálogo), tem a função de mostrar as variedades de aspectos e a unidade dinâmica que existem entre elas. Busca-se por elas conhecer a intimidade de Deus, que nos põe numa atitude missionária e de serviço a da humanidade. Elas se comunicam e se interpenetram mutuamente” Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, CNBB, 1991-1994, D. 45, São Paulo, 1991, p. 41-45

<sup>20</sup> Cf PAIVA Vanilda, ‘A Igreja no Brasil’, in Religião e Sociedade, Campus, Rio de Janeiro, nº 11, 1984

<sup>21</sup> Documentos da CNBB, op. cit., CP 40

<sup>22</sup> Em relação a esses aspectos, vide Gilberto Gorgulho: “(...) As cebbs são um espaço de liberdade, de vida como comunhão e participação. Promovendo a liberdade, a comunhão e a participação, elas se tornam uma escola de crescimento da pessoa humana... ela tem um valor pedagógico altamente construtivo,...as cebbs são uma espaço de conscientização, de tomada de consciência” in QUEIROZ

e espírito comunitário são vividos diariamente, questionando-se dessa forma, a própria lógica capitalista e desumana da sociedade moderna.

Evidentemente que os grupos conservadores e reacionários que sempre acreditaram e viveram uma igreja hierárquica, apegada às tradições e ao poder estabelecido, de todas as formas possíveis se opõem a esse processo de transformação e abertura proposto pelas Cebbs.

Grandes dificuldades se impuseram e ainda são impostas ao trabalho de evangelização e organização popular iniciados por essas comunidades. No momento atual, o modelo proposto pelas Cebbs, recebe críticas e retaliações, principalmente por parte dos setores conservadores da Igreja, alinhados a Roma e ao movimento conservador que levou João Paulo II ao papado, que iniciou a partir desse momento, um movimento de “retração”<sup>23</sup> no interior da Igreja, contendo as forças progressistas. Porém, apesar de inúmeras dificuldades, a caminhada prossegue e como testemunhos dessa prática transformadora das Cebbs, não poderia, de forma alguma, deixar de fazer memória aos que sofreram pela sua opção evangélica e que entregaram a vida pela causa da justiça e dos pequenos <sup>24</sup>, e tantos outros que levaram até o fim o seu projeto de um mundo melhor.

Pretendo com esse trabalho também destacar e valorizar o trabalho dessas e tantas outras pessoas anônimas, agentes de pastoral<sup>25</sup>, militantes, padres engajados e tantos outros que acreditam que a sua fé deve ser motor da transformação social e de busca da justiça. Pessoas que acreditam que o cristianismo busca de fato a libertação integral da pessoa humana e que não vêm

---

José (org.), A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base, Coleção PUC-estudos, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 19 –21

<sup>23</sup> Cf PAIVA Vanilda, ‘A Igreja no Brasil’, in Religião e Sociedade, Campus, Rio de Janeiro, número 11, 1984, p. 88 e 89.

<sup>24</sup> Cf. MARINS José, TREVISAN Teolide M. e CHANONA Carolee, Martírio: Memória Perigosa na América Latina Hoje, São Paulo, Paulinas, 1984. Esta obra retrata com bastante vigor a história dos cristãos assassinados durante o período das ditaduras militares no continente, bem como o compromisso da Igreja contra as injustiças sociais na América Latina neste período.

<sup>25</sup> Termo pelo qual na Igreja Católica, são conhecidos os padres, religiosos (as), leigos (as), atuantes nas diversas comunidades eclesiais e pastorais.

a Igreja apenas como uma instituição fechada no horizonte do religioso, desvinculada dos sofrimentos do povo e das fronteiras confessionais<sup>26</sup>.

Muitas leituras ainda devem a ser elaboradas e acrescentadas à história das Cebcs no Brasil. Este trabalho também representa uma contribuição ao conjunto das classes dominadas, na medida em que pretende fazer um resgate histórico desse movimento extremamente envolvente e participativo, pois “ (...) *história e política se articulam, a desmistificação do passado se faz pela manifestação de suas origens históricas, para o benefício das classes dominadas que, para educar-se, (...) para avançar no processo de organização política e de luta hegemônica, precisam conhecer a história, pois é impossível construir um novo modo e original de vida, sem compreender o processo pelo qual os problemas reais do presente foram gerados e amadurecidos*”<sup>27</sup>

Em meu trabalho pretendo abordar o nascimento e organização das Cebcs na cidade de Volta Redonda, no período de 1967 à 1979, período marcado pela ditadura militar no Brasil e por uma crescente abertura da Igreja Católica em relação às questões sociais. A Diocese de Volta Redonda<sup>28</sup>, desde a chegada de D. Waldyr, em dezembro de 1966, operou uma grande mudança em relação à sua prática anterior, convertendo-se numa das primeiras dioceses brasileiras a adotar e implantar esse novo projeto pastoral, sendo assumido com muita coragem pela quase totalidade do conjunto da Diocese. A Igreja de Volta Redonda-Barra do Pirai, inscreve-se dessa forma, num conjunto de Igrejas particulares, que principalmente na América Latina, após o Concílio Vaticano II (1962-65) e a Conferência Latino Americana de Medellín (1968), assumiram o compromisso de evangelizar, optando preferencialmente pelos pobres.

---

<sup>26</sup> Cf. BEOZZO, Oscar. História da Igreja no Brasil, in Curso de Verão III, p. 175, São Paulo, Paulinas, 2<sup>a</sup> ed, 1989.

<sup>27</sup> SCHLESENER Anita Helena, Gramsci: Hegemonia e Cultura, Curitiba, Editora da UFPR, 1992, p. 35

<sup>28</sup> O nome completo é Diocese de Barra do Pirai- Volta Redonda. Ao longo do trabalho, refiro-me alternativamente como Diocese de Volta Redonda ou simplesmente como Diocese.

O resultado desta opção foi a estruturação de uma Igreja engajada, reconhecida pelos trabalhos que desenvolve no campo das lutas sociais<sup>29</sup>, constituindo-se num pólo articulador e mobilizador da sociedade na luta pela recuperação dos espaços organizativos das classes populares - sindicatos, movimentos populares e urbanos, etc.

---

<sup>29</sup> Cf HOTZZ, Paulo. Perfil Sociológico da Diocese, in Revista Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p. 52

## 1. Justificativa e Objetivos

*“O cristão como tal, deve participar ativamente das mudanças. A fé passiva não basta para aproximar-se de Deus: é imprescindível a caridade. E a caridade significa concretamente viver o sentimento da fraternidade humana”*

Camilo Torres<sup>30</sup>

As Cebcs em Volta Redonda circunscrevem-se num fenômeno que merece ser melhor analisado e pesquisado. O resgate da história desse movimento, significa também o resgate de um modelo de Igreja popular<sup>31</sup> e de uma organização social que marcou profundamente a história da região Sul Fluminense e também a história da Igreja Católica no Brasil. O modelo implantado em Volta Redonda e a ação dessas comunidades eclesiais nesta cidade serviram e ainda hoje servem de exemplo a muitas outras dioceses brasileiras.

A Diocese de Volta Redonda foi uma das pioneiras organização das Cebcs no Brasil<sup>32</sup>, antecipando uma nova postura e organização pastoral que resultaram numa prática social de compromisso com as classes dominadas, expresso na “*opção preferencial pelos pobres*”<sup>33</sup>, corajosamente assumidas pelas Cebcs nesta cidade. Vale destacar neste contexto a

---

<sup>30</sup> TORRES, Camilo. Cristianismo e Revolução. Trad. Aton Fon Filho, São Paulo, Global, 1981

<sup>31</sup> O termo refere-se a um modelo de Igreja marcado pela grande participação popular. Boff defende que com ele “...quer se assinalar que a Igreja surge quando uma comunidade de pessoas, especialmente pela sua pequenez, humildade e pobreza, dispostas a aventura cristã se abre à Boa Nova de Jesus e começa a vivê-la em comunidade...esta compreensão de Igreja compreende à realidade de nossas comunidades de base” BOFF, Leonardo. Quem Tem Medo da Igreja Popular in Revista Vozes, ano 77, maio de 1983, n. 3, p. 63

<sup>32</sup> Cf TEIXEIRA Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebcs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1988. CARAMURU Raimundo, op. cit.

<sup>33</sup> Cf Conferência Episcopal de Puebla-1978

organização da cidade de Volta Redonda como Paróquia Única em 1969<sup>34</sup> e a rede de comunidades<sup>35</sup> articuladas a partir deste momento.

Especialmente a diocese de Volta Redonda, apresenta também a particularidade geográfica de situar-se no eixo Rio-São Paulo, pólo dinamizador da economia brasileira, que lhe confere especial destaque. O fato de situar-se em Volta Redonda, a Usina Presidente Vargas da Companhia Siderúrgica Nacional, e a proximidade a centros de poderes militares como a AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras e o 22º BIMTz – Batalhão de Infantaria Motorizada, em Barra Mansa, cidade conurbada à Volta Redonda, confere a esta cidade destaque no cenário nacional. Em oposição ao poder estabelecido, a Igreja de Volta Redonda queria ser aberta a todos, e particularmente aos pobres. Por isso o intenso processo de renovação pastoral proposto por D. Waldyr Calheiros desde sua chegada, há 35 anos, ganha uma projeção externa de destaque.

Este estudo também se faz necessário pois, apesar do pioneirismo e da relevância desse movimento em Volta Redonda, nenhuma obra sistematizada foi feita abordando a experiência e a organização deste movimento na cidade. Decorre desse fato uma das dificuldades para encontrar materiais de pesquisa, levando-me a buscar mais profundamente as fontes, contribuindo dessa maneira, para a originalidade do projeto.

Especialmente em Volta Redonda, esse movimento rapidamente se converteu em pólo de organização e mobilização popular, que canalizou a

---

<sup>34</sup> Cf VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, 1999. Segundo ainda depoimento do bispo diocesano D Waldyr Calheiros, a diocese de VR foi uma das pioneiras nesse modelo de organização, ocorrendo paralelamente ao processo desenvolvido na arquidiocese de Vitória-ES. Entrevista realizada em 26/11/99.

<sup>35</sup> Pedro de Oliveira destaca que a nova organização em forma de rede, caracteriza-se por serem seus componentes básicos autogovernados e auto-sustentados, interligados por meio de instâncias facilitadoras mas não interligadas (isto é, sem poder decisório). De acordo com Oliveira ainda, no sistema católico, a autonomia das Ceb's é relativizada por seus laços com o bispo e com o papa, instâncias hierárquicas que impõe limites à sua atuação, Cf OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, 'CEB; Unidade Estruturante da Igreja' in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997. Essa nova articulação descentraliza as decisões e democratiza o poder na diocese, além de fortalecer a própria Igreja local, conforme D. Waldyr afirma em entrevista realizada em 26/11/99. Os arquivos da Diocese mostram que a antiga estrutura paroquial foi substituída pela

indignação e a resistência popular ao autoritarismo imposto pela ditadura bem como a denúncia de um sistema econômico injusto e extremamente excludente e desigual. Devido a todos esses fatores, acho de fundamental importância recuperar a história das Cebcs em Volta Redonda, pois o fato desta cidade ser fundamentalmente operária, e onde o poder estatal exerceu, desde sua formação, uma forte presença e atuação<sup>36</sup>, fornecem elementos elucidativos da contribuição desse movimento para a história do movimento popular brasileiro e da própria Igreja.

Esta problemática se torna extremamente atual e oportuna principalmente pelo fato de que, o modelo proposto pelas Cebcs vem sendo severamente cerceado pela cúpula eclesiástica, que a partir da década de 1980, passou a desenvolver uma política de contenção dos setores progressistas<sup>37</sup> dentro da Igreja, refletindo a nova orientação das forças que ascenderam ao poder no atualidade. A partir do ponto de vista das Cebcs, abre-se um fecundo caminho para se questionar qual o papel que a Igreja deve desempenhar na estrutura da sociedade.

Particularmente para mim essa problemática desdobra pontos interessantes, pois tendo sido formado dentro do ambiente de discussão gerado pelas Cebcs, acompanhei suas lutas, angústias, desafios e vitórias, que na verdade eram vitórias de todo um povo que quotidianamente se submetia as opressões de um sistema injusto e desumano. Dessa forma a Igreja para mim, deve ser o veículo de promoção e organização dos oprimidos da sociedade, denunciando todas as injustiças, mobilizando o povo para a luta e anunciando um nova sociedade. As Cebcs na prática, viabilizaram essa proposta.

---

articulação e união das 5 paróquias então existentes, numa Paróquia-Única (Volta Redonda), coordenada por um Conselho.

<sup>36</sup> Cf MOREL, Regina Lúcia de Moraes. A Ferro e Fogo. Construção e Crise da Família Siderúrgica: O Caso de Volta Redonda (1941-1968), São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 1989.

<sup>37</sup> Cf PAIVA Vanilda, 'A Igreja Moderna no Brasil' in Revista Religião e Sociedade, número 13, ano 1, Rio de Janeiro, Campus, 1984.



Desta forma pretendo com meu trabalho, resgatar o papel e a atuação corajosa desenvolvida pelas Cebs, valorizando o trabalho de seus centenas de militantes anônimos, lideranças religiosas, sindicais e populares que, com sua militância, contribuíram decisivamente para o processo de redemocratização da sociedade brasileira, evidenciado em Volta Redonda pelo engajamento social e político das Cebs ao lado das classes dominadas

Pretendo também analisar o papel das Cebs em Volta Redonda, como um movimento que possibilitou a emergência de um novo modelo de Igreja, pautado pela descentralização do poder, maior participação e valorização do leigo na esfera religiosa e pelo caráter popular com grande inserção nas lutas sociais.

Bem como caracterizar as Cebs como núcleos organizativos e mobilizadores das classes populares, atuando na formação de novas lideranças e de uma renovada consciência crítica que contribuiu decisivamente para a reorganização e ressurgimento do movimento sindical e popular em Volta Redonda.

## 2. Hipóteses

*“As comunidades são fermento de transformação na Igreja e na sociedade”*

*D. Pedro Casaldáliga<sup>38</sup>*

Em meu trabalho, apresento hipóteses, destacando que as Cebcs, surgiram em Volta Redonda, apoiadas pelo bispo diocesano e por grande parte do clero, orientando-se nas conclusões do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência Episcopal Latino Americana reunida em Medellin (1967), consoante com os novos rumos da Igreja e como uma resposta ao crescente autoritarismo implantado pela ditadura militar, resgatando a mensagem de justiça e libertação do cristianismo e seu compromisso com as classes dominadas da sociedade.

As Cebcs atuaram em Volta Redonda como um movimento de organização, mobilização e conscientização popular, levando a Igreja diocesana a assumir um papel relevante na resistência ao Estado autoritário implantado no Brasil em 1964, contestando o projeto hegemônico então vigente.

As Cebcs, através de sua atuação, serviram de suporte para a reorganização e renascimento do movimento sindical e popular em Volta

---

<sup>38</sup> Pedro Casaldáliga in “Comunidades de Base”, In Revista Sem Fronteiras, N° 252 - Julho 1997 - p. 13.

Redonda, atuando como pólo formador de novas lideranças e de uma nova consciência social que questionava a estrutura de poder dominante

### 3. Quadro Teórico e Metodológico

*‘A cada instante, a Igreja deve ao mesmo tempo, ser e vir a ser. Ser sem alterações em sua realidade invisível e vir ser século após século em sua realidade visível’<sup>39</sup>*

A Igreja Católica no Brasil, historicamente se configurou como sendo um aparelho ideológico do Estado. Antes das experiências de cunho renovador das Cebis, esta instituição, com raras exceções, sempre manteve uma história de alinhamento e subordinação ao poder. O pensamento gramsciano nos fornece uma rica teoria que elucida o papel desempenhado pela Igreja na sociedade. De acordo com este autor, o papel da religião é o de ser “(...) *uma utopia que mantêm as classes populares na ignorância e lhes retira toda possibilidade de adquirir consciência política e ideológica.*”<sup>40</sup>. Esta colocação se adequa perfeitamente ao papel desempenhado pela Igreja até então. A religião, em sua concepção, é vista como “*ideologia e a Igreja como aparelho ideológico do Estado*”<sup>41</sup>.

É importante salientar que a religião para Gramsci, é um fenômeno histórico<sup>42</sup>, e enquanto instituição real, portadora de uma concepção de mundo, entra em atrito com outras forças ideológicas organizadas para disputar o terreno

<sup>39</sup> Cardeal Suhart apud VINCENT Gerald, ‘Os católicos: o Imaginário e o Pecado’, in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gerárd Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5, p. 410.

<sup>40</sup> PORTELLI Hugues, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

<sup>41</sup> PORTELLI Hugue, Gramsci e a Questão Religiosa, principalmente capítulos I e II (primeira parte).

<sup>42</sup> Cf STACONE, Giuseppe. Filosofia da Religião: O Pensamento do Homem Ocidental e o Problema de Deus, Petrópolis, Vozes, 2ª ed., 1991, p. 247.

das ideologias<sup>43</sup>. Giuseppe Staccone afirma que no pensamento gramsciano, o conteúdo da religião é avaliado não por sua consistência ontológica (se Deus existe ou não) e sim por sua capacidade de mover as consciências para a ação política”<sup>44</sup>. Para melhor avaliar o papel desempenhado pela religião, torna-se necessário uma articulação com alguns pressupostos do pensamento gramsciano.

Gramsci, no conceito de bloco histórico<sup>45</sup>, estabelece uma reciprocidade e organicidade entre o estrutural e superestrutural, entre as forças materiais e as ideologias. As superestruturas do bloco histórico, de acordo com seu pensamento, formam um conjunto complexo, em cujo seio distingue duas esferas essenciais: a sociedade política e a sociedade civil<sup>46</sup>. A correlação entre essas instâncias se torna clara no modo como as ideologias se radicalizam na estrutura da sociedade. Articulado esse conceito com o de Estado, proposto por este autor, teremos condições de entender o papel da Igreja na estrutura social e as transformações que ocorreram em seu interior, resultando no fenômeno das Cebis.

Gramsci define Estado como sendo o“(...) *produto da permanente inter-relação entre sociedade civil e a sociedade política, remetendo a primeira à noção de legitimidade e a segunda à de coerção*”<sup>47</sup>. Nesse sentido,

---

<sup>43</sup> No pensamento gramsciano: *Uma ideologia (...) é uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas*. A concepção de ideologia nesta ótica é muito ampla, sendo incluídas todas as atividades sociais do grupo social dirigente, isto explica porque Gramsci lhe atribui papel essencial no seio do bloco histórico. Gramsci apud STACONE, Giuseppe. op. cit., p. 188. Staccone destaca ainda que *“A ideologia é, também produto do conflito social e destarte, não é a mesma para todos os grupos sociais e frações deles”*.

<sup>44</sup> Ibid Idem, p. 168.

<sup>45</sup> SCHLESENER, Anita Helena. op. cit., p. 17.

<sup>46</sup> Cf PORTELLI Hugues, op. cit., p. 23- 32. De acordo ainda com este autor *“Efetivamente essa divisão funcional deve se situar no quadro de uma unidade dialética em que consenso e coerção são utilizados alternativamente e em que o papel das organizações é mais fluído que parece. Não existe sistema social em que o consentimento seja a base exclusiva da hegemonia, nem Estado em que um mesmo grupo possa, somente por meio da coerção, continuar a manter forma durável a sua dominação... a sociedade política e a sociedade civil, mantêm pois, relações permanentes”*.

<sup>47</sup> Antônio Gramsci apud SCHLESENER, Anita Helena. op. cit., p. 18. Portelli complementa a definição de Estado em Gramsci: *“sociedade civil mais sociedade política, hegemonia encorajada de coerção...Estado, em seu significado integral: ditadura mais hegemonia....reúne a superestrutura do bloco histórico, tanto ‘intelectual e moral’ quanto política(...) equilíbrio interno entre os dois elementos da superestrutura”* PORTELLI Hugues, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 36.

compreende-se que o poder político é exercido pela articulação das funções da sociedade política, composta pelos aparelhos administrativo-burocrático e político-militar<sup>48</sup> e da sociedade civil é “(...)o conjunto de organismos chamados ‘privados’ que correspondem as funções de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda sociedade”<sup>49</sup>.

De acordo com o pensamento gramsciano, é no âmbito da sociedade civil, que se elaboram as concepções de mundo pelas quais a sociedade se representa a si mesmo (ideologias), sendo neste espaço estabelecido o consenso e onde se realiza a direção política da sociedade<sup>50</sup>, viabilizando a legitimação do poder das classes dominantes. Estas classes estão interessadas não só em exercer a coerção, mas também em conseguir persuadir os dominados para que estes dêem seu consenso ao domínio exercido por elas.

A sociedade civil compreende todo o complexo das relações ideológico-culturais<sup>51</sup>, que cumprem este papel. O Estado se apoia em instituições, dos jornais à escola, das editoras aos institutos culturais. Dessa forma a Igreja<sup>52</sup> e diversas outras (universidades, sistema escolar, etc), tem esse

<sup>48</sup> Vide SCHLESENER. Anita Helena., *ibid idem*, p. 18. Portelli destaca que Gramsci apresenta diversas definições de sociedade política. Destaco as principais: “*sociedade política ou Estado, que corresponde à (função de) ‘dominação direta’, ou de comando que se exprime no Estado ou governo jurídico...ou ditadura, ou aparelho coercitivo para conformar as massas populares ao tipo de produção e economia de um determinado momento... aparelho de coerção de Estado, que assegura ‘legalmente’ a disciplina desses grupos que recusam seu acordo.*” PORTELLI Hugues, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 30.

<sup>49</sup> Antônio Gramsci apud SCHLESENER, Anita Helena., *op. cit.*, p. 18 e 19.

<sup>50</sup> Norberto destaca que Gramsci entende por sociedade civil “(...) *um momento da superestrutura, particularmente o momento da hegemonia, que se distingue do momento do puro domínio como momento da direção espiritual e cultural que acompanha e integra de fato nas classes efetivamente dominantes, e que deve acompanhar e integrar nas classes que tendem ao domínio, o momento da pura força*” in BOBBIO Norberto e et al, Dicionário de Política, Trad. Carmen C. Varriale et al, Coord. Trad. João Ferreira, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998, vol. 2, p. 1210. Portelli afirma que a sociedade civil pode ser apresentada sob três aspectos complementares: “... *como ideologia da classe dirigente... como concepção de mundo... como concepção ideológica da sociedade*”, afirmando ainda que a sociedade civil é uma arena de disputas políticas: “*Nas sociedades primitivas é em torno do aparelho do Estado que a luta se concentra; nas sociedades mais complexas, o essencial da luta se dirige contra a sociedade civil*”. PORTELLI Hugues, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 22-38.

<sup>51</sup> Cf BOBBIO Norberto e et al, *op. cit.*, p. 1210.

<sup>52</sup> Vide Portelli: “*a Igreja constitui-se numa das organizações culturais com este fim e após ter, sob o bloco histórico precedente, o quase monopólio da sociedade civil, conservou boa parte desse domínio*” De acordo ainda com o autor, para Gramsci, “*A Igreja constitui uma verdadeira sociedade*

claro objetivo de transmitir os valores dominantes e através dos quais a classe dominante exerce a própria hegemonia. Nesse sentido conclui-se da análise gramsciana, que a religião apresenta-se sempre como instituição histórica<sup>53</sup> em relação com os outros agentes históricos, inclusive entrando em conflito com outras forças ideológicas organizadas para disputar o terreno da ideologia<sup>54</sup>.

Porém, ainda utilizando Gramsci, a sociedade civil apresenta-se autônoma em relação à sociedade política, a inter-relação entre ambas é conflituosa. “ *A estrutura social é dinâmica, as relações sociais são contraditórias e as instituições sociais são permeadas pelo conflito, deste modo, é possível a uma classe inovadora contrapor-se ao formidável ‘complexo de trincheiras e fortificações’ das classes dominantes*”<sup>55</sup>

Gramsci, no entanto não pôde (infelizmente) avaliar concretamente até que ponto a Igreja Católica viveria e se posicionaria diante de tal problemática. Quando ele morreu em 1937, o Estado fascista italiano estava consolidado e tornara-se uma ditadura com o apoio das massas e da Igreja<sup>56</sup>, que como Gramsci bem avaliara, estava se reorganizando e construindo um lugar de destaque na sociedade civil. Ele porém, não viveu e nem poderia prever as transformações operadas na estrutura da Igreja a partir da convocação do Concílio Vaticano II (1962)<sup>57</sup>.

*civil autônoma*”. PORTELLI Hugues, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 27-28.

<sup>53</sup> “(...) a religião é uma realidade socialmente situada num contexto histórico particular...é no seio das estruturas sociais que – em cada caso concreto - qualquer religião tem que operar” Otto Maduro, Religião e luta de classes: Quadro Teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina, Trad. Clarêncio Neiotti e Epharaim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 1983, 2 ed, p. 69-72.

<sup>54</sup> Cf STACCONE, Giuseppe. op. cit., p. 247.

<sup>55</sup> Cf SCHLESENER, Anita Helena, op. cit, p. 21.

<sup>56</sup> Vide Tratado de Latrão, assinado entre o estado fascista e a Igreja Católica em 1929. AZEVEDO, Antônio Carlos de Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997, 2ª edição, p. 417.

<sup>57</sup> Gramsci no entanto, avalia como a Igreja mantém sua unidade ideológica oficial, destacando dois meios básicos: “ *a política e a evolução ideológica progressiva... sendo esta, um movimento progressivo, que tende a satisfazer as exigências da ciência e da filosofia*”. Esta parece ter sido a tônica que norteou o início das transformações operadas pelo Concílio. PORTELLI, Hugues. Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 29.

Fundamentalmente, como parte integrante da sociedade civil, a Igreja, também vive esses conflitos<sup>58</sup> discriminados por Gramsci. Ela não se apresenta como uma instituição monolítica. Internamente grupos com projetos diferentes disputam poder. A partir de meados da década de 1960, a Igreja passou por uma série de transformações que se expressaram num novo posicionamento frente ao mundo

Vanilda Paiva, aprofundando esta problemática, afirma que na raiz dessa nova dinâmica, estava a necessidade da Igreja em romper com seu isolamento e recuperar seu espaço perdido num mundo cada vez mais laicizado e marcado pela crescente secularização<sup>59</sup>. Para que esta pretensão se concretizasse, segundo Paiva, a Igreja passou por mudanças significativas, que apesar de serem longamente preparadas no seu interior, foram desencadeadas pelas mudanças operadas na conjuntura pós-guerra<sup>60</sup>. Otto Maduro enfatiza tal tese, afirmando que é preciso analisar as transformações no campo religioso no quadro das condições sociais nas quais tais transformações ocorreram, e que este campo, constitui-se também como uma rede específica de relações sociais com uma certa realidade e estabilidade próprias e particulares<sup>61</sup>.

Novamente reporto-me à Gramsci, o qual destaca que as inovações experimentadas pela Igreja, quase sempre foram impostas e não propostas: ‘(...) *deve-se notar que todas as inovações no seio da Igreja, quando não são devidas às iniciativas do centro, tem algo de herético*’<sup>62</sup> Isto explica, por que, de acordo com Paiva, estas mudanças “(...) *lhe permitiram remontar seus modelos de*

---

<sup>58</sup> Luiz Vanderley, expõe essa problemática: “(...) *onde fica a Igreja em relação às questões sociais? A Igreja além do mistério da fé, do corpo místico, é uma sociedade muito concreta (grifo meu) ...Ela não está fora, está dentro do tempo, da situação concreta. Os conflitos entre as classes entre os grupos passam por dentro da Igreja ( grifo meu)*” in José Queiroz (org.), *A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base*, Coleção PUC-Estudos, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 69.

Otto Maduro também analisa esta problemática e afirma: “*a ação religiosa numa sociedade de classes, é uma ação que não está nem por fora nem acima dos conflitos de classe...é uma ação efetuada no seio dos conflitos de classe e, como tal, é uma ação atravessada, limitada e orientada por tais conflitos*”, MADURO, Otto. op. cit., p. 99

<sup>59</sup> O termo refere-se “(...) *a redução constante do peso social da religião organizada, que está perdendo, cada vez mais, a função de controle social*”, BOBBIO, Norberto e et al., op. cit., p. 672

<sup>60</sup> Cf PAIVA Vanilda, op. cit., p. 80 e 81

<sup>61</sup> MADURO, Otto. op. cit., p. 105

*influência e adquirir relevância política e prestígio neste final de século, mantendo não somente sua unidade mas ampliando as possibilidades de difusão da fé no mundo contemporâneo*<sup>63</sup>. Essas transformações se evidenciaram no Concílio Vaticano II e resultou no fortalecimento de correntes não-hegemônicas no interior da Igreja.

No Brasil, essas mudanças se operaram de maneira mais acentuada, pois estão ligados à especificidade da conjuntura dos anos 60 e 70 (que serão detalhadamente analisadas na dissertação). Paiva afirma que para operacionalizar estas mudanças, e ampliar suas bases de influência, ela redirecionou-se para um ação mais próxima das camadas subalternas da sociedade, nascendo nesse contexto o projeto das Cebcs, que por sua vez, provocou mudanças na ideologia e na prática de seus membros, que apresentou reflexos na luta interna pela hegemonia<sup>64</sup>. A Igreja, no momento em que implementou mudanças e estabeleceu um contato mais direto e efetivo com as camadas populares, absorveu as reivindicações da sociedade civil e acelerou o processo de mudanças desencadeado por ela mesma. Neste contexto, surgiram as Cebcs na América Latina, recebendo apoio por parte da hierarquia da Igreja.

Pretendo situar o nascimento e organização das Cebcs em Volta Redonda dentro do panorama descrito acima. Nesta cidade, uma Igreja autenticamente popular se implantou, extrapolando o próprio limite era imposto à atuação desse modelo de Igreja. Com a chegada de D. Waldyr Calheiros – nomeado para a diocese, em dezembro de 1966-, começa a se organizar esse novo projeto<sup>65</sup>. O novo bispo diocesano atua como o intelectual orgânico das classes dominadas.

---

<sup>62</sup> Gramsci apud STACONE, Giuseppe op. cit., p. 232

<sup>63</sup> PAIVA, Vanilda. op. cit., p. 81

<sup>64</sup> Ibid idem p. 88

<sup>65</sup> Sobre o processo de mudança dentro da Igreja, Regina Novaes, destaca que a possibilidade de implantar um novo ‘modelo de Igreja’, em alguma medida diferente do pré-existente, em determinado local, depende do em opartre dessa condição. Segundo ela, “(...) *para iniciar um processo de mudança (para iniciar a caminhada) e levar a diante um processo de renovação pós-conciliar pautado na criação e desenvolvimento das cebcs, foi necessário - via de regra - o apoio do bispo local e a existência de agentes de pastoral com projetos e recursos intelectuais diferentes daqueles vigentes no*



A Igreja de Volta Redonda então, articulada por meio das Cebbs, passa a atuar como o partido político das classes dominadas na visão gramsciana, transformando-se em espaços de organização e mobilização, que buscavam romper a influência da classe dominante, elaborar e difundir uma nova visão de mundo. Ela colabora decisivamente para a rearticulação dos espaços populares, não se curvando ante as ameaças da ditadura.

Este trabalho, que já está em andamento, tem como principal eixo temático a problemática das cebbs, situando-se nos limites definidos pela História Política, afinal segundo Jacques Julliard “(...) *a ilusão de uma história sem política, repousa num material morto e inerte*”<sup>66</sup>. Evidentemente não pretendo me basear nos marcos da História Política Tradicional, a qual era identificada com a própria história política. O próprio Julliard, sintetizando e expondo suas críticas à História Política (tradicional), afirma com veracidade: “(...) *é elitista, talvez biográfica, e ignora as sociedade global (...) é narrativa, e ignora a análise, é idealista, e ignora o material, é ideológica, e não tem consciência de sê-lo, é parcial e não o sabe; (...) em uma palavra, uma vez que essa palavra tudo resume na linguagem dos historiadores, é uma história factual*”<sup>67</sup>.

Concordando plenamente com as críticas do autor citado, buscando dessa forma as contribuições da Nova História Política, destacando a ênfase nas novas corrente marxistas que segundo Falcon “(...) *vieram em auxílio dessa restauração do político em geral, ou da história política em particular*”<sup>68</sup>. Neste sentido, utilizarei principalmente a formidável contribuição do pensamento gramsciano e de alguns dos seus conceitos- hegemonia, bloco histórico, sociedade civil, sociedade política, intelectuais orgânicos, etc.

---

*chamado ‘universo simbólico popular’* NOVAES, Regina. ‘Nada Será Como Antes, Entre Urubus e Papagaios’ in TEIXEIRA, Faustino L. CEBs: Cidadania e Modernidade-Uma Análise Crítica, São Paulo, Paulinas, 1993, p. 93

<sup>66</sup> JULLIARD Jacques, ‘A Política’, in História: Novas Abordagens, Dir. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, Trad. Henrique Mesquita, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 186

<sup>67</sup> Ibid idem, p. 180

<sup>68</sup> Francisco Falcon, ‘História e Poder’, in Nos Domínio da História

Iniciei minhas pesquisas utilizando os arquivos da diocese de Volta Redonda-Barra do Piraí, (principalmente livros de tombos- escritos pelos bispos desde o período de fundação da diocese em 1926, atas das reuniões, boletins da diocese, cartas,). A grande dificuldade nesta tarefa é que, infelizmente alguns desses arquivos, na verdade, são muito carentes, haja visto que houve uma perda considerável de alguns materiais, devido à própria ação repressora da ditadura, bem como por ação do intemperismo (enchentes, traças,) e também pelo fato de não existirem publicações, artigos e obras que retratem a história desse movimento na cidade. Constituindo-se a supressão de parte dessa carência, numa importante contribuição do projeto que aqui se delimita. As produções historiográficas, sociológicas e também teológicas que abordam a problemática das Cebcs no Brasil e América Latina, sejam as produzidas pela própria Igreja, por militantes e assessores das Cebcs, órgãos de assessoria (ISER, CERIS,), teólogos da Igreja, historiadores e sociólogos independentes, estão sendo lidos e analisados e constituem uma importante fundamento teórico da pesquisa.

Arquivos de organizações e movimentos populares e sindicais, bem como arquivos particulares de ex-militantes das Cebcs, que mesmo limitados, contribuíram para minha pesquisa (arquivos de padres, sindicalistas). A análise de periódicos, jornais e outras publicações impressas também será um importante instrumento para minha pesquisa bem como a pesquisa nas comunidades eclesiais e grupos comunitários (Santo Agostinho, Vila Americana, S. Sebastião-Retiro, Bom Jesus- Retiro), que viveram o período retratado na presente dissertação.

As dificuldades expostas acima, me impelem a buscar outras fontes. Neste sentido, estas limitações me estimulam a buscar auxílio na história oral - que será de extrema importância em meu trabalho.

A utilização desta fonte historiográfica, iniciou-se nos EUA e Europa, chegando ao Brasil em meados da década de 1970. Somente porém, a partir da década de 1990, é que esta fonte vem ganhando espaço nos meios acadêmicos.

Norberto L. Guarinello destaca que ela é “(...) *uma prática instituída e legitimada*”<sup>69</sup>. A contribuição dessa fonte de pesquisa se expressa, de acordo com Maria Christina Rocha, pelo fato de que “(...) *na oralidade , há uma memória orientada não só para buscar no passado as explicações deste passado, mas para acrescentar ao corpo dos conhecimentos do passado e acontecimentos de seus ‘presentes’, o que é permanente, enriquecedor e atualiza essa memória*”<sup>70</sup>

Utilizarei desta forma, técnicas de entrevistas com pessoas que tiveram uma atuação destacada no processo de nascimento e organização das Cebbs em Volta Redonda. Esta técnica possibilita me facilita a possibilidade de obter características da sociedade e das comunidades de base, pois o indivíduo inseridos neste contexto, reflete as características deste. Questionários também serão utilizados em alguns casos específicos.

As entrevistas estão sendo realizadas com lideranças da Igreja, das Cebbs, do movimento popular e sindical e outras, destacando-se o bispo diocesano D. Waldyr Calheiros, que atuou nesse processo como o intelectual orgânico<sup>71</sup> e principal articulador desse movimento, bem como padres (Normando, Paulo Hottz, Francisco), religiosas (Marta, Olívia, Elizabeth, Judite), militantes ligados à base do movimento (Marilézia Carvalho, Cleusa, José Geraldo, Péricles, Schetine Motta, Dodora,.) e também pessoas simples da base <sup>72</sup> (Sr<sup>a</sup>. Júlia, Sr. João, Sr. Dinoráh, Judith, Sr Dário e Sr<sup>a</sup> Neusa), bem como lideranças populares e sindicais (Edson Santana- 1<sup>o</sup> vereador eleito pelo PT/VR em 1982, Luís de Oliveira

<sup>69</sup> GUARINELL, Norberto Luiz o, Breve Arqueologia da História Oral in História Oral, Associação Brasileira de História Oral, número 01, Junho de 1998, São Paulo

<sup>70</sup> ROCHA, M<sup>a</sup> Chistina de Caldas Freire. Discurso Mítico e Construção Histórica. in Revista do Mestrado de História da Universidade Severino Sombra. USS – ano 1. Rio de Janeiro. Editora Sette Letras, 1998. P. 47-48.

<sup>71</sup> Gramsci destaca que esse tipo de intelectual deve “ (...) *imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’*” GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 9<sup>a</sup> ed., 1995

<sup>72</sup> Mirian Goldemberg destaca que é importante o historiador “(...) não se limitar somente a ouvir apenas pessoas que estão no topo de uma hierarquia de credibilidade. Deve ouvir também quem nunca

Rodrigues – ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos/VR, Leonardo Nogueira, vereador pelo PT, Wanderley Barcellos, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos e ex-vereador/ PT) e outros (Waldyr Bedê, Marlene Fernandez e Rosalice), que vivenciaram o período recortado em meu trabalho.

## CAPÍTULO I

### CEB'S: UM NOVO SUJEITO NA VIDA DA IGREJA

#### 1.1. O Nascimento das Ceb's: uma Retrospectiva Histórica

*“O cristianismo está na história, mas a história está no cristianismo”<sup>73</sup>*

Em várias partes do país florescem experiências comunitárias de vida na Igreja. As comunidades eclesiais de base, organizadas desde meados dos anos sessenta, representam na prática, uma tentativa concreta de viver a fé neste sentido.

Este movimento, que se configura como uma das mais expressivas propostas de organização popular no Brasil neste século, articula, segundo pesquisa atuais<sup>74</sup>, cerca de 70.000 núcleos e reúne aproximadamente dois milhões de pessoas em todo país<sup>75</sup>. Estes números demonstram a dinâmica e vivacidade destas comunidades.

Caracterizadas sobretudo como importante movimento de formação de lideranças para a sociedade civil, despontaram nas Ceb's, líderes de expressão nacional, como Vicentinho, João Pedro Stédile, Luiza Erundina, José Rainha,

---

<sup>73</sup> Padre Daniélou in VINCENT Gerald, 'Os católicos: o Imaginário e o Pecado', in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gerárd Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5, p. 410

<sup>74</sup> Pedro de Oliveira, importante assessor das Ceb's, a partir de pesquisa realizado pelo CERIS e ISER/ASSESSORIA, aponta a existência de um número variável de 60.000 a 80.000 Ceb's no Brasil. Analisando os dados da pesquisa, excluindo as comunidades que não tem celebração dominical, reflexão bíblica ou conselho comunitário, o autor chega a um número próximo de 70.000 comunidades de base no Brasil. OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. 'CEB; Unidade Estruturante da Igreja' in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997

<sup>75</sup> Cf. Revista Isto é 'As Comunidades de Base são só de Deus?', 04.02.1981

Marina da Silva e Chico Mendes, que entre tantos outros, lutam por um país democrático.

Outra grande contribuição das Cebbs, foi no período sombrio do regime militar, onde eram praticamente o único movimento social de contestação a atuar na legalidade. Com a redemocratização do país, passaram a integrar o amplo leque dos movimentos populares e reivindicatórios.

As Cebbs representam acima de tudo, a encarnação de um novo modo de ser Igreja que fez a opção preferencial pelos pobres. Nem todos os participantes vivem em condições de pobreza, mas o direito dos pobres centraliza a sua espiritualidade e discussão. Não se restringem à animação da fé. Na linha do amor ao próximo, criam projetos alternativos para minorar o sofrimento do povo simples e partem decisivamente para sua organização, incentivando a luta pelos seus direitos. De suas bases surgiram importantes movimentos reivindicatórios.

As Cebbs representam ainda acima de tudo, uma realidade incontestável na Igreja do Brasil. A multiplicação constante destas comunidades de base em todo o país, nas décadas de 70 e 80, foi um fator de discussão e chamou a atenção de cientistas sociais, teólogos,

sociólogos e historiadores, principalmente ligados à Igreja<sup>76</sup>, que compreendem a articulação dialética fé e vida nas Cebbs, ou seja, o relacionamento dos cristãos com as bases populares, como um dos fenômenos mais significativos desta época.

## 1.2. O lugar de nascimento das Cebbs

Nas décadas de 1970 e 80, as Cebbs se espalharam por todo o país, desafiando a ditadura instalada. Hoje porém, em tempos de democracia e neoliberalismo, muitos nem se lembram dos difíceis anos da ditadura e nem participaram do processo de democratização de nosso país.

Direta ou indiretamente essas novas comunidades, contribuíram de diferentes maneiras para o processo de redemocratização que começava a se articular no país. Eram grupos de pessoas que, morando no mesmo bairro ou povoados, se encontravam para refletir e transformar a realidade, ‘à luz da Palavra de Deus’, utilizando uma expressão comum nesse meio, e das motivações religiosas. Surge a partir daí, o nome de Comunidades Eclesiais de Base (Cebbs). Começavam também a reivindicar pequenas melhorias nos bairros, e ao mesmo tempo, iniciavam uma caminhada para tomar consciência da situação social e política. Queriam a transformação da sociedade. Inspiradas no método ‘Paulo Freire’<sup>77</sup> de alfabetização de adultos, executavam uma

---

<sup>76</sup> Sobre esta questão vide: CARAMURU, Raimundo. Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva, Petrópolis, Vozes, 1967; Vide BOFF Clodovis et al, Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997; BOFF, Leonardo, E a Igreja se fez Povo, Petrópolis, Vozes, 3ª ed., 1986; QUEIROZ José (org.), A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base, Coleção PUC-estudos, São Paulo, Paulinas, 1985; TEIXEIRA Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebbs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1988; TEIXEIRA, Faustino L. CEBs: Cidadania e Modernidade-Uma Análise Crítica, São Paulo, Paulinas, 1993; AZEVEDO, Marcello de Carvalho. Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé, São Paulo, Loyola, 1988; BOFF Clodovis, Comunidade Política- Comunidade Eclesial: Ensaio de Eclesiologia Política, Petrópolis, Vozes, 1989; PAIVA, Vanilda. (org) Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais - Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991. Destaque ainda para inúmeros artigos desses autores em revistas especializadas.

<sup>77</sup> Este método articula a alfabetização ao processo de formação da consciência crítica do cidadão. Partindo de palavras próximas da realidade do educando, os temas geradores, se constrói o processo educativo ao mesmo tempo em que se forma a cidadania do aluno. Dessa forma, Paulo Freire defende

metodologia que levasse da conscientização à ação. Baseadas no método Ver-Julgar-Agir, colocaram em prática a luta por melhores condições de vida.

De acordo com Faustino Teixeira, "(...) nos anos 70 e início dos 80, falava-se muito no impacto da atuação das Cebs no campo sócio-político, enquanto geradoras de uma nova consciência das camadas populares e fator de grande importância no processo de libertação dos pobres." <sup>78</sup>. Essas pequenas comunidades cristãs, com número variável de participantes (entre 20 a 100 membros), eram consideradas um novo sujeito popular, capaz de reverter a situação de pobreza e apontando para uma nova sociedade mais justa e fraterna.

Especificamente no interior da Igreja Católica, as Cebs queriam rever uma estrutura muito piramidal e autoritária que cerceava a participação popular e impunha decisões de cima para baixo. Incentivadas pelas decisões do Concílio Vaticano II (1962-1965) <sup>79</sup> e pela Conferência Episcopal de Medellín (1968)<sup>80</sup>, que apontaram para o deslocamento das bases sociais da Igreja, estas comunidades vislumbraram uma maior participação dos leigos e um processo mais participativo na tomada de decisões. Ao redor da imagem que a Igreja é 'povo de Deus', como caracterizou o Concílio, e não mais sociedade hierárquica, as comunidades sentiram-se parte ativa na construção do Reino de Deus.

Houve quem aplaudisse e quem desqualificasse tais atitudes, como algo que ameaçasse destruir a estrutura de dois mil anos da Igreja. Falava-se, como Leonardo Boff, da prioridade do carisma sobre a instituição e usava-se o

---

a participação das classes populares no processo de sua própria educação, inclusive educação política. Ele insiste na possibilidade do povo ser sujeito de sua própria educação, opondo-se a uma concepção educacional que atribui a uma elite o papel da direção. Esta crença na capacidade do povo de pensar e realizar será sua contribuição no processo de construção das Cebs.

<sup>78</sup> TEIXEIRA, Luís Faustino Couto. A Gênese das Cebs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 181

<sup>79</sup> O Concílio Vaticano II realizou-se em quatro sessões: 11 de outubro à 08 de dezembro de 1962, 21 de setembro à 04 de dezembro de 1963, 14 de setembro à 21 de novembro de 1964 e 14 de novembro à 08 de dezembro de 1965. VINCENT Gerald, 'Os católicos: o Imaginário e o Pecado', in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gérard Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5, p. 412. Sobre especificamente o Concílio Vaticano II vide ainda: MARTINA, Giacomo. História da Igreja: De Lutero aos Nossos Dias, vol. 4 – A Era Contemporânea, Trad. Orlando Soares Moreira, São Paulo, Loyola, 1997



método das ciências sociais para analisar a Igreja. Substituir a tradicional filosofia pelas ciências sociais representava o risco de introduzir a análise marxista dentro da Igreja. Começou-se, então, a falar do perigo comunista na Igreja e muitos ficaram alarmados, principalmente por que vivíamos o período da Guerra Fria e a histeria anticomunista tomava conta da sociedade.

A questão central naquele momento era a necessidade da Igreja se posicionar em relação aos problemas sociais. ‘(...) *A questão não é saber se reconhecemos ou negamos a luta de classes, mas de que lado nos situamos e quais solidariedades ou cumplicidades escolhemos*’<sup>81</sup>. As Cebcs responderam plenamente à essas questões e mostraram com muita perseverança que a sua mensagem veio para ficar, colocando-se ao lado dos oprimidos de nossa sociedade e assumindo a evangélica ‘opção preferencial pelos pobres’ defendida por Puebla.

Nos dias atuais porém, devido a própria conjuntura político-econômica e eclesial, marcada principalmente pela ascensão das forças conservadoras no interior da Igreja, as comunidades eclesiais de base, se encontram em refluxo, reelaborando sua própria presença na sociedade.

Para descortinar a gênese das Cebcs no Brasil, é necessário antes de tudo, situá-las num amplo contexto sócio-político e eclesial, que será abordado neste trabalho a partir de uma breve análise estrutural e conjuntural das causas que geraram este fenômeno. É necessário englobar nesta análise, as vertentes básicas de gestação do fenômeno das Cebcs, que incluem o contexto sócio-político brasileiro e o contexto eclesial nacional e o geral.

### **1.3. O Contexto Eclesial**

---

<sup>80</sup> Esta conferência dos bispos latino-americanos contou com a presença do Papa Paulo VI e antecedeu as conferências de Kampala para África e Manila para a Ásia.

<sup>81</sup> G. Casalis apud GUIMARÃES, Almir Ribeiro. op., cit., p. 70

Estabelecer com precisão o momento exato do surgimento da primeira Ceb no Brasil é uma tarefa bastante difícil. Segundo informações de Raimundo Caramuru, numa das primeiras obras abordando esta temática, em 1967, já existia uma dezena dessas comunidades espalhadas pelo Brasil<sup>82</sup>. É possível situar o nascimento dessas primeira comunidades em meados da década de sessenta.

Em linhas gerais, o contexto eclesial brasileiro e universal, contribuiu de maneira decisiva para a eclosão do fenômeno das Ceb. No caso brasileiro, vivia-se uma crise na Instituição Igreja, expressa principalmente pela falta de padres, ‘crise da paróquia’<sup>83</sup>. Havia uma grande necessidade de renovação desta instituição, que acabou contribuindo por valorizar timidamente o leigo nos trabalhos pastorais.

Entre tais iniciativas que ofereceram estas possibilidades, pode-se destacar principalmente alguns movimentos pioneiros que esboçavam um protagonismo dos leigos na questão religiosa. Registra-se a origem desses incipientes movimentos no começo dos anos sessenta<sup>84</sup>.

Neste arco de iniciativas se inserem a experiência da ‘catequese popular’, iniciada por D. Agnelo Rossi, na diocese de Barra do Piraí ( atual diocese de Volta Redonda –Barra do Pirai) alvo de análise da presente dissertação e que será amplamente discutida no capítulo III, o Movimento de Natal, a experiência pastoral de Nízia Floresta, ou ainda do Movimento de Educação de Base (MEB). Destaca-se também a influência das experiências

---

<sup>82</sup> CARAMURU, Raimundo. Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva. Petrópolis, Vozes, 1967

<sup>83</sup> A crítica à paróquia é uma constante nos primeiros textos que defendiam a idéia de implantação de comunidades de base nesta época inicial. No capítulo I, abordo esta questão. Vide CARAMURU, Raimundo Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva. Petrópolis, Vozes, 1967 e MARINS, José. A Comunidade Eclesial da Base, São Paulo, Salesianas, 1967

<sup>84</sup> Cf CARAMURU, Raimundo. Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva, Petrópolis, Vozes, 1967

inovadoras no campo da Liturgia, Catequese, dos movimentos de Ação Católica, etc.

Não poderia negar evidentemente a influência desses movimentos de Ação Católica, como também os trabalhos de renovação pastoral do MMM-Movimento para um Mundo Melhor, e dos Planos de Pastoral da CNBB, destacando-se o Plano de Emergência (1962-1965) e o Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970). No contexto voltado para o campo social, a rearticulação da pastoral popular após o golpe militar de 1964, também terá um papel definitivo nos contornos definitivos da experiências das Cebcs.

Estes diversos movimentos, logicamente contribuíram em diferentes níveis, para o fenômeno das Cebcs. Enquanto que uns ajudaram a criar um espaço de renovação eclesial, outros, acentuadamente a Ação Católica, abriram o caminho para reflexão crítica da mensagem teológica e compromisso político, como atesta Faustino Teixeira<sup>85</sup>.

Antes dessas experiências de cunho renovador a Igreja no Brasil sempre teve uma história de alinhamento e subordinação ao poder. Desde o período colonial, o papel da Igreja na sociedade, constituía-se em ser, de acordo com o pensamento gramsciano, “(...)uma utopia que mantêm as classes populares na ignorância e lhes retirar toda possibilidade de adquirir consciência política e ideológica.”<sup>86</sup>.

Desde então, ficou claro seus nítidos projetos de dominação, como atesta Beozzo: “(...) chegou aqui com uma face de prepotência, impondo língua e costumes; de etnocentrismo de quem se considerava de raça e culturas superiores, pronto a legitimar a sujeição e a escravidão, em nome da fé e do

---

<sup>85</sup> TEIXEIRA, Faustino C. ‘As cebcs no Brasil, Cidadania em Processo’ in Cebcs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993, p.12

<sup>86</sup> Hugues Portelli, *Gramsci e a Questão Religiosa*, Trad. Luiz João Galo, São Paulo. Paulinas, 1984

*evangelho. A aliança com os poderosos e com o seu projeto de dominação completou toda essa face dura do cristianismo que chega à América.”*<sup>87</sup>

No Brasil-Colônia e no Império essa situação pouco se alterou, concretizando-se na prática com o Padroado Régio<sup>88</sup>, que subordinava a Igreja à Coroa Portuguesa.

Com o advento da República Velha (1889-1930), a separação Igreja-Estado (1891), marcará o fim do monopólio da fé no Brasil. A Igreja tentará de todas as formas recuperar a sua presença na sociedade e a sua hegemonia perdida com o nascimento da república, enfrentando no campo religioso batalhas contra os avanços dos protestantes e no campo ideológico as polêmicas anti-laica, anti-liberal, anti-positivista, etc<sup>89</sup>.

Procurando expandir sua atuação, e amparada pelo projeto nacional-desenvolvimentista dos vitoriosos de 1930, a Igreja procura alargar sua base social e recuperar o espaço perdido com a Proclamação da República, evidentemente sem romper sua aliança com o Estado e as classes dominantes<sup>90</sup>, abrindo-se para uma estratégica atuação mais próxima das camadas médias e populares.

A Igreja naquele momento (...) *devia reerguer-se apesar de graves obstáculos, para novas iniciativas nos vários domínios das atividades religiosas, sociais e culturais*<sup>91</sup> O instrumento privilegiado dessa tática será a criação da Ação Católica e dos Círculos Operários, concebidos especificamente para atuar junto ao crescente operariado no sentido de “(...) *estabelecer a colaboração a paz e a harmonia entre as classes sociais. Muitos círculos eram dirigidos pelos patrões e não pelos próprios trabalhadores*”<sup>92</sup>, como assinala ainda Beozzo.

---

<sup>87</sup> Oscar Beozzo, Curso de Verão III -, p. 122, São Paulo: ed. Paulinas, 2ª edição, 1989

<sup>88</sup> definir

<sup>89</sup> Cf. João Alfredo Montenegro, Evolução de Catolicismo no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1972, capítulo 4 –principalmente parte 2-.

<sup>90</sup> Cf. Simon Schwartzman, op. Cit.

<sup>91</sup> Fernando de Azevedo in Simon Schwartzman, op. Cit., pag 116

<sup>92</sup> Oscar Beozzo, op. Cit., pag. 158

As mudanças começam a se delinear de maneira muito tímida a partir da década de 50. Muito importante nesse período será a transição da Ação Católica que seguia o modelo italiano, centralizado e hierarquizado, para o modelo belga-francês-canadense, descentralizado e democrático, com maior inserção no meio operário e social.

Esta nova estrutura do movimento, possibilitou sobretudo o surgimento das Juventudes Católicas dentro de suas específicas realidades: a JAC (Juventude Agrária Católica) nas zonas rurais; a JEC (Juventude Estudantil Católica), nos movimentos de jovens secundaristas; a JOC (Juventude Operária Católica) no campo operário; a JIC (Juventude Independente Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica), nos meios universitários.

Estes movimentos de Ação Católica foram extremamente ativos, sendo um importante fonte formadora de lideranças leigas que futuramente sustentaram experiências do Movimento de Educação de Base, dos sindicatos rurais, das Cebs e de vários outros programas e movimentos, vinculados ou não à hierarquia católica.

Seus militantes se dispuseram nesta fase a transformar programas até então muitas vezes limitados, em projetos eficazes. Assistia-se também a inserção crescente desses movimentos no espaço político, onde passam a disputar influências com as várias tendências políticas de então<sup>93</sup>.

A partir do seu crescente engajamento social, tendem gradativamente a buscar maior autonomia em relação à hierarquia católica. A Ação Católica precisava delimitar sua própria identidade e seu projeto político independentemente. Isto acaba se concretizando no afastamento de muitos militantes e principalmente após a criação da AP (Ação Popular)<sup>94</sup>, que

---

<sup>93</sup> Destacar Gorender e os movimentos da época.

<sup>94</sup> Organização de esquerda fundada em 1962. Era formada por ex-militantes de grupos da Ação Católica (JOC e JUC), juntamente com um grupo protestante e outros grupos sem confissão religiosa, inclusive com formação marxista. Os militantes dessa organização se pronunciavam por uma ideologia própria, buscando apoio doutrinário em pensadores católicos. A AP opta pelo caminho da luta armada em

provocará grandes tensões internas no seu relacionamento com a hierarquia. Estes episódios, aliados ao agravamento da situação social do país, forçarão uma mudança de posicionamento de setores da hierarquia católica, levando-os a um maior compromisso social<sup>95</sup>.

Outro ponto importante será a organização da CNBB, uma das primeiras organizações episcopais do mundo, em 1952. Ao reunir a ala progressista da Instituição, permitiu uma maior articulação dos bispos entre si e maior agilidade na tomada de decisões dentro da Igreja. Destacou-se sobretudo a atuação de seu secretário Hélder Câmara<sup>96</sup>.

#### **1.4. As transformações na Igreja Romana e sua interrelação com a conjuntura eclesial brasileira**

O contexto eclesial brasileiro, não fornece porém todos os dados da complexa questão do nascimento das Cebis no Brasil. É necessário, sobretudo, alinhavá-lo com as mudanças que se delineavam na estrutura da Igreja Universal. Neste campo externo, a fundação do CELAM ( Conselho Episcopal Latino Americano) e a convocação do Vaticano II<sup>97</sup>, e o seu convite a um

1965. Em 1967, adere aos princípios do maoísmo. No ano de 1971, transforma-se em partido e em 1973, incorpora-se ao PC do B. GORENDER, Jacob. Combate nas Trevas, São Paulo, Ática, 1998, p. 41, 126 e 127.

<sup>95</sup> Cf. Oscar Beozzo, op. Cit., pag. 163

<sup>96</sup> D. Hélder Câmara foi um dos maiores expoentes dos setores progressistas da Igreja Católica no Brasil, destacando-se por sua postura contundente frente aos problemas sociais. No período em que atuou como bispo auxiliar no Rio de Janeiro, teve uma atuação destacada, fundando a Cruzada São Sebastião e Banco da Providência. Ele ainda foi o idealizador e primeiro secretário geral da CNBB em 1952, ainda enquanto padre. D. Hélder neste período, habilmente impulsionou esta entidade a adotar posições políticas e teológicas progressistas. Na década de setenta, a CNBB se tornará o principal porta-voz institucional da Igreja no Brasil. D. Hélder foi transferido do Rio de Janeiro em 1963, quando se tornou arcebispo de Olinda e Recife. Gerard Vicent atribui a ele um papel importante na sensibilização dos bispos à miséria crescente do Terceiro Mundo, nas discussões do Vaticano II, preocupado sobretudo em acabar com a aliança entre a Igreja e as forças conservadoras. VINCENT Gerald, 'Os católicos: o Imaginário e o Pecado', in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gérard Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5

<sup>97</sup> As análises sobre a convocação deste Concílio geram apaixonadas discussões entre os historiadores. Muitos deles como Skidmore, afirmam que o Papa João XXIII, na verdade não sabia muito bem qual o seu objetivo. Felipe Fernandez-Armesto e Derek Wilson, compartilham desta visão afirmando que "... *Papa João XXIII, "...não tinha a menor intenção de virar a Igreja de pernas para o ar*". Segundo eles, o papa apenas queria conscientizar os bispos e pensar como a Igreja poderia melhor se posicionar nesse mundo. FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe e WILSON, Derek. Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000, Rio de Janeiro, Record, 1997, p. 356 e 357

‘aggiornamento’, a ‘atualização’ da Igreja frente ao compromisso ecumênico e ao encontro com outros diferentes grupos para a construção da paz, abriu caminhos promissores para que então frações não hegemônicas, que lutavam por reformas internas na Igreja, ganhassem cada vez mais espaço dentro de sua milenar estrutura <sup>98</sup>.

É importante destacar, que a Igreja é uma instituição excessivamente complexa para que se possa fazer com segurança, uma análise completa sobre o conjunto de transformações que se operaram em seu interior e que acabaram levando posteriormente à eclosão das Cebbs.

Os sinais das transformações são encontrados nas significativas mudanças verificadas na estrutura da Igreja a partir da realização do Concílio Vaticano II, uma iniciativa da Igreja Romana de se relacionar com a complexidade do mundo moderno.

Para a realização deste Concílio, pesaram decisivamente os vários movimentos de renovação eclesial, iniciados no início do século XX e que acabaram sendo sancionados pelo Vaticano II <sup>99</sup>.

Parece que o elemento detonador das Cebbs no Brasil foi exatamente a experiência única e marcante do Vaticano II. Este Concílio revelou seu potencial pastoral em sua abertura para o mundo e para a história e, ao mesmo tempo, sua densidade de reflexão, postulando a imagem da Igreja como sendo o ‘povo de Deus’ a caminho.

O Vaticano II também contribuiu para criar um clima de autocrítica no interior da Igreja. Vários movimentos com tendências progressistas ganharam mais espaço e legitimidade, tais como o movimento bíblico, teológico, litúrgico, etc.

---

<sup>98</sup> Vanilda Paiva, Op., Cit., páginas 80,81 e 82

<sup>99</sup> Faustino Luiz Couto Teixeira, op. Cit., p principalmente cap 4CITA=LOS

A própria Igreja passou a tecer críticas ao sistema capitalista, apresentando a incompatibilidade da acumulação capitalista com a ética da equidade, e principalmente, de acordo com Paiva<sup>100</sup>, pela primeira vez, reconheceu os aspectos positivos do socialismo, especialmente no que concerne à justiça social, ao mesmo tempo que reiterou sua incompatibilidade política com o ‘socialismo real’.

O Concílio Vaticano II abriu sobretudo um amplo espaço para diálogo com o mundo moderno e com sua problemática econômica, social e política. Com o papa João XXIII e em torno da *Mater Magistra* (1961) e da *Pacem in Terris* (1963), a Igreja buscou uma nova atuação. O aggiornamento representava sobretudo, “(...) a atualização da Igreja em relação à questão social, era um grito de respaldo (...) para a Igreja, que no terceiro mundo, e dentro dele, principalmente na América Latina, encravada na miséria e na injustiça estava pronta para a virada”<sup>101</sup>

Na América Latina esse processo ganha um grande impulso a partir de 1968. As Cebes resgataram as orientações do Vaticano II, através de sua releitura que as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) fizeram na América Latina. Enquanto aquela preencheu o imaginário eclesial com a temática da Libertação, esta aprofundou a discussão com a evangélica opção pelos pobres.

Nascia a partir de Medellín, o compromisso concreto da Igreja com o mundo dos pobres. A maneira de realizar este compromisso, descerrou-se o apoio às nascentes comunidades de base. Este encontro dos bispos latino americanos, teve o mérito de tornar as nascentes comunidades de base, um instrumento de ação da Igreja latino americana. Sua grande afirmação é de que a Igreja deve organizar-se e viver em comunidades menores, cuja especificidade os bispos latino americanos não determinaram, como já discuti no capítulo anterior.

---

<sup>100</sup> Vanilda Paiva, A Igreja Moderna no Brasil in Revista Religião e Sociedade número 11, ano 1, Rio de Janeiro, Campus, 1984.



Até então a Igreja brasileira vivia do transplante e dependência de movimentos europeus. A sua ação pastoral orbitava em torno da paróquia, como já discutido anteriormente, incapaz cada vez mais de responder às urgências da problemática brasileira.

Em consonância às determinações do Concílio que se realizava na Europa, e na busca de uma nova estrutura que dinamizasse a vida religiosa no país e visando uma pastoral mais versátil e adaptada à realidade nacional de carência e subdesenvolvimento, a CNBB, elabora o Plano de Emergência (1962-1965) e o Plano Pastoral de Conjunto (1966-1970), onde propõe a renovação das antiga pastoral paroquial: *“Nossas paróquias atuais deveriam ser compostas de várias comunidades de base, dada sua extensão e densidade demográfica (...) será de grande importância empreender a renovação paroquial pela criação dessas comunidades de base (...) onde os cristãos não sejam pessoas anônimas”*<sup>102</sup>

Este processo de renovação será coroado de bastante êxito no Brasil. Ao mesmo tempo, as orientações do Vaticano II e Medellín, sobre justiça social, democracia e direitos humanos, gerarão muitos conflitos com o regime implantado em 1964, situados na incompatibilidade entre a lógica defendida pela Igreja e a colocação em prática pelo regime militar de uma lógica capitalista estrita<sup>103</sup>. A incompatibilidade entre a lógica empreendida pela Igreja e a lógica defendida pelos militares, ficou clara quando da edição do AI-5 (1968), que opôs sistematicamente estas duas Instituições.

O crescente envolvimento da Igreja nas lutas sociais deste período, liga-se à sua estratégia moderna de remontar sua área de influência,

---

<sup>101</sup> Marcos de Castro, op. Cit., pag 74

<sup>102</sup> Plano de Emergência CNBB, citado por LEORATO, Massimiliano, CEBs: Gente que se faz Gente na Igreja, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 22

<sup>103</sup> Daniel Aarão explica este atrito, afirmando que a ditadura associava-se cada vez mais ao projeto de desenvolvimento do capitalismo internacional, *“(...) que se realizava com soberano desprezo pelos valores religiosos e pelas desigualdades sociais”* REIS, Daniel Aarão. ‘Lutas Sociais, Reformas e Revolução nas Tradições das Esquerdas Brasileiras’, in <http://www.artnet.org.br/gramsci/textos>

aproximando-se das camadas populares, como foi proposto no Vaticano II<sup>104</sup>. No caso particular do Brasil, este alinhamento se intensificou graças às crescentes diferenças com o regime implantado, e suas ligações com grupos de oposição, articulando as forças da sociedade civil. Vanilda Paiva caracteriza este processo como o ‘aggiornamento precoce’ da Igreja Brasileira

As Cebcs surgem então, como alternativas pastorais neste contexto, amparadas internamente por movimentos, que mesmo de maneira bastante limitada, procuravam valorizar os leigos, quando à priori, em 1966, a CNBB, na elaboração do Plano de Emergência, faz uma opção pelas comunidades de base, com o objetivo de tornar a Igreja mais viva, atuante e integrada à sociedade. A partir daí surgem as primeiras iniciativas de formação concretas dessas comunidades de base no Brasil.

Em linha gerais, o processo de nascimento das Cebcs ocorre de diferentes modos: as experiências das dioceses nos mostram que algumas nasceram de círculos bíblicos, grupo de pessoas que se reuniam para refletir a Bíblia e descobrem a necessidade de relacioná-la com a vida, surgindo um engajamento social. Outras fazem o caminho oposto: de pessoas se reúnem para reivindicar um direito, ao longo desse processo descobrem que são católicos e passam a se reunir também para celebrações religiosas, e tantos outros caminhos.

### **1.5. O contexto político**

Em linhas gerais, no contexto político verificou-se no país no período pos-45, a implantação de um regime liberal burguês que se estendeu até 1964. Nesse período, o país passou por uma rápida modernização capitalista. Segundo

---

<sup>104</sup> Vide capítulo I

Mendonça, delineou-se neste período, a definição de um novo papel do Estado em matéria econômica, voltado para a afirmação do pólo urbano-industrial enquanto eixo central da economia. “(...) *Entre 1930 e 1945 o Estado brasileiro avançou o seu processo de constituição enquanto Estado nacional e capitalista, inscrevendo na materialidade de sua ossatura – pela multiplicação de órgãos e instituições- os diversos interesses sociais em jogo, metaforseados em “interesses nacionais”. A ação do estado seria decisiva na condução desse processo, através da definição de algumas medidas essenciais para um desenvolvimento industrial baseado em recursos escassos*”<sup>105</sup>.

Toda essa grande mudança teve acentuado incremento com acentuada presença e participação do capital internacional, principalmente no período do governo de Juscelino Kubitschek. Sobre o signo de seu projeto desenvolvimentista, expresso no Plano de Metas, lançado na segunda metade dos anos 50, o país ingressou em sua fase de economia industrial avançada, concretizando-se uma estrutura monopolista específica que articulou, de modo peculiar e com sucesso, o capital multinacional, a empresa privada nacional e a empresa pública.

Este processo no entanto mostrou seu lado cruel e sinais de cansaço, no final dos anos JK. “(...) *Internamente, a concentração da renda decorrente do padrão anterior incentivaré uma mudança qualitativa do perfil da demanda nacional, bem como uma concentração de capitais e empresas, que davam suporte às alterações em curso. Ao mesmo tempo, a elevação dos índices de crescimento do pólo urbano-industrial atraia um contingente cada vez mais expressivo de população rural, o que significava a ampliação da massa de poder aquisitivo, ainda que os salários, individualmente fossem baixos*”<sup>106</sup>.

Sem dúvida alguma, concretizou-se nesse período a implantação plena da concentração capitalista no Brasil, apresentando porém consequências

---

<sup>105</sup> Sônia Regina de Mendonça ‘As bases do desenvolvimento capitalista dependente’ in História Geral do Brasil, Maria Yeda Linhares (org) , Rio de Janeiro, Campus, 1998, pag. 328

nefastas para a economia nacional e para a grande maioria da população brasileira, revelando-se desigual e excludente: “(...) *cumprе mencionar o pesado custo social desse modelo, cuja base está na ampliação entre produtividade e salários, favorecida pela política econômica do governo.(...) Seu corolário foi uma acelerada concentração de renda, que serviu de suporte às medidas da política econômica pós-64*”<sup>107</sup>.

No final do governo JK, assistiu-se a um quadro econômico bastante preocupante. O Brasil, não conseguia manter as elevadas taxas de crescimento, principalmente no período anterior; as finanças públicas estavam desequilibradas, gerando déficits e conseqüentemente, inflação, e os salários que não aumentavam na mesma proporção, elevando o custo de vida. Naturalmente, o resultado disso foi o aumento das tensões sociais, onde as classes trabalhadoras começaram a pressionar o governo a adotar políticas que revertissem o quadro de agravamento das questões sociais.

Todo esse processo que se desenvolveu em nosso país, como em outros países da América Latina nesse período, foi moldando a democracia burguesa de modo que ela assumiu cada vez mais a feição do populismo<sup>108</sup>. Este conceito, especificamente no caso brasileiro, “(...) *não pode ser reduzido apenas a uma mera manipulação de massas, nem tampouco explicado como um produto de sua passividade. Se são importantes para a compreensão aspectos como o carisma dos líderes e a identificação que propiciava entre Estado e indivíduos – dando respaldo à manipulação popular -, cabe lembrar que o populismo representou também o reconhecimento institucional da cidadania política dos*

---

<sup>106</sup> Ib., Idem., p. 334

<sup>107</sup> Ibid., Idem, p. 338

<sup>108</sup> O conceito de populismo pode ser sintetizado a partir das seguintes características: liderança individualista e personalista; A diluição do conceito de classe social e de lutas de classe, substituído pelo conceito de povo e de massas populares, evitando, assim, as conseqüências políticas de aceitar a luta de classes; Um discurso demagógico, dirigido à pequena burguesia. TEIXEIRA, Francisco Carlos. in História Geral do Brasil, Maria Yeda Linhares (org) , Rio de Janeiro, Campus, 1998, p. 357

*trabalhadores, ou seja, do seu direito de cobrar o atendimento de suas aspirações.*”<sup>109</sup>.

Todo este processo político é marcado antes de mais nada pela ascensão dos setores populares ao cenário político nacional, que remontando tal fato à Revolução de 1930, haja visto que, antes deste período, estes setores eram marginalizados da cena política nacional. Tudo isso na prática resultou numa politização maior dos sindicatos urbanos e rurais, e num crescimento da consciência e mobilização popular. Exerceram grande influência nesse período a pedagogia de Paulo Freire e as iniciativas sociais da Igreja. Dentro desse contexto também crescia a insatisfação intelectual e estudantil contra a situação social do país.

Surgiram nessa época ainda por toda a América Latina e movimentos com o MIR, Tupamaros, etc, que tinham o claro objetivo de derrubar o capitalismo e implantar uma sociedade socialista, afinal o exemplo de Cuba estimulava e mostrava a possibilidade real de uma transformação radical na América latina pela via revolucionária.

Pouco a pouco porém, a crescente mobilização popular será barrada pelas forças conservadas apoiadas pela política e financiamento norte americano, feito que se traduziu no golpe militar de 1964.

Esta década de sessenta, é de suma importância, pois neste período, ocorre um significativo avanço do movimento operário e popular no país, onde a Igreja se insere, estimulando os grupos de base, tanto em áreas rurais, através dos Sindicatos e do MEB, como nos centros urbanos, pela Ação Católica e seus grupos especializados ( ACO, JOC, JUC, etc.), algumas vezes aliadas e noutras vezes para fazer frente ao avanço de grupos esquerdistas.

O nascimento e crescimento da Cebcs, acontecerá neste contexto marcado pela instalação do regime militar e supressão das liberdades, expressos

---

<sup>109</sup> Ib., Idem., pag

na edição do AI-5, em 1968, ao mesmo tempo em que se agudizavam as tensões sociais, e os setores sociais trilhavam passos na sua organização. O golpe dos militares, com apoio explícito dos grandes grupos econômicos nacionais e internacionais, interrompe esta trajetória. A partir daí os canais de articulação da sociedade civil foram violentamente desarticulados e silenciados, suas lideranças presas, perseguidas e obrigadas ao exílio. As constantes torturas e desaparecimento de lideranças de diversas tendências, compunham o macabro cenário. A Igreja posteriormente assume a cena política, contribuindo para reorganizar a sociedade civil.

Num primeiro momento após a instalação do golpe, analista são unânimes em afirmar o acordo tácito entre militares e Igreja. Apesar das diferentes linha de ação que se desenhava no horizonte entre ambos, a hierarquia católica apoiou integralmente o golpe dos militares, temendo o avanço comunista no país. Porém à medida que a ditadura se torna mais dura, por outro lado a Igreja Católica, mantendo sua abertura interna, principalmente no governo Geisel, assume uma função de denunciar as agressões aos direitos humanos, na medida em que membros da própria instituição são também atingidos pela repressão<sup>110</sup>. Igreja e Estado entram em conflito.

A Igreja assim acaba assumindo um papel de relevância na defesa dos direitos humanos e na luta pela redemocratização. É neste cenário marcado por esta ambiguidade, que começam a se organizar, celularmente em pequenos grupos, como os primeiros cristãos nas catacumbas romanas, várias comunidades de base. Nestes pequenos espaços, aos poucos vai se recompondo a voz de setores da sociedade civil.

---

<sup>110</sup> Sobre esta questão vide SKIDMORE, Thomas. Uma História do Brasil, trad. Raul Fiker, São Paulo, Paz e Terra, 1998, 2ª edição; e Brasil: De Getúlio a Castelo, Trad. Mário Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1998; PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja - Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2- Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970, 1986 e As Relações Igreja - Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 3- Gov. Médici 1970- 1974-, 1986; CASTRO Marcos de, 1964: Conflito Igreja X Estado, Petrópolis, Vozes, 1984

Neste período de repressão, as Cebcs favorecem positivamente a afirmação da cidadania dos pobres. Nesse período, a presença da Igreja junto ao povo, permitiu que o número de Cebcs crescesse substancialmente

Durante o regime militar a Igreja foi uma das únicas instituições que pôde trabalhar com o povo, buscando sua conscientização e organização . Os bispos, à respeito desse posicionamento das Cebcs afirmam: “(...) *elas tornam visível o compromisso com os pobres. Sua própria existência e atuação é uma denúncia da iniquidade social que rouba aos pobres sua voz e sua vez. Se as Cebcs sofrem perseguição é por causa da Igreja, do Evangelho, e assim elas se constituem herdeiras da bem-aventurança*” <sup>111</sup>. As Cebcs em Volta Redonda representam uma demonstração viva desse engajamento pastoral

Assim, na década de 1970, com o fechamento político do regime e o suporte institucional de setores da Igreja, as Cebcs consolidam-se como a prática possível de oposição, reunindo leigos e membros da Igreja num amplo trabalho comunitário, que acabou entrando em choque com a estrutura de poder então vigente, sobressaindo dessa forma, nesta época, seu caráter popular.

Em relação a este aspecto de sua identidade, ele é evidenciado pela sua vinculação ao movimento popular nos diversos níveis e graus de consciência. Este é um dos seus grandes desafios: buscar uma ativa presença neste meios sem perder suas características eclesiais.

Esta vinculação Cebcs-movimento popular, não ocorre por acaso, mas também de forma natural, haja visto que naquela conjuntura predominantemente repressiva, a Igreja foi o canal cuja legitimidade não poderia ser questionada pelo Estado e por onde fluíram as queixas dos descontentes. Afirma Jairo Sidney<sup>112</sup>, que crescentemente distanciada do poder constituído, a restava a Igreja abrir outros espaços, sob pena de se reduzir a um inócuo figurante na cena política .

---

<sup>111</sup> Documentos da CNBB, op. Cit., DC 15

<sup>112</sup> citar

A Igreja por meio das Cebbs dessa forma, com sua proposta de fazer interagir a fé dos cristãos com a realidade opressora que os cerca, constrói um novo espaço de contestação ao regime. A partir da descoberta do coletivo, e da prática da solidariedade cotidiana, se desvelam situações de denúncia da sociedade que não é justa e precisa ser transformada. Esse espaço de denúncia, suscitado pelas Cebbs, faz nascer novamente os movimentos que buscavam reconstruir sua identidade na sociedade: associações de moradores, sindicatos e até mesmo partido político. As Cebbs contribuem desta forma para a sociedade brasileira.

Na medida então que se desenrola esta situação, a Igreja perde a tolerância do regime. Em contrapartida torna-se um adversário incômodo, ganhando espaço junto aos setores de oposição. SKIDMORE Todavia, não podemos esquecer que a Igreja é também poder, participando da estrutura dominante na sociedade. Naquela conjuntura específica da ditadura, floresceram movimentos contestatórios em seu interior como as Cebbs. Este momento foi marcado pelo engajamento das Cebbs na transformação da sociedade, aliados a outras forças da sociedade civil. Seus militantes se destacam, atuando em todas as instâncias da sociedade que se organizava novamente. Houve aproximação e adesão importantes com a CUT e o PT, gerando em muitos casos atritos internos<sup>113</sup>.

O caminho trilhado por estas comunidades ao longo da década de 1970, marcado pela grande autonomia em relação ao Estado, o seu crescente engajamento social e partidário, bem como a possibilidade de conferir, a partir do próprio cotidiano, aspectos de crítica social contundente, parecem porém ter extrapolado os limites propostos pela própria instituição Igreja.

---

<sup>113</sup> Este problemas são abordados por Faustino Teixeira, que destaca casos de práticas dogmáticas de instrumentalização do espaço eclesial, fechamento ao pluralismo interno, falta de acolhida da comunidade aos militantes que optaram pela atuação político-partidária, entre outros. TEIXEIRA, Faustino L. C. Cebbs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993, p.20



Além de que, na nova conjuntura dos nos oitenta, marcada pela crescente abertura política e reorganização da sociedade civil, com o ressurgimento de sindicatos independentes, partidos políticos e associações diversas, parece difícil às Cebs manterem mesma dinâmica. A Igreja deixa de ser o espaço visível de presença crítica e aglutinador das oposições. E o momento das Cebs se abrirem para a sociedade. Frei Betto elucida esta questão: *‘O fato dessas comunidades estarem organizando uma das parcelas das camadas populares, despertando-as para a força de sua união, não significa que o processo de libertação se esgote na e pela Igreja. A Igreja não pretende substituir os partidos políticos, os sindicatos, as associações de moradores, os mecanismos próprios de luta política, embora possa, supletivamente, preencher o vazio deixado pela quebra desses mecanismos. Saiba-se porém, que esta é uma função transitória e provisória que a Igreja enquanto tal, pode desempenhar precariamente’*<sup>114</sup>

Paralelamente, em sua estrutura interna, este é o momento em que a Igreja vem retirar seu apoio institucional às comunidades de base e aos setores progressistas agrupados em seu interior. Paiva denomina este movimento de ‘retração’<sup>115</sup>, onde novos parâmetros são estabelecidos para a inserção católica no mundo. Ao mesmo tempo que se vivencia o ‘aggiornamento’, se podam radicalizações no posicionamento da Igreja.

Esta alteração na conjuntura eclesial internacional, repercute intensamente no Brasil. Após o pontificado de João Paulo II (1978) então, haverá

<sup>114</sup> FREI BETTO, ‘Prática da Pastoral Popular’ i n Encontros com a Civilização Brasileira , nº 02, agosto de 1978

<sup>115</sup> Esta autora destaca que este movimento é evidenciado pela eleição do novo pontífice e nas resoluções dos Sínodos dos Bispos neste período, que abandona as preocupações sociais, envolvendo-se mais especificamente com as questões eclesiais. Este movimento indica ainda o fortalecimento de uma nova corrente no interior da Igreja Católica, a ‘nova direita’, capaz de levar adiante o ‘aggiornamento’ da Igreja, sem os riscos de uma radicalização, como aconteceu em alguns casos, particularmente os excessos da TdL e das Cebs. PAIVA, Vanilda. A Igreja Moderna no Brasil in Revista Religião e Sociedade, número 13, ano 1, Rio de Janeiro, Campus, 1984. Pode-se destacar os sinais de tal movimento com a subida, por exemplo, do cardeal Trujillo no CELAM em 1972, representando uma vitória do episcopado conservador, dando-lhe orientações conservadoras com retoques progressistas, iniciando neste período os primeiros a ataques à TdL. VINCENT Gerald, ‘Os católicos: o Imaginário

uma nítida tendência de afirmação dessa ‘retração’, com uma nova identidade católica na interação com a sociedade, caracterizada pela busca de um novo equilíbrio eclesial, pautado pela contenção das forças progressistas na Igreja, particularmente na América Latina, continente marcado pela forte atuação da TdL, como foi abordado anteriormente.

Dentro desta ótica empreendida, a TDL, passou a ser duramente criticada, suas publicações censuradas e seus teólogos sofreram processos e a ação sócio-política da Igreja na América Latina será posta em questão pela Cúria Romana. Vários bispos progressistas serão advertidos pelas autoridades romanas.

Havia dentro deste projeto, como objetivo a ser atingido, aquilo que Teixeira apresenta como sendo, a ‘volta a grande disciplina’<sup>116</sup>, a intenção de setores da Igreja em retornar a uma Igreja pré-conciliar, distante dos engajamentos sociais e fechada sobre si mesmo e seus horizontes limitados.

Naturalmente as Cebcs, que já não dispunham de simpatias por parte do episcopado conservador<sup>117</sup>, se tornaram um movimento alvo de críticas constantes, exceto evidentemente por parte dos bispos comprometidos com seu projeto, como é o caso de dezenas deles, incluindo-se nesta gama, a importante presença de D. Waldyr Calheiros, bispo de Volta Redonda.

Evidentemente as dificuldades encontradas pela Cebcs na década de noventa, não são resultado único do recuo da conjuntura eclesiástica internacional e nacional. Clodovis Boff<sup>118</sup> destaca, com extrema perspicácia, que a crise nas Cebcs, origina-se nos universos, eclesial e social, que se comunicam

---

e o Pecado’, in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gérard Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5, p. 415

<sup>116</sup> TEIXEIRA, Faustino L. C. Cebcs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993.

<sup>117</sup> A Igreja Católica apresenta correntes internas que podem ser suscitantemente descritas: o grupo dos ‘progressistas’, favoráveis à um amplo engajamento social da Igreja, assumindo posições políticas bem definidas que explicitam este compromisso; os ‘conservadores’, que se constituíam no contrapeso de ‘direita’ à ação dos progressistas, defendendo um afastamento da Igreja em relação às questões sociais, reduzindo-a aos loimotes eclesiais; e os moderados, bispos que procuram evitar qualquer posição pública sobre os problemas sócio-políticos-econômicos.

<sup>118</sup> BOFF, Clodovis. ‘CEBs: a que ponto estão e para onde vão’ in BOFF, Clodovis e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 263

permanentemente como foi demonstrado anteriormente. A crise nas Cebbs é uma crise exógena, provem da sociedade neoliberal. A vitória capitalista abortou os sonhos e utopias de boa parte dos militantes. Bem como a conjuntura de refluxo, como já foi exposto anteriormente, impôs limites ao processo de avanços dessas comunidades.

Os novos paradigmas da era do mercado e da globalização, se aliam a outras dificuldades e desafios<sup>119</sup>, que merecem ser melhor avaliados numa outra oportunidade. De todas as formas, fica evidente que as Cebbs não perderam seu sentido histórico. Elas marcaram de maneira única a trajetória da Igreja na segunda metade do século XX, e certamente nos reservam ainda muitas surpresas. Enquanto houver o capitalismo e sua fábrica de exclusões, os oprimidos da sociedade ainda se organizarão.

Dessa forma, sofrendo refluxos e contratemplos estas comunidades eclesiais de base, apoiadas ainda por setores expressivos do clero, continuam sua caminhada atenta aos novos tempos e atentas à problemática da sociedade contemporânea.

---

<sup>119</sup> Sobre esta problemática, diversos autores discutem as possíveis causas e estrangulamentos. Faustino Teixeira aponta o desafio da religiosidade popular e da inculturação, o impulso missionário no mundo dos pobres, ou seja a pequena inserção dessas comunidades nas classes baixas, haja visto que congregam apenas cerca de 15% da população católica e o desafio da espiritualidade. TEIXEIRA, Faustino C. 'As cebbs no Brasil, Cidadania em Processo' in TEIXEIRA, Faustino C. Cebbs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993. Regina Novais apresenta os desafios da 'pastoral de elite' desenvolvida pelos militantes das Cebbs, que normalmente é desvinculada da 'pastoral de massa', que atinge os setores da base popular, a 'questão política' em confronto com a 'espiritualidade', onde os militantes das Cebbs, correm o risco de reduzir a fé à uma teoria política, e o pluralismo interno na medida que os militantes fazem diferentes opções de atuação. NOVAIS, Regina. 'Nada será como antes, entre urubus e papagaios' in Cebbs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993. Clodovis Boff a situa dentro de uma realidade confronto e desafio em relação à Igreja hoje, compromisso na sociedade, espiritualidade, catolicismo popular, sacramentos e novos Movimentos (RCC, focolares, ) na Igreja. BOFF, Clodovis. 'CEBs: a que ponto estão e para onde vão' in BOFF, Clodovis e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 251

## CAPÍTULO II

### UMA A IGREJA ALIADA DA DOMINAÇÃO

#### 2.1. Breve Histórico da Diocese

A Diocese de Barra do Pirai<sup>121</sup>, foi criada no dia 04 de dezembro de 1922, pelo Papa Pio XI<sup>122</sup>. Inicialmente seu território, que havia sido desmembrado da Diocese de Niterói, abrangia quase todo o sul do estado do Rio de Janeiro. Posteriormente novas dioceses como a de Valença, em 1925, a Diocese de Nova Iguaçu, em 1960 e Diocese de Itaguaí, em 1980, foram desmembradas de seu extenso território. Meses depois, a Diocese foi instalada oficialmente em 23 de julho de 1923, sendo nomeado como Administrador Apostólico, Monsenhor José Maria Parreira Lara, que foi sucedido depois por Monsenhor Alfredo da Silva Bastos. O primeiro bispo diocesano, D. Guilherme Muller, que chegou à diocese em 1926, permanecendo no cargo até 1935, foi o responsável por organizar a nova diocese. O seu sucessor foi D. José André Coimbra, que permaneceu até 1955 à frente dos trabalhos pastorais.

---

<sup>121</sup> Antiga denominação da diocese de Barra do Pirai- Volta Redonda

<sup>122</sup> O bispo de Niterói comunicando ao Vigário da região, informa a criação da nova diocese: *“Tenho a honra de comunicar a V.R. que por decreto da Nunciatura Apostólica de 23 do corrente mez, fora, executadas as Lettras Apostólicas ‘Ad Supremae Apostloicae sedis Solium’ de 04 de dezembro do ano p.p. Foram assim criadas duas novas dioceses neste bispado: Campos e Barra do Pirahy”*. Livro de Tombos da Diocese de Barra do Pirai nº 1, p. 3

O novo bispo designado para a região, foi o paulista D. Agnelo Rossi, que destacou-se na implementação do projeto de 'Catequese Popular', que consistia na valorização dos leigos na pastoral diocesana, para barrar o crescente avanço protestante na região e também iniciou negociações com a Companhia Siderúrgica Nacional e a Nunciatura Apostólica, relativas a transferência da sede episcopal de Barra do Piraí para Volta Redonda, cidade recém emancipada, que se transformara no centro econômico e dinamizador da região.

O processo de transferência da sede da Diocese se concretizou em 1965, durante o curto período em que D. Altivo Pacheco esteve coordenando a diocese (1963-1966).

D. Waldyr Calheiros, chegando a diocese em 1966, e inspirado por uma profunda preocupação social e pelas mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II, chega à região, trazendo a renovada visão da Igreja do Concílio. A partir daí, um novo relacionamento começa a se estabelecer, a Igreja passa a assumir a defesa dos desvalidos e oprimidos da sociedade. A reorganização pastoral, a valorização dos leigos e a dinamização das comunidades eclesiais de base, são a marca do seu trabalho pastoral. A sua posição firme em defesa da justiça lhe custou muitos embates e lutas árduas, que foram vencidas com coragem e determinação. Neste período nasceu e se estruturou uma Igreja de comunidades de base, que se tornou referência para todo o país.

Para se analisar o processo de nascimento e organização das Cebbs e o impacto dessas comunidades em Volta Redonda é imprescindível antes de tudo, analisar o processo de formação da cidade, que se deu de forma completamente atípica no cenário nacional, e principalmente,

discutir a participação da Igreja neste cenário, descortinando as relações que se estabeleceram entre esta instituição e a Companhia Siderúrgica Nacional, a grande tutora da cidade operária que nascia.

Dessa forma, Volta Redonda destaca-se no cenário nacional, como uma cidade industrial, berço da CSN e pioneira na industrialização brasileira nos anos quarenta.

Nos anos oitenta, a cidade estava em evidência pela forte combatividade do seu movimento sindical e popular, alinhado ao emergente novo sindicalismo<sup>123</sup>, nascido nas vitoriosas greves do ABC paulista e que, no final da década de setenta desafiou a Ditadura Militar e a estrutura burocrática dos sindicatos.

A cidade e o Sindicato dos Metalúrgicos assumiram a ponta de lança no sindicalismo brasileiro neste período. Heroicas greves e manifestações atestaram a vitalidade e a força desse movimento na década de oitenta. Vivia-se na cidade um clima de politização que contagiava a população, que se expressava numa ativa participação nos sindicatos, partidos, grêmios, Cebes e pastorais da Igreja.

A construção desse processo de lutas, se deu sobretudo a partir da contribuição da Igreja diocesana, que teve uma participação decisiva nestes embates<sup>124</sup>. Elucidativo desta situação é o depoimento do bispo diocesano, sobre a participação das comunidade eclesiais de base na

---

<sup>123</sup> Corrente que se desenvolveu a partir da década de 1970 e que se exprimiu publicamente a partir das greves da região do ABC paulista, no final desta década. Defendia especialmente a autonomia dos sindicatos frente ao Estado e a democracia interna na organização sindical. Fundou a CUT (Central Única dos Trabalhadores) em 1983

<sup>124</sup> Em Volta Redonda destacam-se quatro centro de poder: a Companhia Siderúrgica Nacional, a prefeitura, a Igreja e o Sindicato dos Metalúrgicos. 'Na mesa o poder da cidade', *Jornal do Brasil*, 11 de dezembro de 1988, p. 11. A participação da Igreja neste processo é atestada por grande parte da imprensa nacional. Vide *O Dia*, 20 de novembro de 1988. *Jornal do Brasil*, 11

greve geral de 1986, organizada pela CUT -Central Única dos Trabalhadores, em Volta Redonda: “(...) *na ocasião o Cel. Motta, comandante do BIMtz me telefonou uma noite desesperado: ‘D. Waldyr, pelo amor de Deus, diga às Cebts de Volta Redonda que deixem os operários irem para o trabalho, porque nós mandamos buscá-los e as Cebts não deixam os carros entrarem nos bairros e nem saírem com os operários’ A coisa mais gratificante é ver um poder estabelecido tremer diante de um não poder*”<sup>125</sup>, conclui o bispo, em paz com sua consciência e com os compromissos que assumiu.

A presente dissertação, busca resgatar os antecedentes de tal situação e a mudança de posicionamento operada pela Igreja neste contexto. Para isto, vamos traçar um painel, que aborda desde a implantação da CSN e o nascimento de Volta Redonda, destacando principalmente o papel da Igreja, que neste período constituía-se num forte elo de apoio às políticas da CSN e do governo federal. No entanto a Ditadura Militar e a chegada à Volta Redonda, do novo bispo diocesano, D. Waldyr Calheiros em dezembro de 1966, alteram radicalmente este quadro.

A partir daí, a Igreja diocesana, dentro das orientações do Concílio Vaticano II (1962-1965), e posteriormente da Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), adota uma postura de apoio às causas populares, abrindo espaço também para a organização das primeiras Cebts<sup>126</sup>, vistas a partir daí, como os motores da nova

---

de dezembro de 1988 e 26 de novembro de 1988. Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 1988. Veja, 14 de dezembro de 1988.

<sup>125</sup> Entrevista realizada em 26.11.99. O episódio refere-se aos piquetes que foram organizados pelas comunidades eclesiais de base nas entradas dos bairros da cidade, por ocasião da citada greve geral, dos quais também tive o prazer de participar, apesar da pouca idade na época.

<sup>126</sup> No caso específico desta dissertação, utilizarei o conceito escolhido pela Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda, que define este termo, considerando que as Cebts são entendidas “(...) *como grupos de caráter local, isto é, marcado por relações de vizinhança, nos quais se concretizam atividades*

evangelização. A Igreja em Volta Redonda, animadas pela coragem de D. Waldyr e apoiada no dinamismo das Cebs, torna-se um espaço de defesa da democracia e de conscientização política, questionando as situações de injustiça e buscando a transformação da realidade.

## 2.2. A Construção da Usina e o Nascimento da Cidade-Fábrica

*‘Aqui ( em Volta Redonda) se pensou um pouco no homem e em sua família, na casa e no clube, na escola e no esporte’<sup>127</sup>*

Rubem Braga escrevia no ‘Correio da Manhã’ em 21 de maio de 1952, a visão que se tinha de Volta Redonda na década de 50. De fato, em 1954, a cidade vivia sob o signo do progresso e do desenvolvimento. Recém emancipada de sua antiga sede, a cidade de Barra Mansa, o processo emancipatório que se iniciou no início dos anos 50 <sup>128</sup>, contou com o apoio e participação decisiva de toda a elite local<sup>129</sup>, desde a

---

*próprias do catolicismo (evangelização, administração dos sacramentos,, pastoral social, etc), tendo seu caráter eclesial institucionalmente reconhecido”. Tal definição inclui entre as Cebs desde as incipientes comunidades que, na nas periferias das cidades, organizam sua própria catequese e começam a se reunir para celebrar o culto dominical, até as grandes comunidades que se congregam em torno às matrizes paroquiais e igrejas de centros urbanos ou bairros populosos” <sup>126</sup>. Perfil Sociológico da Diocese de Volta Redonda, Avaliação Pastoral, Equipe de Assessoria ISER, 1994*

<sup>127</sup> O Lingote, abril de 1966, nº 182.

<sup>128</sup> Vide COSTA, Alkindar. Volta Redonda- Ontem e Hoje. Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3ª ed., 1992. De acordo com o autor, antes dessa data foi organizada em 1951 a “Sociedade Amigos de Volta Redonda”, que se transforma em 1952 no Centro Cívico Pró-Emancipação. Este organismo que inicia em 1953, à coleta de assinaturas ( num total de 6.000), que acompanharam o memorial enviado a Assembléia Legislativa Estadual, reivindicando a autonomia do distrito.

<sup>129</sup> A participação da elite local se explica, claro, por um múltiplo jogo de interesses que os unia. Os especuladores viam na emancipação, a possibilidade real de valorização das terras da cidade. A Companhia Siderúrgica Nacional, segundo Pimenta, interessava a aplicação dos recursos tributários na cidade, desenvolvendo projetos urbanísticos na área que crescia em torno da usina, ademais, o seu poder econômico possibilitaria a hegemonia política na cidade. . PIMENTA, Solange Maria. A Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Construindo



Companhia Siderúrgica Nacional, passando pelo Sindicato, Igreja, comerciantes, fazendeiros, etc. Mesmo não contando com grande participação popular<sup>130</sup>, o novo município foi criado em 17 de julho de 1954<sup>131</sup>.

A cidade era um exemplo para o Brasil da época, sendo saudada em todo o país. O mesmo Rubem Braga a definia “*Ilha de trabalho e organização cercada de Brasil por todo o lado*”<sup>132</sup>.

Dizia a propaganda oficial que aqui se construía um novo país. Revelando sua importância política, ela foi parada obrigatória para todos Presidentes da República até o governo Geisel (1974-1979), atraindo para si, as atenções do empresariado nacional e do Estado até fins da década de 1950, quando então serão implantadas as outras grandes siderúrgicas estatais brasileiras (Usiminas, Cosipa).

---

Homens, O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989, p. 138

<sup>130</sup> De acordo com dados do IPPU/Prefeitura Municipal de Volta Redonda, a emancipação foi aprovada por 2.809 votos favoráveis e 24 votos contrários

<sup>131</sup> O decreto nº2185 criou o novo município fluminense. As primeiras eleições no recém emancipado município foram realizadas no dia 13 de outubro, e em 06 de fevereiro de 1955, tomou posse o primeiro governo municipal.

<sup>132</sup> O Lingote, abril de 1966, nº 182, p. 6 e 7. Este número do jornal, no ano do Jubileu da Companhia Siderúrgica Nacional, traz ainda uma série de referências da grande imprensa nacional e internacional, mostrando a importância da Companhia Siderúrgica Nacional e de Volta Redonda no cenário brasileiro.

Todo esse processo decorre da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional em 1941<sup>133</sup>, a qual iniciando sua produção em 1946, lançou as bases do desenvolvimento industrial brasileiro. O discurso do Gen. Osvaldo Pinto da Veiga, então presidente da empresa, ilustra significativamente esta situação com otimismo: “(...) a *Companhia Siderúrgica Nacional*, sacudiu os setores básicos da vida nacional, permitindo o surgimento em cadeia do progresso nacional”<sup>134</sup>.

A cidade nasceu como fruto desse processo de industrialização lançado por Getúlio, durante o longo período que esteve a frente do poder, a chamada Era Vargas – 1930/45. O Estado brasileiro assumiu o papel de investidor, planejador e empresário, com uma política intervencionista e nacionalista.

No entanto, a história anterior da Cidade do Aço<sup>135</sup>, em nada faz lembrar os tempos de progresso e crescimento acelerados, oriundos da instalação da Companhia Siderúrgica Nacional na região. Um desdobramento desta afirmação se faz necessário.

No território da atual cidade, no antigo povoado de Santo Antônio da Volta Redonda<sup>136</sup>, a partir do início do século XIX, começaram a se desenvolver as fazendas de café. Em 1890 o povoado foi elevado à categoria de Distrito de Paz.

---

<sup>133</sup> O Decreto-Lei n. 3002, de 30 de janeiro de 1941, criou a Companhia Siderúrgica Nacional. Seus estatutos foram aprovados em 9 de abril de 1941, considerada como data oficial de fundação da empresa. A recém criada empresa foi constituída na época com um capital social originário de institutos previdenciários e pelas Caixas Econômicas do Rio de Janeiro e São Paulo Cf. GRACIOLI, E. J, Um Caldeirão Chamado CSN: Resistência Operária e Violência Militar na Greve de 1988, Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1997, p. 25

<sup>134</sup> O Lingote, nº 181, abril de 1966

<sup>135</sup> Termo pela qual é conhecida nacionalmente a cidade de Volta Redonda, em alusão à presença da Companhia Siderúrgica Nacional.

No início do século XX, a cultura do café entrou em declínio no Estado e o pequeno povoado iniciou um acelerado processo de decadência. A principal atividade econômica da região passou a ser então a pecuária, seguida pela agricultura.

A partir dos anos 40 porém, este cenário muda radicalmente, devido à instalação da usina da Companhia Siderúrgica Nacional no pequeno povoado.

A implantação desta empresa, surge em decorrência da nova situação política reinante no país. A Companhia Siderúrgica Nacional, em sua essência simboliza e corporifica o grande projeto dos vencedores da Revolução de 1930. Otávio Ianni destaca que “(...) a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (*Volta Redonda e a Consolidação das Leis do Trabalho-1943*) (sic), simbolizam os primeiros resultados práticos e de significação estrutural das lutas reformistas começadas duas décadas antes”<sup>137</sup>. Nos altos-fornos e aciaria da empresa, corria o “(...) sangue novo da industrialização”<sup>138</sup>, a siderurgia era a base para a indústria de bens de capital e de consumo, que forjariam um novo tempo para o país que nascia na Revolução de 1930.

Uma breve análise desta revolução se faz necessário para que possamos compreender melhor o nascimento da Companhia Siderúrgica Nacional e de Volta Redonda no cenário nacional, como cidade operária e modelo para o novo país que surgia.

---

<sup>136</sup> O distrito recebeu este nome em alusão à uma grande curva do rio Paraíba do Sul, que contorna a região, existente nas proximidades do povoado.

<sup>137</sup> IANNI, Octávio, O Colapso do Populismo no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, 3ª edição revista, p. 94

<sup>138</sup> MOREL, Regina, A Ferro e Fogo- Construção e Crise da Família Siderúrgica, O Caso de Volta Redonda (1941-1968), São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 1989

Com a revolução de 1930, o tradicional ciclo agro-exportador nacional começava a declinar e encontrar seu fim. Viabilizou-se nesse momento a convergência das condições para a acumulação capitalista industrial no Brasil. Este processo no entanto não se viabilizou por meio de mudanças profundas e radicais na estrutura político-econômica e social, antes, mais uma vez, se concretizou como sendo uma transição conservadora. Os interesses latifundiários foram preservados, a ascendente burguesia industrial encontrou condições para o seu pleno desenvolvimento e as classes subalternas foram excluídas de tal processo, sendo alijadas das mudanças que então eram implementadas.

Décio Saes explica que “(...) *o movimento político militar de 1930, ao destruir o modelo oligárquico de poder político, criou as condições institucionais indispensáveis à aceleração do processo de industrialização periférica e ao desabrochar de uma nova classe dominante. A Revolução de Trinta substitui o federalismo oligárquico pela centralização político e administrativa e concede ao Estado os instrumentos institucionais indispensáveis à execução de uma política intervencionista e industrializante*”<sup>139</sup>.

No campo industrial, as mudanças foram significativas. A necessidade e o desejo da instalação de uma siderúrgica eram prementes. Desde a década anterior, empresários faziam gestão para que o Estado assumisse esta tarefa, já que o setor privado não assumiria os riscos de tal empreitada. O Estado brasileiro no entanto não dispunha de recursos para bancar onerosa iniciativa industrializante. Desde o meados da década de 1930, o governo brasileiro cria comissões para avaliar o problema siderúrgico, discutindo questões técnicas e políticas, referentes à construção de uma siderúrgica brasileira. Nestas comissões destaca-se a

---

<sup>139</sup> SAEZ, Décio. Classe Média e Sistema Político no Brasil, São Paulo, T.A Queiroz, 1984

figura de Edmundo de Macedo Soares e Silva, que inicia gestões no exterior quanto ao financiamento de uma tal empreendimento no país<sup>140</sup>.

A 2ª Guerra Mundial pareceu vir adiar as pretensões brasileiras<sup>141</sup>, Getúlio Vargas, no entanto, num episódio bastante discutido pela historiografia brasileira, conseguiu a instalação da Usina Siderúrgica da Volta Redonda devido a um hábil jogo de interesses<sup>142</sup> com os EUA e Alemanha: O presidente Vargas iniciou contatos com a Alemanha nazista, vislumbrando um possível financiamento alemão para a construção de uma siderúrgica no Brasil e aproximação do país com as forças do Eixo. Esta fato levou os EUA a liberarem o empréstimo de cerca de 20 milhões de dólares (depois ampliado para 25 milhões), via Eximbank, para o início da compra de equipamentos e construção da usina. De acordo com Ianni este foi o preço da alinhamento do Brasil ao lado dos Aliados <sup>143</sup>.

Iniciou-se dessa forma a construção daquela que seria a maior empresa brasileira. Vilma Mangabeira sintetiza o sentido mais profundo da construção desta usina: “*A criação da Companhia Siderúrgica Nacional ,primeira fábrica integrada de aços planos do Brasil, durante o governo Vargas,*

---

<sup>140</sup> Vide SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. Um Construtor de Nosso Tempo, Entrevista ao CPDOC, Rio de Janeiro, 1999 e seu discurso ‘Rememorados Fatos Marcantes que Antecederam a CSNM’, O Lingote, abril de 1966, nº 180. Macedo Soares inicialmente inicia contatos na Europa, onde destaca o interesse alemão, através do grupo Krupp, e depois nos EUA.

<sup>141</sup> Cf. discurso de Edmundo de Macedo Soares e Silva. ‘Rememorados Fatos Marcantes que Antecederam a CSN’, O Lingote, abril de 1966, nº 180 e SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. Um Construtor de Nosso Tempo, Entrevista ao CPDOC, Rio de Janeiro, 1999. Nesta época, a siderúrgica americana United States Steel, que inclusive avaliara positivamente as condições do país, numa missão técnica enviada ao Brasil nesta época, desistiu de participar do projeto no ano de 1940, devido a eclosão da 2ª Guerra. O governo neste ano cria então a Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, que intensifica os esforços para a concretização da Siderúrgica brasileira.

<sup>142</sup> Ianni caracteriza este jogo de interesses como uma ‘doutrina da chantagem’. IANNI, Octávio, op. cit., p. 66

<sup>143</sup> IANNI, Octávio, O Colapso do Populismo no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, 3ª edição revista, p. 66

*fazia parte de uma política fortemente nacionalista de promoção do desenvolvimento do parque industrial do país e sua independência da influência econômica estrangeira (...) A criação da Companhia Siderúrgica Nacional, integrando a política econômica da Vargas, inaugurou uma nova articulação entre o setor privado e o aparelho burocrático estatal(...) o papel de agente produtivo exercido pelo Estado na década de 1940, foi instrumento fundamental para a garantia da reprodução do sistema capitalista no país em novas bases”<sup>144</sup>.*

O local escolhido para abrigar o empreendimento foi o isolado lugarejo, 8º distrito do município de Barra Mansa, o nosso distrito de Santo Antônio da Volta Redonda, que no início da construção da usina, possuía uma população estimada em torno de três mil habitantes<sup>145</sup>, distribuídos por algumas fazendas e dois pequenos núcleos ( atualmente o bairro Niterói e o centro da cidade), com insuficiente infra-estrutura básica<sup>146</sup>.

A escolha deste local baseou-se em critérios técnicos e logísticos como facilidade de transporte e escoamento da produção (passava pela região a Estrada de Ferro Central do Brasil, que diminuía os custos de frete); proximidade dos mercados consumidores (localização privilegiada no eixo Rio-São Paulo); segurança militar (afastada do litoral); e matérias primas, fator este que pode ser questionado, pois técnicos afirmam que neste caso, seria recomendável e ideal a instalação da usina em Minas Gerais, próximo às fontes de matéria prima. O baixo valor da mão-de-obra na decadente região Vale do Paraíba Fluminense também parece ter

---

<sup>144</sup> MANGABEIRA, Vilma Os Dilemas do Novo Sindicalismo- Democracia e Política em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ANPOCS, 1993, p. 65

<sup>145</sup> Segundo dados do IPPU/Prefeitura Municipal de Volta Redonda, o censo de 1940, levantou a existência de 2.782 habitantes no povoado. Sendo que o quadro rural comportava 1765 habitantes e 1017 pessoas habitavam o povoado e cercanias.

influenciado a escolha de Volta Redonda como sede da nova siderúrgica. Morel acrescenta que, além dos fatores enunciados acima, o apadrinhamento também como fator decisivo na tomada de decisão. Segundo ela, na escolha deste local, pesou o aspecto político, pois o estado do Rio de Janeiro, que vivia um momento de declínio econômico, era governado por Ernani do Amaral Peixoto, genro de Getúlio<sup>147</sup>.

De acordo com Gracioli, “*Volta Redonda, que houvera sido região de atividade rural, foi construída concomitantemente e de forma determinada pela construção da Companhia Siderúrgica Nacional*”<sup>148</sup>, ou seja, a construção da usina, que recebeu o nome de Usina Presidente Vargas<sup>149</sup>, foi acompanhada pela construção de uma cidade. Regina da Luz Moreira compara a construção de Volta Redonda como uma experiência, que no Brasil, só pode ser comparada com a construção de Belo Horizonte e Brasília<sup>150</sup>.

Adotou-se em Volta Redonda, o modelo de ‘company-town’<sup>151</sup>, sendo também procedida a construção de moradias destinadas aos trabalhadores da usina, acompanhada da infra-estrutura de saneamento básico, hospital, mercados, etc. Segundo Mangabeira “(...) *o estilo de administração caracterizou-se pelo fornecimento de um amplo sistema de serviços*

---

<sup>146</sup> Cf CABRAL, Cláudia Virgínia, ‘Volta Redonda- O Espaço Urbano e Dominação, in Centro de Memória Sindical, Arigó: o Pássaro que Veio de Longe, Volta Redonda, Centro de Memória Popular, junho de 1989, p. 32

<sup>147</sup> MOREL, Regina, op. cit., p. 44. Solange Pimenta também aponta influência de Amaral Peixoto como peso considerável na escolha do local. PIMENTA, Solange Maria. A Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Construindo Homens, O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989, p. 47.

<sup>148</sup> GRACIOLI, E. J, Um Caldeirão Chamado CSN: Resistência Operária e Violência Militar na Greve de 1988, Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1997, p. 27

<sup>149</sup> A denominação Usina presidente Vargas se tornou oficial no ano de 1961, durante o gov. Jânio Quadros. Vide TORRES, Vasconcelos. Metalúrgico: Calor e Suor na Luta pela Sobrevivência, Senado Federal, Brasília, 1978, P. 356

<sup>150</sup> MOREIRA, Regina da Luz. CSN Um Sonho de Aço e Ousadia Rio de Janeiro, Iarte, 2000, p. 49

<sup>151</sup> Company-town ou cidade-companhiasão cidades ou regiões dominadas por uma empresa.

*sociais e pela prática de medidas coercitivas de gestão da força de trabalho*<sup>152</sup>. Segundo esta autora, o modelo de company-town adotado destinava-se não somente a criar a necessária infra-estrutura na área, como também a gerar um mercado de trabalho local e uma baixa rotatividade de trabalhadores<sup>153</sup>, estendendo ainda o controle da empresa no âmbito da vida privada dos operários<sup>154</sup>.

Na medida em que a cidade crescia, os novos bairros eram estruturados de acordo com o hierarquização do interior da usina. Morel destaca com bastante sensibilidade, a organização do espaço urbano da Cidade-Operária<sup>155</sup>: “(...) *as casas foram planejadas segundo 7 tipos diferentes, variando em localização, tamanho e comodidades, destinadas a engenheiros, mestres, contramestres e operários(...) em Volta Redonda a estruturação espacial reproduzia, com a cumplicidade da topografia, a hierarquia da empresa. Inscrevia-se assim no espaço urbano, a hierarquia da Companhia, prescrevendo a cada um o seu lugar: as mansões nas colinas, com uma bela vista sobre o rio Paraíba do Sul, para os diretores; logo abaixo, os gerentes e engenheiros; perto da fábrica, supervisores técnicos e pessoal de escritório, e, mais adiante os bairros operários*”<sup>156</sup>.

Um contemporâneo das mudanças provocadas pela CSN, destaca: “*A Companhia Siderúrgica Nacional, por circunstâncias óbvias, regia a vida do Distrito. A Prefeitura era o Departamento de Serviços da Cidade, comandado pelo engenheiro Ravache. A Delegacia era o núcleo 100 (...) O hospital, todo construído de madeira, pertencia à estatal e atendia à toda comunidade do Distrito. Para facilitar a vida dos seus empregados, a CSN abriu*

---

<sup>152</sup> MANGABEIRA, Vilma, op. cit., p. 66

<sup>153</sup> Ibid Idem, op. cit., p. 66-67

<sup>154</sup> Cf GRACIOLI, Edilson José. op. cit., p. 28

<sup>155</sup> Nome pelo qual a Companhia Siderúrgica Nacional, referia-se ao núcleo urbano planejado e construído pela empresa. Vide matérias do jornal O Lingote

<sup>156</sup> MOREL, Regina, op. cit., p. 69



*diversos armazéns e entrepostos que forneciam gêneros alimentícios, pão, leite, carne e até roupas*<sup>157</sup>

Nascia assim Volta Redonda. O antigo lugarejo de Santo Antônio da Volta Redonda, transformava-se na primeira cidade operária, planejada pela Estado no Brasil, marcada pela claras diferenciações sociais, expressas na hierarquia da empresa que se agigantava, e nos diversos bairros que refletiam a solidez dos estamentos sociais: à margem direita do rio Paraíba do Sul, surgia o núcleo urbano desenvolvido pelo Plano de Implantação da Usina<sup>158</sup>: a Cidade Nova, composta pelos bairros Bela Vista, a Vila Santa Cecília, o bairro Conforto e a Vila dos Índios (atual Sessenta). À margem esquerda do rio, a Cidade Velha, desprovida dos serviços criados na Cidade Nova, composta pelo bairro Retiro e adjacências. Este setor da cidade, a partir dos anos sessenta passou a abrigar a grande massa dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional.

Os bairros que então eram construídos pela CSN, seguiam o modelo tipicamente americano, com divisões planejadas, para o atendimento de famílias de porte médio e jardins construídos na frente das casas, que eram abertas, sem muros ou cercas<sup>159</sup>, enquanto que os bairros que não eram construídos pela Companhia Siderúrgica Nacional, a Cidade Velha (o bairro foi rebatizado depois pelos próprio moradores com o nome de Niterói), o desenvolvimento era tímido, não sendo feito

---

<sup>157</sup> Walter Naves entrevista à Alkindar Costa em COSTA, Alkindar, Volta Redonda: Ontem e Hoje, Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3ª edição, 1991, p. 50

<sup>158</sup> O arrojado projeto urbanístico da cidade foi elaborado pelo famoso arquiteto Atilio Corrêa Lima, e previa a construção de 4000 casas em área contígua a da usina, com total disponibilidade de infra-estrutura e equipamentos urbanos.

<sup>159</sup> Cf COSTA, Alkindar, Volta Redonda: Ontem e Hoje, Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3ª edição, 1991, p. 67

de maneira planejada e harmoniosa, como os bairros construídos pela empresa.

Segundo Vieira de Souza, o primeiro desencantamento dos moradores com a usina que eles ajudaram a construir, surge quando da inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional, quando cerca de sete mil operários<sup>160</sup>, que trabalhavam na construção do complexo fabril, serão demitidos. Segundo Morel, vários trabalhadores demitidos acionaram a empresa na Justiça do Trabalho, mas a empresa ganhou o recurso alegando que o contrato de trabalho previa somente o período destinado à construção da usina<sup>161</sup>.

A partir daí, vários operários demitidos neste período foram obrigados a retornar ao seu local de origem ou se submeterem às péssimas condições de trabalho nas empreiteiras e pequenas metalúrgicas da região e subempregos, direcionando-se para núcleos de posse, que deram origem às primeiras favelas da cidade<sup>162</sup>. Dessa forma, com menos de uma década de existência, Volta Redonda deixa de ser o 'el dourado' prometido nos primeiros anos, perdendo as características de uma company-town. A utopia inicial de uma fábrica-cidade, onde o trabalho e a harmonia, pregados pela CSN, a tudo presidiam, os anos de euforia descritos neste dissertação, cediam lugar agora a uma fase marcada pelo conflito. A cidade neste contexto, transforma-se num centro migratório do estado do Rio de Janeiro, com sua população crescendo de 35.964 em

---

<sup>160</sup> Cf SOUZA, J. J. , Valentim: O Guardião da Memória Circulista (1947-1958), Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1992, p. 106

<sup>161</sup> MOREL, Regina, 'Os Soldados do Trabalho: Formação e Disciplinamento dos Operários da Companhia Siderúrgica Nacional' in Centro de Memória Sindical, Arigó: o Pássaro que Veio de Longe, Volta Redonda, Centro de Memória Popular, junho de 1989, p. 30

<sup>162</sup> Os dados do IPPU/PMVR revelam que um dos primeiros núcleos de favelas da cidade, o Morro São Carlos - localizado entre os bairros Eucaliptal e Jardim Ponte Alta, surgiu em meados da década de 1940, sendo formado em sua maioria pelos operários recém-demitidos das obras de construção da usina.

1950 para cerca de 88.000 em 1960<sup>163</sup>. Neste período, além de que, a malha urbana da cidade conheceu uma considerável expansão, com a implantação de numerosos loteamentos, que deram origem a novos bairros, principalmente na margem esquerda do rio Paraíba do Sul (Cidade Velha).

Os primeiros operários que se dirigiam para a região, eram popularmente conhecidos como os ‘arigós’<sup>164</sup>, em sua maioria provinham da áreas rurais, em sua grande maioria originários da região da Zona da Mata mineira<sup>165</sup>. Estes primeiros arigós, pioneiros na construção da usina e da cidade, eram seduzidos pelas belas propagandas do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda-, no Programa ‘A Hora do Brasil’, que oferecia a dispensa do serviço militar obrigatório para os operários contratados para trabalharem nas obras de construção daquela que seria a maior siderúrgica da América Latina, bem as propostas fabulosas e quase sempre enganosas dos agenciadores de mão de obra, que percorriam o interior da região sudeste, em busca de mão de obra barata<sup>166</sup>.

---

<sup>163</sup> O crescimento demográfico da cidade apresenta a seguinte evolução: em 1950, a população era de 35.964 habitantes; em 1960 chegou a 88.740 habitantes; na década de 1970 saltou para 126.850 habitantes, chegando à 183.917 habitantes em 1980 e 220.189 habitantes em 1991. Informações para o Plano Diretor. IPPU-VR, 1994.

<sup>164</sup> Comparação feita com o pássaro chamado arigó. Significa aquele que vem e não volta. A partir dos anos setenta, com a perda da estabilidade e do ‘status’ de ser operário da Companhia Siderúrgica Nacional, os trabalhadores desta empresa passarão a ser conhecidos também como ‘peões’, aqueles que rodam e estão sempre no mesmo lugar. Centro de Memória Sindical, Arigó: o Pássaro que Veio de Longe, Volta Redonda, Centro de Memória Popular, junho de 1989, p. 14

<sup>165</sup> De acordo com dados da empresa, a maioria dos operários da Companhia provinham de áreas rurais do RJ, MG e ES, sendo que aproximadamente cerca de 80% provinham da região da Zona da Mata Mineira, que aliás é o caso de minha família, para confirmar a regra. Jornal Nove De Abril, abril de 1991, nº 156, p. 4

<sup>166</sup> Regina Morel destaca que esses agenciadores, como todos bons agenciadores, ganhavam por operário apresentado, com promessas de bons empregos aos trabalhadores rurais. MOREL, op. cit., p. 84-85

Analisando o processo de constituição da mão de obra da Companhia Siderúrgica Nacional, Jessie Jane Vieira de Souza qualifica Volta Redonda como um grande laboratório, onde o estado brasileiro procurava construir um novo trabalhador, ao transformar homens oriundos do campo em trabalhadores industriais, ordeiros e patriotas <sup>167</sup>. Para transformar aqueles trabalhadores egressos do campo, ignorantes em trabalhadores adequados à construção de uma grande siderúrgica e construtores de um novo Brasil era necessário antes de tudo educá-los.

A chegada do novo operário na usina era marcada por um momento, sintomático das novas experiências pelas quais este operário passaria: *‘Quando um operário chegava à Volta Redonda ele era despido, ele e toda sua família. E nós vestíamos roupa neles, dávamos banho, passava pelos médicos e dávamos roupa novas. E as roupas antigas eram lavadas e guardadas. Colocadas dentro de um saco e guardadas com o nome deles, porque era gente suja e doente’* <sup>168</sup>.

A Companhia Siderúrgica Nacional desenvolveu então, desde o início de suas atividades um rígido trabalho de disciplinamento de seus operários, que tinha como objetivo superar a heterogeneidade étnica e cultural, como condição imprescindível ao projeto de industrialização que se delineava.

Este objetivo da empresa encontrou total amparo em Volta Redonda na Igreja Católica, que respaldou plenamente toda a nova moral trazida pela Companhia. É símbolo desta situação uma carta do então bispo diocesano D. Agnello Rossi ao general Macedo Soares, então presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, onde ele afirma “(...)

---

<sup>167</sup> SOUZA, J. J , Valentim: O Guardião da Memória Circulista (1947-1958), Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1992, p. 82

*dedicaremos nossa missão em educar essa gente rude. É preciso torná-los trabalhadores dóceis e isso só será possível através do Evangelho”*<sup>169</sup>

Esta postura disciplinadora e também militarizada esteve presente na Companhia Siderúrgica Nacional, desde o período de sua construção. A conjuntura de guerra, facilitou para a empresa a solução do problema de fixar e atrair mão de obra: pelo Decreto-Lei n. 4937 de 9 de novembro de 1942, as pessoas pertencentes a fábrica consideradas de interesse militar não poderiam largar o serviço por mais de 8 dias, com pena de serem considerados desertores <sup>170</sup>. A CSN, estava incluída entre elas, e ser seu empregado significava servir às Forças Armadas e colaborar na defesa da Pátria. Resolvia o problemas com autoritarismo.

Era previsível então, que a vida daqueles brasileiros que abandonaram sua terra, em busca de uma vida melhor, num ambiente completamente desconhecido, não foi nada fácil. Muitas pessoas, adaptadas ao meio rural, vieram parar em Volta Redonda inteiramente despreparada para enfrentar as duras e inóspitas condições de trabalho vigentes na usina que se construía <sup>171</sup>. Aqueles que não se adaptaram, com a mesma facilidade que chegaram, acabaram retornando aos seus lugares de origem. Mais aí as coisas se complicavam. O injusto Decreto-Lei n. 4937, que considerava Volta Redonda obra de segurança nacional, com sanções rigorosas aos que abandonassem o serviço, determinava que, milhares de pessoas simples, homens recém-saídos do campo,

---

<sup>168</sup> Depoimento de um antigo operário à Regina Morel, op. cit., p.

<sup>169</sup> Carta de D. Agnello Rossi, bispo da Diocese de Barra do Pirai, Livro de Tombo n. 2, Diocese de Volta Redonda, 1954

<sup>170</sup> Nove da Abril, Publicação da Companhia Siderúrgica Nacional, Ano XII, nº 156, abril de 1991.

<sup>171</sup> O trabalho no canteiro de obras era infernal, com as piores condições possíveis. As obras eram ininterruptas. Não havia sequer tratamento de água. Cf. Nove da Abril, Publicação da Companhia Siderúrgica Nacional, Ano XII, nº 156, abril de 1991. Neste edição comemorativa

fossem considerados desertores, ao abandonar as obras da Usina. Muitos incorreram nas penas da lei, sem saber de nada. O fato de uma centena de pessoas ser processada por deserção, acabou levando a absolvição, já que se provou que não houve má fé por parte desta massa de miseráveis<sup>172</sup>.

Desta forma, como foi primorosa e corretamente avaliado por Morel<sup>173</sup>, desde muito cedo se montou uma estrutura de vigilância e controle dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional. A empresa era a responsável por policiar o acampamento das obras e local que servia como alojamento de seus funcionários, criando para tal tarefa no ano de 1942, a Guarda Interna da CSN, que a partir de acordos selados com o governo do Estado do Rio de Janeiro, seria equiparada à polícia comum<sup>174</sup>. Em relação ao treinamento específico para o trabalho no interior da usina, era feito pela própria empresa na fábrica e também na Escola Técnica Pandiá Calógeras, de propriedade da empresa, e que sempre teve o importante papel de fornecer mão de obra qualificada.

O controle dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, começava logo que o candidato se apresentava para trabalhar na Usina. Nos baixos escalões da empresa havia um rígido controle sobre a vida desse trabalhador e para ingressar no quadro de funcionários da Companhia, o novo contratado tinha seu nome e vida vasculhados pelos organismos de segurança do governo. A CSN enviava os dados completos do futuros profissionais a estes órgãos, que os remetia de volta, sempre com os resultados da investigação<sup>175</sup>. Neste processo centenas de

---

do aniversário da empresa, o jornal traz uma série de fatos pitorescos que marcaram a construção da Usina.

<sup>172</sup> Nove de Abril, Publicação da Companhia Siderúrgica Nacional, Ano XII, nº 156, abril de 1991.

<sup>173</sup> MOREL, Regina. op. cit., p. 45

<sup>174</sup> Cf. MOREIRA, Regina da Luz, op. cit., p. 52

<sup>175</sup> Jornal Primeira Página, março-abril de 1996, p. 6

trabalhadores ficaram impedidos de trabalhar na Siderúrgica, e esta se livrava de futuros ‘agitadores’, que poderiam tumultuar o clima de ‘harmonia e cooperação’ reinante na empresa.

Na verdade, este controle que se dava no interior da fábrica se estendia por toda a cidade, que era administrada pela própria empresa até 1967, sendo até este período, ela mesma a responsável por vários serviços urbanos: conservação de estradas e ruas, manutenção de parques e jardins, água e esgoto, redes de distribuição de energia elétrica, transporte coletivos, saúde (com a criação do Hospital Provisório- atual Hospital Santa Cecília) e até mesmo uma banda de música<sup>176</sup> ( que inclusive, até hoje ainda existe).

Gracioli destaca, que nestas condições, a presença da empresa com sua ideologia era abrangente, absorvendo todos os aspectos da vida da Cidade-Operária. Abarcava desde o time de futebol à formação técnica, passando pelo policiamento, assistência médico-odontológica, atrito na vizinhança, etc. O cotidiano dos operários era, dessa maneira, em suas várias esferas, controlados pela Companhia<sup>177</sup>

Em relação à cidade, este quadro vem sofrer mudanças a partir do ano de 1967, quando a Companhia Siderúrgica Nacional, começa a se retirar de suas tarefas urbanas<sup>178</sup>, planejando a passagem para o

---

<sup>176</sup> Conforme dados de COSTA, Alkindar, Volta Redonda: Ontem e Hoje, Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3ª edição, 1991, p. 64

<sup>177</sup> GRACIOLLE, Edilson José. op. cit., p. 32

<sup>178</sup> Os relatórios da Companhia Siderúrgica Nacional apontam que no ano de 1964, a empresa foi responsável e realizou serviços de pavimentação de ruas (55000 m<sup>2</sup>), construção de meios fios (7320m), construção de passeios (9763 m<sup>2</sup>), rede de águas pluviais (2735 m), rede de esgoto (960 m) , rede de água potável (1125 m) e regularização de margens de rio (200 m), além da construção de pontes sobre o rio Paraíba, escola de Metalurgia (futura UFF) e 3 postos de saúde. No ano de 1965, a empresa realizou obras de terraplanagem (24000 m<sup>2</sup>), pavimentação de ruas (84500 m<sup>2</sup>), construção de meios fios (2874m), construção de passeios (3726 m<sup>2</sup>), rede de águas pluviais (1621 m), rede de esgoto ( 856m) e rede de água potável (1569 m). O acompanhamento dos relatórios da diretoria da empresa revela que em 1966, ela

município de Volta Redonda, o patrimônio público da empresa <sup>179</sup>, que além de tudo, representava um gasto extra na sua folha de pagamentos, que naquela época já se encontrava deficitária.

Os relatórios da diretoria da Companhia, mostram que a partir daquela data, tem início uma ‘nova política’ da empresa em relação ao município. De acordo com a empresa, “(...) *o ponto essencial dessa nova política retira da CSN o papel de polarizadora das dificuldades vividas pela comunidade de Volta Redonda e dos demais setores de trabalho, as quais deverão ser divididas pelos órgãos representativos das comunidades, assumindo a CSN a parte que realmente lhe competir*”<sup>180</sup>. Na edição do seu jornal ‘O Lingote’, que noticiou a entrega dos serviços urbanos à prefeitura, a Siderúrgica aponta que a parte lhe cabia, dentro da nova realidade, era a responsabilidade de pagamento dos impostos e taxas, dentro da legislação em vigor<sup>181</sup>. Na raiz dessa mudança de atitude da empresa em relação à cidade, estavam as dificuldades econômicas que a empresa atravessava desde a década de 1950, e que se acentuam a partir de 1964,

---

realizou serviços de terraplanagem em 5000m<sup>3</sup>, pavimentação em 97696 m<sup>2</sup> de ruas, construiu 13490 m de meios-fios e 4018m de passeio. Em 1967 porém, ela, de acordo com os relatórios da diretoria, deixou de executar esses serviços, não constando estes itens da prestação de contas do referido ano. A partir deste ano, a empresa continuou apresentar somente sua contribuição ao PLEP -Plano de Educação Primária-, que obrigava as empresas, com mais de 100 empregados em todo o Brasil, a investirem nesta área do ensino público em suas respectivas cidades; além de seus investimentos na área da qualificação profissional, atendimentos médico-odontológicos aos seus funcionários diretos, concessão de bolsas de estudos à dependentes e funcionários, e atividades da CECISA (Imobiliária Santa Cecília), - subsidiária da empresa, extinta na década de 1970, quando as casas da Companhia foram todas vendidas-. Estas atividades direcionadas somente para seus funcionários, caracterizarão a nova fase da empresa. Cf. Relatórios da Diretoria da CSN, anos de 1964, 65, 66, 67, 68, 69 e 1970.

<sup>179</sup> Os serviços entregues à Prefeitura na ocasião eram: manutenção e operação dos reservatórios de água, redes de água tratada, redes de esgoto, elevatória e água pluviais, iluminação e leitura de hidrômetros, corte de gramada em praças e logradouros públicos, aterro de lixo, limpeza de valas, varrição de ruas, coleta de lixo, irrigação de ruas, limpeza do valão Secades, Brandão e do Rio da Cachoeira, arborização e trato de parques e jardins, combate à saúde em logradouros públicos, emplacamento de ruas, conserva de canaletas, de passeios em praça, de meios fios e muros de arrimo. Cf. O Lingote, jan/fev 1968, nº 199

<sup>180</sup> Relatório da Diretoria da CSN, ano 1967, p. 12

<sup>181</sup> Cf. O Lingote, jan/fev 1968, nº 199



quando as empresas públicas se tornam meros instrumentos da política econômica estatal atrelada aos interesses externos.

Dessa forma, em 1º de janeiro de 1968, a Prefeitura de Volta Redonda e a CSN, assinaram um termo de entrega e recebimento de serviços urbanos<sup>182</sup>. Este acordo, significou na prática, o aumento significativo dos encargos da prefeitura, que não estava preparada para tal medida<sup>183</sup>.

De qualquer forma, mesmo com todo o ônus arcado pela prefeitura, este fato, segundo Cláudia Virgínia<sup>184</sup>, iniciou o processo de unificação do espaço urbano da cidade, ao reunir sob a mesma administração, a Cidade Operária e a Cidade Velha. O processo de venda das casa da CSN, num processo bastante conturbado e doloroso para os empregados que não conseguiram adquiri-las, completou o processo de integração espacial do município e reduziu a ingerência direta da empresa na vida e administração do município. A CSN tinha deixado ser a 'grande mãe', reduzindo drasticamente sua política assistencialista e paternalista, porém, mesmo se retirando das tarefas do dia-a-dia da cidade, a presença da empresa sobre seus moradores sempre foi muito intensa<sup>185</sup>.

---

<sup>182</sup> Cf. O Lingote, jan/fev 1968, nº 199

<sup>183</sup> Cláudia Virgínia de Souza destaca que a Prefeitura local tentou se adaptar às mudanças passando por uma reformulação administrativa, adquirindo uma estrutura departamental e criando alguns órgão com funções específicas, como o SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto). SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. Pelo Espaço da Cidade, Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ/IPPUR, 1992

<sup>184</sup> SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. op. cit.

<sup>185</sup> Indiretamente a Companhia Siderúrgica Nacional ainda detêm um poder muito grande sobre a cidade. Volta Redonda, ainda continua sendo uma cidade monopolizada economicamente pela Companhia. Cerca de 50% das atividades econômicas do município giram em torno da Companhia Siderúrgica Nacional, segundo dados do Jornal do Brasil, 11 de novembro de 1988.

A partir deste período também, novas mudanças se projetam na cidade de Vota Redonda. O arrojado Plano Siderúrgico Nacional previa uma considerável expansão da Usina, com um aumento quantitativo de sua capacidade produtiva saltando de 1 bilhão para 3 bilhões de toneladas-ano. A consequência será uma expansão considerável da cidade, com um crescimento desordenado e o surgimento de inúmeros núcleos de posse.

### **2.3. O papel da Igreja na cidade-fábrica**

De acordo com Edilson Graciolli<sup>186</sup>, para que todo o processo de formação e disciplinamento do operariado da Companhia Siderúrgica Nacional, fosse bem sucedido, fazia-se necessário dentro da lógica empreendida, saber combinar com sucesso e eficiência, a repressão dentro e fora da usina, com a representação de uma CSN-mãe, extremamente benéfica, doadora de benefícios e o prolongamento do Estado herdado de Getúlio Vargas, ‘pai dos pobres’.

Construía-se de acordo com este autor, a ‘camuflagem da exploração’, alimentada pelo fato do operário da Companhia Siderúrgica Nacional, pertencer a uma empresa estatal, o quê na época era sinônimo de estabilidade no emprego, recebendo vários benefícios como assistência médica, prêmios quinquenais e decenais, auxílio funeral, e os melhores salários da região, e objetivando para seus filhos o mesmo destino, – mitos que somente no final dos anos oitenta começam a se desfazer no imaginário coletivo da população local, e que hoje encontra-se completamente dissipado. O sucesso da persuasão criada pela empresa,

---

<sup>186</sup> GRACIOLLE, Edilson José. op. cit.,

se espelhava na figura do trabalhador-construtor da Companhia Siderúrgica Nacional e no orgulho que ele sentia por ser um funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional.

A Igreja de Volta Redonda até então, colaborou decisivamente com a estratégia montada pela empresa. Um discurso do Gen. Osvaldo Pinto da Veiga, ilustra o sentido da atuação da Igreja: *“Na escola e no hospital, na igreja e na assistência aos desvalidos, no lar e na oficina, o sacerdote vem colaborando eficazmente para que Volta Redonda, além de uma usina siderúrgica, seja também uma forja de homens, capacitados para o trabalho e bem formados espiritualmente. Tanto que aqui não se medram as ervas daninhas da dissolução, nem se desunem os homens iludidos pelos que negam a Cristo”*<sup>187</sup>

### **2.3.1. A atuação dos Círculos Operários**

A atuação da Igreja, neste período, se desenvolvia principalmente a partir dos Círculos Operários, fundados em Volta Redonda no dia 02 de junho de 1946, inclusive contando na cerimônia oficial, com a participação do padre Leopoldo Bretano<sup>188</sup>, organizador dos Círculos Operários no Brasil<sup>189</sup>. Jessie Jane de Souza destaca a importância deste movimento afirmando: *“(...) esta entidade teve presença marcante na vida de uma grande contingente de trabalhadores, através de*

<sup>187</sup> O Lingote, abril de 1965, nº 173, p. 05. O meu grifo endossa o caráter de formação que era imprimido à ação da Igreja, enquanto aliada ao projeto de disciplinamento e controle da mão-de-obra engendrado pela Companhia Siderúrgica Nacional. Destaca-se ainda a crítica velada aos comunistas - ameaça constante aos valores pregados pela empresa, indiretamente presente no texto, pela crítica ao ateísmo, que ameaçava os valores da ‘civilização cristã ocidental’.

<sup>188</sup> Cf COSTA, Alkindar, Volta Redonda: Ontem e Hoje, Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3ª edição, 1991, p. 64

*diferentes instrumentos políticos-pedagógicos que objetivavam construir em colaboração com o Estado, o novo trabalhador brasileiro*”<sup>190</sup>.

Em Volta Redonda, os Círculos iniciaram suas atividades, tendo como assistente o padre alemão Francisco Foot. Neste período a Igreja diocesana desenvolvia uma política de alinhamento e colaboração com as classes dominantes, com um postura marcadamente conservadora.

Os Círculos Operários (organizados desde 1946 pelo referido padre Brentano no Rio Grande do Sul), direcionavam a ação social da Igreja. Segundo René Dreifuss, os Círculos Operários – ou Círculos de Trabalhadores Cristãos- eram financiados pelo IPES – Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais- e pelo Ibad – Instituto Brasileiro de Ação Democrática -, grupo político e ideológico ligado a empresários e um dos principais articuladores do golpe militar de abril de 1964 <sup>191</sup>.

Segundo ainda Dreifuss, estes Círculos Operários tinham o claro apoio de esvaziar os sindicatos combativos sindicatos esquerdistas: *“(...)a ação política da elite orgânica entre as classes trabalhadoras e os sindicatos desenvolvia-se grandemente através de organizações ‘fantoques’ e movimentos orientados pelo clero, que competiam com os sindicatos de esquerda pelo apoio das classes trabalhadoras”*<sup>192</sup>.

Articulados na Federação de Círculos de Trabalhadores Cristãos, essas organizações espalhavam-se por todo o Brasil, chegando a congregar, de acordo com seus cálculos, 435.000 membros.

No Rio de Janeiro tais organismos eram agrupados na Federação de Círculos Operários Fluminense – FCOF. É importante

---

<sup>189</sup> Cf. DREIFUSS, René. 1964: A Conquista do Estado, Vozes, Petrópolis, 1981

<sup>190</sup> SOUZA, Jessie Jane de. op. cit., p. 4

<sup>191</sup> DREIFUSS, René. op. cit., cap.,

ressaltar que esta entidade foi fundada em Volta Redonda, na Conferência de Círculos Operários Fluminenses, realizada no dia 19 janeiro de 1958, contando com amplo apoio da Companhia Siderúrgica Nacional<sup>193</sup>.

Ainda segundo Dreifuss, a Federação Fluminense recebia atenção especial do IPES. Ela executava uma série de tarefas significativa no campo da doutrinação ideológica e treinamento político, ambos apoiados financeiramente por esta entidade <sup>194</sup>.

Na cidade de Volta Redonda, a primeira sede do Círculo, no bairro Conforto, foi instalada em um barracão cedido pela Companhia Siderúrgica Nacional. As reuniões aconteciam aos finais de semana e giravam em torno de questões trabalhistas.

Na verdade, o Círculo Operário de Volta Redonda nasceu de uma iniciativa da Diocese juntamente com a diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional, para promoção de lazer, cursos profissionalizantes e de alfabetização. Isto se evidencia no depoimento de um dirigente sindical do período: “(...) o Círculo foi fundado por gente da CSN, envolvidos com a empresa. Tinha reconhecimento da Igreja com apoio eclesiástico. O Dr. Paulo Monteiro Mendes atuou com destaque na sua formação”<sup>195</sup>.

---

<sup>192</sup> Idem Ibid, p. 309

<sup>193</sup> A cerimônia é descrita pelo jornal O Lingote: “Foi um dia memorável para a família circulista voltaredondense, que recepcionou nada menos que 200 correligionários do Estado do Rio. A caravana visitante compôs-se de cinco ônibus, sendo seu chefe o Padre Leopoldo Brentano. Compareceram ao Congresso representantes de Petrópolis, Viradouro, Barreto, Fábrica Bacional de Motores, Barra do Pirai, Porto Velho e Distrito Federal (...) Felicitou os Diretores do novo órgão, pela Companhia Siderúrgica Nacional, o Dr. Paulo Mendes, dizendo de sua satisfação ante o progresso do movimento circulista” O Lingote, nº 110, fevereiro de 1958, p.4.

<sup>194</sup> DREIFUSS, René. op. cit., p. 309

<sup>195</sup> Entrevista com Waldir Bedê, realizada em 29/11/99. Neste período, Paulo Monteiro Mendes era diretor social da Companhia Siderúrgica Nacional.

O Circulo Operário, de fato era um importante colaborador nas atividades educacionais e de assistência social da empresa, de modo que na sede do Círculo, funcionaram os primeiros cursos profissionalizantes e uma das primeiras bibliotecas da cidade<sup>196</sup>. O depoimento do bispo diocesano D. Waldyr Calheiros, avaliando a atuação dos Círculos Operários, revela este aspecto: “(...) *eles foram cooptados pela Companhia Siderúrgica Nacional, dentro daquela filosofia de capacitação do pessoal. Não tinham uma visão libertadora de reivindicação (...) eram submissos à empresa.*”<sup>197</sup>

E relação à atuação dos Círculos Operários em Volta Redonda, Jessie Jane de Souza destaca que os Círculos Operários eram uma tentativa da Igreja de monopolizar o movimento operário na cidade, alinhando-o aos seus interesses<sup>198</sup>.

A relação do Círculo Operário com a Companhia Siderúrgica Nacional, sempre foi muito estreita<sup>199</sup>. Sua função era orientar os trabalhadores dentro dos princípios definidos pelos círculos operários em nível nacional, buscando a harmonia e o entendimento entre patrões e empregados, e principalmente combatendo a ameaça comunista <sup>200</sup>. O atual bispo diocesano também relaciona este objetivo como uma das tarefas dos Círculos: “(...)“ (...) *A Igreja sempre trabalhou com o anti: o anti-comunismo, o anti- ateísmo. Os círculos Operários eram instrumentos para*

---

<sup>196</sup> COSTA, Alkindar, op. cit.,

<sup>197</sup> Entrevista realizada em 18/10/00

<sup>198</sup> SOUZA, Jessie Jane de. op. cit.,

<sup>199</sup> Ilustrando esta ligação, nas comemorações do 17º aniversário da Companhia Siderúrgica Nacional, o Gen. Macedo Soares, então presidente da mesma, foi agraciado com o título nº 1 de Sócio Benemérito do Circulo Operário de Volta Redonda. O Lingote, nº 112, abril de 1958, p. 3.

<sup>200</sup> Cf. DREIFUSS, René. op. cit., p. 562.

*defender os operários do comunismo, com isso comunga, justamente com a Igreja”<sup>201</sup>*

A participação e o incentivo da Igreja diocesana nos Círculos Operários era muito clara, a ponto de D. Altivo Pacheco - bispo diocesano no período de 1963 1967- ser convidado para dirigir cursos e aliciar apoio dentre a população urbana e rural das classes trabalhadoras para a defesa da democracia e da propriedade privada, valores defendidos pelos circulistas e que se contrapunham ao discurso comunista. D. Altivo Pacheco foi escolhido, pois de acordo com a opinião dos líderes da FCOF “(...) *era considerado como um padre de ‘grande tarimba’ sindical que não se deixava ser ‘embrulhado’ (sic), pelas manobras comunistas.*” <sup>202</sup>.

Segundo ainda as análises de Dreifuss, a participação de D. Altivo era importante para a elite orgânica, devido a importância estratégica da diocese de Volta Redonda, como o centro do maior complexo siderúrgico do país e palco regional de uma grande aglomeração de trabalhadores <sup>203</sup>.

Servindo aos interesses da empresa, o Círculo Operário, na década de 50, assume uma postura de crítica e enfrentamento junto ao Sindicato<sup>204</sup>, na medida em que esta entidade de classe passa a atuar de maneira independente em relação à empresa. Porém a atuação dos circulistas neste período não foi muito expressiva, não chegando a constituir dessa forma uma alternativa significativa às principais tendências em disputa. Uma rápida análise das diretorias do Sindicato

---

<sup>201</sup> D. Waldyr Calheiros, entrevista em 19/10/00

<sup>202</sup> Idem Ibid, p. 309

<sup>203</sup> Cf., Idem Ibid, p. 309

<sup>204</sup> Cf., entrevista realizada com o professor Waldyr Bedê, contemporâneo da atuação dos Círculos Operários

dos Metalúrgicos, nas décadas de 1950 e 60, nos mostra que pouquíssimos diretores provinham do movimento circulista<sup>205</sup>.

A história do Círculo Operário em Volta Redonda, mostra que a partir de 1946, ele passou a ministrar diversos cursos, inclusive profissionalizantes para todas as pessoas da cidade<sup>206</sup>. Ao final da década de 1950, era o clube que mais tinha associados em Volta Redonda. Em 1967 é fundada a recreativa Ataulfo Alves, que com uma programação semanal de bailes, consegue se tornar a principal referência para a juventude operária negra da cidade, mantendo-se desta forma até o final da década de 80, quando os jovens brancos e de classe média se divertiam no Clube Náutico Santa Cecília e os jovens negros, lotavam os bailes do popular Paulada<sup>207</sup>.

Nos anos setenta, o Círculo com colégio de 1º e 2º grau, se tornou essencialmente um centro de lazer<sup>208</sup>, perdendo a sua forte característica de aglutinar operários e de ser uma extensão e intervenção da Igreja diocesana no meio operário e popular, principalmente devido às mudanças operadas na Igreja diocesana a partir deste período, quando começa a se destacar a atuação das comunidades eclesiais de base como fator de renovação da vida eclesial e da atuação da Igreja no meio social.

---

<sup>205</sup> MONTEIRO Geraldo, Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros, Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995 e CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, O Arigó: O Pássaro que vem de longe, Coleção Trabalhadores em Luta, nº 1, CEDI, Rio de Janeiro, 1989

<sup>206</sup> No ano de 1958, cerca de 800 pessoas estudavam nas dependências do Círculo Operário, em diversos cursos, que englobavam desde alfabetização de adultos até comercial básico. Segundo a Companhia Siderúrgica Nacional, o Círculo Operário “ (...) *desempenha importante papel na obra que se realiza em Volta Redonda*”. O Lingote, nº 109, 1958, p. 01.

<sup>207</sup> Como era conhecido popularmente o CTC-Círculo de Trabalhadores Cristãos, que recebeu o nome Paulo Monteiro Mendes, em homenagem a um ex-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, ex-deputado da UDN.



## 2.4. O bispado de D. Agnelo Rossi

*“Na Igreja Católica encontrou a Companhia Siderúrgica Nacional apoio seguro e constante...”<sup>209</sup>*

Este bispo chegou à diocese em 1956, e permaneceu até 1963, quando então é eleito arcebispo e nomeado para a Arquidiocese de Ribeirão Preto/SP. A partir daí, este bispo teve uma carreira ascendente na magistério eclesiástico. Mais tarde é transferido para a Arquidiocese Metropolitana de São Paulo, quando é nomeado cardeal pelo Consistório da Santa Sé, assumindo também neste período, a presidência da CNBB. Deixou a arquidiocese de São Paulo em 1971, para assumir o cargo de Prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos e depois a presidência da Administração do Patrimônio da Santa Sé, cargos de elevada importância na hierarquia eclesiástica

### 2.4.1 A Experiência da Catequese Popular

No período em que comandou a diocese, D. Agnelo desenvolveu, a partir de 1956<sup>210</sup>, o projeto de ‘Catequese Popular’<sup>211</sup>, uma

---

<sup>208</sup> Vale destacar que o ginásio do Círculo Operário foi inaugurado em maio de 1960, como doação da Companhia Siderúrgica Nacional. Livro de Tombos nº 1 da Diocese de Barra do Pirai, p. 95

<sup>209</sup> O Lingote, abril de 1965, nº 173, p. 05

<sup>210</sup> Segundo o bispo, os trabalhos da catequese popular se iniciaram neste ano, quando na cerimônia de Cristo-Rei, realizada no dia 28 de outubro, 372 catequistas de toda a diocese, prestaram seu compromisso solene na Catedral de Santana, em Barra do Pirai. Cf. Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 74

experiência inovadora na Igreja do Brasil<sup>212</sup>, e que acabou se expandindo também por outras dioceses.

O bispo aponta os motivos que o levaram a desenvolvimento tal iniciativa: “(...) *as penúria de sacerdotes, e em vista da crassa ignorância religiosa, agravada a ainda mais pela infiltração e pelo crescimento constante de heresias entre nós.*”<sup>213</sup>. Membros da própria comunidade também reivindicavam uma presença mais ativa da Igreja: “*Sr. Bispo uma humilhação para nós católicos! No Natal, as três igrejas protestantes estavam iluminadas e concorridas. Ouvimos os seus cântico.... e nossa igreja católica, fechada, em trevas... por que não conseguimos padre*”<sup>214</sup>. Dessa forma, diante da extensão da diocese, e principalmente do crescimento e do avanço protestante na região<sup>215</sup>, D. Agnelo, capacitou leigos para atuarem no trabalho pastoral da Igreja<sup>216</sup>.

---

<sup>211</sup> O projeto consistiu num grande esforço de evangelização que capacitou leigos para desenvolveram um trabalho catequético nas áreas da diocese que não eram atendidas satisfatoriamente por sacerdotes.

<sup>212</sup> Segundo D. Agnelo, o projeto foi muito bem recebido pelo Papa Pio XII, sendo também requisitado por várias dioceses e prelazias brasileiras, para que fosse aplicado nessas circunscrições eclesiais. Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 74. O bispo destaca também: “ (...) *a divulgação da idéia da Catequese Popular (...) despertou invulgar interesse em todo o Brasil e muitas Dioceses (...) lançaram (...) abnegados leigos, que ansiavam realizar algo por Cristo*”. ROSSI, Dom Agnelo, ‘Os Primeiros Manuais de Catequese Popular’ in REB, vol 18, fasc. 2, junho de 1958, p. 463

<sup>213</sup> Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 74. Evidentemente, as heresias (grifo meu), referem-se ao protestantismo. D. Agnelo destaca que um dos problemas que encontrou ao chegar à diocese, o fato de somente 20% da população local ser Atendidas pelos serviços religiosos dos padres e organizações católicas. ROSSI, Dom Agnelo, ‘ Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 733

<sup>214</sup> ROSSI, Dom Agnelo, ‘ Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 735

<sup>215</sup> D. Agnelo destaca que um dos grandes objetivos do seu projeto é combater a ameaça protestante: “*O mais eficiente e eficaz meio de defesa da fé, entre nós, é a Catequese Popular (...) o catequista é o atalaia da defesa da fé, e adverte o rebanho da aproximação e das investidas do lobo (...) com a Catequese Popular se acertou o meio mais eficaz de combater o protestantismo*” ROSSI, Dom Agnelo, ‘ Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 731, 735 e 737.

<sup>216</sup> D. Agnelo destaca os principais trabalhos que poderiam ser atribuídos aos leigos: “ (...) *nesses lugares o leigo substitui o sacerdote, enquanto a disciplina canônica o permite, não só rezando o terço, mas até a ‘Missa sem Sacerdote’, realizando cerimônias da Semana Santa, batizando em caso de necessidade, assistindo aos moribundos, defendendo a fé, etc*” <sup>216</sup>Ibid idem, p. 74

Segundo a diocese, este trabalho resultou numa verdadeira transformação na vida da Igreja. Surgiram desta experiência, os Salões da Catequese<sup>217</sup> em toda região. Inúmeras capelas distantes, também passaram a ter um atendimento, pelo menos dominical<sup>218</sup>, bem como os serviços religiosos -batizados casamentos, visita a enfermos, catequese de adultos e crianças-, foram dinamizados<sup>219</sup>. O trabalho se espalhou rapidamente, chegando a funcionar na diocese mais de 475 núcleos de catequese popular

Avaliando tal movimento em 1981, D. Agnelo afirma: *“Eu creio que há 25 anos atrás, chegando a Barra do Pirai e vendo a posição de muitos católicos nas ilhas, montanhas, por toda a parte e vendo suas necessidades de uma assistência espiritual, que não era possível de ser dada por sacerdotes, nós tínhamos poucos, apenas vinte e sete sacerdotes diocesanos para toda a população católica. Eu fui o iniciador da forma embrionária posso dizer (...) dessas Comunidades Cristãs no Brasil”*<sup>220</sup>

De fato, muitos estudiosos do assunto apontam a diocese de Barra do Pirai, como sendo uma das precursoras do movimento das Cebs no Brasil<sup>221</sup>, devido ao trabalho de mobilização dos leigos, objetivando um trabalho missionário e catequético, suscitado pela catequese popular.

---

<sup>217</sup> Salas comunitárias, que eram utilizadas para catequese, para escola e outras atividades como cursos de corte e costura, etc. O baixo custo de construção, comparada ao de uma capela, facilitou a sua difusão. Funcionava como um núcleo, que reunia as pessoas de uma localidade. Estas pessoas eram as responsáveis pela manutenção do salão, que inclusive poderia se tornar no futuro, uma capela. ROSSI, Dom Agnelo, ‘Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 735

<sup>218</sup> Diocese de VR/BP., op. cit., p. 5

<sup>219</sup> Em muitas regiões inclusive houve um recuo do avanço protestante e do candomblé. ROSSI, Dom Agnelo, ‘Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 734

<sup>220</sup> Memorial Sobre a Diocese de Barra do Pirai, de 01/05/85, anexo ao Ofício nº322/GP/85 de 14/06/85, p. 06

<sup>221</sup> Vide TEIXEIRA, Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1ª ed., 1988. FREI BETTO, O quê é Comunidade Eclesial de Base, São Paulo, Brasiliense, 1981 e GUIMARÃES, Almir Ribeiro. Comunidades de Base no Brasil:

É importante destacar porém os limites intrínsecos de tal projeto evangelizador e suas deficiências. De fato este movimento lançado por D. Agnelo, baseou-se na valorização do leigo, visto a partir daí como alguém capaz de contribuir com os serviços na Igreja, porém, sua atuação era limitada e subordinada ao sacerdote, exercendo sempre uma função de executante. D. Agnelo mesmo expões os limites do catequista popular: *“A novidade da catequese popular é (...) dar a leigos morigerado (...) o material necessário para que leiam. O catequista popular lê e não fala. É um leitor e não um pregador ou um improvisador. Ler é mais fácil (...)o catequista popular nada acrescentará, nem fará comentários (...) é um intermediário, um instrumento nas mãos de Bispos e Párocos para transmitir uma mensagem, anteriormente preparada ou aprovada pela hierarquia”* <sup>222</sup>. Nada mais claro do que as funções do catequista. O simples fato dele não poder acrescentar nada, nem mesmo comentar o que leu, expõe o medo do leigo vir a ocupar espaço na Igreja. Outra questão que deve ser discutida refere-se ao caráter extremamente defensivo do projeto, pois esse movimento visava principalmente combater o significativo avanço dos grupos protestantes nas áreas distantes de diocese e que não eram frequentemente atendidas pelos padres. Segundo D. Agnelo *“Não sendo possível realizá-la com sacerdotes ou religiosos, só resta a hipótese do aproveitamento do leigo”*<sup>223</sup>, evidentemente com todas as limitações narradas acima. Somente se o utilizou leigo no projeto, porque não havia sacerdotes para desenvolver o serviço! Com o intuito de combater o crescimento protestante: *“O protestantismo progride, principalmente, à custa de nossas falhas e uma delas, senão a maior, é a ignorância religiosa do nosso*

---

Uma Nova Maneira de Ser em Igreja, Petrópolis, Vozes, 1ª edição, 1987 e AZEVEDO, Marcello de Carvalho. Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé, São Paulo, Loyola, 1988

<sup>222</sup> ROSSI, Dom Agnelo, ‘Uma Experiência de Catequese Popular’ in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957, p. 733

povo. *Ora ignorância religiosa não se cura com lamentações. Elimina-se com a instrução religiosa, com a Catequese*<sup>224</sup>. Esta experiência religiosa tinha um tom apologético, voltada para o confronto com o protestantismo.

D. Waldyr Calheiros, analisando o movimento da Catequese Popular, afirma “(...) a preocupação naquela época era a substituição do padre pelo leigo, em algumas atividades, (...) nas comunidades mais distantes onde não chegavam padres. Existiam os responsáveis pelas capelas, mas não tinha uma comunidade organizada que assumia as tarefas (...) havia reuniões para cantar ladainhas, rezar, tudo muito tradicional.(...)não havia a distribuição de atividades, de ministérios. Organizavam a Igreja na dimensão religiosa. Essa não é a preocupação das Cebcs. Leigo não é quebra galho de padre. Ele é um elemento de Igreja que deve atuar”<sup>225</sup>. Mesmo assim, com todas as limitações, este projeto, como enfatiza Faustino Teixeira, foi um primeiro passo na valorização do leigo na Igreja<sup>226</sup>

Engana-se então D. Agnelo, ao afirmar que ele foi um dos iniciadores da experiência das comunidades de base. O horizonte das Cebcs, como foi apresentado nesta dissertação, extrapola as preocupações de D. Agnelo. O que de fato se avalia deste movimento, é que ele foi uma das experiências, que juntamente com muitas outras, apontadas nesta dissertação, contribuiu para a idéia das comunidades eclesiais de base.

#### **2.4.2. A Fé Inspirou Grandeza Siderúrgica**

---

<sup>223</sup> Ibid idem, p. 732

<sup>224</sup> Ibid idem, p. 732

<sup>225</sup> Entrevista com D. Waldyr Calheiros em 18/10/00.

<sup>226</sup> TEIXEIRA Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebcs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1ª edição, 1988, p.60

Esta frase, título do editorial do jornal ‘O Lingote’, que comemorou a vinda do Núncio Apostólico D. Sebastião Baggio à Volta Redonda e a efetivação da cidade como sede do bispado, revelam claramente o nível de ligação entre a Igreja diocesana e a empresa.

Neste período, esta simbiose é tão clara, que o acompanhamento das edições do jornal “*O Lingote*”, publicado pela Companhia Siderúrgica Nacional a partir de 1953, nos mostram uma clara dimensão desta situação. Vale destacar que este jornal, juntamente com a rádio Siderúrgica, criada em 1955, eram os veículos de comunicação oficiais da Companhia Siderúrgica Nacional com seus funcionários. Publicado quinzenalmente até o ano de 1957, quando então passa a ser mensal, tinha circulação interna e tratava de todos os assuntos de interesse da empresa. Segundo Morel pretendia ser o “*(...)o elo da família siderúrgica (...) procurando conquistar a cooperação do trabalhador, louvava o clima de harmonia e perfeita integração entre Diretoria e os operários*”<sup>227</sup>.

Este jornal trazia notícias sobre os recordes de produção e inovações da empresa, perfil de operários, espaço para moda, culinária, as autoridades que visitavam Volta Redonda e a Siderúrgica, e tantos outros assuntos. A Igreja também tinha presença cativa nas reportagens do periódico. Naturalmente, se mostrava uma imagem de Igreja que se adequava perfeitamente aos projetos da Siderúrgica.

Neste contexto, o bispo era um aliado da empresa e seus empregados deveriam cultivar sua religiosidade e catolicidade. A Igreja era um elemento de ligação da empresa com seus funcionários, contribuindo decisivamente para criar o clima de paz e harmonia social

reinante na cidade, que nasceu sendo confundida com a Usina que abrigava. O Gen. Osvaldo Pinto da Veiga, presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, desvelou o sentido da aliança CSN-Igreja: *“Na Igreja Católica encontrou a Companhia Siderúrgica Nacional apoio seguro e constante para que nesta comunidade o homem fôsse (sic), também, elevado espiritualmente”* <sup>228</sup>

A Igreja não se negou a este papel, e D. Agnelo o desempenhou com desenvoltura e entusiasmo, sendo recebido com pompas e homenagens nas visitas que fazia à cidade, já que a sede episcopal localizava-se na vizinha Barra do Piraí. O bispo participava ativamente de todos os grandes eventos ocorridos na cidade e na Companhia, que evidentemente, eram patrocinados pela empresa. O depoimento de um dirigente sindical do período, é elucidativo desta situação: *“Até a diocese tinha uma posição favorável e de comprometimento com a empresa. O bispo só comparecia nas grandes festas, quando era recebido com pompa e circunstância”* <sup>229</sup>

A empresa também não economizava esforços, contribuições financeiras e propaganda<sup>230</sup> para manter a Igreja ao seu lado. As cerimônias e festividades religiosas eram amplamente divulgadas nas edições do periódico da empresa. A Igreja era um importante elo de ligação da ‘família siderúrgica’<sup>231</sup>. Desta forma, festividades como o

<sup>227</sup> MOREL, Regina, op. cit., p. 21-22

<sup>228</sup> O Lingote, abril de 1965, nº 173, p. 05.

<sup>229</sup> Entrevista com Waldir Bedê, realizada em 29/11/99

<sup>230</sup> Os eventos da igreja local eram sempre divulgados e cobertos pelo jornal da empresa. Notícias de eventos e comemorações religiosas, eram constantes nas edições de ‘O Lingote’.

<sup>231</sup> Esta é uma expressão utilizada pela Companhia Siderúrgica Nacional, em suas publicações para referir-se ao conjunto de seus empregados, inclusive seus familiares. Solange Pimenta destaca que a este termo torna-se a “(...) matriz da dominação e submissão dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional” in PIMENTA, Solange Maria. A Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Construindo Homens, O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989. Regina Morel faz uma ótima análise dos

‘Corpus-Christi’<sup>232</sup>, com grandes procissões, onde participavam entidades educacionais e movimentos eclesiais; entronização de imagens<sup>233</sup>, comemorações de dias santos<sup>234</sup>, missas campais em datas festivas, inclusive no aniversário de fundação da Siderúrgica – que aliás, era uma data especial, que era comemorada, com ampla participação da Igreja diocesana<sup>235</sup>; faziam parte de um grande ritual que unia estrategicamente Igreja e empresa, irmanadas no mesmo ideal. Estes eventos contavam sempre com a participação do bispo diocesano e expressiva maioria do clero diocesano, além da direção da empresa.

Segundo Vieira de Souza<sup>236</sup>, sintomático do elo que unia Igreja-CSN, da primeira corrida de aço da usina, ocorrida no 22 de junho de 1946, foi forjada uma cruz de ferro e colocada próximo da Igreja Santa Cecília, também construída pela empresa. Amostra clara de como a CSN se apropriava do universo simbólico dos operários, já que a maioria sendo proveniente da zona rural, trazia consigo uma forte religiosidade popular, sacralizando a empresa e o que ele produzia. Como bem avalia D. Waldyr Calheiros: “(...) A CSN queria a Igreja. Eles queriam que a Igreja

---

mecanismo de dominação subjacentes à construção do mito da ‘família siderúrgica’ in MOREL, Regina, op. cit.

<sup>232</sup> Nas comemorações desta data, no ano de 1957, o jornal O Lingote destaca: “O dia consagrado ao ‘Corpus Christi, suscitou mais uma vez, em Volta Redonda, as manifestações da fé religiosa peculiares à família siderúrgica” O Lingote, nº 108, 1957, p. 4

<sup>233</sup> Em julho de 1958, a entronização da imagem de N. Sra. Aparecida, padroeira do Brasil, na entrada da Usina, mobilizou a cidade e foi acompanhada de uma série de atividades, que incluíam carreatas com mais de 300 carros e espetáculo pirotécnico, até então inédito em Volta Redonda. O Lingote, agosto de 1958, nº 115. Vide também O Lingote, nº 146, 1961, entronização da imagem de N. Sr<sup>a</sup> da Fátima.

<sup>234</sup> Comemorações do Dia de São Cristóvão, O Lingote, agosto de 1958, nº 115. As festas de Santa Cecília eram sempre divulgadas pelo jornal. São retratadas também comemorações da Páscoa, encerramento do mês de Maria, etc.

<sup>235</sup> O bispo diocesano D. Agnelo Rossi era presença constante nas festividades de aniversário da Companhia Siderúrgica Nacional. O bispo também participava das cerimônias de inaugurações de novos equipamentos e instalações da empresa.

<sup>236</sup> SOUZA, Jessie Jane de. op. cit.,



*sacralissase tudo, como se ela fosse um espécie de capelão da Companhia Siderúrgica, com todo poder e apoio econômico*<sup>237</sup>.

As propostas da Companhia Siderúrgica Nacional, desta forma, parece que seduziram a igreja diocesana. É notória a contribuição da empresa na estruturação da estrutura física da Igreja voltaredondense. A construção de casas para padres e religiosas<sup>238</sup>, bem como a doações de terrenos, contribuições financeiras e incentivos para construção de templos religiosos<sup>239</sup> e a cessão de colégios<sup>240</sup>, sob comodato, às associações religiosas fizeram parte da política de aproximação e cooptação da empresa em relação Igreja, que recebeu as benfeitorias “(...) *enaltecendo o trabalho fecundo empreendido pela Cia. Siderúrgica Nacional, no que tange a assistência aos habitantes de Volta Redonda*”<sup>241</sup>. Estabeleceu-se, dessa forma, uma relação institucional da empresa com a Igreja em Volta Redonda. A instituição religiosa era extremamente importante para o quadro de representações que a CSN estabelecia na cidade.

---

<sup>237</sup> Entrevista com D. Waldyr Calheiros em 18/10/00.

<sup>238</sup> Vide O Lingote, nº 130, março de 1960 e nº 106, 1957. Vale destacar também que a assistência social da empresa era inicialmente desenvolvida por religiosas da congregação ‘Missionárias do Jesus Crucificado’. Cf. Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 80. No hospital da empresa também atuava um capelão.

<sup>239</sup> Vide O Lingote, nº 112, 1958. Aborda a participação da Companhia Siderúrgica Nacional na construção da Igreja Matriz de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> das Graças (futura Co-Catedral de Volta Redonda). A cerimonia de lançamento da pedra fundamental da Igreja, ocorreram numa missa campal, realizada no dia 09 de abril de 1958 – aniversário da Companhia Siderúrgica Nacional. A empresa contribuiu com a doação do terreno e com a quantia de cem mil cruzeiros para o início da construção. O 1º BIB, sediado em Barra Mansa, também contribuiu com a doação de dois mil cruzeiros para as obras. Vide ainda O Lingote, nº 125, agosto de 1959, relata inauguração da Capela do Colégio N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> do Rosário.

<sup>240</sup> Um depoimento de Macedo Soares, é elucidativo desta situação e da confiança depositada na Igreja. Relatando a cessão de colégios aos religiosos, ele destaca: “(...) *Nossa preocupação com o ensino era enorme (...) fizemos um ginásio, que leva o meu nome, e o entregamos aos padres. Tomei essa decisão por que na mãos dos padres a escola não acabaria. (...) A mesma coisa com a escola das moças: entregamos para as freiras; e as duas escolas ainda estão lá*” . Um Construtor de Nosso Tempo, Entrevista ao CPDOC, Rio de Janeiro, 1999, p. 99. As escolas citadas referem-se aos Colégios Macedo Soares, que depois da privatização da empresa foi vendido a uma grande rede de ensino, e o Colégio N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário, até hoje administrado por uma congregação religiosa.

<sup>241</sup> O Lingote, nº 130, março de 1960

### 2.4.3 A Cidade do Aço Sede do Bispado

No período de seu bispado, D. Agnelo Rossi, iniciará ainda junto à direção da Companhia Siderúrgica Nacional, gestões para transferência da sede episcopal para Volta Redonda.

Este processo inicia-se logo na sua chegada à nova diocese, conforme sua descrição: “*Desde nossa posse, ficamos sabendo de planos para uma transferência da sede episcopal para Volta Redonda e, em nossa posse, o representante da Companhia Siderúrgica Nacional, nos assegurou que a CSN, tudo faria para que isto se concretizasse*”<sup>242</sup>.

A Companhia Siderúrgica Nacional era a grande interessada no processo de transferência da sede episcopal. Segundo a empresa, “*(...) a Igreja Católica não podia ignorar a importância de Volta Redonda e deveria manifestá-la de forma patente*”<sup>243</sup>. O próprio bispo diocesano chegou a revelar, que na verdade, não cabia a ele o mérito da idéia do projeto de transferência, mas sim ao general Edmundo de Macedo Soares e Silva<sup>244</sup>, que na época, era presidente da Companhia Siderúrgica Nacional.

As negociações Igreja e a Companhia Siderúrgica Nacional evoluíram timidamente a partir da posse do novo bispo. Com o aval e a promessa explícita de apoio por parte da CSN, D. Agnelo Rossi, inicia contatos com a Sagrada Congregação Consistorial, durante sua primeira visita à Roma, ocorrida em fevereiro de 1958.

O longo processo inicia-se oficialmente, quando Volta Redonda recebe a visita de D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil,

---

<sup>242</sup> Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 80

<sup>243</sup> Ibid idem, p. 81

em junho de 1959. Segundo a diocese, esta visita, teve caráter privado, com o objetivo “(...) *de conhecer de perto e in loco, problemas da diocese*”<sup>245</sup>. A Companhia Siderúrgica Nacional, no entanto, não via a visita do Núncio, com a mesma discrição e o caráter reservado da diocese. A empresa noticia tal fato para toda comunidade voltaredondense, na primeira página do jornal ‘O Lingote’<sup>246</sup>, revelando o objetivo da visita de D. Armando, através da manchete: ‘VR – Sede de Co-Bispado’. Segundo a notícia veiculada, depois de conhecer as instalações da Companhia Siderúrgica Nacional e a cidade de Volta Redonda, “(...) *a ilustre autoridade eclesiástica manifestou interêsse (sic), em elevar Volta Redonda, a sede do Co-bispado, dada a inegável pujança do seu movimento religioso, decisão esta que certamente será acolhida com intenso júbilo pela população católica voltaredondense*”<sup>247</sup>. A reportagem conclui dizendo que, inclusive, o Núncio chegou a verificar um mapa da cidade de Volta Redonda, para escolher previamente o melhor local para a sede do Co-Bispado<sup>248</sup>.

Na verdade, a visita do Núncio, foi a culminância desse processo que se envolvia os interesses convergentes da CSN e da Igreja diocesana. Na prática, esta visita foi também a resposta de uma carta, enviada pelo bispo diocesano em 21 de março de 1959, onde este, expõe oficialmente ao Núncio o desejo de transferência da sede episcopal para Volta Redonda: “(...) *Parece-me Exmo. Sr., chegado o momento oportuno para apresentar oficialmente à Santa Sé (...) como também para aproveitar a coincidente boa vontade da atual diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional,*

---

<sup>244</sup> Ibid idem, p. 84

<sup>245</sup> Ibid idem, p. 65

<sup>246</sup> O Lingote, nº 123, junho de 1959

<sup>247</sup> Ibid idem

<sup>248</sup> Este local, nas proximidades da Praça Brasil, na Vila Santa Cecília - centro da cidade, escolhido previamente pelo Núncio Apostólico, o bispo diocesano e a diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional, se confirmou mais tarde como o terreno a ser doado pela empresa à Igreja diocesana.

*cujo mandato terminará dentro de três anos. (...) Como a CSN faz seus planos antecipados de aplicação de verbas (...) seria conveniente salvo melhor juízo, apressar o pedido junto à Santa Sé para que já em 1960 se pudesse atacar as obras da residência episcopal e da Concatedral (sic), em terrenos centrais na cidade de Volta Redonda, cedidos pela CSN à Mitra Diocesana”<sup>249</sup>.*

Nesta mesma carta o bispo expõe os motivos da requisitada transferência:

1. A posição geográfica de Volta Redonda, já que com a criação da Diocese de Nova Iguaçu, a sede do bispado, em Barra do Pirai, ficaria situada num extremo da diocese, enquanto que em Volta Redonda, ficará localizada num ponto central, com melhores possibilidades de acesso e comunicação com todos os pontos da diocese.
2. A importância econômica de Volta Redonda, sendo o maior centro siderúrgico do Brasil, merecendo maior atenção da Igreja. Além de que, segundo o bispo, quase todas as Igreja Matriz, localizam-se na periferia da cidade.
3. Volta Redonda apresenta-se com atualmente 85.000 habitantes (em 1959), com projeção de um vertiginoso crescimento populacional nos próximos anos – cerca de 200.000, segundo estimativas para os próximos 10 anos-, devido aos projetos de expansão da Companhia Siderúrgica Nacional. Barra Mansa, cidade contígua à Volta Redonda, possui cerca de 35.000 habitantes. As duas cidades possuem então, mais de metade da população da diocese.
4. Barra do Pirai, atual sede do bispado, possuindo 25.000 habitantes, sem possibilidades de progresso econômico, vivendo na verdade, um

---

<sup>249</sup> Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 81

ciclo de decadência econômica, não ficaria prejudicada, sendo dotada de benefício como um seminário, catedral e a residência episcopal

5. A Companhia Siderúrgica Nacional, por meio de sua atual diretoria, está, segundo o bispo, realmente empenhada em dotar Volta Redonda de todos requisitos para se tornar sede do bispado.

Este item expressa, na verdade, obrigações que a CSN, teria que cumprir, incluindo a construção de uma catedral, a residência episcopal e a cúria diocesana.

O apoio do Núncio Apostólico, necessita agora, do cumprimento das promessas de apoio, por parte da Companhia Siderúrgica Nacional, que eram insistentemente reiteradas à Igreja local. Numa carta, em 1º de agosto de 1959, dirigida ao gen. Macedo Soares, o bispo oficializa os pedidos de apoio: *“Afim de que se possa concretizar a aspiração da atual diretoria da CSNM, de que também Volta Redonda seja sede de Bispado, em vantagens incalculáveis de ordem social, educacional, moral e religiosa para a Cidade do Aço (...) venho, na qualidade de Bispo Diocesano, solicitar da Exma. Diretoria da CSN, as seguintes medidas:*

1. *Que seja ordenada a transferência, por escritura de doação à Mitra Diocesana de Barra do Pirai, (...) dos terrenos escolhidos (...) junto à Praça Brasil.*
2. *Tendo exposto meus planos ao engº Fest, arquiteto da CSN, para que elaborasse o primeiro projeto das construções necessárias ao Bispado em Volta Redonda (...) Peço, portanto, à Exma. Diretoria da CSN, autorize o desenvolvimento dos projeto definidos pelos órgãos competentes.*

3. *A preferencia seria dada à construção da Residência Episcopal, ficando a Concatedral (sic) para uma etapa posterior.*<sup>250</sup>.

A partir das negociações bem sucedidas com a Companhia Siderúrgica Nacional, a empresa cumpre o que havia sido prometido: a construção do bispado foi concluída em 1963, com a CSN, destinando uma vultuosa quantia para o início das obras (cerca de Cr\$ 10.000.0000). A doação foi feita pelos diretores da empresa em 09 de junho de 1960, sendo aprovada pela Assembléia Geral Extraordinária das CSN, em 29 de dezembro de 1960<sup>251</sup>.

Os planos de D. Agnelo, no entanto, acabam sendo atrasados por que o entendimento com a CSN, sofreram algumas interrupções, devido a mudanças na diretoria da empresa<sup>252</sup>. Com a saída de D. Agnelo Rossi da diocese, em 1963, os planos de transferência da sede episcopal, passaram a ser negociados por D. Altivo Pacheco, novo bispo nomeado para a diocese

## **2.5. D. Altivo Pacheco: a Perfeita Harmonia CSN-Igreja**

---

<sup>250</sup> Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 84

<sup>251</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai, p. 37

<sup>252</sup> A saída do gen. Macedo Soares da presidência da Companhia Siderúrgica Nacional em 1959, prejudicou os entendimentos para a transferência da sede episcopal. Depois de alguns meses de expectativa, as negociações foram retomadas com o novo presidente da empresa, Sr. João Kubistchek de Almeida. No dia 9 de abril de 1960, numa missa realizada em comemoração ao 19º aniversário da empresa, o novo presidente se comprometia a adotar medidas para concretizar tal objetivo. Livro de Tombos nº 1.

O curto período de bispado de D. Altivo Pacheco na diocese (1963-1966) foi um período bastante difícil na vida igreja local, sendo marcado por sérios problemas.

Nesta época, eram constantes os atritos entre o bispo e alguns padres diocesanos. Na evidência desses atritos, no seu bispado, aconteceu na diocese, uma campanha de padres contra o celibato sacerdotal, que resultou numa crise de vocações e no abandono e afastamento de vários padres do ministério sacerdotal na região<sup>253</sup>.

Avaliando esta situação da diocese neste conturbado período, os padres diocesanos observam: “ (...) era uma Igreja desunida e até, diríamos, mal-afamada, pela desunião do clero, campanhas contra o celibato sacerdotal e outras coisas que faziam com que, quando nos apresentávamos como membros deste presbitério, fôssemos vistos com desconfiança e, até mesmo, com desprezo.”<sup>254</sup>.

Além disso, no seu bispado, D. Altivo, manteve estreitas relações com a Companhia Siderúrgica Nacional, notabilizando-se também por retomar as negociações com a empresa, que concluíram o projeto de transferência da sede da diocese.

Este projeto se torna realidade em 26 de janeiro de 1965, quando a Sagrada Congregação Consistorial, cria oficialmente a Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda<sup>255</sup>.

---

<sup>253</sup> Cf. Relatório da Visita ‘Ad Límnia’- 1980 e Livro de Tombos nº 1. Diversos padres (Rui, Moacir e Ciro), abandonaram o sacerdócio. Os atritos permaneceram durante todo o período em que D. Altivo esteve à frente da diocese.

<sup>254</sup> Carta dos padres diocesanos, enviada ao Sr. Cardeal Ganthim, Diretor da Sagrada Congregação para os Bispos, Volta Redonda, 04/05/88.

<sup>255</sup> Nova denominação da antiga diocese de Barra do Pirái.

O grande projeto de D. Agnelo e da Companhia Siderúrgica Nacional, se realiza então: a residência episcopal se transfere para Volta Redonda e o bispo passa a residir no Bispado<sup>256</sup>, um prédio localizado na área nobre da cidade, no bairro Laranjal –inicialmente destinado aos engenheiros da empresa. Tanto o prédio como o terreno foram doados pela Companhia Siderúrgica Nacional, além do lote na área central da Vila Santa Cecília, destinado à futura Co-Catedral<sup>257</sup> e à Cúria Diocesana<sup>258</sup>. A igreja diocesana na verdade se aproveita da aproximação com a empresa para estabelecer sua infra-estrutura<sup>259</sup>.

Como a ‘Catedral de Aço’ ainda não estava construída, adotou-se como medida provisória a elevação da Igreja de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças, como Co-Catedral da nova diocese. As cerimônias de instalação da Co-Diocese de Volta Redonda, foram realizadas no dia 09 de abril de 1965, data do 24º aniversário da Companhia Siderúrgica Nacional, por sugestão do próprio bispo D. Altivo Pacheco<sup>260</sup>, em homenagem à grande colaboradora e “(...) *afim de que o ato se incorporasse ao calendário das datas mais queridas da família siderúrgica e marcasse a comunhão espiritual daqueles que forjam em Volta Redonda a grandeza do país*”<sup>261</sup>.

---

<sup>256</sup> Residência Episcopal

<sup>257</sup> A futura Co-catedral, de acordo com o projeto original deveria ser uma construída em estrutura de aço, símbolo da presença suntuosidade da Igreja e da Companhia Siderúrgica Nacional, e da solidez que as unia :“(...) *construção digna, sóbria e moderna, como convém a Concatedral de Volta Redonda (...) uma Catedral de Aço*” Livro de Tombos nº 1, Diocese de Barra do Pirai, p. 84

<sup>258</sup> VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p. 05

<sup>259</sup> Um relatório da diocese revela este aspecto afirmando: “(...) *houve uma evolução na presença da Igreja na região. A Igreja recebeu favores da Empresa: A Residência do bispo e o terreno da Cúria e Catedral, contanto que a sede Diocesana fosse transferida de Barra do Pirai para Volta Redonda.*” Relatório da Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda, Avaliação Pastoral, 1998.

<sup>260</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai, p. 60. Vale destacar também que A Companhia Siderúrgica Nacional, em algumas ocasiões, demonstrando seu apreço pela Igreja e “(...) *e em ato de perfeita identidade com os sentimentos cristãos da população*”, chegou a alterar as datas comemorativas do aniversário de sua fundação, por que coincidiam com as cerimônias da Semana Santa ( Sábado de aleluia, luto da Igreja). O Lingote, abril de 1966, nº 181

<sup>261</sup> O Lingote, abril de 1965, nº 173



A instalação da diocese ocorreu num clima de grande festividade em Volta Redonda. A diocese encaminhou convites a várias autoridades de expressão eclesiais, civis e militares. Destacou-se a presença do Núncio Apostólico D. Sebastião Baggio, D. José Gonçalves secretário geral da CNBB, D. Jaime Câmara, Cardeal Arcebispo Dom Rio de Janeiro, acompanhado de alguns bispos auxiliares, estando entre eles, a figura discreta de D. Waldyr Calheiros, que no ano seguinte assumiria o pastoreio da diocese.

O clima de entusiasmo era geral, principalmente porque naquele dia, além da sagração da Igreja de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Graças como Co-Catedral e da transferência da sede episcopal, se realizava a cerimônia de lançamento da pedra fundamental daquela que seria a Catedral de Aço.

A transferência da sede episcopal para Volta Redonda, no entanto, gerou reações de insatisfação em Barra do Piraí, antiga sede episcopal, que acabou culminando mais tarde, em 1985, com um processo que reivindicou o desmembramento de Barra do Piraí da Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda. O processo liderado pela Câmara de Vereadores local e enviado ao Vaticano, propunha a organização de uma nova diocese, ou melhor “(...) restaurar a antiga Diocese de Barra do Piraí, compreendendo os municípios de Barra do Piraí, Mendes, Paulo de Frontin, Piraí e Rio Claro”<sup>262</sup>. Os argumentos dos diocesanos de Barra do Piraí<sup>263</sup> porém, não obtiveram êxito, e a cidade continuou ligada à Diocese de Volta Redonda.

A colaboração da Igreja com a Companhia Siderúrgica Nacional, no entanto, estava próxima do fim. Foram décadas de

---

<sup>262</sup> Câmara Municipal de Barra do Piraí, Ofício n<sup>o</sup>322/GP/85 de 14/06/85

cumplicidade e dependência onde a Igreja diocesana, enquanto instituição e nas suas ações, colaborou diretamente com a empresa, participando de seu projeto de dominação. Este quadro mudará rapidamente com a chegada de um novo bispo no ano seguinte.

Como foi discutido anteriormente, D. Altivo Pacheco, teve participação destacada e direta na organização e articulação dos Círculos Operários, assumindo também posturas conservadoras e como expressiva parcela da Igreja brasileira, apoiou a ditadura implantada pelos militares em 1964.

A repressão instalada a partir do Golpe de 1964, se abateu com grande sobre intensidade a vida política de Volta Redonda. Perseguições à operários na Companhia Siderúrgica Nacional , prisões de lideranças políticas e sindicais, intervenção do sindicato da categoria e a cassação do mandato de um vereador, foram atos que procederam à instalação da ditadura.

O bispo diocesano no entanto, apenas acompanhou os acontecimentos com certa discrição, não demonstrando insatisfação ou oposição, às arbitrariedades que então começavam a acontecer no país. No Livro de Tombos da diocese, ele relata que desmarcou compromissos neste período, pois segundo ele não havia clima para reuniões: “(...) a revolução teve início. O povo está desorientado. Resolvi suspender a visita pastoral. É impossível trabalhar neste clima de insegurança e incerteza<sup>264</sup>.”

Um fato importante que ocorreu na Igreja diocesana neste período, , foi a prisão de padre Bueno, que atuava na Matriz de Santa

---

<sup>263</sup> Vide Memorial Sobre a Diocese de Barra do Pirai, de 01/05/85, anexo ao Ofício nº322/GP/85 de 14/06/85

<sup>264</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda

Cecília, dias depois da eclosão da revolução, em protesto contra a prisão de um paroquiano, que era dirigente dos Sindicato do Metalúrgicos<sup>265</sup>, sendo o único caso de protesto que marcou a Igreja diocesana nesta ocasião. A interferência, com reservas, de D. Altivo, junto ao comando militar na região, acabou livrando o corajoso padre da detenção.

Além de não se opor às arbitrariedades e a ditadura implantada no Brasil, D. Altivo ainda comemorava os frutos da revolução. Sintomática de sua posição de apoio ao golpe de 1964, foi a celebração de uma missa campal em ação de graças pelo 2º da ‘Revolução Democrática Brasileira’, realizada em 31 de março de 1966, com a participação da diretoria da CSN, autoridades civis e militares<sup>266</sup>. Ele ainda participou de um ciclo de palestras numa rádio local, refletindo sobre a importância desta revolução na vida brasileira.

D. Altivo, seguindo a linha de seu antecessor, será um eficaz colaborador da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda. Sua história de submissão e comprometimento com a empresa eram notórios. Um sacerdote do período, descreve sua indignação com tal situação: “(...) *causa-me indignação a atitude da Companhia de querer determinar os programas religiosos da cidade, coisa em que, talvez inconscientemente, D. Altivo condescendeu muito, chegando a cancelar compromissos bem mais importante para atender às ‘ordens’ da CSN*”<sup>267</sup>.

Corretamente a empresa referia-se a ele, como parceiro de seus projetos, não escondendo sua admiração pelo trabalho desenvolvido pelo bispo: “*Como seu antecessor, D. Agnelo Rossi, D. Altivo Pacheco firmou um*

---

<sup>265</sup> Ibid idem

<sup>266</sup> O Lingote, agosto de 1966, nº 186

<sup>267</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. P. 84

*ambiente de plena harmonia social, concorrendo com seu valioso apoio a tôdas (sic) iniciativas visando o progresso material de sua jurisdição religiosa*”<sup>268</sup>.

Um depoimento de seu sucessor exemplifica melhor a participação de D. Altivo ao lado da Companhia Siderúrgica Nacional. “(...) *Eu costumo dizer, sem ridicularizar, chamavam D. Altivo para celebrar missa na ponte, embaixo da ponte, em todo lugar!*”<sup>269</sup>. De fato, D. Altivo era presença institucional da igreja ao lado da empresa e do poder. Esta aliás, o qualificava como “(...) *amigo, cujas obra espiritual se soma a de seus inesquecíveis antecessores*”<sup>270</sup>

Parece que era mesmo por parte da Companhia Siderúrgica Nacional que partia o grande apoio que alimentava D. Altivo em Volta Redonda. No clero diocesano, sua presença era motivo de contradições e choque infundáveis, que marcaram todo o seu bispado: desânimo e críticas nos rituais da Semana Santa, falta de padres nas solenidades religiosas, desinteresse em participar de reuniões, barulho e desordem nas procissões e missas campais, etc. A leitura do período de D. Altivo nesses livros, desfralda um emaranhado de reclamações, desânimo e apatia, presente tanto no bispo como no clero. Eram comuns as queixas do bispo: “(...) *É pena o desinteresse em tornar a festa mais piedosa (...) Padre Valério era o único presente (...)O altar não estava preparado. Houve atraso de mais de uma hora (...)Como sempre completo desinteresse dos padres (...)Os padres da cidade se puseram à margem. Criticaram tudo, apenas alguns compareceram*”<sup>271</sup>. Segundo a opinião de uma religiosa, “(...) *além de tudo, D. Altivo não tinha muito pulso para contornar tais situações*”<sup>272</sup>

---

<sup>268</sup> O Lingote, agosto de 1966, nº 186

<sup>269</sup> Entrevista realizada em 18/10/00

<sup>270</sup> O Lingote, agosto de 1966, nº 186

<sup>271</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda.

<sup>272</sup> Depoimento em 15/01/01

O bispado tornara-se para ele então, um fardo, que cada dia ficava mais pesado. Sua saúde tornara-se debilitada devido a tantos problemas<sup>273</sup>. Toda esta problemática o levou a pedir transferência para uma outra diocese. D. Altivo aguardava com ansiedade a aceitação de seu pedido. A publicação de sua transferência para a diocese de Arassuai, interior de Minas Gerais, ocorrida no dia 04 de julho de 1966, chegou com uma expressão de alívio para o bispo: “(...) *Graças a Deus!*”<sup>274</sup>.

Os últimos momentos de D. Altivo à frente da diocese foram marcados pela mesma tensão e animosidade que predominou em todo o período. Na última reunião com o clero diocesano, realizada em 12 de julho, da qual participaram quase todos os padres, D. Altivo pede aos padres que recebam o novo bispo “(...) *como o Cristo que vem santificar a diocese*”. Nesta reunião, D. Altivo, revela na verdade, a chave da grande parte dos atritos entre ele e os padres diocesanos: (...) *Procurem desmanchar tôda (sic) maldade semeada em tôrno (sic) do bispo. Nunca recebi um cruzeiro da CSN, como dizem os maldosos que o bispo participa dos lucros da Companhia (...) Deixo a diocese pobre como cheguei*”<sup>275</sup>.

A ligação com a CSN, gerou questionamentos e problemas para o bispo. Ele porém, pareceu não se incomodar com esta situação. Num almoço oferecido pela empresa, na Fazenda Santa Cecília, concretiza-se sua despedida da diocese, no dia 23 de julho de 1966. Desta data até a posse do novo bispo, a diocese será coordenada por Vigário Capitular, eleito entre os padres diocesanos para este fim.

A citada eleição foi realizada no dia 20 de agosto, e apontou o nome do padre Manoel Barreto, como o escolhido. Ele guiaria a diocese

---

<sup>273</sup> Cf. carta do padre Ernesto Lamin, enviada ao Cardeal D. Bernardin Gantin, em 03/05/88

<sup>274</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. P. 71

até dezembro do mesmo ano, preparando o caminho para o novo bispo, que ainda não tinha sido escolhido.

Um situação ocorrida neste período de transição, será sintomática de um novo momento que se prenuncia na vida da Igreja local. Um episódio ocorrido em torno das comemorações do Dia da Independência, provoca as primeiras divergências na harmoniosa relação Igreja-CSN.

O atrito ocorreu porque no programa de atividades do dia 7 de setembro, organizado pela empresa, constava, como já era de praxe, a celebração de missa campal, a ser realizada na praça Brasil, da qual a Cúria Diocesana não foi avisada! Ela somente foi informada do compromisso, no final da tarde do dia 5 de setembro. Acompanhando a descrição do padre, ele relata com indignação: *“Pelas 18 hs, uma das irmãs de Jesus Crucificado, que trabalha no Centro Social N. Sra. das Graças e é funcionária da CSN, telefonou-me comunicando que um dos engenheiros da Siderúrgica havia ‘mandado’ avisar-me que, dia sete, eu ‘tinha que celebrar’ uma missa na Praça Brasil. Fiquei revoltado com isso.”*<sup>276</sup>

De fato, o posicionamento do vigário é enérgico e firme, criticando a atitude da empresa e recusando suas intromissões na vida da Igreja local, que sempre se submetia às suas determinações. Padre Barreto se diz contrário ainda a realização dessas tais *“missas de ornamentação”*, que é como ele classifica o evento programado pela Companhia Siderúrgica Nacional. O padre responsável pela diocese tece ainda críticas ao antigo bispo D. Altivo, por se curvar demasiadamente aos interesses da Companhia Siderúrgica Nacional. Segundo ele, a diocese é realmente devedora de grande gratidão pela doação que a CSN fez à Mitra

---

<sup>275</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. P. 71

<sup>276</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. P. 84

Diocesana, porém “(...) isso não lhes dá direito de imiscuir-se nas coisas da Igreja ou a programarem atos religiosos independentemente do prévio entendimento e autorização”<sup>277</sup>.

O padre resolve a questão, afirmando que não poderia assumir tal compromisso orientado pela CSN, pois não era funcionário da empresa e além de que já tinha outra agenda programada para o dia. Afirmou ainda que a Companhia Siderúrgica Nacional deveria cumprir o procedimento legal para agendar a realização da missa, requerendo a autorização da respectiva cerimônia encaminhada pelo pároco da área à Cúria Diocesana. O episódio encerrou com a CSN cumprindo os trâmites legais da diocese, e a missa sendo celebrada pelo padre Luciano, pároco responsável pela área.

No Livro de Tombos da diocese, explicando o motivo de ação enérgica em relação à CSN, o vigário capitular explica: “Sei que fui um pouco duro, mas julguei necessária esta atitude para facilitar a liberdade de ação do futuro bispo”<sup>278</sup>. Sem ainda conhecer o futuro bispo da diocese, o vigário se antecipava aos embates que este iria travar pela dignidade da Igreja na região.

A comunicação do nome do novo bispo nomeado pela diocese é esperada com muita ansiedade em Volta Redonda. Uma carta, que chega no dia 26 de outubro nas mãos do vigário capitular, é recebida com grande entusiasmo e desfaz toda a preocupação: “Grande alegria! Chegou hoje carta da Nunciatura. Quando abri o envelope, encontrei outro, também fechado e com os seguintes dizeres (sic) carimbados acima do endereço (sic): ‘Pessoal-Reservada Sub Speciali Secreto Pontificio’. Era a notícia, ainda

---

<sup>277</sup> Ibid idem, p. 85

<sup>278</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. P. 85

*secreta, da nomeação, tão desejada, de nosso novo bispo: DOM WALDYR CALHEIROS DE NOVAIS, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro e Vigário Epsicopal de Copacabana”.*

A escolha do nome do novo bispo, que segundo o então vigário capitular, “(...) goza de grande fama de ser um dos mais atualizados bispos do Brasil”, foi recebida com bastante otimismo por ele, que o esperava com esperança, para recuperar a Igreja diocesana e colocá-la na linha de renovação pela qual passava a Igreja recém saída do Vaticano II. Um novo capítulo se inicia agora, na história da Igreja em Volta Redonda.



## 7CAPÍTULO III

### A IGREJA DO POVO

#### 3.1. As Cebbs: Uma Nova Atuação na Cidade

*“As comunidades eclesiais formam este povo em marcha; sua existência lança um desafio à hierarquia, que monopolizou em suas mãos todo poder sagrado, para que ela se entenda como serviço; não como poder que se exerce a partir do próprio poder, mas como mediação para a justiça, a fraternidade e a coordenação do povo”.*<sup>277</sup>

*Leonardo Boff*

As comunidades eclesiais são uma realidade em todo país. Em Volta Redonda este movimento veio renovar a Igreja diocesana. Antes desse trabalho inovador dessas comunidades, como vimos nos capítulos anteriores, a Igreja diocesana mantinha uma estrutura organizacional clássica, dividida nas tradicionais paróquias, com a concentração de serviços religiosos nestas instâncias.

As Cebbs representaram uma alternativa a este modelo tradicional paroquiano, modificando, assim como em todo o país, o trabalho pastoral da Igreja. Segundo o bispo diocesano, este movimento “(...) é sobretudo uma exigência entre os fiéis para se criar comunidades de solidariedade e participação”<sup>278</sup>.

---

<sup>277</sup> BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 185

<sup>278</sup> Entrevista realizada em 26/11/99

Antes de discutirmos o nascimento e atuação dessas comunidades que mudaram a estrutura da Igreja em Volta Redonda, é necessário porém, antes de tudo, conhecer um pouco da história daquele que foi o incansável articulador desse grande projeto popular, e o embates travados por ele e toda Igreja local na defesa da liberdade e da organização popular, num contexto de ditadura e repressão política.

### **3.2. Um Pouco da História do Menino Alagoano que se Tornou Bispo<sup>279</sup>**

O bispo recém nomeado para a diocese, nasceu em Murici, Alagoas, em 1923, filho de uma família de pequenos agricultores. Sua vocação religiosa se definiu aos 13 anos, quando influenciado pela mãe, partiu para o seminário. Inicialmente o menino Waldyr cursou os estudos em Maceió, depois com a ajuda de parentes, veio para o Rio de Janeiro, onde cursou teologia e foi ordenado padre em 1948.

Suas primeiras experiências sacerdotais foram vividas no mesmo seminário em que se formou, primeiro como Prefeito dos alunos, depois como Diretor Espiritual e, finalmente, como Vice-Reitor. Nove anos depois, em 1957, o então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, com vistas a prepará-lo para o episcopado, lhe deu a oportunidade de uma experiência direta no ministério pastoral, nomeando-o pároco da Igreja de Francisco Xavier na Tijuca.

Os trabalhos nesta paróquia, segundo D. Waldyr, significaram um momento enriquecedor, que muito contribuiu para sua formação<sup>280</sup>. Entre as experiências marcantes desse período, D. Waldyr destaca o trabalho que

---

<sup>279</sup> Para uma bibliografia mais completa de D. Waldyr Calheiros de Novais, ver [Revista da Diocese de VR/BP](#): '75 anos Presente na Região Sul Fluminense', Volta Redonda, 1999; [Boletim Diocesano](#), n° 302, 1988 e [Revista Sem Fronteiras](#), agosto de 1989, n° 171

desenvolvia com os favelados de uma região próxima à paróquia e também uma experiência de fraternidade<sup>281</sup> com seus colaboradores. D. Waldyr tornou-se conhecido, neste período, como um homem de grande amor à justiça e defensor de um cristianismo vivido a partir de bases populares.

D. Waldyr Calheiros foi escolhido para bispo auxiliar do Rio de Janeiro em 1964, com a cerimônia de sagração acontecendo no dia 1º de maio do mesmo ano. Uma de suas primeiras atividades como bispo foi a participação na 3ª sessão do Concílio Vaticano II e, em 1965, participou da sessão de encerramento deste Concílio. D. Waldyr participou neste período da articulação da primeira fraternidade internacional de bispos, que se comunicam mensalmente e periodicamente se reúnem na diocese de um deles.

O agora bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, permaneceu até 1966, como pároco da Igreja de N.ª Sr.ª de Copacabana, na zona sul da cidade. Segundo ele, neste período, “(...)suas minhas atividades eram restritas à paróquia, porque era uma orientação do bispo local, mas com dimensão social. O Cardeal do Rio (D. Jaime) tinha também uma sensibilidade, porém assistencial”.

O trabalho como bispo-auxiliar no Rio de Janeiro, pareceu não agradar muito o jovem bispo D. Waldyr, sendo suas atribuições muito limitadas e condicionadas à decisão do cardeal, “ (...) o auxiliar no Rio é ‘menino de recado’ do arcebispo, ele só faz o que lhe mandam. Evidentemente eu tinha momentos de liberdade”

Existiam também diferenças de posturas e idéias entre D. Waldyr e D. Jaime de Barros, cardeal do Rio e modelo clássico de bispo conservador, que já eram enxergadas pelo cardeal, antes mesmo de Waldyr se sagrar bispo, tanto que este parecia antever o futuro do jovem sacerdote, tentando evitar influências ‘negativas’ sobre ele: “(...) o Hélder (D. Hélder Câmara), era bispo auxiliar do

---

<sup>280</sup> Entrevista realizada em 18/10/00

*Rio de Janeiro e eu pároco de S. Francisco Xavier. Ele vem me procura e diz o seguinte: “Olha Waldyr você vai ser nomeado bispo, mas tem uma questão, o cardeal D. Jaime, só quer te indicar, quando eu sair, para eu não te influenciar”. Era uma preocupação do cardeal, o medo que alguém me pegasse”.*

De fato, era justificado, para um cardeal conservador como D. Jaime, o temor que a influência de um D. Hélder pudesse significar para os outros bispos. D. Hélder Câmara como já foi destacado<sup>282</sup>, constitui-se num dos maiores expoentes dos setores progressistas da Igreja Católica no Brasil, destacando-se por sua postura contundente frente aos problemas sociais.

No entanto D. Waldyr trilhou caminhos e movimentos que determinaram sua vida pastoral, afastando-se de D. Jaime. Ele destaca sua participação nos movimentos de ação católica como fundamentais para despertar sua consciência da problemática social: *“(...) como entrei no movimento de Ação Católica, tive uma visão mais crítica da realidade e com esta dimensão fui nomeado auxiliar do Rio de Janeiro”.*

O bispo destaca no entanto, que sua chegada a Volta Redonda e a situação social que se vivia aqui, foram cruciais na determinação do seu projeto de vida, *“Eu já tinha despertado pela ACO, (...) estes movimentos mais críticos é que mais ou menos moldaram o trabalho diante dos apelos que me fazia, sendo enriquecido por eles e quando cheguei aqui, o negócio era operário e aí me converti (...)foi Volta Redonda, que me desafiou qual o lado que deveria tomar, e diante disso é que se estabeleceu minha posição e preferi tomar não o poder econômico, mas o poder do menos favorecido. Essa foi minha decisão. Daí prá cá, só procurei ser coerente com a opção que fiz”*<sup>283</sup>.

---

<sup>281</sup>Experiência de vida em comunidade, onde morando na mesma casa, todo o trabalho é dividido entre todos e, coletivamente o grupo faz planejamento dos trabalhos pastorais e revisão de vida. Cf. depoimento de D. Waldyr Calheiros.

<sup>282</sup> Vide nota 17, capítulo II

<sup>283</sup> Entrevistas realizadas em 18/10/00. D. Waldyr afirma que logo após se sagrar bispo, o despejo de um grupo de moradores de uma favela carioca na avenida Brasil, perto de Parada de Lucas, pelo então governador Carlos Lacerda, lhe despertou a atenção para a injustiça social. Nesta ocasião ele tomou a

As limitações do cargo de bispo-auxiliar e a aguda consciência social que se forjavam em seu pastoreio, aliados aos acontecimentos decorrentes do Golpe de 1964, e suas posturas contrárias à ditadura que se implantava no Brasil<sup>284</sup>, tornavam o relacionamento entre ele e seu arcebispo bastante difícil. Toda essa situação o levou a solicitar sua saída da arquidiocese do Rio de Janeiro. Inicialmente, segundo ele<sup>285</sup>, sua indicação seria para Nova Iguaçu, no entanto, quando surgiu a vacância em Volta Redonda, D. Waldyr foi nomeado para a diocese. Segundo Marcos de Castro, “(...) *removendo Dom Valdir(sic), a Santa Sé removeu um problema e matou dois coelhos com uma cajadada: promoveu D. Valdir, como achava que ele merecia, e deixou D. Jaime satisfeito*”<sup>286</sup>

Sobre sua indicação para a diocese de Volta Redonda, D. Waldyr desconversa como um bom político: “*Acho que foi uma coincidência. Eu acho.*”<sup>287</sup> Coincidência ou não, o fato é que a diocese de Volta Redonda tem uma importância estratégica dentro da ação pastoral da Igreja no Brasil. Sendo um importante centro urbano e industrial, sede da Companhia Siderúrgica Nacional, e reunindo ainda uma gama de outras indústrias de médio porte, que agregavam um operariado bastante numeroso, seria importante um bispo com as características de D. Waldyr: dinâmico, com apurada sensibilidade social e política além de profundo conhecedor dos problemas do país, capaz de desenvolver com sucesso, um amplo trabalho social, em consonância com as determinações da Igreja Universal, naquele momento histórico.

---

defesa dos favelados e conseguiu impedir o desalojamento dos moradores do local. Cf. depoimento Jornal Pé da Serra, julho de 1982

<sup>284</sup> D. Waldyr afirma que como pároco, teve uma posição discreta durante a eclosão da ditadura em 1964. Ele lembra por exemplo, que neste ano foi procurado por militares que estranharam o fato dele não demonstrar apoio explícito ao golpe. À medida que os militares começou a mostrar seu lado mais sombrio, D. Waldyr foi tomando posições claramente mais críticas em relação à ditadura, ajudando pessoas perseguidas, denunciando a repressão, etc. Cf. entrevista concedida à Revista Sem Fronteiras, agosto de 1989, nº 171, p. 12 e 13.

<sup>285</sup> Entrevistas realizadas em 18/10/00

<sup>286</sup> CASTRO Marcos de, 1964: Conflito Igreja X Estado, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 114

<sup>287</sup> Entrevistas realizadas em 18/10/00

### 3.3. Os Primeiros Passos de uma Via-crucis

Com todas essas experiências, o alagoano inicia seu pastoreio na diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda, no interior do estado. Começa agora o maior desafio de sua vida.

D. Waldyr Calheiros, recebeu a árdua tarefa de coordenar a Igreja diocesana num período de grande atribulação na pastoral diocesana. Ele mesmo passava por momentos conturbado, marcados pela morte de seu irmão<sup>288</sup>.

Imbuído porém, de grande espírito missionário, o bispo inicia seu pastoreio. Mostrando bastante disposição para o trabalho e profundo amor pelo próximo, já no dia seguinte à sua posse, no dia 9 de dezembro de 1966, D. Waldyr se põe em ação: uma grande enchente devastara a região de Itatiaia, e segundo padre Barreto, D. Waldyr largou o bispado e foi para Itatiaia socorrer os flagelados. Nova tragédia ocorreu em janeiro de 1967, na maior enchente da história da região, D. Waldyr novamente arregaça as mangas, socorrendo os necessitados, trazendo para o bispado, construindo casas e auxiliando aqueles que precisavam de sua presença<sup>289</sup>. Os primeiros desafios conheciam a força do novo pastor.

A presença de D. Waldyr, animando e comandando a igreja diocesana veio alterar profundamente sua face e aliada da dominação. Com o novo bispo se inicia o corajoso projeto de implantação de uma Igreja efetivamente popular, inspirado nas orientações do Vaticano II e mais tarde na Conferência de Medellín, onde se destaca a articulação da novidade das Cebis.

D. Waldyr toma posse como o 5º bispo diocesano, no dia 08 de dezembro de 1966, em cerimônias realizadas na Catedral de Santana em B. do

---

<sup>288</sup> D. Waldyr revela a presença de uma morte nos momentos importantes de sua vida: primeiro quando foi nomeado bispo, seu pai morreu e quando designado para a nova diocese, seu irmão falece. Revista da Diocese de VR/BP. '75 anos Presente na Região Sul Fluminense', Volta Redonda, 1999, p.21

Pirai e na Co-Catedral de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças em Volta Redonda<sup>290</sup>. Nesta ocasião, D. Waldyr apresenta o sentido de sua vinda para a diocese: *“Estou chegando à cidade de Volta Redonda. (...) O seu rápido progresso a povoou e a fez crescer em breve espaço de tempo. (...) Levantaram-se chaminés, sinais do progresso. Em tórno (sic) da Usina plantaram-se casas. Milhares de trabalhadores para aqui acorreram. Não podemos estranhar este fenômeno. (...) É aqui que se situa a presença da Igreja no mundo atual, na cidade. (...) A Igreja somos todos nós, presentes dentro da cidade, das casas, das fábricas, onde quer que estejamos. (...) A Igreja se coloca à serviço do homem, para sua realização integral. (...) A Igreja não pode se ausentar onde o bem-estar dos homens, onde os direitos alienáveis da dignidade da pessoa humana estiverem em jôgo(sic) e exigirem sua presença. (...) É este o significado de vossa presença no vosso meio”*. Uma nova Igreja, presente no mundo, atuante na sociedade e preocupada com a defesa da justiça e dos verdadeiros valores evangélicos, começa a nascer neste momento.

O novo bispo, em relação à Companhia Siderúrgica Nacional, também apresenta sua visão, que se diferenciava radicalmente da prática de seus antecessores: *“(...)Seria ridículo de viéssemos para Volta Redonda com a pretensão de dominarmos a cidade e a Siderúrgica, sujeitando-as à Igreja, como se quiséssemos impor uma civilização de ‘tipo clerical’. Nada disso. Porém não menos criminoso seria o inverso: se a cidade, a Siderúrgica pudessem manipular a Igreja, influenciando-a em sua missão”*<sup>291</sup>. Um novo posicionamento, também em relação à empresa que construiu a cidade, começa a se delinear. Autonomia e independência eram palavras chaves.

A empresa porém, não estava acostumada com discursos e práticas como as de D. Waldyr. Comunicando à ‘família siderúrgica’ a chegada do novo bispo, a empresa lhe dá boas vindas com entusiasmo, merecendo o bispo, matéria de destaque no periódico da

<sup>289</sup> Boletim Diocesano, n° 88 e 89, 1976, p. 4

<sup>290</sup> Livro de Tombos n° 2, Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, p. 99

<sup>291</sup> Carta de D. Waldyr em saudação aos diocesanos de Volta Redonda, em 08/12/66

empresa<sup>292</sup>. Expondo a construção da onipotente Catedral de Aço como um dos principais objetivos do novo bispo, já que a mesma encontrava-se apenas no projeto, a empresa colocava-se à disposição, como parceira, na realização desse grande sonho. O bispo, lembrando sua chegada à diocese e os primeiros contatos com a direção da CSN, revela este fato: “ (...) *Quando cheguei, o presidente da CSN, me procurou e disse: ‘já fizemos o bispado e quando o senhor quiser, faremos a catedral. Pode dispor’.* Eu procurei disfarçar, dizendo que tínhamos problemas nas periferias, com poucas igrejas e que aqui no centro tem igreja. Procurei disfarçar. Não tem sentido uma igreja sendo oferecida por uma empresa. Só valia se fosse construída pelos cristãos”<sup>293</sup>. O novo bispo não estava inclinado a receber as benesses do poder. Sabia que isto comprometeria sua missão e os projetos que tinha para a Igreja diocesana. O bispo completa “(...) *Nunca participei aqui em festa, em palanque, em desfile ao lado de autoridade. Não, isso nunca me veio em mente, jamais quis aplaudir o que estava acontecendo. Conservava-me no meu lugar, na busca de uma Igreja que servisse ao povo*”<sup>294</sup>, afirma o bispo para esclarecer as dúvidas.

Na primeira reunião realizada com o clero diocesano em 20 de dezembro de 1966<sup>295</sup>, são discutidos os problemas mais urgentes da igreja local. Estabeleceu-se inicialmente a estruturação de um plano de trabalho para encaminhar o trabalho dos sacerdotes. Outra questão discutida na reunião foi o problema da construção da catedral, que a CSN se dispunha a construir. Uma cláusula de doação do terreno entretanto preocupava os presentes: o início das obras deveria começar em dois anos, sob pena da Igreja diocesana perder o terreno e o prazo já estava expirado. Depois de muitas discussões, definiu-se a posição que D. Waldyr já havia exposto na entrevista acima: a área central da cidade não necessitava de Igreja, o que preocupava naquele momento eram as

---

<sup>292</sup> O *Lingote*, nº 190, dezembro de 1966. O jornal nesta edição trazia notícias da posse do novo bispo e afirmava que na próxima edição publicaria maiores detalhes da cerimônia de posse e os projetos do novo bispo. No entanto, o jornal não publicou a prometida matéria e a partir daí o referido jornal não abordou mais artigos relativos à Igreja diocesana.

<sup>293</sup> Entrevista realizada em 18/10/00

<sup>294</sup> D. Waldyr in SALÉM, Helena. *A Igreja dos Oprimidos*, São Paulo, Brasil Debates, 1981, p. 117



periferias da cidade, que estava crescendo assustadoramente, principalmente com o processo de expansão da CSN que se delineava. A prioridade da Igreja agora é “(...) o incentivo da Igrejas nestas áreas mais pobres e desprovidas (...) como é o caso do bairro ‘Retiro’ com quase 50 mil habitantes, não há Igrejas”. O clero ainda justifica sua decisão dizendo: “(...) Não faz sentido se construir mais uma Igreja em um área onde realmente não é a mais necessitada de uma área de culto, enquanto há outras mais necessitadas só pelo fato de se tratar da construção de uma catedral”<sup>296</sup>.

Para garantir a posse do terreno doado pela Companhia Siderúrgica Nacional destinado à construção da futura catedral, decidiu-se a iniciar a construção das partes complementares da futura Catedral, como a cúria administrativa e pastoral, com dependências para os vários departamentos e espaços para reuniões, que serviriam dessa forma, para dinamizar o trabalho pastoral. Estas obras não eram tão dispendiosas como as obras da catedral. A Cúria Diocesana acabou sendo inaugurada em 1978<sup>297</sup>, sem participação da Companhia Siderúrgica Nacional. D. Waldyr, dessa maneira vai apresentando e esclarecendo sua visão de mundo e delineando seus projetos para a pastoral diocese. A Igreja inicia sua caminhada em direção aos pobres.

Outro fato ocorrido logo no momento de chegada do novo bispo também é ilustrativo do novo relacionamento que se desenha entre a Igreja e a CSN. Convidado para celebrar uma missa na Igreja de Santa Cecília, em memória dos operários que morreram na Usina, D. Waldyr não se furtou à este compromisso religioso e foi celebrar a missa. Sua homilia porém, surpreendeu os diretores da Siderúrgica: “*Eu apenas dizia que estávamos aqui para celebrarmos nossos irmãos mortos, mas como evitar que essas mortes aconteçam? Eu questionei. Depois disso eles não quiseram mais, porque eu reclamei mais*

---

<sup>295</sup> Livro de Tombos nº 2, Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, p. 101

<sup>296</sup> Ibid idem, p.101

<sup>297</sup> Boletim Diocesano, nº 153, 1978, p. 04

*segurança para o operário. Não me convidaram mais*”<sup>298</sup>. Tem razão o inteligente bispo. Acompanhando as edições posteriores do periódico da empresa, percebe-se que ao contrário dos seus antecessores, D. Waldyr, como ele mesmo assume, não participava de inaugurações, eventos, missas campais ou festividades ao lado da empresa que dominava a cidade.

Para ser mais enérgico e mostrar o novo posicionamento da Igreja em Volta Redonda, numa reunião geral do clero, realizada em 5 de agosto de 1969, estes decidem, juntamente com o bispo, a não celebrarem mais missas campais e festivas, *“(...) a missa é o ‘mistério a fé’ e deve ser celebrada para os que tem fé*”<sup>299</sup>. A longa era de subordinação e cooptação da Igreja chegou ao fim. Completando este ciclo, o clero diocesano confirma esta decisão em 1979, e também decide nesta ocasião não mais participar da inauguração de bancos, casas comerciais, empresas para abençoá-los, justificando que *“(...) os critérios de ação nestes estabelecimentos, obedecem à normas do sistema capitalista, sistema que professa o ‘ateísmo prático.’*”<sup>300</sup>

A partir da chegada de D. Waldir Calheiros, a Igreja local trilha novos caminhos, alinhando-se aos setores progressistas da Igreja brasileira e estando em plena sintonia com as mudanças ocorridas naqueles últimos anos. Busca-se a concretização de uma ‘evangelização transformadora’, que segundo Carlos Mesters, objetiva a construção de uma nova sociedade, com justiça e igualdade<sup>301</sup>. Ele próprio explicita o seu compromisso com as decisões do Concílio Vaticano II, que havia acabado de ser realizado e deixa claro suas opções pastorais: *“Eu nasci bispo dentro do Concílio Vaticano II. Foi um banho de renovação numa Igreja procurando se abrir ao mundo. Vim prá cá, novinho em folha, carregado’ do Vaticano II. Mas outro fato importante eu não esqueço, é que eu fui sagrado bispo no dia 1º de Maio. Nasci bispo dentro da ditadura*

---

<sup>298</sup> Entrevista em 18/10/00

<sup>299</sup> Comunicado aos diocesanos em 02.09.1969

<sup>300</sup> Circular da Cúria Diocesana em 07.12.79, ‘Celebração da Eucaristia e Bênção de Estabelecimentos’ e Boletim Diocesano, nº 156, maio de 1979, p. 03

<sup>301</sup> Boletim Diocesano, nº 142, p. 10

*militar no Brasil. Uma verdadeira catástrofe para o país. Eu ainda era bispo sem ser ordenado, mas já tinha sido publicado quando se deu a ditadura* <sup>302</sup>. Esse depoimento revela o grau de consciência e compromisso do nosso bispo diocesano com a classe operária. Seus objetivos na nova diocese, abriam espaço para as transformações que aconteciam: a opção preferencial pelos pobres, uma Igreja constituída por comunidades de base e o papel dedicado aos leigos como participantes fundamentais do projeto diocesano <sup>303</sup>.

Este posicionamento de D. Waldyr, se espelhará então, na sua maneira de conduzir a diocese. No início dos anos 70, a Igreja em Volta Redonda, inicia a grande experiência pastoral das Comunidades Eclesiais de Base, vistas aqui como *'a nova maneira de ser Igreja'*. Esta nova Igreja, nascida das bases, uma verdadeira Igreja popular, será o grande veículo de organização contra a ditadura e pela retomada dos espaços populares.

Uma grande mudança de atitude se efetivará em relação ao movimento sindical e popular. Antes desse período, a Igreja diocesana como já foi visto, desenvolvia uma política de alinhamento e colaboração com as classes dominantes, com um postura marcadamente conservadora.

Os fatos citados anteriormente ilustram como a Igreja diocesana tinha uma postura claramente favorável aos grupos dominantes. A Igreja, neste contexto, de acordo com a concepção de Gramsci, cumpre o seu papel de intelectual da classe dirigente, atuando como aparelho ideológico do Estado e fornecendo os intelectuais para os grupos dominantes <sup>304</sup>.

Todo esse quadro muda radicalmente, como já dissemos acima, com a chegada de D. Waldyr em Volta Redonda. A Igreja reassume o caráter de crítica

---

<sup>302</sup> Idem Ibid, p.. 20

<sup>303</sup> Cf. Idem Ibid, p. 35

<sup>304</sup> C.f. PORTELLI, Hugues. op. cit., principalmente cap. I , II e III (segunda parte) e cap. I (terceira parte)

e contestação do cristianismo primitivo<sup>305</sup>, pois de fato “(...)o cristianismo aparece inicialmente como um movimento ideológico e político dos povos oprimidos e das classes subalternas”<sup>306</sup>.

No entanto, as mudanças preconizadas por D. Waldyr não agradaram a setores do clero e dos fiéis locais. O trabalho das Cebbs na diocese, nunca representou uma unanimidade, apesar da Igreja ater optado pastoralmente pelas comunidades eclesiais de base e ser reconhecida nacionalmente por este fato. A aceitação deste projeto nunca abarcou a totalidade da diocese.

Muitos padres e religiosas ligados a uma religiosidade tradicional, ‘pré-conciliar’, como define o bispo, se opuseram sistematicamente ao seu projeto pastoral. O bispo explica“ (...) quando cheguei aqui não havia um clero diocesano, a maioria vinha de fora. (...) e muita gente não quis saber de mudança (...) houve reações ao meu trabalho, alguns padres deixaram a diocese, como os Jesuítas em Mendes, e outros de Barra Mansa, (...) houve a reação dos contrários”<sup>307</sup>.

Além dos pedidos de transferência citados no depoimento do bispo, esta oposição se acirrou ainda mais quando D. Waldyr se envolveu nos conflitos com os militares e à medida que desenvolvia seu trabalhos. Muitos padres partiram para um ataque mais direto acusando abertamente o bispo, em jornais e na imprensa, de ser comunista e subversivo, como foi o caso do padre José Kessler, como aponta o depoimento de uma religiosa que vivenciou o período<sup>308</sup>, e de vários leigos de diversas comunidades da cidade, conforme vários depoimentos colhidos.

---

<sup>305</sup> Vide PORTELLI Hugues, Gramsci e a Questão Religiosa, Trad. Luiz João Galo, São Paulo, Paulinas, 1984 e

<sup>306</sup> Hugues Portelli, op. cit., p. 52

<sup>307</sup> Entrevista em 13.12.00

<sup>308</sup> Cf. depoimento informal de uma religiosa em 01.12.00. Ela enfatiza que o bispo manteve uma postura tranquila diante de tais críticas. Alguns padres, como foi o caso do citado acima, permaneceram na diocese até sua aposentadoria.

D. Waldyr Calheiros eliminou a distância entre o bispo e o povo, a Igreja e os pobres. Sempre à disposição, sua simplicidade e humanidade eram a antítese do bispo tradicional. No cotidiano das suas visitas pastorais, mostrava seu modo de ser, dispensando as pompas: *“Dispensar a recepção estrondosa e festiva na chegada e saída do Bispo (...) Não se preocupar em apresentar algo de extraordinário, que não é comum no movimento paroquial e que não existe antes nem vai existir depois da visita (...) o nosso tempo deve ser reservado para estimular os movimentos de renovação paroquial”*<sup>309</sup>

Neste início de pastoreio, D. Waldyr afirma que a Igreja deve apoiar os que lutam contra a injustiça humana e que ela não está à serviço dos poucos que detém os bens temporais<sup>310</sup>, o compromisso de D. Waldyr com estes valores no entanto, logo encontraria opositores junto à ditadura reinante no Brasil e aos militares da região. Em tempos de ditadura, posicionamentos corajosos como o de D. Waldyr, provocaram muitos conflitos, e os problemas começam a surgir no ano seguinte à sua chegada na região.

Em 1967, então, mal chegara o novo bispo e um acontecimento dará origem a um clima de tensão que perdurará por alguns anos: a prisão de um diácono, um seminarista e dois militantes de uma organização de jovens ligada à Igreja local. D. Waldyr se torna então um dos primeiros bispos brasileiros a se confrontar diretamente com os militares que usurparam o poder em 1964.

### **3.3.1. A Prisão dos Membros da JUDICA**

Na década de 1960, surgiram vários grupos de jovens em Volta Redonda. No ano de 1967<sup>311</sup> foi formada a JUDICA -Juventude Diocesana

<sup>309</sup> Pontos de Orientação para Visita Pastoral, 07.04.70

<sup>310</sup> Jornal do Brasil, 30.03.67

<sup>311</sup> Cf. Relatório da Mini-Assembléia Diocesana de 06/09/86

Católica-, que coordenava e dinamizava os trabalhos desses diversos grupo na região. Este movimento teve uma atuação destacada neste período, com um intenso trabalho social voltado para assistência social, grupos de teatro e inovações litúrgicas, consoantes com as mudanças propostas pelo Vaticano II, com reflexões dos problemas à ‘ luz do evangelho’ e utilizando o método Ver-Julgar-Agir.

Importante momento na vida destes grupos, segundo uma militante da época<sup>312</sup>, foi a chegada de D. Waldyr `a diocese. Até então os diversos grupos desenvolviam trabalhos voltados para o espaço interno da Igreja, e com D. Waldyr e a articulação da Judica, proposta por ele, houve um espaço maior para que esses grupos se abrissem-se para a realidade concreta. A partir daí, esses grupos avançavam cada vez mais em sua consciência social.

Na residência episcopal, ou o bispado, funcionava o ponto de encontro dos jovens militantes da Judica, onde eles estudavam, discutiam e planejavam as ações dos grupos. Numa dessas ‘ações’ começarão os problemas envolvendo a igreja diocesana e os militares da região.

No Thibaut ( que acabou mais tarde expulso do país), o seminarista Carlos Azevedo Rocha e os estudantes Jorge Gonzaga e Natanael da Silva, os dois membros da JUDICA – Juventude Diocesana Católica, organizada por D. dia 05 de novembro de 1967, quatro jovens: o diácono francês Guy M. Thibaut ( que acabou mais tarde expulso do país), o seminarista Carlos Azevedo Rocha e os estudantes Jorge Gonzaga e Natanael da Silva, os dois membros da JUDICA – Juventude Diocesana Católica, organizada por D. Waldyr – serão presos com a acusação de distribuírem folhetos considerados subversivos pelos militares.

Uma militante da época elucida os fatos: “(...) *O Carlos Rosa era seminarista, estudava no Rio e vinha de vez em quando aqui. Ele tinha um grupo de amigos aqui, que não eram da Igreja, eram mais avançados no sentido*

*político que nós. Ele (Carlos Rosa), se reunia com jovens que tinham opção política revolucionária, que pertenciam às organizações clandestinas. (...)Ele não era da Judica. Havia uma convivência até porque o bispado era tipo ‘nossa casa’, todo mundo ia prá lá.”<sup>313</sup>.*

Os outros acusados Natanael e Jorge Gonzaga eram coordenadores da Judica e segundo Maria das Dores, saíram numa Kombi, que pertencia ao bispado e estava à disposição da Judica, juntamente com o seminarista Guy, para buscar um panfleto que havia sido preparado pelo grupo de Carlos Rosa, para ser distribuído na cidade. O grande problema, segundo a militante é que a Kombi estava sendo dirigida pelo Guy, “(...) *um francês que também estava aqui, e que era famoso por ser ‘pé em baixo’, corria muito, agente morria de medo e no que foi do bispado para o Retiro, foi interceptada pela polícia*”.

Segundo a militante, o grupo no período avaliou que na verdade o que chamou atenção da polícia foi a alta velocidade da Kombi, que por ser do bispado, já era suspeita: “(...) *a polícia foi atrás e pegou os panfletos dentro da Kombi. Na nossa avaliação foi por acaso. O que chamou atenção foi a alta velocidade. Claro que eles estavam de olho no Carlos Rosa*”<sup>314</sup>

O que resultou da prisão dos quatro jovens, foi início de uma intensa perseguição à Judica na cidade. “(...) *foi um pânico geral. D. Waldyr nos reunia no bispado para acompanhar os acontecimentos pelos jornais, porque saía coisa no jornal que não compreendíamos na época. (...) Nossos pais tinham medo de nos levar ao bispado*”<sup>315</sup>. Dessa forma, militantes foram arrancados de seus empregos, depoimentos extensos seguidos de torturas e prisões arbitrárias compuseram o terrível cenário. Depois desta experiência traumática, a organização dos jovem se desarticulou completamente e cada grupo acabou

---

<sup>312</sup> Cf. entrevista realizada com Maria das Dores Motta em 11/12/00. Ex-Militante da Judica e das Cebs, foi vereadora pelo PT local e atualmente é diretora do Sepe/RJ.

<sup>313</sup> Entrevista realizada com Maria das Dores Motta em 11/12/00

<sup>314</sup> Entrevista realizada com Maria das Dores Motta em 11/12/00

<sup>315</sup> Ibid idem

voltando para a realidade eclesial<sup>316</sup>, desenvolvendo trabalhos isolados. Depois de diversas tentativas, somente nos anos de 1978-79, começou a existir novamente uma articulação diocesana, que se concretizou no ano de 1982, com a organização da coordenação diocesana de pastoral da Juventude<sup>317</sup>.

A ação dos militares porém não se restringiram às prisões e torturas. No dia 11/11/67, o bispado, onde os jovens se reuniam, foi devassado por homens armados do 1º Batalhão de Infantaria Blindada (BIB)<sup>318</sup>, que arrobaram portas e apreenderam documentos. Esta devassa foi fruto de uma segunda tentativa, já que no dia anterior –10/11- a mesma força militar tentara a operação de busca e apreensão, com mandato assinado pelo tenente-coronel Gladstone Pernassetti Teixeira, encarregado do IPM, instaurado contra os quatro jovens detidos. A operação não se concretizou neste dia pois D. Waldyr encontrava-se no Rio de Janeiro.

Nesta ocasião o bispo reagiu a essas prisões e arrombamentos da sede episcopal, com entrevistas e denunciando as barbaridades dos militares<sup>319</sup>. A reação militar prendeu 3 padres e outras 5 pessoas, que iriam distribuir um texto preparado pelo bispo. Após interrogatório, todos foram libertados.

Estes casos atraíram a opinião pública e a solidariedade de diversos bispos brasileiros. A própria CNBB divulgou uma nota ‘Missão da hierarquia no mundo de hoje’, criticando a ação militar e o autoritarismo que se implantava no país.

---

<sup>316</sup> O relatório da Pastoral da Juventude em 15.11.73, demonstra este fato: os grupos existentes na região, dedicavam-se neste período sobretudo às atividades internas da Igreja, reflexões, campanhas assistenciais, etc.

<sup>317</sup> Cf. Relatório da Mini-Assembléia Diocesana de 06/09/86

<sup>318</sup> Esse batalhão que, estrategicamente localizado em Barra Mansa, a 5 quilômetros de Volta Redonda - implantado num antigo depósito de café na estrada de Ferro Central do Brasil - tinha o claro objetivo de conter as manifestações operárias na região principalmente em Volta Redonda, no período notabilizou-se por ser um centro de prisões e torturas. Cf VEIGA, Sônia Mayrink e FONSECA, Isaque. Volta Redonda entre o Aço e as Armas, Vozes, Petrópolis, 1990, p. 79

<sup>319</sup> A diocese de Volta Redonda enviou uma série de documentos deste período, que relatava todos os conflitos ocorridos com a Igreja e os militares na região, ao CPV, o qual reuniu todos os documentos num importante dossiê, que faz parte do livro citado. PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja- Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2- Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970



Em relação aos quatro jovens presos, o diácono francês Guy Thibaut, foi libertado no dia 07.12.67 e imediatamente publicada sua expulsão do país, fato que se em 29 de abril de 1968. O julgamento dos demais envolvidos ocorreu em novembro de 1968, com Carlos Rocha recebendo pena de prisão de 18 meses e os dois outros jovens receberam penas entre 6 e 8 meses de prisão.

### **3.3.2 A Prisão dos Professores Bedê e Santini**

Os militares acompanhavam de perto o trabalho da Igreja em Volta Redonda. No final de 1968, novos acontecimento estremeceram as abaladas relações entre a Igreja e as autoridades militares na região. No dia 15 de dezembro deste ano, os professores Waldyr Bedê e Renato Santini, ligados à pastoral diocesana, foram presos e levados para o BIB em Barra Mansa, acusadas de ligação com o bispo diocesano e de atividades subversivas.

A prisão dos professores, ocorreu devido a uma comemoração dos 20 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e ao lançamento do movimento ‘Pressão Moral Libertadora’, criado por D. Hélder Câmara, na região. Estas atividades foram organizada pela Igreja no Centro Social Santa Cecília.

Segundo o professor Bedê “(...)da comemoração constava um espetáculo de teatro, com enquetes e canções, produzido por mim e pelo professor Santini, a pedido da diocese. Mais tarde se soube que o evento fora todo fotografado e gravado, constando nos IPMs como provas de atividades subversivas”<sup>320</sup>

Em janeiro de 1969, coronel Armênio Pereira, o comandante do BIB, não satisfeito com as novas prisões, aumentou a escalada de provocações contra o bispo diocesano, convocando a imprensa e apresentando falsos documentos que

segundo ele, comprovariam as ações subversivas de D. Waldyr. Ele no entanto refutou a veracidade de tais documentos forçados, e ainda endereça uma carta aos diocesanos no dia 19.01.69, explicando à toda a diocese os recentes acontecimentos: *“Vocês não de compreender que eu não poderia aceitar que nossos diocesanos presos por causa da Igreja e do Bispo, ficassem abandonados por este mesmo Bispo e Igreja que pediu sua colaboração”*<sup>321</sup>

Reagindo à prisão de seus colaboradores, D. Waldyr surpreende o comandante do batalhão, quando no dia 14.01.69, numa atitude inusitada e corajosa, o bispo se apresenta preso no lugar dos dois professores: *“(...)foi uma afronta que o exército recebeu, a invasão de um civil a uma unidade do exército, para se entregar preso em lugar dos demais”*, afirma o bispo.

Segundo um dos professores envolvidos na questão, a atitude do bispo foi recebida com surpresa e indignação *“(...) D. Waldyr colocou o comandante numa tremenda saia justa, como ele vai prender o bispo? Foi um escândalo tremendo. O comandante chamou autoridades locais, (...) chamou um monte de gente, para tentar demover o bispo. Ele não ficou preso e só saiu de lá quando o comandante se comprometeu a apressar as investigações”*<sup>322</sup>. A audácia de D.Waldyr conseguiu naquele dia ainda a libertação do professor Santini. O professor Bedê foi libertado alguns dias depois.

### 3.3.3 A Questão dos IPMs

A ação dos militares na região, no entanto fazia cada vez mais vítimas. Vários metalúrgicos e pessoas ligadas à igreja diocesana que começavam a

---

<sup>320</sup> Entrevista com Waldir Bedê, realizada em 29/11/99

<sup>321</sup> Carta aos Diocesanos em 19.01.1969

<sup>322</sup> Entrevista com Waldir Bedê, realizada em 29/11/99

articular um movimento para retomar o Sindicato dos Metalúrgicos<sup>323</sup> (então sob intervenção), são presos, torturados e muitos são internados devido às agressões sofridas<sup>324</sup>. Ao tomar conhecimento de tais torturas no Batalhão sediado em B. Mansa, por meio denuncia dos próprios torturados e também por intermédio de padre Natanael, que também se encontrava preso, D. Waldyr denuncia essas arbitrariedades na imprensa e em todas as missas dominicais da diocese, através de uma carta assinada por ele e mais 16 padres diocesanos. O bispo se antecipa à postura adotada por amplos setores do episcopado brasileiro, que a partir da década de setenta, passam a exigir uma prestação de contas do governo brasileiro em relação aos milhares de brasileiros torturados ou desaparecidos<sup>325</sup>

Em decorrência dessa atitude do bispo e do clero diocesano, instaura-se dois IPMs- Inquérito Policial Militar-, logo conhecidos como 'IPM das Torturas' e 'IPM da subversão'. O primeiro IPM tentava desmoralizar as denúncias do bispo e dos padres, chegando à estranha conclusão de que não houvera tortura, mesmo com as marcas das torturas no corpo do operário barramansense torturado<sup>326</sup>; e o segundo, provocado em represália à atitude de D. Waldyr e dos padres diocesanos, tentava provar que estes eram subversivos, sendo todos indiciados para a apuração de atos supostamente subversivos na diocese de Volta Redonda.

Esclarecendo a situação, D. Waldyr afirma: “(...)O primeiro passo era denunciar as torturas. Assim a denúncia vinha à público. Alguns jornais tiveram coragem de publicá-las (...) nós fomos marcados depois por causa desta

<sup>323</sup> Cf. entrevista concedida Revista Sem Fronteiras, agosto de 1989, nº 171, p. 13

<sup>324</sup> As ações militares que levaram às prisões dos militantes aconteceram nos dias 05.11.67, 14.12.68 e 02.11.70. As torturas à um operário barramansense, que enviou bilhetes do hospital ao bispo, foi o estopim para a eclosão das denúncias. O bispo foi visitá-lo na Casa de Saúde São José em V. Redonda e exigiu esclarecimentos ao comandante do batalhão. Cf. levantamento realizado por Irmã Martha Dale em 12.03.96, em vista da entrega da Medalha Chico Mendes à D. Waldyr e Jornal do Brasil, 14 de novembro de 1999.

<sup>325</sup> Sobre esta questão vide SKIDMORE, Thomas. Uma História do Brasil, trad. Raul Fiker, São Paulo, Paz e Terra, 1998, 2ª edição; ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil: Nunca Mais, Petrópolis, Vozes, 28ª ed., 1996; PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja - Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2 a 6; CASTRO Marcos de, 1964: Conflito Igreja X Estado, Petrópolis, Vozes, 1984

<sup>326</sup> Cf Boletim Diocesano, dezembro de 1976, edição especial

*denúncia. Inclusive depois dessas denúncias eles acharam que o bispo era um agitador do Vale do Paraíba e então fizeram um outro processo, um outro IPM”<sup>327</sup>.*

Segundo o bispo, nestes inquéritos foram enquadrados os padres que seguiam a linha renovada da Igreja, ele mesmo foi indiciado e novamente numa atitude ousada, se recusa a depor: *“Levantaram um inquérito e me intimidaram a depor. Na primeira vez, eu fui. Depois durante 25 contínuas. Depois quiseram novamente me intimidar. Da segunda vez, eu me neguei a fazer declarações. Se 25 horas de nada serviram, uma ou duas horas de nada serviriam, não ia adiantar nada. E esperei ficar preso. Não se apresentar para depor naquela ocasião, era detenção. Mas eles não detiveram”<sup>328</sup>*

Como resultado dessas acusações e do caráter evasivo e frágil das denúncias apresentadas, os dois IPMs acabaram sendo arquivados no ano de 1971, principalmente pelo temor do procurador Osiris Josephson em oferecer denúncia contra um bispo e 17 padres (no meio do processo, mais um foi indiciado). No processo de arquivamento o procurador justifica sua posição: *“(..).a grave circunstâncias de se levar ao banco dos réus um bispo e mais 17 padres, cujas consequências poderíamos prever, não só no seio do clero (se é que bem recordemos, quando D. Waldyr se viu apenas indiciado, diversos outros bispos do Brasil apressaram-se a lhe prestar inteira solidariedade) como também pelos negativos reflexos na já tão deformada imagem do Brasil no exterior”<sup>329</sup>*. O procurador ainda aponta uma sugestão para se resolver a situação, afirmando que *“(...) se impõe, por parte das altas autoridades eclesiásticas, urgentes providências no sentido de afastar Dom Waldyr e os demais padres indiciados da diocese que lhes foi confiada, mesmo porque o clima de*

---

<sup>327</sup> Entrevista com D. Waldyr realizada em 18/10/00

<sup>328</sup> Ibid idem

<sup>329</sup> Cf PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). *As Relações Igreja- Estado no Brasil*. CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2 Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970.

*antagonismo criado com as autoridades militares não aconselha a permanência dos mesmos*”<sup>330</sup>.

O próprio D. Waldyr aponta essa tentativa de afastá-lo da diocese. Segundo ele, inicialmente os militares tentaram diplomaticamente, via Nunciatura Apostólica, o seu afastamento da diocese de Volta Redonda. Esta tentativa porém foi frustrada, como relata: “(...) *dentro da Nunciatura encontraram barreiras muito fortes. O Núncio (D. Umberto Monzoni) disse que não aceitava. Na ocasião, o ministro da Justiça (Alfredo Buzaid) disse ao Núncio, que a única maneira de eu não ser condenado, seria me afastar do país*”<sup>331</sup>. Segundo os depoimentos do bispo, o Núncio respondeu ao ministro que o Papa Paulo VI achava que era dever do bispo defender seus diocesanos e caso os militares quisessem se livrar do bispo, teriam que optar pela expulsão e arcar com as consequências.

As tentativas dos militares de afastá-lo da diocese, no entanto, não se esgotam nestas ameaças. Uma proposta de promoção eclesiástica era a sua próxima para se livrarem da ameaça de D. Waldyr. “(...) *tentaram um outro meio, insinuar ao cardeal do Rio de Janeiro (D. Jaime), para eu ser arcebispo em outra área, contanto que não fosse nesta...*”<sup>332</sup>. Dessa forma então, lhe é proposto o cargo de arcebispo em Teresina no Piauí, que no momento se encontrava vaga devido à saída do cardeal D. Avelar Brandão para ocupar o cargo de primaz do Brasil, na arquidiocese de Salvador. D. Waldyr, no entanto, recusa esta tentativa de afastamento “(...) *respondi que não estava fazendo aquilo por promoção, mas em defesa dos pobres e da justiça. Será que se eu for arcebispo, os outros padres que estavam no processo comigo, vão ser cônegos, monsenhores? Não dava!*”<sup>333</sup>

---

<sup>330</sup> Cf PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja- Estado no Brasil. CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2 Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970

<sup>331</sup> Entrevista com D. Waldyr realizada em 18/10/00

<sup>332</sup> Entrevista com D. Waldyr realizada em 18/10/00

<sup>333</sup> Cf. entrevistas realizadas em 26/11/99 e 18/10/00

Uma outra proposta é apresentada, numa segunda tentativa, quando lhe colocam à disposição a arquidiocese de Juiz de Fora/ MG <sup>334</sup>. D. Waldyr, novamente recusa esta nova tentativa de afastá-lo da diocese que assumira, num claro ato de compromisso com as comunidades de Volta Redonda e de desafio às autoridades militares <sup>335</sup>.

### **3.3.4. A Prisão dos Jocistas e o Caso dos Quatro Militares Assassinados**

No mesmo período, nem mesmo se desfizera o clima anterior de tensão e um novo episódio ilustra a mais uma vez truculência militar contra a Igreja diocesana. Em novembro de 1970, ocorreu a prisão do padre Natanael de Moraes<sup>336</sup> e dois operários, acusados de ligação com o guerrilheiro Joaquim Câmara Ferreira, sendo ainda posteriormente detidas cerca de 30 pessoas ligadas à JOC –Juventude Operária Católica- e às comunidades locais<sup>337</sup>. Nesta ocasião, militantes dos dois grupos da JOC que existiam na cidade, nos bairros Retiro e Jardim Amália, foram perseguidos e presos. Depois desta experiência traumática, este movimento se desarticulou em Volta Redonda, sendo rearticulado posteriormente por volta de 1974, em duas comunidades da periferia da cidade, Retiro e Siderlândia<sup>338</sup>.

De acordo com um militante da JOC preso neste episódio, alguns de seus companheiros mantinham contatos com a Ação Popular -AP, por meio de

---

<sup>334</sup> Ibid idem.

<sup>335</sup> Ibid idem.

<sup>336</sup> Este padre assessorava o trabalho da JOC em Volta Redonda. Respondendo à um questionário sobre o que ele esperava da Igreja na cidade, padre Natanael responde: *“Espero que a Igreja de VR esteja presente entre os operários, jovens, estudantes, famílias e oprimidos através de seus membros atuantes que segundo suas condições e realidade possam descobrir as dimensões evangélicas de suas atividades”*.Pe Natanael levou até as últimas consequências sua opção de vida, assumindo-a plenamente com todos os riscos. Avaliação da Paróquia-Cidade, Relatório de padre Natanael, 01.10.1969

<sup>337</sup> Cf Revista Aqui, nº 01, 1979.

<sup>338</sup> Cf depoimentos de Edson Santana e Sr. Edir, ex –militantes da JOC.

um militante desta organização conhecido como Pérsio. Segundo ele, nesta ocasião, inclusive chegaram a acontecer algumas reuniões clandestinas entre alguns militante da JOC e o referido militante da AP, sem a participação dos outros militantes do movimento. De acordo com esse militante, o grupo estava sendo observado e esses fatos precipitaram a ação do exército<sup>339</sup>.

É importante frisar que durante a ditadura militar, uma prática comuns dos militares era a espionagem. Praticamente tudo o que acontecia em Volta Redonda eram monitorado de perto pelos espões dos militares. Reuniões, eleições sindicais, a vida de padres, vereadores, personalidades, militantes e de muitos outros, era acompanhada de perto pelos agentes infiltrados, que montavam uma gigantesca rede de informações entre os órgãos da repressão. Os depoimentos realizados nesta pesquisa<sup>340</sup>, são unânimes em apontar a presença de espões nas atividades e nas atividades da Igreja na cidade.

Após as averiguações iniciais e interrogatórios, alguns militantes começam a serem libertados, restando porém ainda 8 detidos e o padre Natanael. Os militares agiram com bastante brutalidade, e os jovens foram submetidos `a torturas e humilhações diariamente. Um militante desse período relata sua experiência: *“Estive preso durante quinze dias. Fui torturado todos os dias, principalmente no último dia. Queriam intimidar D.Waldyr. (...)Fui torturado sem saber por que. (...)Ligavam um fio no dedo do pé, no pênis e davam choque. Sofro de problemas no ouvido até hoje por causa do telefone. Queimava o Hélio com cigarro, furavam as varizes do João Cândido. Enfiava uma toalha na vagina de uma companheira...”*<sup>341</sup>

À medida que outros militantes eram libertados, D. Waldyr tomava ciência das torturas que aconteciam no quartel de Barra Mansa e mais uma vez

---

<sup>339</sup> Entrevista realizada em 15/01/00.

<sup>340</sup> Cf entrevistas realizadas com Marlene Fernandez, Edson Santana, Sr. Edir, Olívia Barreto, Luiz de Oliveira Rodrigues, padre Normando, Srª Júlia

<sup>341</sup> Entrevista com Sr. Edir, realizada em 21/01/01

presta seu caloroso apoio às vítimas de tal crueldade<sup>342</sup>. Novamente o bispo protesta contra este desrespeito à pessoa humana e aos trabalhos dos cristãos de sua diocese, apresentando denúncias dos casos de tortura, contando também com a expressa solidariedade da CNBB, que prontamente se posiciona favoravelmente à Igreja de Volta Redonda. Em 1971, alguns meses após a prisão dos acusados eles também recebem a solidariedade dos bispos do Leste 1<sup>343</sup>, que também se solidarizaram com D. Waldyr em todos os episódios envolvendo o bispo militares

Diante dos abusos cometidos contra militante da Igreja diocesana, ao ser convocado para depor no BIB sobre antigos IPM's, e, D. Waldyr se recusa a comparecer ao batalhão de Barra Mansa e dessa ação resulta um novo IPM, onde o bispo, 2 padres (Natanael e Arnaldo Werlang) e ainda outros 20 militantes, são indiciados<sup>344</sup>. O autor deste IPM, cel. Gladstone Pernassetti, porém, não conseguirá levar a acusação até o final, pois ele próprio será indiciado num outro IPM como torturador e responsável pela morte de 4 soldados nas dependências do quartel que comandava.

Depois de uma intensa batalha judicial e de denúncias contundentes, os acusados inicialmente, padre Natanael, e os jocistas João Cândido e Hélio Medeiros são libertados em 24.07.71, após quase 9 meses de prisão, depois de sofrerem torturas quotidianamente<sup>345</sup>.

---

<sup>342</sup> Segundo um dos presos neste episódio, o posicionamento de D. Waldyr foi de total apoio à todos os jovens envolvidos, acompanhando todos os passos da questão, visitando os presos na cadeia e prestando total apoio às famílias dos acusados. Entrevista com Sr. Edir, realizada em 21/01/01

<sup>343</sup> Região pastoral que engloba o estado do Rio de Janeiro

<sup>344</sup> Neste novo IPM, os indiciados são acusados de atitudes subversivas em Volta Redonda, sendo D. Waldyr apontado como o grande responsável por aquelas atitudes na região. Cf PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja- Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2- Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970

<sup>345</sup> D. Waldyr revelou que Pe. Natanael sofreu inúmeras torturas durante o período em que esteve preso. Segundo o bispo, as informações chegavam até ele por meio de cartas e bilhetes que eram estrategicamente colocadas dentro da garrafa térmica, que semanalmente era levada pela cunhada ao para o padre. Um ex-jocista relata: "(...) *escrevíamos bilhetes com sangue reportando o que estava acontecendo*". A situação dos acusados se complica quando D. Waldyr denuncia casos de tortura no quartel e em represália a essas denúncias, o padre e os militantes da JOC, são transferidos para a Ilha Grande. Entrevista com D. Waldyr Calheiros e Sr. Edir, um dos militantes presos no período.



Outro episódio do período, retrata a questão da morte de quatro rapazes no quartel de Barra Mansa, reavivando toda a tensão então existente. Todavia, desta vez, os envolvidos são militares que haviam acabado de sair do quartel.

Em nome da repressão aos tóxicos no quartel, quatro jovens reservistas (com idade em torno de 20 anos) foram detidos no BIB. Inicialmente foi preso Geomar Ribeiro da Silva no dia 31.12.1971, dias depois, mais três reservistas foram presos<sup>346</sup>. Estes jovens foram cruelmente torturados e assassinados no mesmo quartel, palco anterior de torturas contra civis, porque sabiam demais. Numa entrevista D. Waldyr revela que o motivo do assassinato dos jovens, foi o fato deles, numa patrulha de rotina pelas ruas da cidade, terem presenciado o assassinato de um homem detido por ter sido confundido com um ativista político enquanto pichava um muro<sup>347</sup>.

O corpo de um dos soldados foi entregue à família e os outros três, inicialmente apontados como foragidos, tiveram seus cadáveres encontrados mais tarde e entregues às famílias<sup>348</sup>. Todos os cadáveres tinham marcas de torturas. As mortes abalaram Volta Redonda inteira.

Skidmore<sup>349</sup> destaca que neste cenário, em todo o país, as famílias de torturados e presos políticos não encontravam um advogado que quisesse patrocinar sua causa. Este fato também aconteceu em mais este caso. As famílias enlutadas não tinham a que recorrer.

Novamente D. Waldyr toma posição, denunciando o caso na imprensa. Sua coragem e determinação foram fundamentais para a abertura de um IPM, desta vez contra os próprios militares. Os militares acusados foram

---

<sup>346</sup> Levantamento realizado por Irmã Martha Dale, 12.03.96, entrega da Medalha Chico Mendes à D. Waldyr

<sup>347</sup> Jornal do Brasil, 14 de novembro de 1999.

<sup>348</sup> Dois corpos foram encontrados em Rio Claro e Bananal, enquanto o último corpo, com bastante queimaduras, havia sido enviado para o HCE (Hospital Central do Exército) no Rio de Janeiro. Cf. Jornal Gazeta do Aço, 9 a 15.10.1981

julgados e condenados. Contando com apoio da CNBB, D. Waldyr consegue a punição dos culpado, num caso único na história da ditadura brasileira, com o comandante do batalhão sendo condenado à sete anos de prisão e a perda da patente e soldados e cabos também presos perdendo a patente. O nome do batalhão foi alterado para 22º BIMT- Batalhão de Infantaria Motorizada<sup>350</sup> e um coronel católico foi nomeado para comandar a unidade<sup>351</sup>

Ele afirma que a partir da punição dos militares envolvidos neste caso de tortura finalmente a Igreja diocesana pode respirar em paz, e a própria cidade de Volta Redonda ganhou com isso. Os militares saíram da cidade, não fizeram mais patrulhamento nas ruas e foram proibidos de prender civis no quartel<sup>352</sup>.

Depois desses tristes episódios, os IPMs contra D. Waldyr foram esquecidos, e finalmente ele pode trabalhar com um pouco mais de paz. Iniciou-se neste período a construção do Centro de Formação Diocesano em Arrozal e a implantação das comunidade nas periferias.

### 3.3.5 As Outras Batalhas

Outros episódios ilustram a luta de D. Waldyr contra as injustiças da ditadura brasileira. O bispo também se solidarizou com a situação dos religiosos perseguidos pela ditadura, colocando Igreja diocesana em sintonia com as lutas pela democracia que se travaram neste período<sup>353</sup>. Fato marcante dessa atuação

---

<sup>349</sup> SKIDMORE Thomas. Brasil: De Getúlio a Castelo, Trad. Mário Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1998, p. 355

<sup>350</sup> Cf. Jornal Folha da Cidade, 30 de abril de 1989

<sup>351</sup> Jornal do Brasil, 14 de novembro de 1999

<sup>352</sup> Revista Sem Fronteiras, agosto de 1989, nº 171, p. 14

<sup>353</sup> Sobre os fatos e movimentos que marcaram o ano de 1968 vide: DIRCEU, José e PALMEIRA, Wladimir. Abaixo a Ditadura, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, Garamond, 1998; VIEIRA, Maria Alice e GARCIA, Marco Aurélio. Rebeldes e Contestadores, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999; REIS, Daniel Aarão. Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000; REIS, Daniel Aarão e MORAES Pedro de, 1968: A Paixão de uma Utopia, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2ª ed., 1998 e ainda PRANDINI, Fernando; PETRUCCI,

foram seus posicionamentos corajosos, como no caso dos padres e seminaristas de Belo Horizonte presos ao serem acusados de atos subversivos e ligações com organizações de guerrilheiras de esquerda. D. Waldyr envia uma homilia para ser lida em todas as missas e celebrações do dia 22.12.68, onde esclarece todo o fato, com o cuidado de enviar ainda uma carta em anexo, para todos os padres diocesanos, onde explica: “(...) *É questão de direito para com nosso povo católico, informar de que modo querem atacar a sua Igreja.(...) caso tenham dificuldade na leitura desta homilia no próximo Domingo, dia 22 de dezembro, tenha a bondade de se comunicar comigo, para que eu providencie a fim de que ele seja lida em todas as missas*”<sup>354</sup>.

Exemplo que não deve ser esquecido, foram suas lições de defesa dos direitos humanos prestadas durante as visitas que realizava periodicamente à inúmeras presas políticas brasileiras no presídio Talavera Bruci, em Realengo, Rio de Janeiro. Ao visitar Rosalice Fernandez, uma militante do movimento popular em Volta Redonda e suplente de Deputada Federal pelo MDB, presa por distribuir panfletos cidade, conhece a situação de penúria dessas corajosas mulheres e passa a visitá-las regularmente, para que os militares saibam que um bispo as assistia, o que aumentava sua segurança e a garantia que essas prisioneiras não fossem eliminadas sumariamente pelos militares <sup>355</sup>. O caso de Jessie Jane Vieira de Souza o comoveu, pois estando grávida e presa como seu marido, e existindo a suspeita de sequestro de sua filha que nasceria no HCE (Hospital Central do Exército), D. Waldyr sempre se fez presente, chegando inclusive a participar da elaboração de um plano de fuga desta prisioneira, que acabou não se concretizando devida a eminência da anistia política, que estava próxima de acontecer<sup>356</sup>. A solidariedade de D. Waldyr à Rosalice Fernandez, não se encerra nesses episódios, condenada à um ano e meio de prisão, acusada de atos subversivos, o bispo foi um dos únicos a acolhê-la em toda cidade. Visitas

---

Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). *As Relações Igreja- Estado no Brasil*, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2- Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970, 1986

<sup>354</sup> Homilia de D. Waldyr Calheiros de Novais para o dia 22 de dezembro, IV Domingo do Advento

<sup>355</sup> Cf. Jornal Folha da Cidade, 30 de abril de 1989

<sup>356</sup> Cf. entrevistas realizadas em 18/10/00

periódicas de militantes da Igreja eram realizadas<sup>357</sup> e uma missa realizada na Igreja São Sebastião, em ação de graças pela sua liberdade, marcou sua volta à cidade<sup>358</sup>.

D. Waldyr e os bispos D., Tomás de Aquino e D. José Maria Pires, mantiveram uma rede de apoio, à qual mantinham contatos com presos políticos, comunicando-se periodicamente por correspondência, dificultando dessa maneira as torturas e desaparecimento desses presos<sup>359</sup>.

Além de manter contato com vários grupos clandestinos de esquerda, ele também contribuiu para que muitos militantes perseguidos pela ditadura, deixassem o país por um conexão que contava com o apoio da Igreja da Foz do Iguaçu. Ainda D. Waldyr foi amplamente favorável à luta travada pelos estudantes no período<sup>360</sup>, mantendo contatos com a UNE, chegando inclusive a oferecer uma local –Fazenda das Arcas-, nas proximidades de Rio Claro, para que os estudantes realizassem ali o seu congresso clandestino, que acabou se realizando no mês de outubro de 1968, na cidade de Ibiúna-SP<sup>361</sup>.

O posicionamento firme e corajoso de D. Waldyr e da Igreja diocesana neste período são reconhecidos por todos àqueles que lutam pelos direitos humanos, sinal deste reconhecimento foi a homenagem do grupo Tortura Nunca Mais, que o homenageou com a Medalha da Resistência de Chico Mendes, em 1996<sup>362</sup>

D. Waldyr, em todos esses episódios, não se amedronta com as ameaças e dificuldades encontradas pela frente, e prossegue corajosamente com

---

<sup>357</sup> Entrevista realizada com Sra. Júlia, militante dos grupos de base da comunidade São Sebastião

<sup>358</sup> Jornal Primeira Página, março-abril de 1996. Segundo depoimentos de Edson Santana, esta missa contou com a participação de um pequeno número de pessoas, sendo acompanhada pelos agentes da repressão.

<sup>359</sup> Levantamento realizado por Irmã Martha Dale, 12.03.96, entrega da Medalha Chico Mendes à D. Waldyr.

<sup>360</sup> Jornal do Brasil, 30.05.68

<sup>361</sup> Cf. entrevistas realizadas em 18/10/00. O bispo relatou que os dirigentes da UNE, desistiram de realizar o congresso no local sugerido por ele, pois avaliaram que a geografia do terreno, cercado por morros, facilitaria uma possível ação dos militares e optaram então por Ibiúna em S. Paulo

<sup>362</sup> Jornal Diário do Vale, 02.04.1996

seu trabalho, indicando e acolhendo os caminhos que a Igreja diocesana iria seguir.

Todos esses casos, representaram um momento crítico na vida da Igreja diocesana, que a fizeram experimentar o gosto amargo da dor. A Igreja particular<sup>363</sup> de Volta Redonda, junto com seu bispo, assumiu o papel de porta-voz daqueles que eram perseguidos, torturados e assassinados pelo regime militar. O preço desse compromisso foi a perseguição. D.Waldyr destaca que toda a violência vivida nesses tempos, na verdade, “(...) *era contra o trabalho da Igreja, não era um caso individual, contra o bispo. Era o trabalho da Igreja que incomodava, que nas suas comunidades de base, via tudo aquilo que era injustiça. Sofremos perseguição por sermos atuantes*”<sup>364</sup>. A Igreja no entanto, apesar de perseguida, caminhava e crescia.

Para representar a alegria de ser uma Igreja no meio dos pobres, nasce a partir da periferias, o participativo e dinâmico movimento das comunidades eclesiais de base em Volta Redonda. Preparando o momento para o nascimento dessas comunidades, internamente a Igreja de Volta Redonda, passa por uma estruturação que vem fortalecer sua unidade frente aos desafios desta época conturbada e antecipavam os caminhos de uma igreja participativa.

### **3.4. Volta Redonda: A cidade-paróquia**

Ao mesmo tempo que essas arbitrariedades e atritos aconteciam, articulava-se em Volta Redonda, a primeira tentativa de superação do sistema paroquial tradicional.

---

<sup>363</sup> Este termo refere-se ao sentido de diocese ou Igreja local, pois ela é uma totalidade eclesial onde se fazem presentes as funções essenciais de toda a Igreja autônoma e relativamente madura, particularmente o magistério apostólico, representado pelo bispo. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, ‘CEB; Unidade Estruturante da Igreja’ in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 185

<sup>364</sup> Cf. entrevistas realizadas em 26/11/99 e 18/10/00

Para implementar seu projeto pastoral, estimular uma maior participação dos leigos nas decisões, operacionalizar uma descentralização do poder e a articulação de um trabalho em grupo e organizado entre padres, religiosas e leigos, a Igreja de Volta Redonda articula uma importante mudança a partir no ano de 1969: a implantação de uma nova estrutura organizacional, a paróquia única<sup>365</sup>, abandonando a estrutura tradicional e hierarquizada das antigas paróquias.

Pedro R. de Oliveira destaca que a adoção deste modelo de paróquia única, tinha como uma de suas finalidades, unificar ação da Igreja na cidade, obtendo assim maior capacidade de resistência às violações do direitos humanos cometidas pelo governo militar e seus pressupostos na cidade e na Companhia Siderúrgica Nacional<sup>366</sup>. Era necessário aglutinar todas as forças naquela época de fogo!

Um relatório apresentado por um padre, apontava esta característica do projeto de paróquia única: *‘Se nós de fato chegarmos a nos armar assim num esforço comum espero muito da Igreja em Volta Redonda. Podemos criar um ambiente verdadeiramente cristão, principalmente pelas pequenas comunidades de base, que se tornarão um poderoso fermento na massa. Nossa ação pastoral levará a um cristianismo autentico. (...) poderemos ser mais Igreja de Cristo do que temos sido até agora’*<sup>367</sup>

O projeto era arrojado e inovador: ao invés de paróquias, desarticuladas e trabalhando isoladamente, a cidade passa a ser uma única paróquia, tendo à frente o bispo, com a colaboração de presbíteros, religiosas e agentes de

<sup>365</sup> Após a implantação deste projeto em Volta Redonda, a diocese inteira passou por uma reorganização geral de suas paróquias, adequando-as às novas condições sociais. Vide Decreto de Reestruturação das Paróquias da Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, 21.11.1971; A experiência da organização da paróquia única foi articulada na cidade de Barra do Pirai em 1984. Cf VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, 1999

<sup>366</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, ‘CEB; Unidade Estruturante da Igreja’ in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 164

<sup>367</sup> Relatório Cidade-Paróquia, 29.09.69

pastoral<sup>368</sup>. A experiência de ‘fraternidade’, que havia inspirado D. Waldyr, conforme seu próprio relato, nos primeiros anos de sacerdócio, o estimulara a ousar realizar este projeto em toda cidade de Volta Redonda.

Desde a chegada do novo bispo, a diocese foi dividida em quatro regionais<sup>369</sup>: Volta Redonda, Barra Mansa, Barra do Pirai e Resende. Em cada um destes regionais se criou a Coordenação Regional Pastoral, formada pelos representantes de cada paróquia, havendo ainda um coordenador pastoral regional, juntamente com dois secretários. Esta coordenação de todos os regionais se reúne na Coordenação Diocesana de Pastoral e no Conselho Diocesano de Pastoral<sup>370</sup>.

Desde 1967, o clero diocesano passou a se reunir quinzenalmente com o objetivo de discutir o trabalho em conjunto. Estas reuniões aconteciam ora com a presença dos leigos, ora somente com os padres. Depois de dois anos, observou-se a possibilidade de instalar a paróquia única, tendo o inicialmente o bispo como responsável<sup>371</sup> pela coordenação de toda a cidade-paróquia.

Segundo Pedro R. de Oliveira<sup>372</sup>, novidade de tal iniciativa é deslocar o eixo de preocupações da divisão territorial tradicional para as comunidades cristãs. Importava menos o respeito aos limites de território que separavam uma paróquia da outra, do que a ação voltada para o interesse da comunidade.

---

<sup>368</sup> Cf Projeto do Decreto de Unificação das Paróquias de Volta Redonda

<sup>369</sup> Esta divisão vigora ainda hoje. Em 1977, discutiu-se a fusão dos regionais de Barra Mansa e Volta Redonda, no entanto esta proposta foi rejeitada pelos dois regionais, devido às diferentes realidades de cada cidade. Boletim Diocesano, nº 100, junho de 1977.

<sup>370</sup> É um conselho formado pelo bispo, vigários gerais e episcopais, coordenadores do regional, secretários dos conselhos regionais, secretária da pastoral diocesana, que se reúne anualmente com objetivo de avaliar o PPD (Plano Pastoral Diocesano), oferecendo dados para uma pastoral orgânica da diocese, e preparar a Assembléia Diocesana. Boletim Diocesano, nº 83, 1976, p. 86.

<sup>371</sup> Cf. Relatório Visita ‘Ad Limina’, 1980. Relatório quinquenal que é levado geralmente pelo bispo local ao Papa em Roma, descrevendo o perfil da diocese e os trabalhos pastorais realizados por ela no período. Este foi o primeiro relatório enviado pela diocese. A resposta do Cardeal Ganhim, Diretor da Sagrada Congregação para os Bispos, ao relatório enviado pelo bispo, gerou entre o clero diocesano uma atitude de indignação, pois este Cardeal afirma que a Igreja diocesana vem realizando seu trabalho, “(...) não obstante os equívocos do passado”, numa alusão aos embates travados pelo bispo contra a ditadura instalada no Brasil. Cf Carta do Cardeal Ganhim ao Bispo D. Waldyr Calheiros em 28.01.88 e Carta dos padres diocesanos, enviada ao Sr. Cardeal, Volta Redonda, 04/05/88.

A partir deste projeto, pioneiro em todo o país e ousado nos seus objetivos, a diocese opta por organizar-se em redes de comunidades<sup>373</sup>. Segundo depoimento do bispo D. Waldyr, a diocese de Volta Redonda foi uma das pioneiras na implantação deste modelo de organização, ocorrendo paralelamente ao processo que se desenvolvia na arquidiocese de Vitória-ES, sob a coordenação de D. Luís Guimarães.

Esta reformulação na estrutura da Igreja na cidade de Volta Redonda foi amplamente preparada e discutida com sacerdotes e leigos das diversas comunidades religiosas. O engajamento e participação de todos era fundamental para o sucesso da experiência que se implantava.

Em comunicação aos diocesanos, D. Waldyr comunica as mudanças acontecidas: “(...) *A partir desta data, 1/1/1969 as paróquias de Santa Cecília, N. S. da Conceição, N. S. Aparecida, S. Antônio, S. Sebastião, passarão a se constituir a única paróquia, com a Co-Catedral de N. S. das Graças, cujos limites geográficos passam coincidir com os atuais limites do Município de Volta Redonda, revogando tudo que possa haver em contrário*”<sup>374</sup>, dessa maneira toda a cidade de Volta Redonda passa a ser organizada numa única paróquia, representando na prática a integração das cinco antigas paróquias com suas respectivas capelas e salões comunitários. Dessa forma “ (...) *a Igreja-instituição perde o seu protagonismo autoritário e se engasta mais funcionalmente na Igreja-povo de Deus*”<sup>375</sup>. Essa nova articulação descentraliza as decisões e democratiza o poder na diocese, além de fortalecer a própria Igreja local, comprovando esta nova situação, a coordenação das atividades da cidade-paróquia, ficou a cargo de um Conselho, eleito nas respectivas comunidades.

---

<sup>372</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, ‘CEB; Unidade Estruturante da Igreja’ in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 164

<sup>373</sup> Pedro de Oliveira destaca que a nova organização em forma de rede, caracteriza-se por serem seus componentes básicos autogovernados e auto-sustentados, interligados por meio de instâncias facilitadoras mas não interligadas (isto é, sem poder decisório). Ibidem. Conforme ainda D. Waldyr afirma em entrevista realizada em 26/11/99.

<sup>374</sup> Comunicado aos Diocesanos de Volta Redonda, 1º de janeiro de 1969

<sup>375</sup> MONTENEGRO, João Alfredo. A Evolução de Catolicismo no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1972, p.. 182



A implantação da experiência de paróquia única, está diretamente vinculada ao nascimento das comunidades eclesiais de base em Volta Redonda. Uma pesquisa realizada em 1969, avaliou os primeiros momentos da experiência da paróquia única em Volta Redonda e atesta esta afirmação.

O objetivo desta pesquisa era o levantamento de propostas e os caminhos a serem seguidos na implantação do projeto que se iniciava. O resultado dos questionários apresentados pelos leigos, padres e religiosas, apontou claramente para a necessidade de consolidar a paróquia única e a concretização da pastoral de conjunto, tendo como meta: a integração da Igreja na realidade, segundo as diretrizes do Vaticano II e de Medellín; uma Igreja sem clericalismo, à serviço do homem, solidário com os pobres e testemunha do Reino de Deus. O relatório apresentado pela comunidade São Sebastião no Retiro, é definidor deste desejo: *“(...)Conhecemos todas as dificuldades (...) e apesar disto gostaríamos que a Igreja partisse para uma presença autêntica e marcante entre nós, fazendo com que as diretrizes do Vaticano II, de Medellín (...) não continuassem como apenas com belos documentos para a posteridade”*<sup>376</sup>

Os meios apontados como necessários para atingir estes objetivos eram a formação de Comunidades Eclesiais de Base, como expressões da igreja adaptada à realidade, valorização do leigo e conscientização do povo e do clero. O relatório de padre Arnaldo, pároco da Igreja de Santa Cecília é sintomático desta necessidade: *“Para concretizar este objetivo devemos, sob risco de fracassar, dar prioridade, descobrir e incentivar, de qualquer jeito, as comunidades de base (sic), por todos os recantos da cidade”*<sup>377</sup>. As Cebs começam a sair dos projetos para se tornarem realidade.

O sucesso do projeto de unificação das paróquias de Volta Redonda pode ser medido pelos resultados obtidos anos após a implantação do projeto, onde se percebe apoio do clero nas comunidades e trabalhos pastorais, decisão

---

<sup>376</sup> Avaliação da Paróquia-Cidade, Relatório da Comunidade São Sebastião- Retiro, 01.10.1969

<sup>377</sup> Avaliação da Paróquia-Cidade Relatório da Comunidade de Santa Cecília, 02.10.1969

conjunta nas diversas pastorais, dinamização das comunidades de base nos bairros da periferia e com melhor acompanhamento do clero nessas comunidades<sup>378</sup>.

O nascimento das comunidades eclesiais de base em Volta Redonda, está inserido dentro do processo geral de nascimento desse movimento em todo país.

Referindo-se ao início de seu trabalho em Volta Redonda, D. Waldyr relata que os dois primeiros anos de seu trabalho, 1967 e 1968, foram sobretudo de adaptação e conhecimento da realidade diocesana. Este período, como vimos anteriormente, foi marcado pela repressão e perseguição à igreja local

Uma visão da Igreja de Volta Redonda deste período inicial, após a chegada de D. Waldyr Calheiros à diocese, nos é dada por uma pesquisa realizada em todas as comunidades da cidade em 1969<sup>379</sup>. Os dados apontam que a Igreja, neste período, tinha uma forte ação voltada para as atividades pastorais internas como preparação para o batismo, 1ª comunhão, catequese e grupos de jovens, estudos bíblicos e em menor escala, preparação para o crisma.

A atuação de movimentos leigos tradicionais, também é percebida de maneira acentuada nestas comunidades, como destaque para o Apostolado da Oração, Legião de Maria e em escala reduzida Movimento Familiar Cristão e Congregação Mariana. O trabalho social dessas comunidades era monopolizado pela Sociedade São Vicente de Paula, popularmente conhecida como Vicentinos, que existiam na grande maioria das comunidades (8 grupos), desenvolvendo um extenso trabalho de assistência social. Os questionários respondidos pelas comunidades revelam que estas ainda desenvolviam no campo social, um extenso programas de cursos que englobava as áreas de educação primária e jardim de infância, passando por cursos na área profissionalizantes como corte e costura,

---

<sup>378</sup> Cf. ata do Conselho Regional Pastoral, em 26.10.1970 e Relatório 'Ad Limina', 1980

<sup>379</sup> Nesta época as comunidades existentes em Volta Redonda eram as seguintes: N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida-Bairro São João, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição-Conforto, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças- Jardim Paraíba, São Sebastião-Retiro, Santo Antônio- Niterói, Santa Cecília- Vila Santa Cecília, Santo Agostinho- Bairro Santo

sapateiro, culinária, enfermagem manicura, etc<sup>380</sup>. Este conjunto de dados nos mostram que a grande maioria das comunidades religiosas da cidade ainda se caracterizavam como paróquias tradicionais: sacramentalista, clerical, centralizadora e assistencial<sup>381</sup>

Percebe-se neste levantamento realizado pela Cúria Diocesana, a referência ‘comunidade de base’, aplicada à uma das atividades executadas pelas igrejas locais. Segundo o levantamento<sup>382</sup>, seis comunidades pesquisadas apontava a existência de tais comunidades de base, enquanto que as outras 5 não assinalavam a presença dessas mesmas comunidades. Vale destacar que a utilização desse termo não se aplica corretamente às comunidades neste período, haja visto que essas comunidades não apresentavam as características básicas de uma autêntica Ceb. As comunidades eclesiais de base somente eram ainda um projeto que se delineava.

A realização da Conferência Episcopal latino-americana em Medellín, movimentou a Igreja em toda a América Latina. Em Volta Redonda, a conferência foi precedida por uma série de debates nas igrejas diocesanas e encontros preparatórios, que discutiam as experiências realizadas e as propostas concretas de ação.

A importância desta conferência episcopal reflete-se no fato que ela alterou completamente o cenário religioso em nosso continente. Se antes dela, a paróquia era a estrutura fundamental da Igreja, com esta conferência, começa a se

Agostinho, São Miguel- Vila Americana, Bom Jesus- Água Limpa, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida- Pinto da Serra e São Geraldo, Vila São Geraldo

<sup>380</sup> Cf. Levantamento Volta Redonda – Cidade Paróquia, setembro de 1969 e questionários respondidos pelas comunidades: N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças, São Sebastião, Santo Antônio, Santa Cecília, Santo Agostinho- São Miguel, Bom Jesus- Água Limpa, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida- Pinto da Serra e São Geraldo.

<sup>381</sup> Vide conceito de paróquia tradicional. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, ‘CEB; Unidade Estruturante da Igreja’ in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 186

<sup>382</sup> Um dado curioso nos relatórios apresentados pelas comunidades da cidade, refere-se ao fato de que muitas dessas comunidades situadas na região central da cidade e cuja maioria dos participantes pertencia à classe média, apontavam a existência de comunidade de base em sua estrutura, provavelmente pelo fato de existir (em) grupo(s) de reflexão nestas comunidades.

falar em comunidade de base, ou comunidade eclesial de base como o primeiro e fundamental núcleo eclesial, a “*célula inicial de renovação eclesial*”<sup>383</sup>.

As Cebbs surgiram institucionalmente em Medellín, com o reconhecimento pela Igreja de algumas tentativas que já existiam na América Latina. Nesta Conferência, A Igreja latino-americana em Medellín anuncia também sua opção preferencial pelos pobres e pela comunidade de base, que é segundo Faustino Teixeira, “(...) *a maneira de os pobres serem Igreja*.”<sup>384</sup>

Os reflexos desta conferência na diocese foram extremamente benéficos e imediatos, sendo suas conclusões logo foram colocadas em prática. Segundo o relato do bispo, “(...) *em 1969 chegou os documentos (da Conferência de Medellín) em nossas mãos. Então nós começamos a trabalhar com os agentes de pastoral. No início de 1970 começamos a discutir sobre as Cebbs e chamamos aqui pessoas que eram especialistas em Cebbs.*”

Um padre diocesano em 1969, `a exemplo de tantos outros, já situava a necessidade e a importância da formação das novas comunidades de base: “(...) *Esta é a hora da ação (Medellin). Devemos criar pequenas comunidades, vivas e atuantes, em toda (sic) a cidade*”<sup>385</sup>, sugerindo ainda os meios para se organizar estas novas comunidades, estabelecendo que cada sacerdote será responsável de formar pequenas comunidades de base na sua área local.

O nascimento das primeiras comunidades de base aconteceria a partir do momento que os diocesanos refletissem sua realidade e buscassem soluções para seus problemas. Com o intuito de despertar consciências, a diocese investia<sup>386</sup> profundamente na formação de grupos de reflexão, encontro de pessoas que se reuniam periodicamente para ler a Bíblia e confrontá-la com a realidade: “(...) *a Bíblia e a vida. Então agente lia um trecho da Bíblia e*

<sup>383</sup> Documentos de Medellín- 15, 10.

<sup>384</sup> TEIXEIRA Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebbs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1ª edição, 1988, p. 293

<sup>385</sup> Avaliação da Paróquia-Cidade, Relatório de padre Arnaldo, 29.09.1969

<sup>386</sup> Cf. entrevista de D. Waldyr, Jornal Zero Hora, 29.09 a 05.10.1973

*procurava ver onde aquilo se aplicava na vida. (...) no início agente se reunia nas casas deles ou nas capelas, como é até hoje. Depois se desenvolveram, foram se firmando, a consciência foi se abrindo e hoje o processo está consolidado. Volta Redonda ficou cercada de um trabalho de base na periferia”;*<sup>387</sup> explica D. Waldyr, lembrando o trabalho dos primeiros grupos de reflexão, que depois se tornaram grupos de base, com uma ativa atuação na sociedade. Os embriões das futuras comunidades eclesiais de base começavam a serem formados neste período.

Desde o final dos anos sessenta estes grupos começavam então a se espalhar timidamente pela cidade. Os primeiros números em 1972, revelam a existência de cerca de 20 grupos na cidade de Volta Redonda, agrupando cerca de 300 pessoas<sup>388</sup>, um número reduzido, se comparado ao número de habitantes da cidade e daqueles que se assumiam enquanto católicos<sup>389</sup>.

Neste ano ainda, nas comemorações do cinquentenário aniversário de criação da diocese, a Igreja local decide impulsionar tais grupos, propondo a realização do ‘1º Plano de Evangelização da Diocese’<sup>390</sup>, divulgado pelo boletim diocesano<sup>391</sup>, e que previa a organização de novos grupos de reflexão e a

<sup>387</sup> Entrevista realizada em 19.10.00

<sup>388</sup> Estes grupos encontravam-se nas seguintes comunidades: Com. S. Sebastião- Retiro: 4 grupos, totalizando 92 pessoas; Com. N. S. Graças: 8 grupos, totalizando 96 pessoas; Com. Santa Cecília: 5 grupos, totalizando 70 participantes; Com. Vila Americana, 1 grupos, totalizando 12 pessoas. Existem ainda 2 grupos, totalizando 30 pessoas. Boletim Diocesano, nº 13, agosto de 1972.

<sup>389</sup> De acordo com o Censo-1970, Volta Redonda possuía cerca de 126.805 habitantes. A população católica de Volta Redonda era estimada em cerca de 108.022 membros. Um levantamento realizado em outubro de 1973, na cidade de Volta Redonda, revelou que a frequência média às missas dominicais era de cerca de 17.100 pessoas, equivalendo a quase 16% da população católica do município, dos quais nem 2% estavam envolvidos nos grupos de base da Igreja. Convém lembrar que é católico, neste caso específico, quem, tendo recebido o Batismo, não se excluiu nem foi excluído da Igreja, ainda que não a frequente

<sup>390</sup> Este Plano de Evangelização consta como uma das propostas levantadas pelo CERIS (Centro de Estudos e Investigação Religiosa), numa pesquisa realizada com sacerdote e leigos da diocese, realizado no final de 1971

<sup>391</sup> Este periódico começou a ser publicado em 1970, com o título Boletim Informativo da Cúria. Em agosto de 1971 adota o nome ‘Caminhando”, permanecendo com esta denominação até fevereiro de 1973, quando assume o nome Boletim da Diocese de Barra DO Pirai-Volta Redonda. Em 1974, muda o nome definitivamente para Boletim Diocesano. A partir deste momento esta publicação se direciona principalmente para os assuntos diocesanos, com especial enfoque nas comunidades eclesiais de base. Em 1977, esta publicação recebeu elogios de uma avaliação realizada entre periódicos do gênero pela UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social, apontado como destaque, pelo seu compromisso social com as classes marginalizadas. Cf. Boletim Diocesano, nº 168, p. 06

dinamização dos já existentes, com o objetivo aprofundar a fé do povo e sua participação na Igreja<sup>392</sup>. O citado Plano utilizava-se da “(...) *valorização de leigos evangelizadores que devem dirigir os grupos e formação de grupos em casa, bairros, vilas, para se reunirem mensalmente em círculos*”<sup>393</sup>, para atingir o objetivo almejado.

Além de tudo, o acompanhamento e a assessoria desses grupos também foi uma preocupação e prioridade para a Igreja diocesana, que enxergava nesses grupos a célula da mudança e da renovação eclesial. Em 1973, a Coordenação Pastoral decide, à título de sugestão, traçar uma linha de reflexão e indicar textos a serem seguidos pelos diversos grupos, com o objetivo de dinamizar e estimular um esforço de reanimação desses grupos de reflexão<sup>394</sup>.

### **3.5. A Valorização do Leigo nos Projetos das Cebbs**

Para dinamizar a atuação dos grupos de reflexão e objetivando a implantação das comunidades eclesiais de base, a Igreja se pautou também pela valorização e capacitação do leigo, visto como um elemento chave na pastoral diocesana. Isto fica evidente quando a diocese incluiu esta temática em sua agenda: “(...) *há um esforço (sic) geral num sentido de que os leigos participem mais nos problemas de sua Igreja (...) Pede-se que não seja apenas observadores, mas sim participantes (...) gente que fale e ajude a refletir*”<sup>395</sup>. A ativa participação do leigo era uma exigência da renovação eclesial que se desenvolvia. Desde cedo então, se pensou na capacitação de lideranças leigas, com a organização de ‘cursos de treinamento de lideranças’ direcionados aos

---

<sup>392</sup> Boletim Diocesano, nº 09, abril de 1972

<sup>393</sup> Plano de Evangelização Para o Ano Cinquentenário da Diocese

<sup>394</sup> Boletim Diocesano, nº 19, fevereiro de 1973

<sup>395</sup> Ibidem, nº 05, maio de 1970

animadores de todas as comunidades da cidade, realizados duas vezes por mês a partir de 1970<sup>396</sup>.

Uma reunião diocesana<sup>397</sup>, realizada em 1971 e que se propunha a discutir o tema “ Qual a missão da Igreja e o que a Igreja Diocesana está fazendo para realizar sua missão: sinal entre os homens e destes com Deus”, expõe a problemática do trabalho pastoral e questionava até que ponto realmente se organizava uma Igreja comunitária na diocese. Diagnosticou-se nesta reunião, que os leigos ainda não eram valorizados, porém iniciava-se, em pequena escala, uma formação voltada para este objetivo. A inserção da Igreja na realidade social, também em escala limitada, também foi destacada. O trabalho estava apenas começando.

Aos poucos, porém o leigo foi ocupando seu espaço e assumindo seu papel na construção de um igreja participativa. Sintomático deste momento foi a situação vivida pela comunidade São Miguel Arcanjo, no bairro Vila Americana, periferia da cidade. A comunidade era assistida por padres jesuítas da comunidade vizinha de Três Poços. Com a saída desses padres, ela passou a contar precariamente com o acompanhamento dos padres diocesanos, que em pequeno número, não conseguiam atendê-la. O desafio estava lançado e sentindo a dificuldade, os próprios leigos da comunidade resolveram assumir os trabalhos pastorais, celebrando a palavra, organizando a liturgia, batizados, catequese, etc

<sup>398</sup> .

### **3.6. A Formação de Lideranças Populares e a Geração das Primeiras Comunidades de Base**

---

<sup>396</sup> Este curso, que atingia cercada 52 líderes das comunidades na cidade, acontecia regularmente na 1ª e 2ª semana de cada mês. Boletim Diocesano, nº 03, fevereiro de 1970 e Atas do Conselho Regional Pastoral, 08.05.1970 e 16.06.70

<sup>397</sup> Esta reunião é apresentada no informativo da diocese como uma Assembléia da Diocese, porém oficialmente a 1ª Assembléia Diocesana ocorre somente em 1975. Tratava-se portanto de uma reunião da diocese. Boletim Diocesano, nº 03, 1971

<sup>398</sup> Ibid idem, nº 24, dezembro de 1973

Como já afirmei antes, desde 1969, após a implantação do projeto de paróquia única, já se objetivava claramente entre o clero diocesano, a disposição de se formar comunidades de base, vistas como o elemento fundamental da Igreja.

Para concretizar este objetivo, desenvolveu-se a partir deste momento, uma ação voltada para a capacitação do leigo e o trabalho popular, preocupações marcantes na Igreja de Volta Redonda desde o início das mudanças em sua estrutura. Muito presente na memória de uma antiga militante na cidade, foi a realização de um curso de formação de lideranças, com a coordenação de Lauro de Oliveira Lima, em meados de 1968: *“(...) Nesta época participei de um curso de formação de lideranças com Lauro de Oliveira, coqueluche do momento,(...) o curso era dado no bispado, `a noite, discreto, reservado, a repressão tava em cima. Eram duas turmas de 30-40 pessoas. Foi um curso intensivo de uma semana. Era para preparar as lideranças para trabalhar com o povo, (...) técnicas de dinâmica para motivar o grupo, abordando temas e conteúdos populares”*<sup>399</sup>

De fato, para implementar essas mudanças, e também para a acompanhar o trabalho pastoral nas nascentes comunidades eclesiais de base é necessário uma melhor preparação e capacitação dos agentes de pastoral envolvidos neste processo. Estes agentes terão um papel fundamental na implantação do projeto das Ceb's, atuando como o 'intelectual orgânico' nos moldes gramscianos: moram no bairro, compartilham da vida do povo, sua linguagem e seus costumes. Segundo Sidney Jairo<sup>400</sup>, a importância desses agentes reside no fato que eles devem atuar no sentido de estabelecer relações entre as lutas particulares da comunidade e o jogo político mais geral. A integração dessas duas realidades, estanques na consciência das

---

<sup>399</sup> Entrevista com Maria das Dores Motta, realizada em 11.12.00



classes mais baixas, exige do agente de pastoral, um profundo conhecimento dos mecanismos de funcionamento própria realidade e também da situação vivida pelo grupos e comunidades de base, para que possa se estabelecer uma relação dinâmica entre uma esfera e outra.

Para atingir o objetivo da capacitação dos agentes de pastoral, a Igreja diocesana contou então com o apoio de uma ativa e experiente assessoria de teólogos, sociólogos e educadores populares para atingir este objetivo. Vários entrevistados<sup>401</sup> apontaram a participação desses assessores externos, em sintonia com o conjunto de mudança que ocorria na Igreja brasileira, como essencial para o incentivo do trabalho pastoral neste período.

Lauro de Oliveira Lima<sup>402</sup> assessorou a diocese nesta fase inicial de trabalho, até meados de 1976. A contribuição do Frei Carlos Mesters, que assessorou a diocese por vários anos<sup>403</sup>, acompanhando grupos de reflexão, organizando estudos bíblicos<sup>404</sup>, ministrando palestras<sup>405</sup> e interpretando a bíblia numa linguagem popular<sup>406</sup>, foram fundamentais neste projeto que se executava. Seus livros inclusive eram utilizados como subsídios para as discussões dos grupos de base da cidade<sup>407</sup>. Além desses, vários outros contribuíram diretamente com este processo. Leonardo Boff, Riolando Azzi, João Batista Libanio, Clodovis Boff, Pedro de Oliveira e outros, eram presença constante no Regional de Volta Redonda, ministrando cursos, encontros, assessorando assembléias, etc.

Além dessa assessoria especializada, foi extremamente importante, à exemplo do que ocorria em outras dioceses brasileiras, a participação de religiosas de diversas congregações religiosas que chegaram em Volta Redonda,

---

<sup>400</sup> SIDNEY, Jairo C. "Igreja e Mobilização Popular" in Dosssê CPV-1985, Comunidades Eclesiais de Base e Movimento Popular, p. 11

<sup>401</sup> Cf entrevistas realizadas com D. Waldyr Calheiros, padre Normando, Olívia Barreto, Edson Santana

<sup>402</sup> Educador com larga experiência no trabalho popular. Inspirado em Paulo Freire criou, uma dinâmica própria de trabalho adequada ao meio popular.

<sup>403</sup> Cf. Boletins Diocesanos e Atas de Reuniões do Conselho Diocesano de Pastoral no período

<sup>404</sup> Os cursos bíblico de Carlos Mesters tinham uma aceitação muito boa entre os diocesanos. Num curso realizado em novembro de 1970, houve a participação de cerca de 270 pessoas, além de sua presença constante na assessoria diocesana. Boletim Diocesano, dezembro de 1970

<sup>405</sup> Ibid idem, nº 24, dezembro de 1973

<sup>406</sup> Vide Boletim Diocesano, nº 08, agosto de 1971.

<sup>407</sup> Ibid idem, nº 03, fevereiro de 1971

a partir do ano de 1970, estimuladas pelo processo de renovação pastoral que aqui se desenvolvia, englobando mudanças na liturgia, catequese, batismo e outras pastorais.

É importante destacar que fundamentalmente a construção das Cebs no Brasil foi um trabalho de mulheres. Os dados apontam que atualmente a grande maioria dos participantes dessas comunidades em Volta Redonda, como em todo Brasil, pertencem ao sexo feminino<sup>408</sup>

Estas religiosas foram imprescindíveis na organização das incipientes comunidades de base. A febre de renovação que inspirou o trabalho dessas religiosas, estimulou-as a morar na periferia da cidade, fazendo uma opção radical por uma vida de testemunho na pobreza. Desenvolviam uma ação evangelizadora, conscientizadora e educadora na base, através de uma experiência de aproximação direta com essas comunidades<sup>409</sup>, elegendo a periferia como o campo prioritário de sua atuação<sup>410</sup>. Constituíam-se nas chamadas comunidades ‘inseridas nos meios populares’, termo adotado internamente na Igreja para referir-se à elas.

Destaca-se neste contexto, a presença das religiosas da Congregação Sacramentinas de Jesus Crucificado, que acabaram assumindo as atividades pastorais na comunidade São Geraldo, bairro de classe média; das Dominicanas que atuaram inicialmente na comunidade São Sebastião-Retiro; das Sacramentinas de Nossa Senhora, que assumiram o planejamento e o trabalho da

---

<sup>408</sup> vide quadros em anexo

<sup>409</sup> Sobre este tipo de atuação desenvolvido pelas religiosas vide NUNES, Maria José Rosado. ‘Freiras no Brasil’ in PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos), História das Mulheres no Brasil, São Paulo, Contexto, 3ª ed., 2000 e PAIVA Vanilda, Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais - Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991

<sup>410</sup> Vale destacar que em muitos casos em Volta Redonda, os padres recebiam remuneração por seus serviços, algo em torno de dois salários mínimos, enquanto que algumas religiosas sequer eram remuneradas, sendo mantidas por suas congregações. Segundo Nunes, a ideologia do ‘serviço’ pode explicar esta diferença e sua aceitação pelas religiosas, insinuando também discriminação na Igreja. NUNES, Maria José Rosado. ‘Freiras no Brasil’ in PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos), História das Mulheres no Brasil, São Paulo, Contexto, 3ª ed., 2000

comunidade Santo Agostinho<sup>411</sup>; além também das religiosas da congregação Missionárias de Jesus Crucificado, que trabalhavam depois nas comunidades de São Sebastião e Vila Mury. Dessa forma diversas comunidades, como ainda hoje, são acompanhadas por religiosas, além de suas atividades em outras esferas da vida eclesial.

Preferencialmente, estas irmãs se concentraram na cidade de Volta redonda. O bispo explica porque este fato ocorreu: “(...) começaram a chegar freiras e padres que se interessavam por este trabalho popular. E eu comecei a distribuí-los por perto de minha vista ( em Volta Redonda), para que eu pudesse diretamente apoiá-los; por que em outros municípios já é mais difícil o meu apoio”<sup>412</sup>.

**Um importante trabalho na construção de comunidades eclesiais de base foi realizado pelas irmãs Cândidas e Margarida, no bairro Santo Agostinho, uma das regiões mais pobres e violentas da cidade. Um membro da comunidade, sobre o início desses trabalhos destaca: “(...) fazíamos reuniões nas casas e nas ruas, já que não havia nem Igreja direito”<sup>413</sup>. O projeto dessas irmãs, baseou-se na formação de diversos grupos**

---

<sup>411</sup> As irmãs Maria Cândida Pereira e Margarida Maria de Jesus, chegaram nesta comunidade no dia 13.02.1971,. Livro de Atas do Conselho Comunitário da Com. Eclesial Santo Agostinho, p. 12

<sup>412</sup> Entrevista realizada pelo Jornal Pé da Serra, julho de 1982

<sup>413</sup> Depoimento informal em 29.01.01

## de base no bairro e estruturação de um conselho comunitário<sup>414</sup> na comunidade<sup>415</sup>.

Muitos entrevistados, destacam este trabalho realizado no bairro Santo Agostinho como um dos mais importantes do período e apontam esta comunidade como referência na questão da organização e lutas travadas pelas Cebs nesta época<sup>416</sup>. O trabalho dessas religiosas foi reconhecido por várias pessoas que viveram esta experiência, conforme relato de um membro da comunidade Santo Agostinho: *“No início houve muita resistência, as mudanças foram muito rápidas, o povo não tava preparado, (...) não aceitava política na Igreja (...) não aceitava a retirada dos santos, das imagens (...) minha mulher mesmo, ficou quatro anos sem vir na missa. (...) Com o trabalho, elas ensinaram o pessoal a lutar pelo bem comum (...) o pessoal se conscientizou que tinha que ser assim mesmo”*<sup>417</sup>

De fato no início da implantação do projeto das Cebs, as dificuldades foram muitas, mesmo por que a relação Cebs e religiosidade popular foram até certo ponto conflituosas. Segundo Regina Novais<sup>418</sup>, este processo aconteceu pois em alguns locais a religiosidade popular foi subestimada e até mesmo, como no nosso caso, exorcizada por ser alienante. Não houve discernimento ou preocupação explícita para distinguir elementos libertadores e alienantes da religiosidade popular. Apesar dessas dificuldades iniciais, o trabalho prosseguiu e começaram a aparecer os primeiros resultados. As lutas de por melhores

<sup>414</sup> Núcleo coordenador de uma comunidade eclesial de base, formado pela equipe de coordenação da comunidade, representantes das equipes pastorais ou movimentos reconhecidos pela organização pastoral da Diocese agente(s) de pastoral que acompanham comunidade. Diretrizes Pastorais – 10ª Assembléia Diocesana, p. 10 e 11

<sup>415</sup> Livro de Atas de Reuniões do Conselho Paroquial da Comunidade Santo Agostinho, p. 35 e 38.

<sup>416</sup> Cf. entrevistas realizadas com padre Normando, Olívia Barreto, irmã Martha Dale, Sra. Elzira

<sup>417</sup> Entrevista de Sr. Santinho realizada em 29.01.01

<sup>418</sup> Esta questão está inserida no contexto do encontro entre o ‘racionalismo pastoral’ dos agentes e o ‘universo simbólico’ do povo, sendo esta questão apontada atualmente como um dos grandes desafios da pastoral popular. Como propiciar a “ (...) a interfecundação entre as Cebs e a religião popular, entre o evangelismo das Cebs e o misticismo destas?”. NOVAIS, Regina. ‘Nada será como antes entre urubus e papagaios’ in TEIXEIRA, Faustino L. C. Cebs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993, p. 92 e 93.

condições de vida, encontrou apoio nesta comunidade eclesial, que organizou abaixo assinados, passeatas, protestos pela implantação da rede de água, esgoto, contra a violência, etc<sup>419</sup>.

A partir de meados de 1976, um importante passo na formação dos agentes de pastoral foram os trabalhos desenvolvidos pela equipe NOVA, especializada em assessoria à movimentos populares, com pedagogia inspirada no método Paulo Freire, que acompanhou a Igreja diocesana até por volta de 1984. Esta equipe desenvolveu um trabalho, de acordo com a unanimidade dos entrevistados, extremamente competente, voltado para a formação de agentes populares, baseada numa pedagogia popular e assessoria sócio-econômico-política.

Além de buscar assessoria externa, a Igreja diocesana também se organizou internamente com objetivo específico de formar agentes de pastoral e assessor as diversas comunidades da cidade, com a criação no ano de 1975 do IDP - Instituto Diocesano de Pastoral<sup>420</sup>.

A troca de discussões e de experiências com outras Igrejas diocesanas, também fez parte da articulação desse amplo processo de formação desta 'nova maneira de ser Igreja'. Em 1972 estiveram presentes na cidade, os bispos D. Luís Fernandes, Bispo Auxiliar de Vitória e D. Antônio Fragoso, bispo de Crateus<sup>421</sup>, que participaram de debates, com a presença do clero, religiosas e leigos, sobre o trabalho pastoral e organização das comunidades eclesiais de base<sup>422</sup>.

---

<sup>419</sup> Cf. depoimento informais de membros da comunidade e Livro de Atas de Reuniões do Conselho Paroquial da Comunidade Santo Agostinho

<sup>420</sup> Este grupo de trabalho promovia em toda diocese um asérie de encontros voltado spara formação e assessoria de padres, religiosas e leigos, abordando questões relativas à comunidades de base, formação política, teológica, etc. Dedicava-se ainda à preparação de materiais, apostilas e subsídios para reuniões. Relatórios de Atividades do IDP, 1976 a 1979.

<sup>421</sup> Vale destacar que estes bispos são conhecidos como grandes incentivadores das Cebbs, e a exemplo da igreja de Volta Redonda, são pioneiros na implantação dessas comunidades no Brasil. Vide BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997.

<sup>422</sup> Boletim Diocesano, nº 15, outubro de 1972. O bispo local também participava de vários encontros na Igreja abordando a problemática das Cebbs. Vide Boletim Diocesano, nº 12, julho de 1972.

### 3.7. As Periferias: O Lugar Social de Nascimento das Cebbs

Abordado o contexto intra-ecclesial vivido pela Igreja Diocesana, que preparou a emergências das comunidades eclesiais de base, é necessário agora discutir o lugar social de nascimento das comunidades de base: a periferia da cidade. O bispo diocesano em entrevista afirma: “(...) *as Cebbs são um instrumento do povo, em que eles se reúnem alimentados pela fé, mas não depende somente da realidade religiosa mas principalmente pela realidade humana que os cerca, pelo fato de que é a realidade mais dura, mais esquecida, não prevista pela autoridade a periferia. (...) as Cebbs se encontraram com os pobres na periferia*”<sup>423</sup>. Este encontro em Volta Redonda era sobretudo necessário.

A situação vivida pela cidade na década de setenta, era no mínimo preocupante. A questão urbana, particularmente a habitacional, sempre foi problemática em Volta Redonda. A Companhia Siderúrgica Nacional desde sua criação, na década de quarenta, nunca atendeu satisfatoriamente a demanda da cidade e seu processo de expansão, como vimos anteriormente, provocou novos e intensos fluxos migratórios em direção à cidade, agravando esta problemática. Como consequência, as favelas se multiplicaram e no final da década de setenta, com o fim das obras e a demissão de milhares de trabalhadores contratados pelas firmas empreiteira, as favelas e núcleos de posse se espalharam mais ainda por toda cidade. Cláudia Virgínia de Souza analisando o impacto do Plano de Expansão da Siderúrgica na cidade, comprova esta afirmação<sup>424</sup>. Esta realidade marcada sobretudo pela ausência dos serviços básicos e do respeito à dignidade humana é assumida plenamente pela Igreja diocesana como prioritária em sua ação evangelizadora e transformadora.

---

<sup>423</sup> Entrevista realizada em 26.11.99

<sup>424</sup> Segundo esta autora em 1966, as favelas da cidade abrigavam cerca de 5% da população local. Em 1977 este número sobe para mais de 9% do total da população. SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de.

### 3.8. Grupos de Reflexão: As Células das Comunidades de Base

No início de seu pastoreio, o próprio bispo dá os primeiros passos ao encontro das camadas pobres, iniciando um grande movimento na comunidade São Sebastião no Retiro, que se tornará o embrião do grande projeto das Cebbs, que agora então começa a se tornar concreto de fato. *“Ele queria mostrar ao povo como se faz”*, atesta uma participante desse projeto.<sup>425</sup> Ele relata um pouco dessa experiência: *“Foi uma experiência transitória para que os leigos assumissem o trabalho. Fui lá para experimentar como se faz,(...) para fazer contato com o povo, (...) eu queria um modelo de paróquia onde o leigo fosse atuando e por uma coincidência saiu o padre e eu fiquei respondendo pelo Retiro (...) e comecei montar grupos de reflexão,”*<sup>426</sup>, explica D. Waldyr.

No período em que esteve à frente da comunidade de São Sebastião, D. Waldyr, implementou mudanças significativas na organização da vida da Igreja. Ilustrando todas essas mudanças, ele ordenou um diácono leigo escolhido pela própria comunidade, o Sr. Davi Baptista Soares, no dia 08.12.72<sup>427</sup>, que se tornou o primeiro e único diácono<sup>428</sup> casado ordenado em toda a diocese, para auxiliá-lo. A ação do bispo era justificada pois naquela época não se podia conceder licença ao leigo para que ele pudesse ministrar os sacramentos, sendo necessária a sagração de um diácono para a realização de tais serviços religiosos. A escolha deste diácono obedeceu ao nome indicado pela comunidade.

No bairro do Retiro, onde permaneceu por quase dois anos, Dom Waldyr assumiu diretamente todo o trabalho pastoral, capacitando os leigos e

---

Pelo Espaço da Cidade. Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ/IPPUR, 1992, p. 130

<sup>425</sup> Entrevista com Olívia Barreto

<sup>426</sup> Entrevista realizada em 13.12.00

<sup>427</sup> Boletim Diocesano, n° 16, novembro de 1972, p. 8

trabalhando com extrema tenacidade e sensibilidade para com os mais pobres. Segundo um participante da comunidade neste período, a atuação de D. Waldyr era intensa “(...) *Ele coordenava reuniões, subia os morros, ensinava agente a fazer visita, a falar com o povo...*”<sup>429</sup>.

O próprio bispo relata que aprendeu muito com esta experiência, pois segundo ele, as Cebs funcionam não somente como veículo de educação popular, mas também como educadoras do próprio bispo e dos padres, que também tinham que aprender com o povo, “(...) *sintomático de tal situação, foi um dia, quando estávamos sentados no salão da comunidade S. Sebastião, e um participante do grupo me fez uma pergunta, não me lembro qual, e sinceramente eu não soube responder, então um participante do grupo se levantou, respondeu a pergunta e agradou a todo mundo*”<sup>430</sup>.

A participação das irmãs dominicanas com seu dinamismo, foram fundamentais no trabalho desenvolvido nesta comunidade de São Sebastião. Uma das religiosas envolvidas neste trabalho destaca: “(...) *Desenvolvíamos dinâmicas de grupo e reflexão. Utilizávamos os trabalhos de Lauro de Oliveira, importantes no processo de socialização das pessoas. (...) Vários grupos se reuniam no salão da Igreja e discutiam textos bíblicos, relacionando com a sociedade*”<sup>431</sup>.

Estas dinâmicas cristãs de grupo, organizadas inicialmente pelas irmãs dominicanas no início de suas atividades na comunidade do Retiro e depois estendidas por toda a cidade, eram parte do método de formação política empregado pela Igreja para formação das Cebs. Como afirmou a religiosa que viveu este período, consistia numa série de atividades em grupos, que criavam um clima participativo, onde se relacionava a leitura da bíblia com temas cotidianos.

---

<sup>428</sup> Ministro ordenado, que corresponde à primeira instância do magistério eclesiástico, sendo seguido depois pelo grau de presbítero (padre) e episcopado (bispo), que exigem a condição de celibatários.

<sup>429</sup> Entrevista com Sr. Júlia em 16.11.00

<sup>430</sup> Entrevista realizada em 26/11/99.



A partir de então os grupos de reflexão se multiplicaram em toda a cidade, mesmo nas comunidades centrais, que agrupavam predominantemente setores da classe média. Estes grupos organizavam assembleias e encontros periódicos de acompanhamento e avaliação em suas diversas comunidade<sup>432</sup>. Estes encontros comunitários constituíam-se num precioso instrumento de análise, onde revisavam a caminhada e levantavam-se novas propostas e pistas de trabalho, colocando tais grupos em sintonia com os objetivos da Igreja local.

Em julho de 1973<sup>433</sup>, como parte das festividades do cinquentenário da diocese, representantes dos grupos de reflexão reuniram-se na cidade. Vale destacar que as comemorações do cinquentenário, foram momentos que contribuíram decisivamente para um amadurecimento e melhor posicionamento da Igreja na região. Destacou-se nesta ocasião, a realização de inúmeras conferência e reuniões com clérigos e assessores de destaque da Igreja do Brasil, adeptos da TdL, como padre Romer, padre Celso Queiroz, padre João Batista Libânio, frei Leonardo Boff e outros.

O encontro dos participantes dos grupos de evangelizadores, contou com a presença de cerca de oitentas pessoas, que discutiram atuação desses grupos na diocese durante três dias, auxiliados pela competente assessoria de frei Carlos Mesters e outros<sup>434</sup>. Este encontro foi um importante impulso na caminhada desses grupos, pois foram realizadas discussões sobre Cebis com os participantes, que até então era restrita aos agentes pastorais.

No final do ano de 1973, no Conselho Regional foi discutido o Plano Pastoral do Regional para o próximo ano de 1974, que focaliza sobretudo a intensificação da formação dos grupos de evangelização, condição indispensável

---

<sup>431</sup> Depoimento de irmã Martha Dale, religiosa dominicana

<sup>432</sup> Em meados de 1973/74, estes encontros eram comuns nas principais comunidades de Volta Redonda. Nas Igrejas do Retiro, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição-Conforto, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças-Jardim Paraíba, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida e Jardim Elmonte, estes sncontros reuniam boa parte dos leigos que participavam dos grupos de reflexão. Cf. Boletins Diocesanos, n<sup>o</sup> 24-27-30-38-45.

<sup>433</sup> Boletim Diocesano, janeiro de 1974, n<sup>o</sup> 25, p. 1 e 2

<sup>434</sup> Boletim Diocesano, dezembro de 1973, n<sup>o</sup> 24, p. 7

para a formação das comunidades de base <sup>435</sup>. Enquanto isto, nos diversos bairros da cidade, os grupos de reflexão passam a se identificar como grupos de base, células vitais das nascentes comunidades eclesiais de base.

Em julho de 1974, os dirigentes e animadores de desses vários grupos se reuniram novamente na comunidade São Sebastião, o objetivo de tal encontro era articular um trabalho comum entre eles, abordando temas relacionados à organização interna dos grupos e discussões sobre comunidades de base e ações do grupo diante da realidade <sup>436</sup>, buscando “(...) *conhecimento do que há em toda cidade no plano de Evangelização e conhecer subsídios usados além de métodos de aplicação, problemas existentes*” <sup>437</sup>.

Anteriormente em fevereiro de 1974, o bispo com o objetivo de aglutinar as comunidades eclesiais que começavam a se organizar, faz um chamado através do BD (Boletim Diocesano) para elas se organissem numa verdadeira pastoral: (...) *ainda não de sente, em profundidade, a presença da Igreja na cidade. No ano passado, 1973, não se deu nenhum passo para caminhar no sentido de uma pastoral específica para uma cidade a não ser conservar o que já se tinha conquistado. Vemos, porém, que o plano de expansão da CSN implica o crescimento demográfico da cidade e com ele todas as suas consequências: novos bairros, chegada de novos operários, presença de novos habitantes e escassez de meios de comunicações, etc. Em suma, como se fazer sentir a presença da Igreja na cidade de Volta Redonda?*” <sup>438</sup>. Seu objetivo era a partir de um grande encontro na cidade, gerar discussões onde os agentes de pastoral discutissem o desenvolvimento de seu trabalho e os passos para a estruturação de uma agenda pastoral e social atuante na cidade.

O encontro, que ocorreu numa reunião ampliada do conselho paroquial da cidade, foi realizada em 9 de agosto de 1974, e respondendo ao

---

<sup>435</sup> Boletim Diocesano, dezembro de 1973, n° 24, p. 7

<sup>436</sup> Boletim Diocesano, agosto de 1974, n° 39, 04 e 05

<sup>437</sup> Boletim Diocesano, agosto de 1974, n° 39, 04 e 05

<sup>438</sup> Boletim Diocesano, fevereiro de 1974, n° 28, p. 06

bispo, definiu as linhas da ação pastoral da Igreja na cidade, destacando em primeiro lugar as Cebbs- a partir de uma melhor articulação entre os dirigentes de comunidade; a Pastoral Operária, haja visto que a cidade é fundamentalmente operária; a Ação Social, “(...) *unificando movimentos já existentes e assumindo uma atitude de denúncia diante das injustiças*”, a Pastoral da Juventude e Grupos de Evangelização, com o objetivo de “(...) *formar evangelizadores capazes de se integrarem em grupos diversos, assumindo sua realidade e, partindo dela, levá-los à CEB.*”<sup>439</sup>.

Estes passos foram importantes, pois além de apoiar a continuidade do processo de organização dos grupos de reflexão e das Cebbs, apontou a necessidade concreta de inserção dos cristãos na sua realidade concreta e seu compromisso na denúncia das injustiças sociais.

Ainda naquele ano, a reunião de avaliação e planejamento do clero, realizada em 19 de dezembro<sup>440</sup>, apontou a necessidade de buscar alternativas para construir a unidade da Igreja na região. Decidiu-se desta forma reunião a realização de uma grande assembléia da Igreja diocesana que apontaria estes caminhos.

No ano seguinte, a realização desta 1ª Assembléia Diocesana<sup>441</sup>, na cidade de Mendes, reforça os pontos apontados na reunião de agosto de 1974 em V.Redonda. Neste encontro da Igreja de Barra do Pirai-Volta Redonda, elabora-se o Plano de Pastoral Diocesano, apontando como diretrizes fundamentais para a unidade de ação da Igreja regional, a organização das Cebbs e dos Conselho Pastorais paroquiais, regionais e diocesano<sup>442</sup>. Estas decisões são ratificadas no mesmo ano, na 2ª Assembléia diocesana, como veremos adiante. As Cebbs neste

---

<sup>439</sup> Boletim Diocesano, setembro de 1974, nº 43, p. 05

<sup>440</sup> Boletim Diocesano, janeiro de 1975, nº 47, p. 03

<sup>441</sup> Esta grande encontro da diocese contava com a participação do clero, religiosas e membros das comunidades de toda a diocese. Normalmente a assembléia diocesana era antecedida pelas assembléias de cada regional, onde se levantavam encaminhamentos e propostas.

<sup>442</sup> Boletim Diocesano, março de 1975, nº 51, p 03

momento, começam a serem abraçadas por toda a diocese marcando um importante momento na vida pastoral da diocese.

A afirmação das Cebds como uma diretriz pastoral na 1ª Assembléia Diocesana e finalmente como uma prioridade na 2ª Assembléia, realizada em novembro do mesmo ano, evidenciam esta importância. Dom Waldyr, relembando esse momento, comentou numa entrevista: *“A articulação se dava (anteriormente) nos regionais, onde se testava uma renovação na visão se Igreja, dentro dos trabalhos pastorais.(...) Diante do acontecimento se motivou outras formas de atuação, (...) e a implantação dos grupos de base.(...)só depois de concretizar as mudanças na base, organizando as comunidades é que se partiu para as mudanças à nível de diocese”*<sup>443</sup>. O discurso do bispo confirma que as comunidades eclesiais de base já existiam em Volta Redonda, sendo assumidas agora como prioridade e com o compromisso de estendê-las para todo o conjunto da diocese.

### **3.9. A Experiência da Cebds na Comunidade de São Sebastião-Retiro**

No momento em que D. Waldyr, assumiu esta comunidade, no início de 1972, foi formado um grande grupo, com cerca de trinta pessoas da região. No início deste trabalho, a tarefa de cada um dos membros deste grupo era sair pela periferia próxima da comunidade, que foi dividida em 21 setores, para comentar o evangelho do último Domingo. Este trabalho era acompanhado semanalmente pelo bispo Waldyr.

A evolução do trabalho levou a formação de vários grupos de reflexão, que discutiam subsídios preparados com temas levantados pela diocese. Mais tarde organizou-se uma equipe, juntamente com os agente de pastoral, para

---

<sup>443</sup> Entrevista realizada em 13.12.00

preparar os subsídios e acompanhar os trabalhos nas pequenas comunidades vizinhas que começavam a nascer.

No início de 1974, os frutos desse trabalho começavam a se tornar nítidos, apresentando resultados altamente positivos. A experiência de uma comunidade sem pároco residente e sem religiosas responsáveis, propiciou que os leigos assumissem vários ministérios na comunidade, como o batismo, eucaristia, liturgia, matrimônio, pastoral familiar, etc, inclusive promovendo um rodízio entre eles, para que todos pudessem assumir o trabalho, além do acompanhamento e formação de novas comunidades. A administração da comunidade também passou para suas mãos, com a organização do conselho pastoral comunitário, que contava também com a participação dos agentes de pastoral e do bispo, que tinha a tarefa de desenvolver a formação e acompanhamento pastoral da comunidade. Todos os trabalhos eram planejados e avaliados por meio de assembléias que se realizavam duas vezes no ano<sup>444</sup>. Neste período, a temática das Cebis já era discutida e fazia parte da agenda de diversos grupos de reflexão, como um dos objetivos do trabalho que se desenvolvia<sup>445</sup>.

Em 1974, os diversos grupos de reflexão desta comunidade passam a atuar sob orientação direta de algumas religiosas e Jacques Dusquene<sup>446</sup>, padre operário<sup>447</sup> francês. Este grupo de agentes de pastoral deu continuidade ao trabalho que havia sido iniciado por D. Waldyr.

---

<sup>444</sup> Estas assembléias bimestrais contavam com expressiva participação da comunidade local. A experiência da comunidade do Retiro também era observada por inúmeros padres e bispos interessados e em conhecer o trabalho de renovação que ali se desenvolvia. Em 1974, por exemplo um bispo uruguaio, da diocese de Salto, participou da Assembléia desta comunidade, impressionado com a evolução de trabalhos. Boletim Diocesano, nº 27 e 28, fevereiro e março de 1975.

<sup>445</sup> Boletim Diocesano, nº 28, março de 1975.

<sup>446</sup> Padre Jacques Duquesne pertence à diocese de Lille na França e chegou à diocese em janeiro de 1974, permanecendo até 1980.

<sup>447</sup> A experiência dos padres operários nasce na França, na década de cinquenta, quando vários padres optam pela vida operária. Em 1954, seu projeto começa a encontrar barreiras junto ao episcopado francês, que os proíbem de desenvolver qualquer vínculo sindical e trabalhar por mais de três horas. A metade deles se submete à pressão dos bispos, constituindo num retrocesso da experiência. VINCENT Gerald, 'Os católicos: o Imaginário e o Pecado', in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gérard Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5, p. 406.

### 3.10. Os Padres Operários: um Impulso na Pastoral Popular

Este padre que chegou à diocese em janeiro daquele ano, via ‘Missão de França’<sup>448</sup>, com o objetivo de trabalhar junto aos operários, haja visto que não havia ainda uma pastoral específica para esta tarefa na cidade, e também nas comunidades da periferia da cidade, encontrando para isto, total apoio por parte da diocese<sup>449</sup>, desenvolvendo assim um importante trabalho na região. Nos dois anos posteriores, 1974 e 1975, dois outros padres-operários, Pedro e André, vem se juntar ao trabalho neste setor. O mesmo acontecendo com o canadense Normando, que se integra à equipe no ano de 1975, sendo o último remanescente desta experiência na diocese<sup>450</sup>. Estes padres serão responsáveis pela articulação da ACO (Ação Católica Operária), PO (Pastoral Operária) e pela reorganização da JOC (Juventude Operária Católica).

Vale destacar que estas organizações, apesar de atuarem no campo específico do meio operário, possuem algumas diferenças organizacionais entre si. A Pastoral Operária, organizada no Brasil, a partir do início da década de setenta, está ligada organicamente à estrutura da Igreja, *‘(...) ela é um serviço religioso que reúne trabalhadores, bispos padres, agentes de pastoral e que busca fazer presente a vida operária (...) nas várias realidades da Igreja (...) Como tal ela se relaciona com Instituto Nacional de Pastoral (órgão anexo à*

<sup>448</sup> Grupo de padres operários, originários inicialmente da França, que se organizaram numa articulação com dioceses francesas, realizando um projeto de evangelização no meio operário, em diversas regiões do mundo. Na década de setenta vários outros padres vieram para a diocese de Volta Redonda, desenvolver atividades pastorais com trabalhadores, como André Romary, Charles Genoud, Pierre Leboulanger, Jean Pierre Van Houcke, Bernard Turquet, Pedro Verges e Thiago Hahusseau. Muitos desses padres vieram para a diocese por intermédio do CEFAL – Comitê Episcopal França América Latina -, que intermediava o contato dos bispos locais com os padres-operários franceses. Em meados da década de oitenta, a maioria desses padres já havia deixado a diocese, retornando à Europa para continuar seu trabalho no Velho Mundo. Cf. arquivos da Cúria Diocesana e depoimento de Irmã Martha Dale e Boletim Diocesano, junho de 1990, p. 02

<sup>449</sup> Este padres tiveram total liberdade de ação na diocese, inclusive devido ao árduo trabalho na fábrica, eram liberados da responsabilidades de celebração de missas, batizados ou casamentos. Evidentemente tinham uma estrutura de vida diferente dos padres convencionais. Boletim Diocesano, nº 49, março de 1975, p. 04

<sup>450</sup> Padre Normando, ao chegar em Volta Redonda, foi trabalhar na Cobrapi, então subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional, como carpinteiro, na construção dos viadutos Castelo Branco e Gustavo Lira. Entrevista realizada em 16.10.00

*CNBB*), com os planos de pastoral de conjunto da *CNBB* e com os demais planos pastorais das *Igreja particulares*<sup>451</sup>. Enquanto que a *JOC* e a *ACO*, estão ligados ao movimento de Ação Católica, movimentos operários de trabalhadores cristãos com ampla autonomia, presentes em todo o mundo, mantendo-se afastados da estrutura hierárquica da Igreja, possuindo portanto maior liberdade de ação. Em Volta Redonda, devido ao apoio da Igreja diocesana, estes movimentos na prática, não apresentavam divergências. No campo da ação prática, a *PO* dedicava-se principalmente ao trabalho entre os operários da construção civil, enquanto que a *ACO* mantinha uma ação mais próxima dos metalúrgicos.

A experiência dos padres operários será bastante interessante no processo de construção das *Cebs*. Sendo um cidade predominantemente urbana e industrializada, o contato com os padres com o mundo do trabalho, gerou uma rica experiência, que enriqueceu o trabalho das comunidades eclesiais de base na cidade e da sua pastoral social.

Estes grupos existiam principalmente na periferia da cidade, estimulados pelo trabalho dos padres operários desde sua chegada. Os grupos de *JOC* e *ACO*, inicialmente surgiram na região do Retiro, onde padre Jacques desenvolvia suas atividades pastorais. A *JOC*, depois da violenta repressão dos anos sessenta, voltou a se articular nos bairros Retiro, Siderlândia e Jardim Amália. No período de 1974-1977, já existiam cerca de 12 grupos de *ACO* na cidade, espalhados por diversas comunidades. Cada grupo possuía uma média de 10-12 militantes. As reuniões dos grupos geralmente aconteciam quinzenalmente nas casas dos militantes ou nas igrejas. A *ACO* era assessorada pelos padres Normando, André e Jacques<sup>452</sup>.

A Pastoral Operária nasceu também neste período, apoiada pelo bispo, a partir de um grupo específico de operários cristãos envolvidos nos trabalhos

---

<sup>451</sup> Relatório da Comissão de Pastoral Operária, *CNBB*, 1978-1980, p. 14

pastorais da Igreja, que se reuniam mensalmente para refletir sua ação no meio específico da fábrica ou do bairro, onde cada militante desenvolvia sua ação. Os militantes da PO, desenvolviam militância ativa, denunciando condições inseguras de trabalho, reivindicando direitos e estimulando ações coletivas em diversos ambientes, como na Companhia Siderúrgica Nacional, na construção civil, no comércio e nos bairros<sup>453</sup>.

Logo em seus momentos iniciais na diocese, padre Jacques justifica sua opção: *“Toda pastoral tem que tentar adaptar sempre as necessidades dos grupos de homens”*. Baseado neste princípio, este padre trabalha inicialmente como servente de carpinteiro na firma Bávda, prestadora de serviços à Companhia Siderúrgica Nacional. Esta experiência o levou a entrar em contato com o mundo operário na região e com os sofrimentos e angústias do operário comum, objetivando evidentemente um trabalho organizativo neste meio.

Como frutos iniciais de sua ação, será organizada a ACO, a JOC, que renasce na comunidade de Siderlândia e Retiro, além dos primeiros passos da oposição sindical e o importante trabalho na comunidade para qual foi designado. O seu trabalho no entanto, será acompanhado de perto pelos agentes da repressão em Volta Redonda, que mantinha-se informados de seus passos, mantendo uma rede de espionagem sem seu encalço. O curioso, é que, de acordo com levantamento realizado pelo jornal Primeira Página, segundo o Dops, *“(...) nas horas vagas, (Jacques) atuava como padre na Igreja São Sebastião no Retiro”*<sup>454</sup>. Era a dificuldade em reconhecer o trabalho de um padre-operário.

Não foi somente por parte dos militares que o trabalho de padre Jacques e dos outros padres operários gerou atitudes de incompreensão e críticas. Alguns dos próprios paroquianos não aceitavam e denunciavam a ele e seu

---

<sup>452</sup> Cf entrevistas realizadas com padre Normando e Dário, militante do MTC (Movimento de Trabalhadores Cristãos), atual designação da ACO

<sup>453</sup> Relatório sobre a Pastoral Operária em Volta Redonda 1974-1977, em 28.10.77. Neste relatório são descritas inúmeras ações devolvidas pelos militantes da PO, nos ambientes descritos acima. O curioso e o fato deste relatório omitir o nome dos militantes, apresentando somente a sua primeira letra, para evitar que o aparato repressivo identificasse tais militantes.



projeto, como sendo ‘subversivo e comunista’. Vários leigos da comunidade, segundo um participante desses movimentos, se organizaram para se contrapor a este projeto. “*D. Waldyr, Normando e Jacques sofreram muito no Retiro*”, vários entrevistados revelaram este aspecto da atuação do trabalhos desses padres. Numa ocasião, segundo um sábia senhora, “*(...) os olhos dele vermelhó, o profeta não é aceito, acusado de ser subversivo, (...) quem qué destampá a panela é subversivo (...) muitos tava ao lado dos poderoso*”, afirma a velha militante das comunidades de base, referindo às dificuldades encontradas por padre Jacques nos trabalhos nesta comunidade. Em diversos outros momentos o padre era rechaçado, e mesmo repudiado na comunidade<sup>455</sup>, chegando inclusive pedidos para que se afastasse da diocese<sup>456</sup>.

Outro problema difícil de ser equacionado relacionava-se ao relacionamento das Cebcs com os Cursilhos de Cristandade,( MCF, ECC,) movimentos independentes, ligado aos setores conservadores da Igreja, que defendem uma fé intimista, voltada para a conversão pessoal, sem qualquer tipo de engajamento social, na medida que enxergam o aspecto espiritual da fé desligado da reflexão social. Possuindo uma dinâmica própria de trabalho, obedecem às orientações específicas de sua coordenação, não atendendo às definições das dioceses onde estão presentes.

O bispo diocesano expões suas críticas ao limitado raio de ação de tais movimentos: “*(...) a fé é incompleta quando não de projeta dentro da sociedade. Não é só pessoal e familiar*”<sup>457</sup>

Refletindo a opinião do bispo e de grande parte do clero diocesano, que não ambicionava uma fé restrita aos limites do pessoal, a ação da Igreja local então, sempre se pautou por uma estrito acompanhamento desses movimentos,

---

<sup>454</sup> Jornal Primeira Página, março-abril de 1996, p. 05

<sup>455</sup> Num desses episódios, padre Normando, que também coordenava os trabalhos do grupos de base nesta comunidade, relata que alguns membros da comunidade foram indicados para participar de um encontro de operários em São Paulo. Ao término do encontro no entanto, iniciaram pesadas críticas ao trabalho das Cebcs.

<sup>456</sup> Cf. entrevista com Edson Santana

procurando direcionar sua ação especificamente para que eles desenvolvesse seus trabalhos evangelizadores prioritariamente na classe média, tentando obviamente restringir a atuação desses grupos no meio popular, lugar privilegiado de atuação das Cebbs, apontadas como prioridade diocesana.

Particularmente esta questão passa a merecer uma discussão mais apurada a partir do ano de 1976. Os cursilhos além de não se constituírem como prioridade na ação pastoral da diocese, eram vistos como movimentos que dificultavam o nascimento das comunidades de base, devido à este fato e para evitar o ‘cursilhismo’, ou seja, pessoas que atuam somente nesses movimentos sem uma real inserção na vida da comunidade, decidiu pela regulamentação de suas atividades pela diocese. Em razão dessas questões uma série de normas de atuação deveriam ser cumpridas pelos cursilhos para que pudessem atuar na diocese<sup>458</sup>.

O relacionamento com as comunidades de centro, parece ter sido outro ponto difícil no trabalho das Cebbs que se organizavam em Volta Redonda. Vivendo numa realidade social diferente, é de se esperar que estas comunidades dos bairros centrais, que majoritariamente era formada por pessoa oriundas das classes médias, alimentasse expectativas diferentes em relação ao trabalho pastoral da Igreja na cidade. Um militante do período, explica tal problemática: “(...) *No momento de decidir, quem tomava as posições eram as comunidades de centro, que coordenava o Conselho Diocesano, (...) e muitas vezes votavam com a periferia para não ‘ficar mal’, para agradar o padre*”<sup>459</sup> Estes conflitos perduraram por alguns anos, e para solucioná-los, os setores da periferia articularam um espaço para que pudessem direcionar seus trabalhos de acordo com suas necessidades, como veremos adiante.

---

<sup>457</sup> Relatório da Assembléia Regional de Volta Redonda, 17.09.78

<sup>458</sup> Cf. Atas da Reunião do Coordenação Diocesana de Pastoral, em 13.02.76, 15.03.76, 21.06.76. Esta coordenação começou a funcionar em 1974 como uma das decisões da 1ª Assembléia Diocesana.

<sup>459</sup> Entrevista realizada em 16.11.00

Retornando ao trabalho desenvolvido na comunidade São Sebastião, uma das religiosas que participou da fase inicial do trabalho, nos relatou sua experiência neste processo: *“O Jacques tinha acabado de chegar e tinha caminhado um pouco, quando fui morar no Retiro (em dezembro de 1974). Nos grupos de reflexão os agentes pastorais formavam os leigos, era como se fosse um trabalho de ‘catequistas adultos’. Depois que chegamos nós começamos a dar forma a isso: ao invés de falar para o pessoal repetir, a gente formou equipe com eles, a gente fazia os subsídios junto com eles. Eles traziam os problemas, Era assim!”*

A partir do acompanhamento dos padres e religiosas, o número de grupos cresce consideravelmente, somando 26 grupos no final do ano de 1974. Muitos grupos inclusive, já chegavam a dispensar o trabalho de evangelizador de fora e montam seu próprio esquema para reflexão de fatos e realidades da comunidade<sup>460</sup>. Outros grupos superaram o trabalho interno, buscando respostas para problemas do próprio bairro, com reuniões girando em torno desta problemática.

Olívia Barreto demonstra de maneira muito objetiva e clara todo o esforço e empenho dispensado pelos agentes pastorais e dos animadores leigos para que estes avanços acontecessem: *“ agente tinha um pique danado! Éramos uma equipe que acompanhava grupos de diferentes bairros da região e todo sábado a gente se reunia para fazer um subsídio. Toda semana tinha reunião com os animadores e também visitava os grupos, à noite. Cada um acompanhava uns tantos grupos no Açude, Siderlândia, Cidade do Aço, Vila Brasília, todos aqueles bairros lá do lado do Retiro e mais tarde em outros bairros.”*<sup>461</sup> Como explicou a entrevistada, havia uma comissão (formada por cerca de 5-7 pessoas), que preparava os subsídios semanais para discussão nos diversos grupos. Cada semana se discutia um tema diferente e após avaliação da comissão, se preparava

---

<sup>460</sup> Boletim Diocesano, nº 45, 1974, p. 02

<sup>461</sup> Entrevista realizada em 29.01.01

outro subsídio. Este material relacionava-se geralmente a temas relacionados ao mundo do trabalho e da periferia.

### 3.11. As Cebs se Espalham pela Cidade

A partir desse processo, começaram a ser formados então os primeiros grupos de base na região, espalhando por várias outras comunidades próximas. Estes grupos se definem como “(...) grupo de pessoas da comunidade que se reúne e luta numa visão transformadora, com o objetivo de chegar a uma comunidade de base (...) procurando condições para que ele exista”<sup>462</sup>. Percebe-se aí a nítida articulação grupo de base grupos de base e comunidade de base. Desses vários grupos formados no período, surgem então as primeiras comunidades eclesiais de base na periferia da cidade, conforme os planos da diocese<sup>463</sup>.

A partir do trabalho de acompanhamento desses agentes de pastoral formaram-se novas comunidade eclesiais de base. Surgiram assim as comunidade da Vila Brasília, Siderlândia, Açude, Belo Horizonte, Vila Mury, Jardim Cidade do Aço, e muita outras, à medida que o trabalho foi se espalhando por toda a cidade<sup>464</sup>

Nesses bairros, a reflexão da realidade social junto à reflexão bíblica, a partir do método Ver-Julgar-Agir, levou os moradores à busca de soluções para os seus problemas. Uma ativa militante desse período atesta esta atuação: “(...)nós tirava a realidade do povo e fazia subsídio. Buscava a causa do problema. (...) igual problema da água aqui. Tava faltando, todo dia os

---

<sup>462</sup> Subsídio sobre Grupo de Base, texto mimeografado, 1980. Neste texto são esclarecidos pontos sobre a ação do grupo de base, onde se destacam: o levantamento e resolução dos problemas da comunidade, a ação ( e não apenas oração ou reflexão) transformadora da realidade, a formação da consciência crítica do povo, reflexão do evangelho a partir da realidade etc.

<sup>463</sup> Vide Boletim Diocesano, setembro de 1974, nº 43, p. 05

*moradores tinha que carregá água. Discutimo o problema na reunião e fomo ao Saae, prá resolver (...)Deus qué vida em abundança (sic)”<sup>465</sup>. A Igreja organizava os moradores para que eles se mobilizavam pela conquista de melhorias na sua qualidade de vida, de acordo com o projeto de Deus. O bispo diocesano, analisando este papel das Cebds destaca: “(...) o que se procura é criar dentro desses grupos de base uma reflexão sobre a dignidade da pessoa humana e que elas passem a agir na transformação da realidade social que as cerca. Esse trabalho se faz dentro da ação concreta de seus bairros”<sup>466</sup>. Esboça-se assim um movimento social, estimulado pelas Cebds.*

Dessa forma, as Cebds rapidamente se espalharam pela periferia e aumentaram sua importância no trabalho pastoral. Como já foi citado anteriormente, este fato é reconhecido na 1ª Assembléia Diocesana, realizada em março de 1975<sup>467</sup>. O PPD -Plano de Pastoral Diocesano- elaborado, apontava a necessidade de promover a participação e co-responsabilidade de todos na diocese, definindo a formação das Cebds como diretriz diocesana<sup>468</sup>, juntamente com a formação dos conselhos pastorais paroquiais, regionais e diocesanos. A assembléia especificou que estas diretrizes pastorais fossem executadas pelos regionais através de planejamentos específicos. Em decorrência desta orientação

---

<sup>464</sup> Vide Boletim Diocesano, nº 34/1974, 71/1976,

<sup>465</sup> Entrevista com Sr. Júlia em 16.11.00

<sup>466</sup> Entrevista realizada em 19.11.00

<sup>467</sup> Esta assembléia aconteceu no período de 03 a 06 de março de 1975, em Mendes/RJ. Cerca de 90 pessoas participaram, tendo como objetivo elaborar o Plano Pastoral Diocesano, partindo do sentido de promover na diocese a co-responsabilidade e a participação de todos. Na verdade o Plano Diocesano não foi preparado, ficando a cargo dos regionais, apontando no entanto as diretrizes pastorais, que englobavam a organização das Cebds e conselhos comunitários. Boletim Diocesano, nº165, outubro de 1979

<sup>468</sup> Vale destacar que este processo de valorização das Cebds também acontecia em várias outras dioceses brasileiras, que viviam também o processo de nascimento dessas comunidades de base. Em 1974, a CNBB, publica um relatório, ‘Comunidades: Igreja na Base’, onde levanta os primeiros dados sobre a presença das Cebds no país. Neste mesmo ano, a assembléia geral do episcopado brasileiro aprovava como uma de suas prioridades da ação pastoral do Brasil as Cebds. Este processo vivido em Volta Redonda representa um dos desdobramentos do macro-processo que se desenvolvia na Igreja do país. Vide LEORATO, Massimiliano, CEBds: Gente que se faz Gente na Igreja, São Paulo, Paulinas, 1997, p. 23

foram implantadas assembléias nos diferentes regionais<sup>469</sup> para planejamento dessas atividades<sup>470</sup>.

Em sua 1ª assembléia, realizada em outubro de 1975, o regional Volta Redonda, para atender a resolução da Assembléia Diocesana, elabora um plano de ação, que previa um melhor conhecimento da realidade da cidade<sup>471</sup>, para acelerar o processo de implantação das comunidades de base, bem como a realização de cursos sobre comunidades de base. Estes cursos, realizados a partir do mês de novembro, tiveram uma expressiva participação das comunidades da cidade, estendendo-se ao longo do ano de 1976<sup>472</sup>.

A realização da primeira assembléia diocesana, sendo procedida em novembro do mesmo ano, pela realização da 2ª Assembléia Diocesana<sup>473</sup>, que apontou as Ceb's como prioridade diocesana, resultou num processo de crescimento dos grupos de reflexão em toda a diocese.

Isto é demonstrado por pesquisas realizadas em preparação à 3ª Assembléia Diocesana, realizada em novembro de 1976, comprovavam esta afirmação e nos mostram o perfil desses grupos: as reuniões, na grande maioria dos casos, aconteciam uma vez por semana, na casa das famílias e nos salões das comunidades, com uma média de participantes oscilando entre 10 e 20 pessoas. Utilizavam roteiro específico da reunião onde retratavam geralmente um tema bíblico e problemas do bairro. O objetivo destacado de estarem reunidos era para

---

<sup>469</sup> O regional de Volta Redonda teve sua assembléia instalada em junho de 1975. Decidiu-se mais tarde a realização de três assembléias regionais anuais. Boletim Diocesano, nº 51, março de 1975.

<sup>470</sup> Boletim Diocesano, nº 58, junho de 1975

<sup>471</sup> Nesta questão incluía-se o levantamento da situação do bairro, Usina, aspirações e necessidade do povo, etc, com vistas à um trabalho pautado pela inserção nestas realidades. Boletim Diocesano, nº 73, 1976, P. 04.

<sup>472</sup> Boletim Diocesano, nº 67, novembro de 1975, p. 04 a 06 e nº 74, maio de 1976, p. 03

<sup>473</sup> Esta assembléia foi precedida por uma série de encontros preparatórios nas cidade. Realizada nos dias 15 e 16 de novembro em Barra do Pirai, contando com a presença de 143 pessoas, entre leigos, padres e o bispo. Esta reunião tinha o objetivo de rever o trabalho proposto na 1ª Assembléia Diocesana, avaliando até que ponto os grupos de reflexão e os conselhos propostos estavam de fato dinamizando a vida da Igreja diocesana. Como principal decisão, elaborou-se o PPD (Plano Diocesano de Pastoral), que especificou a organização de Ceb's como uma prioridade diocesana, além também de estimular em cada regional, a organização de assembléias envolvendo o seu conjunto. Boletim Diocesano nº 165, p. 05 e Relatório da 2ª Assembléia Diocesana, 15 e 16.11.75

leitura da bíblia e perceber problemas do bairro e buscar solução. Em quase 90% dos grupos, as reuniões já haviam levado a alguma ação concreta<sup>474</sup>.

Segundo indica o levantamento realizado, existiam em Volta Redonda, cerca de 111 grupos congregando 1825 participantes, num universo de 291 grupos e 5075 participantes em toda a diocese<sup>475</sup>. Estes grupos de Volta Redonda já tinham uma participativa influência nos diversos bairros da cidade<sup>476</sup>.

Na medida porém, em que estes grupos cresciam e se organizavam por toda a cidade, aumentava também a preocupação e a necessidade de se estruturar uma assessoria que pudesse orientar e acompanhar os trabalhos de todos esses grupos, para que eles cumprissem as diretrizes diocesanas e se inserissem com consciência na realidade social.

O conjunto da igreja diocesana atenta à esta nova dinâmica na vida dos seus grupos, na 3ª Assembléia Diocesana<sup>477</sup>, realizada no final de 1976, definiu pontos de auxílio para que os grupos pudessem organizar-se melhor. Nesta assembléia, decidiu-se pela formação de uma equipe diocesana especialmente para acompanhar os grupos de reflexão<sup>478</sup>, bem como a promoção

---

<sup>474</sup> Resultado da pesquisa feita com grupos de reflexão em 08.10.76

<sup>475</sup> Boletim Diocesano nº 86, 1976, p. 03

<sup>476</sup> Nos outros bairros da cidade, o projeto também se afirmava. Na região do bairro Conforto, que reunia 17 comunidades, o trabalho era desenvolvido pelos padres Geraldo, Henrique, Guido e Bernardo Masson e existiam nesta época, cerca de 55 grupos formados e outros 6 em processo de formação, vivenciando a mesma dinâmica das outras regiões da cidade. Um ano depois, em setembro de 1977, o número de grupos chegava a 80. Boletim Diocesano nº 109, outubro de 1977, p. 04 e nº 83, setembro de 1977, p. 01

<sup>477</sup> Esta assembléia aconteceu nos dias 27 e 28 de novembro de 1976, no recém inaugurado Centro Diocesano de Pastoral, em Arrozal, com a participação de 150 pessoas, entre leigos, padres e religiosas, com coordenação de frei Vital Wilderink. Nesta assembléia avaliou-se o PPD e apresentaram-se diversas 'pistas' e orientações para continuidade do trabalho pastoral, como as indicadas acima. Boletim Diocesano nº 91, janeiro de 1977.

<sup>478</sup> Esta equipe formada por Jacques, Normando, J. Silva, Cândida e Olívia, iniciou seus trabalhos em junho de 1977, com a elaboração de um roteiro básico para reuniões de grupos de base, que constava dos seguintes itens: acolhimento; revisão da reunião anterior e avaliação do que o grupo fez de concreto; olhar da vida (como está a realidade); olhar a Bíblia (leitura de texto bíblico e discussão do tema, relacionando-o com a reflexão bíblica e oração final: A partir de então, esta equipe passou a desenvolver um trabalho sistemático de acompanhamento desses grupos. Boletim Diocesano nº100, 1977, p. 02

de encontros de acompanhamento e formação para dirigentes dos grupos<sup>479</sup> e ainda estabeleceu critérios para a escolha dos dirigentes destes grupos<sup>480</sup>. Esta assembléia votou favoravelmente também aos grupo “(...) *ligar-se aos problemas da vida*”<sup>481</sup>, entendida aqui como uma maior inserção social desses grupos, a partir da discussão de temas comuns aos participantes, buscando sempre o bem comum e a ligação da fé com a vida. Decidiu também para melhorar a participação dos integrantes no grupo e um melhor conhecimento da realidade, a realização de dinâmicas cristãs para os participantes<sup>482</sup>

Dentro desse contexto, foi realizada em 20 de abril de 1975, com a presença de 130 pessoas<sup>483</sup>, a primeira assembléia geral das Cebbs da cidade. Coordenadores e militantes das ‘comunidades cristãs de base’, como então eram chamadas as Cebbs, apresentaram propostas concretas para consolidação e crescimento dessas comunidade na cidade, destacando-se: “*Apelar (denunciar) às autoridades responsáveis pelos problemas locais. (...) deve-se tomar os problemas da comunidade. Estudar em grupo. Ver as causas que geram os problemas. Buscar os caminhos de solução na própria comunidade.* Essas indicações reforçavam o trabalho que já se desenvolvia na cidade, e estimulavam ainda mais o trabalho das Cebbs.

Neste período, começaram a se formar então, diversas comissões específicas no interior das Cebbs, preocupadas com o problema de sua realidade

---

<sup>479</sup> O regional Volta Redonda especificou uma série de tarefas visando atender esta determinação, a partir da realização de cursos com assessoria especializada, intercâmbio dos trabalhos realizados, estímulo a novas lideranças, etc. Boletim Diocesano nº 94, 1976, p. 04

<sup>480</sup> A escolha do nome de um coordenador é de fundamental importância Nas reuniões de avaliação dos grupos de reflexão das comunidades, geralmente se apontava as deficiências e limitações do animador de grupo, como ponto negativo, que impedia o grupos de avançar. Para corrigir esta deficiência foram propostas estas medidas de selecionar os líderes e ao mesmo tempo capacitá-los para a coordenação desses grupos. Entre os critérios estabelecidos destaca-se: “(...) *conhecimento da realidade onde mora, liderança positiva, membro do próprio grupo (...) com senso crítico.* Boletim Diocesano nº 91, 1976, p. 06

<sup>481</sup> Boletim Diocesano nº 91, janeiro de 1977.

<sup>482</sup> Estes cursos de dinâmicas já eram realizados em diversas comunidades que o solicitavam, como Retiro, Conforto, N. Srª das Graças. O regional Volta Redonda, em assembléia realizada em outubro de 1975, já programava a realização de Cursos de Dinâmicas de Grupo para Conselhos e Dinâmicas Cristãs para as comunidades. Boletim Diocesano, nº 67, 1975, p. 04.

<sup>483</sup> Boletim Diocesano, nº 54, 1975, p. 04.



imediate. Surgem as comissões de bairro, isto é, grupos de leigos que atuavam no bairro, organizando e buscando soluções para os problemas do lugar.

Nos diversos bairros da periferia estes grupos passaram a encarar sua fé não mais desligada de seu compromisso com a transformação do mundo em que viviam. Estes grupos foram os responsáveis pelo que Frei Álvaro Telhado<sup>484</sup> chama de ‘sacralização do cotidiano’. Através da união do ‘fato da vida’ com o ‘fato da Bíblia’, torna-se possível, a partir da tomada de consciência de um fato cotidiano, avançar para o campo da consciência em relação à toda sociedade. Devido a sua consciência religiosa o cristão também se torna responsável pelos problemas do mundo. Segundo o bispo, a partir dessa articulação “(...) *o povo começa a tomar consciência de não esperar de braços cruzados que tudo aconteça, mas que se realizem aqueles seus projetos dentro dos esforços de participação de todos os membros da comunidade*”<sup>485</sup>.

Neste sentido, dinamizando-se a formação dessas comissões, que correspondem à um novo passo na caminhada das Cebis na cidade, sucede-se à fase inicial do espaço ‘intra’ religioso, ou seja, da organização da comunidade em torno do aspecto religioso, em que esta assume a administração da Igreja, no lugar do pároco. Este segundo passo, nascido da reflexão da realidade social a partir do bairro, encaminha à ação concreta, visando à transformação qualitativa do espaço da vida cotidiana e também da sociedade como um todo.

Paralelamente ao processo de abertura ‘extra’ eclesial que se percebe numa presença significativa das Cebis no mundo social, tornava-se cada vez mais urgente também, a questão da formação dos agentes e animadores de grupos de base, como já foi demonstrado anteriormente. As questões levantadas na 3ª Assembléia sugerem uma intervenção maior nesta questão.

Em meados de 1976, um programa específico buscava suprimir esta carência, a partir de uma série de encontros com os agentes e animadores de

---

<sup>484</sup> Artigo do Boletim Diocesano, nº 91, janeiro de 1977, p. 10

Cebs, onde discutiu-se a questão de uma “*pedagogia popular*”<sup>486</sup> que levaram os agentes, “(...) *a um aprofundamento do que se quer, para onde se quer, como fazer, por que fazer a pastoral popular*”<sup>487</sup>. Um total de cinco encontros entre os agentes, discutiu uma série de questões que englobavam, os objetivos do trabalho, a participação popular, métodos utilizados, formação de lideranças, relação reflexão-ação, ação transformadora e engajamento social, a visão do agente e visão do povo, etc<sup>488</sup>. Além disso, outros encontros de animadores com assessoria de Carlos Mesters, dinamizavam a atuação desses grupos. A articulação desses grupos era reforçada ainda por encontros regionais de animadores de grupos por regionais, com o objetivo de desenvolver uma formação continuada<sup>489</sup>. Estes encontros foram muito importantes pois capacitaram agentes leigos e animadores para um trabalho melhor direcionado e adaptado às dinâmicas de cada grupo, objetivando principalmente para a ação voltada para a transformação da realidade.

Atenta às demandas de uma intervenção social, e com o claro objetivo de impulsionar as Cebs à ação concreta na realidade, na 4ª Assembléia Diocesana realizada em novembro de 1977<sup>490</sup>, a diocese toma como opção fundamental “(...) *desenvolver sua missão evangelizadora como uma tarefa transformadora do mundo*”<sup>491</sup>. ou seja, definia-se a clara orientação de que as várias comunidades de base, instrumentos prioritários da ação pastoral desde 1975, e que já viviam um processo de consolidação na cidade, partissem definitivamente para a ação,

---

<sup>485</sup> Entrevista concedida ao Jornal Opção, nº 03, junho de 1979

<sup>486</sup> Este termo no caso específico refere-se ao significado de “(...) *caminhos a trilhar pelo o povo - camada popular, o oprimido -, na construção das Cebs*” Boletim Diocesano, nº 77, julho de 1976, p. 03

<sup>487</sup> Boletim Diocesano, nº 113, dezembro de 1977, p. 01

<sup>488</sup> Os encontros aconteceram em junho setembro e dezembro de 1976 e maio, outubro de. 1977. Boletins Diocesanos nº 77, 83 e 92 de 1976 e 99, 113 de 1977.

<sup>489</sup> Este processo de formação incluía a realização de encontros sobre Bíblia, formação política, etc, contando com assessoria especializada de Leonardo Booff, Clodovis Boff, Carlos Mesters e equipe Nova. Boletim Diocesano, nº 121, maio de 1978, p. 01 a 04.

<sup>490</sup> Esta assembléia também, foi antecedida por discussões sem todos os regionais. Realizada no período de 11 a 13 de novembro deste ano e reunindo 150 participantes, foi traçado nesta assembléia as diretrizes pastorais para o próximo ano. Boletim Diocesano, nº 110 e 111, novembro de 1976

<sup>491</sup> Seguindo esta decisão, “(...) *a diocese manteria e aperfeiçoaria os meios e as expressões de uma maior participação na vida comunitária e social, visando a denúncia e combate das injustiças e opressões*”. Boletim Diocesano, nº 110 e 111, novembro de 1976.

intensificando esforços para atingir o objetivo traçado na Assembléia Diocesana. A pastoral operária, campo de atuação específico dentro da pastoral urbana, também recebe atenção especial.

Como uma das estratégia para atingir tal objetivo, a diocese preparou diversos roteiros para os grupos de base, que procuram discutir e buscar solução, para “(...) *tudo que se manifesta como opressão, nos vários níveis de nossa convivência: seja no ambiente familiar, no bairro, na fábrica, na cidade, (...)enfim, em toda ocasião onde o mais fraco tem que sofrer o peso da exploração.*”<sup>492</sup>. As reuniões despertavam a consciência para a questão da estrutura da sociedade, mundo operário, carências da periferia, discriminação de mulheres, negros, menor abandonado, migrantes, etc.

Dentro desse contexto, e estimuladas pelo seu crescimento e consolidação, as Cebps partem para a ação política, exigindo do governo municipal o atendimento das necessidades básicas dos moradores das periferias, deve-se destacar sobretudo, o momento em que se deu esta saída das Cebps do espaço ‘intra’ eclesial em direção à uma realidade ‘extra’ eclesial, como foi explicitado anteriormente.

Como foi discutido no capítulo inicial, o contexto da ditadura militar será o pano de fundo para esta ‘explosão’ das Cebps como portadoras das reivindicações populares. Um ex-militante desse movimento relata: “(...) *As Cebps tiveram um papel ímpar neste cenário. Geograficamente, como a Igreja estava ligada aos pobre pela sua ação na periferia, ali era o local mais fértil para se trabalhar a reflexão política longe da repressão*”<sup>493</sup>

As Cebps se articularam então como formadoras do movimento popular em Volta Redonda. Dentro das comunidades, nas periferias da cidade, foram

---

<sup>492</sup>O próprio Boletim Diocesano, trazia constantemente nas suas edições, propostas de temas e discussões para as reuniões de grupos de base. Vide Boletim Diocesano nº 122, maio de 1978 e nº 175/176, março de 1980.

<sup>493</sup>Entrevista com Luís de Oliveira Rodrigues, ex-militante da Pastoral Operária, das Cebps da Periferia Leste e ex-presidente do Sindicato de Metalúrgicos. Realizada em 13.11.00

nascendo comissões de que passaram a atuar intensamente tanto no espaço eclesial, como no espaço político: Comissão de visitas, de denúncias, de formação e informação, de justiça, de acompanhamento da Câmara Municipal, etc, passaram a existir, travando lutas por melhores condições de moradia, transporte, etc<sup>494</sup>.

### 3.12. As Intervenções no Espaço da Cidade

Vale destacar que, paralelamente ao processo que se desenvolvia no interior das Cebis, uma radical mudança vem alterar profundamente a vida da cidade, refletindo-se em todas as instâncias do espaço urbano. Volta Redonda sofreu mais uma intervenção do governo federal, quando em maio de 1973 tornou-se área de segurança nacional pelo decreto lei 1273. Claudia Virgínia de Souza<sup>495</sup> aponta esta ação do governo, como uma resposta do poder autoritário ao quadro de mobilizações que se formava no município, agravando ainda mais a interferência e a repressão política.

Porém esta aguda intervenção autoritária não impediu a atuação das nascentes comunidade eclesiais de base que atuavam na periferia da cidade, que buscando uma reflexão da realidade ‘à luz da fé’ e motivadas pelo compromisso social de sua fé, constróem alternativas concretas de organização popular e resistência ao autoritarismo crescente dos governantes.

Skidmore<sup>496</sup> enfatiza este aspecto, afirmando que naquele histórico, vivenciando uma conjuntura extremamente repressiva, a Igreja era a única

<sup>494</sup> Boletim Diocesano, nº 159 junho de 1979 e Jornal Opção, nº 03, junho de 1979.

<sup>495</sup> A autora destaca que neste quadro se situavam a intervenção no Sindicato em 1968, a organização incipiente de alguns grupos de esquerda, a vitória do MDB nas eleições de 1972, com a eleição de Nelson dos Santos Gonçalves à prefeitura. Acrescento ainda a atuação da Igreja e a posição estratégica do município, sede da Companhia Siderúrgica Nacional. Vale destacar ainda que o prefeito eleito pelo MDB em 1972, permaneceu no poder até o fim de seu mandato, quando somente então se deu a nomeação do prefeito interventor, engº Georges Leonardos. SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. Pelo Espaço da Cidade. Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ/IPPUR, 1992

<sup>496</sup> SKIDMORE, Thomas. Brasil: De Getúlio a Castelo, Trad. Mário Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1998, p. 362

instituição que podia elevar a voz contra o regime militar e ao mesmo tempo mobilizar seus membros espalhados por todo o país.

Acompanhando o fenômeno que acontecia em todo o país, as Cebs em Volta Redonda, passam então a aglutinar a grande massa urbana da periferia da cidade, em movimentos reivindicatórios.

As Cebs possuíam naquele momento histórico um grande poder mobilizador, assumindo as lutas populares no espaço urbano e fabril. Do seu seio surgiram, por exemplo, lutas exemplares, como o movimento pela anistia, movimento contra o custo de vida<sup>497</sup>, comissões de justiça, etc. Uma militante do movimento popular relata seu envolvimento com as Cebs: “(...) *As Cebs eram o espaço que existia para discussão e articulação de comitês (...) organizamos a luta pela anistia, com abaixo assinados, passeatas (...) as reuniões aconteciam na Cúria, com a participação do pessoal das Cebs (...) e nós, do movimento feminista, utilizamos também este espaço das Ceb*”<sup>498</sup>

A 5ª Assembléia Diocesana realizada em outubro de 1978<sup>499</sup>, acontece num clima de grande vigor e entusiasmo das comunidades de base em Volta Redonda, num momento em que alcançam grande destaque nas lutas travadas no espaço urbano. Atestando este fato, uma coluna no ‘Boletim Diocesano’ intitulada ‘*Como está o seu Grupo de Reflexão*’, divulgava os esforços realizados pelos diversos grupos da cidade na construção de uma “*pastoral transformadora*”, retratando ações concretas promovidas pelos grupos que se constituíam num “*sinal de libertação*”<sup>500</sup>

---

<sup>497</sup> Esta comissão foi criada no final dos anos setenta, e contava com a participação de várias comunidades de base da cidade. Em 1981, definiu-se a criação de comissões de custo de vida por bairros, apoiadas nas Cebs. Boletim Diocesano, nº 213, novembro de 1981, p. 07

<sup>498</sup> Entrevista com Marlene Fernandez, realizada em 10.10.00

<sup>499</sup> Esta assembléia realizou-se no Centro Diocesano de Formação, com a presença de 128 pessoas, nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 1978. Novamente avaliou-se os trabalhos da diocese no ano anterior e levantou-se os passos para o próximo ano. Boletim Diocesano, nº 117, 1979, p. 04. Boletim Diocesano, nº 117, março de 1979, p. 04

<sup>500</sup> Esta seção do boletim começou a funcionar em março de 1978. Boletim Diocesano, nº 117, março de 1979, p. 04

Nesta ocasião, a assembléia avaliou-se a trajetória das Cebbs, e determinou-se os novos passos a seguir. É fundamental destacar que nesta época, a cidade vivia um momento marcado por constantes agressões aos direitos humanos, que se refletiam em atos e prisões arbitrárias cometidas por policiais, principalmente nos bairros periféricos<sup>501</sup>. Para enfrentar esta onda de autoritarismo e desmandos, esta assembléia decide a criação de uma Comissão de Justiça e Paz na diocese.

A partir desses fatos, as comunidades eclesiais de base de Volta Redonda desenvolvem uma ampla campanha de reflexão sobre a violência na cidade, haja visto os casos de desrespeito aos direitos humanos praticados por soldados militares na região. Os grupos de base discutiram intensamente esta questão, a partir de diversos subsídios<sup>502</sup>. Esta problemática levou os grupos de base, a prepararem um subsídio intitulado *‘Como se defender contra prisões ilegais e abusos policiais’*, onde relacionam dez medidas básicas a serem adotadas caso ocorra um prisão arbitrária, citando por exemplo: *‘1. Se tentarem prendê-lo, não reaja com violência, mas exija com firmeza, que respeitem seu direito (...) 2. se alguém for preso ‘ponha aboca no mundo’, e comunique a sua comunidade’*<sup>503</sup>

A Assembléia Diocesana definiu também o compromisso de *“(...) trabalhar com os olhos abertos para a realidade, numa linha de ação transformadora”*, além de desenvolver trabalhos de pastoral específica para cada setor social, centro e periferia<sup>504</sup>. Estes trabalhos direcionados, se tornaram necessários devidos aos constantes atritos entre comunidades centrais da cidade e agentes da periferia, conforme explicitado anteriormente neste capítulo.

---

<sup>501</sup> O bairro Santo Agostinho, particularmente sofreu com muito com esta situação. Inúmeros casos de prisões arbitrárias e espancamentos, além da morte de um menor, Paulo Cesar de Souza, com 15 anos de idade, foram realizados por policiais no bairro e corajosamente denunciados pela comunidade local e irmãs Cândida e Margarida, agentes pastorais do bairro. Vide Boletim Diocesano, nº 116, 117 e 118, 1979.

<sup>502</sup> Vide Cartilha contra Violência e Boletim Diocesano nº 162 e 165, 1979

<sup>503</sup> Subsídios para grupos: *‘Como se defender contra prisões ilegais e abusos policiais’*, 1979

<sup>504</sup> Relatório da 5ª Assembléia Diocesana, p. 09

As comunidade eclesiais de base neste momento de abertura política, passam a organizar eventos e atos com expressiva participação popular, denunciando a organização injusta da sociedade.

Um típico exemplo, foi a abertura da CF-1978, campanha da fraternidade organizada pela CNBB, com o tema “Trabalho e Justiça para Todos”, na qual a Igreja local reuniu mais de oito mil pessoas no ginásio do Recreio do Trabalhador e, denunciou em toda a celebração, os problemas da realidade social em Volta Redonda<sup>505</sup>. O ritual de preparação das cinzas, tradicional nas celebrações da Quarta Feira de Cinzas no culto católico, revela de maneira elucidativa este posicionamento da Igreja na cidade: “(...) *queima da injustiça salarial; queima do custo de vida esfiziante; queima do sindicato que virou entidade assistencialista, queima da injustiças nos supermercados da cidade, onde empregados são obrigados a trabalhar além do horário e até domingo*”<sup>506</sup>.

Esta articulação do espaço religioso com a realidade social, também se expressa em outros movimentos religiosos<sup>507</sup>, que contam com presença maciça de fiéis. As Cebcs contribuem assim, para que estas situações, omitidas pelas autoridades municipais, sejam levadas ao conhecimento da população.

Eventos como este, evidenciam o conteúdo reivindicatório e contestatório das comunidades de base de Volta Redonda. Vale destacar, por uma questão de justiça, as inúmeras comemorações de 1º de maio, Dia do Trabalhador, nas comunidades da cidade. Havia o compromisso da Igreja em manter esta data acessa na memória coletiva, como um símbolo de lutas, que devia ser preservado. Ao longo da década de setenta, esta data era sempre lembrada pela Igreja diocesana. Celebrações comemorativas aconteciam em

---

<sup>505</sup> Boletim Diocesano, nº 115, 1978, p. 03

<sup>506</sup> Boletim Diocesano, nº 120 1978, p. 04

<sup>507</sup> Um exemplo dessa imbricação, são as celebrações da Semana Santa na cidade, que se revestiram em momentos de profunda crítica social. Em 1979, por exemplo, cerca de 20 mil pessoas participaram das celebrações da Quinta-Feira Santa no estádio Raulino de Oliveira. Na liturgia, situações reais do

diversas comunidades<sup>508</sup>, demonstrando compromisso e solidariedade à luta dos operários.

O ano de 1979 será emblemático da atuação das Cebts em Volta Redonda, marcando definitivamente a abertura dessas comunidades abertura para a sociedade e com o conjunto do movimento popular e sindical, significando a culminância do processo que se delineava desde o início da década. Neste ano, estas comunidade se articulam definitivamente com o movimento social e deixam de ser o único canal de expressão e negociação da sociedade civil. Neste contexto é importante destacar que o Brasil naquele final década, vivia um clima de grande mobilização marcada pela crescente participação popular.

A igreja diocesana, participante desse feixe de mudanças sociais, na 6ª Assembléia diocesana, realizada em outubro de 1979<sup>509</sup>, decide pela solidariedade e participação nas organizações populares, reforçando a organização desses novos espaços e consoante com a Conferência Episcopal Latino Americana de Puebla<sup>510</sup>, também faz a opção preferencial pelos pobres

Esta conjugação de fatos, tornarão o ano de 1979 especial na vida dessas comunidades e da Igreja na cidade. Se até então elas eram o espaço de crítica social, neste período ela vai se somar a outros atores sociais na concretização de seus objetivos. Isto porque Volta Redonda também se vestiu de

cotidiano, eram confrontadas com leituras da Bíblia, revestidas de especial simbolismo. Boletim Diocesano, nº 153, 1979, p. 04 e 05.

<sup>508</sup> Em 1978, as reflexões de 1º de maio foram realizadas na Igreja São Sebastião, contando com a participação de cercada 800 pessoas. Em 1979, na Comunidade N. Sr. das Graças no bairro Conforto, cerca de mil pessoas, numa celebração coordenada pela Oposição Sindical Metalúrgica, com a participação de várias outras forças sociais (Comitê Brasileiro pela Anistia, Comissão de Empregadas Domésticas, CEP - Professores, etc) comemoraram o seu dia de lutas. Em 1980, as Cebts uniram-se à várias entidades em Volta Redonda, num ato público realizado no pátio da mesma Igreja, no qual participaram cerca de 600 pessoas. Boletim Diocesano, nº 121, 1978, p. 04; e nº 156, 1979, p. 01 e 02; e nº 179, 1980, p. 05

<sup>509</sup> Esta assembléia realizada no Centro de formação Diocesana, em Arrozal, nos dias 12, 13 e 14 outubro de 1979, com a participação de 120 pessoas, procurou avaliar a partir das diretrizes diocesanas, a caminhada da Igreja, em consonância com a Conferência de Puebla. Vide Boletim Diocesano, nº 116, 117 e 118, 1979.

<sup>510</sup> Esta conferência, apesar de não ter se constituído num grande salto como Medellin, segundo a diocese, teve um impacto positivo na vida da Igreja local. Seminários, estudos, debates e reuniões foram realizados no regional para avaliar os resultados desta Conferência Episcopal. Boletim Diocesano, nº 153, 156 e 157, 1979.



insatisfação e como podemos ver os protesto alcançaram definitivamente as ruas, praças e ginásios, com a oposição metalúrgica organizando grandes assembléias, que agrupavam milhares de trabalhadores, bem como os moradores da periferia, por meio de suas associações e comissões, com passeatas e sonoros protestos exigindo melhores condições de moradia e categorias profissionais utilizando sua máxima força de pressão, a greve.

### **3.13. A Participação das Ceps nos Movimentos Operários**

Neste contexto destaca-se a atuação dos professores da rede estadual e os ‘peões’<sup>511</sup> das empreiteiras que prestavam serviços na Companhia Siderúrgica Nacional, que contribuem decisivamente para este esforço de forjar mudanças, deflagrando históricas greves.

A greve do magistério, ocorrida em todo o Estado, primeira de uma série de movimentos grevistas da categoria, no ano de 1979, tem grande participação na cidade, com apoio explícito da Igreja local.

No final do ano ocorreu a famosa ‘greve dos peões’, nome pelo qual ficou conhecido genericamente o movimento organizado pelos trabalhadores contratados pelas firmas prestadoras de serviços à Companhia Siderúrgica Nacional no ano de 1979.

Esta greve não foi organizada diretamente contra a Companhia Siderúrgica Nacional, mas ela foi atingida em função das empresas empreiteiras, contratadas para executar os serviços de expansão da Usina e também da CECISA, subsidiária da Companhia que administrava os serviços imobiliários da empresa.

---

<sup>511</sup> Maneira pela qual costuma se chamar os trabalhadores com baixa especialização em todo o país. Significa “(...) *aqueles que rodam e estão sempre no mesmo lugar*”, em referência à situação vivida pela grande maioria da classe operária brasileira. Os trabalhadores de Volta Redonda começaram a utilizar esta expressão a partir dos anos setenta. CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, O Arigó: O Pássaro que vem de longe, Coleção Trabalhadores em Luta, nº 1, CEDI, Rio de Janeiro, 1989, p. 15

O movimento iniciou-se na tarde do dia 15 de outubro de 1979, quando funcionários da empresa Odebrecht fizeram um quebra-quebra nas dependências da firma, depois de um dia exaustivo de trabalho. Rapidamente a insatisfação e revolta se espalhou entre o conjunto dos operários, que saíram em passeata pelas principais ruas da cidade. O avanço da grande massa de ‘peões’ provocou um clima de pânico generalizado. O comércio fechou as portas e, conforme atesta Moreira Alves<sup>512</sup>, a repressão policial se faz sentir em função dos distúrbios de rua promovidos pelos grevistas. Estes rapidamente recorreram à Igreja e ao bispo Waldyr, que se encontrava próximo do local de conflito numa celebração em solidariedade aos professores da rede estadual de educação, que haviam acabado de sair de uma greve. Os trabalhadores acabaram decidindo pela greve, sendo acompanhados pelos companheiros de outras empresas, envolvendo um total de cerca de 12.000 trabalhadores das firmas empreiteiras<sup>513</sup>, com amplo apoio da Igreja.

Analisando este movimento D. Waldyr esclarece: “*A greve dos peões foi mais um grito de revolta do que uma greve mesmo. Foi mais uma sublevação do que uma greve organizada*”<sup>514</sup>. De fato na raiz das causas deste movimento estava a insatisfação dos trabalhadores contratados, que em sua maioria, originários de regiões pobres do país, principalmente Minas Gerais e Nordeste, atraídos por agenciadores que lhes prometiam ótimos salários, condições adequadas de moradia, alimentação, assistência médica e odontológica, e ao chegar na cidade, descobriam a difícil realidade: péssimas condições de moradia, salários baixos, alimentação de baixa qualidade e muitas vezes deteriorada<sup>515</sup>.

Esta mobilização na verdade, emergiu do caráter espontâneo dos trabalhadores, contra a situação de exploração vivida por eles. Não havia

---

<sup>512</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil, Petrópolis, Vozes, 5ª ed., 1989,

<sup>513</sup> Boletim Diocesano, nº 165, outubro de 1979, p. 01 a 07. esta edição é dedicada quase exclusivamente à cobertura da greve.

<sup>514</sup> Entrevista à Revista Agora, nº 01, janeiro de 1979, p. 28

<sup>515</sup> Os ‘peões’ referiam-se comumente à comida servida no alojamento como “(...) *lavagem, nem mesmo os porcos comem*”. O fato detonador do movimento foi justamente a qualidade da comida servida no

condução específica ou lideranças de destaque na categoria. O sindicato da Construção Civil, o representante legal dos grevistas, se absteve completamente, não apoiando em nenhum momento movimento grevista. A oposição sindical metalúrgica, em crescente ascensão, cometeu o erro da omissão, envolvida talvez por um certo corporativismo. Isto não impediu todavia, que este movimento fortalecesse sua luta, fortalecendo a posição dos insatisfeitos com a direção do Sindicatos dos Metalúrgicos.

O movimento explodiu assim, pela ação do operariado no seu local de trabalho, não sendo proposta ou prevista, quer pela direção sindical ou lideranças sindicais ou políticas. Depois da explosão do movimento, no campo da direção política, ele vai contar com apoio de algumas lideranças políticas locais, deputados e vereadores, que contribuiram com a libertação de vários trabalhadores presos e principalmente a participação da Igreja diocesana, que passa a conduzir as negociações. Esta no entanto, reconhece que não interada da situação dos operários grevistas “(...) *no início fomos pegos de surpresa. Reconhecemos que estávamos por fora dos problemas dos peões*”<sup>516</sup>.

Os trabalhadores reivindicavam um aumento salarial de 70%, melhores condições de alojamento e alimentação, fim da violência policial. A participação da Igreja foi fundamental para que estas reivindicações fossem plenamente atingidas. “(...) *Se o peões conseguiram alguma coisa, que agradeçam à Igreja*”, ressaltou o Delegado Regional do Trabalho em Volta Redonda, em entrevista ao jornal Opção no dia 27.12.79.

De fato a participação da Igreja neste movimento foi fundamental. Todas as 42 comunidades da cidade se reuniram e montaram um esquema de apoio aos peões, garantindo-lhes as necessidades mais urgentes e necessárias. Até as comunidades mais pobres da periferia participavam das organização e do

---

refeitório da empresa, quando os trabalhadores, em atitude de protesto, apedrejaram o prédio, iniciando os protestos. Revista Agora, nº 01, janeiro de 1979, p. 28

<sup>516</sup> Boletim Diocesano, nº 165, outubro de 1979, p. 2

fornecimento de alimentação aos grevistas<sup>517</sup>. A comunidade N. Sr. Aparecida foi colocada à disposição dos peões, de onde coordenavam o movimento grevista e suas comissões de segurança, limpeza, fundo de ajuda, etc.

A Igreja no entanto, avaliando este movimento, não deixa de valorizar os reais sujeitos de toda a movimentação: *“Todo o mérito da greve é credenciado exclusivamente aos peões. (...) são eles os ‘bem-aventurados que tem fome e sede de justiça’(...) a igreja não se omitiu, (...) não podia e nem pretendia ser dona da luta do peões”*<sup>518</sup>

Esta greve representou um momento novo para a história da Igreja e das Cebs na cidade. Ele representou o momento de encontro definitivo das comunidades de base com o conjunto do movimento popular, abraçando as ruas, numa reivindicação comum. No esforço da luta, vários movimentos como o CEP (atual SEPE), Movimento pela Anistia e outros credos religiosos, estiveram lado a lado, no solidário apoio aos grevista. A Igreja avaliou positivamente este contato estabelecido: *“(...) foi uma experiência nova de conviver com vários movimentos, pessoas de outra crença, sem perder sua identidade, animados pelo Evangelho na luta pelo que era justo, humano e verdadeiro”*<sup>519</sup>.

Além de tudo, esta greve representou também uma primeira participação ativa das comunidade de base em movimentos que ultrapassavam a experiência religiosa e que não eram ‘de Igreja’ ou não eram estimulados diretamente pela atuação da Igreja. Este momento significou sua presença definitiva no mundo concreto entrando em sintonia com a sociedade e outros movimentos sociais. Segundo Jairo Sidney, *“(...) sua ligação (das Cebs) com outros movimentos ocorrem não por acaso, mas de maneira natural”*<sup>520</sup>. Esta greve propiciou na prática este encontro, mostrando também a possibilidade da construção de novos canais da atuação e expressão da sociedade civil que

---

<sup>517</sup> Jornal Opção, 27.10 a 02.11.79

<sup>518</sup> Boletim Diocesano, nº 167, outubro de 1979, p. 2

<sup>519</sup> Boletim Diocesano, nº 165, outubro de 1979, p. 2

surgiam na cidade. As Cebcs começavam a participar deste novo processo e a construir tais canais.

A Igreja após a greve, que terminou em 22.10.79, manteve sua solidariedade ao movimento, mantendo um serviço de assessoria jurídica aos peões e acompanhamento do cumprimento das reivindicações.

Esta ‘Greve dos Peões’, como o movimento ficou conhecido na cidade, significou um marco importante na luta dos operários de Volta Redonda, mesmo com todas a sua especificidade e limitações. Rompeu-se o mito da passividade do operário da Cidade do Aço, mesmo que isto tenha sido realizado pelas mãos de ‘peões’, gente de classe baixa, considerados cidadãos de segunda categoria. A greve propôs novas expectativas para o movimento operário na cidade e a participação das Cebcs foi fundamental para o sucesso desta empreitada

### **3.14. Os Novos Rumos da Pastoral Popular em Volta Redonda**

Neste ano de 1979, a Igreja avança decisivamente no projeto de engajamento social das Cebcs, dedicando passos concretos e explícitos neste sentido. Como já vimos, neste ano se realizou mais uma Assembléia Diocesana. Sua importância residiu no fato de apontar a necessidade de real solidariedade e participação nas organizações populares, dedicando ainda ênfase especial à formação de grupos operários, além de endossar a opção preferencial pelos pobres, inspirada em Puebla.

Antes porém dessa decisão explícita da Assembléia Diocesana, alguns passos foram dados no sentido de antecipar suas decisões. Em abril de 1979, um

---

<sup>520</sup> SIDNEY, Jairo C. “Igreja e Mobilização Popular” in Dosssê CPV-1985, Comunidades Eclesiais de Base e Movimento Popular, p. 11

encontro de coordenadores de comunidades de toda a diocese, indica caminhos que estes grupos decidiram seguir daqui para frente. Vale a pena destacar: “(...) 4- incentivar a criação de novos grupos de base, 5- promover a união no bairro formando comissões (...) 6- criar clubes de mães, visando a realidade das donas de casa e sua conscientização (custo de vida, salário do marido, etc.) (...) 7- criar grupos de empregadas domésticas para fortalecer suas reivindicações (...) divulgar as ações tomadas nas assembleias dos bairros(...) 10- procurar com os grupos de base solucionar os problemas e necessidades do povo, bem como água, rua, esgoto(...) 13- ser instrumento com prioridade no setor de trabalho, orientando os companheiros sobre a exploração do patrão”<sup>521</sup>. Em todas as recomendações havia o compromisso de uma atuação social, que aponta as Cebcs como pontos de apoio para vários movimentos da sociedade civil.

Estas propostas concretas de ação, são fortalecida com a realização, neste mesmo ano, da 1ª Assembleia dos Animadores de Grupos de Periferia de Volta Redonda<sup>522</sup>. No dia 20 de maio, mais de sessenta animadores estiveram reunidos na Cúria Diocesana, com o intuito de iniciar trabalhos em comum e fortalecer sua posição na cidade. Havia a premente necessidade desses animadores da periferia articularem este espaço para que pudessem enfrentar os desafios que viriam pela frente. Uma das decisões do encontro foi fortalecer as comissões de bairro, com o objetivo de fortalecer a organização interna das comunidades. Foi um passo decisivo para a organização coletiva das Cebcs na cidade.

Na 2ª Assembleia dos Animadores de Grupos de Periferia, ocorrida em setembro, cerca de 19 comunidades periféricas da cidade se reuniram com o objetivo de endossar as deliberações da Assembleia Diocesana. Ela tratou basicamente a questão das comissões de bairro, desde as ações dessas comissões e sua implantação naqueles locais onde elas ainda não existiam. Isto significava a inserção concreta das Cebcs em seus bairros, que se traduzia num compromisso

---

<sup>521</sup> Boletim Diocesano, nº 157, junho de 1979, p. 05

pela melhoria da qualidade de vida e na luta por luz, água, telefone público, Pronto Socorro, libertação de presos injustamente, etc<sup>523</sup>. A questão da posse da terra, cada vez mais urgentes na cidade, devido ao crescimento acelerado desses anos, e a luta dos posseiros urbanos nas diversas áreas de posse clandestinas, exigem a participação das Cebbs, que também se solidarizam com esta situação<sup>524</sup>.

Estas comissões de moradores, ainda internas e compostas em sua maioria por membros da própria comunidade de base, começam a serem formadas num período anterior, por volta dos anos de 1976-77, que corresponde ao governo do primeiro interventor federal indicado para a cidade, então área de segurança nacional. Estas nascentes comissões de moradores, trabalhavam no bairro discutindo as necessidades básicas e buscando soluções para resolver os problemas da coletividade. Procuravam mobilizar os moradores de seus bairros utilizando diversos meios, como encaminhamento de ofícios, cartas, abaixo-assinados, etc, organização de murais, boletins, palestras, bem como a convocação de reuniões com representantes do governo municipal para discutir a situação de precariedade e abandono a que estavam submetidos, realização de assembléias e celebrações com moradores do bairro, e também realização de concentrações públicas<sup>525</sup>. Começavam serem geridas neste período, experiências de pressão e maciça presença popular.

A absoluta maioria das comissões pró-melhoramentos de bairros<sup>526</sup> formadas neste período, provêm das comunidades eclesiais de base. A tomada de consciência da situação de exclusão social que os moradores da periferia são submetidos, também é formada nas Cebbs. As comissões de moradores representam uma tentativa de lutar pela plena cidadania dessas populações marginalizadas.

---

<sup>522</sup> Boletim Diocesano, nº 157, junho de 1979, p. 05

<sup>523</sup> Boletim Diocesano, nº 166, outubro de 1979, p. 07

<sup>524</sup> Relatório da Assembléia Regional de Volta Redonda, 23 de novembro de 1980, p. 04

<sup>525</sup> Cf. Relatórios das comunidades enviados para pesquisa 'A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda', 1982

Um clássico caso de formação de uma comissão de moradores, nos é mostrado pela comunidade do bairro Siderlândia, região periférica da cidade. Um curso de dinâmica cristã, coordenado por agentes de pastoral que acompanhavam a comunidade, foi o estímulo para a organização dos moradores daquele local. Um destacado militante do período, descreve a experiência: *“(..) chegaram a Olívia e o Normando em minha casa na Siderlândia. (...) Eles propuseram fazer um curso de dinâmica cristã na comunidade. Chamamos umas 40 pessoas. Acontecia de Segunda a Sexta-feira, das 19 às 21 horas. Fazíamos reflexões bíblicas, brincadeiras, era uma coisa muito gostosa, participativa. Agente cantava, batia palma e refletia o evangelho e a vida. Neste processo passamos a discutir os problemas do bairro e descobrimos que a grande carência dos moradores era a água. (...) Percebemos que como cristãos, não podíamos ficar por fora disto. Era preciso fazer alguma coisa. Tiramos o procedimento de fazer uma assembléia de moradores do bairro. A primeira assembléia do bairro. Fizemos cartazes, divulgamos, e no domingo o pessoal compareceu. Tiramos uma passeata até a Prefeitura. Depois disso, o Georges Leonardo mandou uma pipa. O pessoal foi tomando gosto, formamos comissões de moradores e a luta foi se estendendo e conquistando água, esgoto, iluminação. Em 1978 formamos a primeira associação de moradores do bairro, a diretoria era toda da comunidade”*<sup>527</sup>

Dessa forma ao longo desse período, em todos os bairros da cidade, as Cebts terão uma atuação destacada. Nos diversos setores da cidade, as comunidades de base articulam um trabalho cada vez mais voltado para o bem estar da população. A articulação fé e vida, impele os militantes das Cebts a lutar por melhores condições de vida, engajando-se em sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais<sup>528</sup>.

---

<sup>526</sup> Estas comissões serão chamadas mais tarde de associações de moradores.

<sup>527</sup> Entrevista realizada em 16.11.00

<sup>528</sup> ‘A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda’, Pesquisa CERIS, 1982



Ao mesmo tempo que a implantação dessas comunidades se consolida em toda a cidade<sup>529</sup>, aumenta também a sua intensidade de atuação. Uma pesquisa realizada pelo CERIS- Centro de Estatística e religiosa e Investigação Social- na cidade, evidencia esta situação. De acordo com o levantamento do instituto, as comunidades contribuíram decisivamente para o nascimento de movimentos populares em defesa dos direitos coletivos, demonstrando possuir plena capacidade de se organizarem coletivamente diante de um fato que as afete. Essas comunidades, segundo a pesquisa realizada, desenvolveram também um importante trabalho de conscientização política, assumida agora como uma atividade própria de atuação das comunidades e não mais desvinculada de sua religiosidade<sup>530</sup>.

Nos quatro cantos da cidade, se percebe esta dinâmica, com explosão de protestos e denúncias, com participação hegemônica das Cebcs. Atrasos de ônibus, saneamento básico, condições inadequadas de escolas, iluminação, aumento de preços, lutas pela posse da terra e saúde geram essas demandas<sup>531</sup>, significando a tomada das ruas pelo povo.

Os moradores da periferia, animados pelas comunidades de base, participam assim ativamente das lutas construídas neste período, como protagonistas das grandes mobilizações da cidade. Passeatas, protestos, abaixo-

---

<sup>529</sup> Neste período um importante passo foi dado no bairro Conforto. A saída dos quatro padres responsáveis pela área, transferidos para outra diocese, à princípio, gerou um situação complicada para a Igreja, que não possuía sacerdotes disponíveis para substituí-los. A situação foi resolvida com a transferência de padre operário André Romary, para aquele setor, juntamente com um grupo de religiosas, Rufina, Eliete e Irene, que assumiram os trabalhos pastorais. Pouco tempo depois, o processo de articulação das Cebcs naquela região já estava consolidado, inclusive com a formação de novas comunidades ( Paraíso Baixo e Boa Vista 3) e associações de moradores (Paraíso Alto), além de comissões de moradores em diversas outras comunidades. Boletim Diocesano, nº151, 1979, p. 02 , nº 156, 1979, p.03 e nº 165, 1979, p. 03

<sup>530</sup> 'A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda', Pesquisa CERIS, 1982

<sup>531</sup> O Boletim Diocesano traz uma série de exemplos concretos que demonstram estas situações. Acontecem sempre num bairro periférico, onde os moradores se reúnem em torno do grupo de base para defender seus direitos ou os militantes do grupo, após diagnosticarem a realidade que os cerca, decidem tomar posições para solucionar os problemas da comunidade, mobilizando os moradores. Boletim Diocesano nº 137/138, 145, 151, 158, 157, 189, 165, de 1979 e Relatórios das comunidades enviados para pesquisa 'A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda'. 1984

assinados, e panfletos contendo reivindicações populares tomam conta das ruas e avenidas.

Num dos bairros mais pobres da cidade, o Paud'alho (atual Belo Horizonte), o trabalho desenvolvido pela comunidade local é expressivo desta dinâmica. A visita pastoral<sup>532</sup> do bispo neste ano, é o momento da comunidade apresentar os principais trabalhos desenvolvidos no bairro, com destaque para a realização de assembléias e organização de comissões de visitas, formação e informação, denúncia e reivindicação e finanças, onde os moradores, levantaram os principais problemas da localidade: água, asfalto, regularização de lotes, ônibus, etc. O próximo passo da comunidade de base é a organização de movimentos e mobilização dos moradores da localidade, para reivindicar seus direitos, que começam a ser atendidos.

Desde o final da década de setenta e início dos anos oitenta, este processo desencadeia, como já endossei anteriormente, concretizando-se em inúmeros movimentos em toda a cidade. A periferia e os excluídos reivindicam seu espaço.

Nas comunidades João XXIII (Siderlândia) e São Pedro (Belmonte), o compromisso dos cristãos nas Cebs, leva a comunidade a lutar pela construção de um Jardim de Infância, creche e salas de aula no bairro, além da luta ao lado dos posseiros no bairro. Na comunidade Santo Agostinho e Vila Americana, as lutas se desenrolam em torno das questões de saneamento, posse da terra e protestos contra um depósito de escória<sup>533</sup> situado no bairro. Nas comunidades São Sebastião e Vila Brasília, o envolvimento da comunidade além, das demandas urbanas por saneamento, se consubstanciou também em protestos pela ampliação de escolas no bairro e movimento contra o aumento das passagens de ônibus. Em outras comunidades, a participação das Cebs se verifica também nas lutas por melhor atendimento em

---

<sup>532</sup> Boletim Diocesano, nº 159, junho de 1979

hospitais (Com. Bom Jesus-Retiro), assistência jurídica (com. N. Sra das Graças), passeatas contra carestia (com. Conforto), e campanhas de certo cunho assistencialista, predominante nas comuidades de centro ( comunidades de Santa Cecília, bairro Sessenta, Santos Eduadores, N. Sr. Aparecida, etc)<sup>534</sup>.

O sucesso destas experiências, que como demonstrei não se restringiam a casos isolados e localizados, motiva a população para a reivindicação de seus direitos e impulsiona a Igreja diocesana a lançar novos desafios. Na avaliação oficial da instituição era chegado o momento avançar em direção à novos rumos, para que a ação pastoral pudesse evoluir abrangendo novos campos de atividade, pois segundo o bispo, “(...) *a Ceb é um processo contínuo e sempre renovador*”. Ele atribui níveis cada vez mais amplos de consciência ao desenvolvimento do trabalho desenvolvido pelas comunidades: dos grupos de reflexão se chega aos problemas do bairro e daí à percepção de que “(...) *o bairro é mais amplo que um credo religioso*”, quando se fazem sentir novas necessidades de atuação no próprio bairro, para que partissem para uma efetiva organização de todos os moradores.

A partir de meados de 1978, depois de várias experiências e da organização de moradores em diversos bairros da cidade, as comissões de moradores motivadas pelas Ceb, transformam-se em associações de moradores, com o objetivo de atrair a população do bairro, como havia acontecido no bairro Siderlândia e citado anteriormente. Sobre esta atuação das Ceb, a atual presidente do Conam<sup>535</sup> afirma : “(...) *da Igreja, por meio das Ceb, surgiram grande parte das associações de moradores da cidade*”, atesta Irani Martins.

---

<sup>533</sup> Rejeito industrial originário do processo de fabricação do aço, que pode provocar alergias e complicações respiratórias.

<sup>534</sup> Cf. Relatórios das comunidades enviados para pesquisa ‘A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda’, 1984

<sup>535</sup> Conselho das Associações de Moradores de Volta Redonda. Este entidade foi fundada em 1984, agrupando 54 associações de moradores, para que pudessem desenvolver um trabalho unificado dessas associações na cidade. Defende uma linha de independência e autonomia das associações de moradores locais em relação não poder público municipal.

Nos anos seguintes, este encaminhamento fica evidente, quando por exemplo, em 1980, na realização de uma reunião ampliada na diocese, o ‘conselhão’, as comunidades da região apontam o caminho da organização, especificando a formação de associações de moradores, clube de mães, grupos de lavadeiras e domésticas, grupos operários, como instrumentos concretos de inserção e espaço de atuação das comunidades de base<sup>536</sup>. A próxima assembléia diocesana, realizada em 1981<sup>537</sup>, reafirma as prioridades pastorais: Cebbs, mundo operário e juventude, indicando ainda a necessidade de criação de assessoria de fé e política nas comunidades, aprofundamento permanente para animadores de grupo, incentivo à pastoral operária, etc. A construção das Cebbs e sua inserção na sociedade era um processo consolidado.

As comunidades de base, haviam cumprido seu papel social, canalizando a insatisfação popular e fornecendo condições para sua organização e ascensão do movimento social em Volta Redonda. As Cebbs desempenharam este importante papel na época da ditadura, porque foram as portadoras das reivindicações sociais do povo, quando este não podia se organizar em associações e sindicatos. Nos bairros de periferia, as comunidades continuam lutando para conseguir melhorias e serviços públicos, que na maioria dos casos, sem a sua participação, dificilmente chegariam àquelas regiões. Agora estas comunidades caminham juntas com estes mesmos movimentos que ajudaram a forjar.

### **3.15. As Cebbs e as Mediações no Campo Político**

---

<sup>536</sup> Vide Boletim Diocesano, nº 165, 1979, p. 05 e Relatório da Assembléia Diocesana, 23 de novembro de 1980.

<sup>537</sup> Esta assembléia ocorreu nos dias 06, 07 e 08 de novembro de 1981, no Centro de Formação de Arrozal, com a presença de 124 pessoas, marcando os 15 anos de renovação do Concílio Vaticano. Ocorreu a afirmação das diretrizes diocesanas, realizadas nas assembléias anteriores, bem como uma reestruturação da pastoral diocesana ( Conselho Diocesano de Pastoral e Coordenação Diocesana de Pastoral). Boletim Diocesano, nº 213, novembro de 1981.

No início da década de setenta os militantes das comunidades de base em Volta Redonda não eram engajados em partidos políticos. Naquele momento havia apenas dois partidos permitidos no Brasil: o partido da situação, a ARENA, e o partido da oposição ‘consentida’, o MDB. Nesta época, os membros das Cebbs, como demonstra o acompanhamento do boletim diocesano, atas do conselho regional e subsídios de discussão dos grupos, discutiam sobre a atuação dos dois partidos, sobre os melhores candidatos, e participavam através do voto. A situação mudou completamente a partir da reforma partidária feita pelo governo militar em 1979, que permitiu a formação de outros partidos. Um grupo de dirigentes sindicais apoiados por setores da esquerda organizada, por alguns parlamentares e por um grupo de intelectuais – inclusive alguns intelectuais católicos – decidiu formar um partido de trabalhadores, o PT. O fato desse partido ter nascido do movimento operário e de outros movimentos populares, e que pretendesse ser não apenas um canal de expressão dos interesses das classes populares, mas também um partido onde os trabalhadores pudessem participar, exerceu forte atração sobre os militantes das Cebbs em todo país, afinal elas também tinham nascido “de baixo para cima”, das camadas populares. elas também permitiam a participação plena dos trabalhadores.

Em Volta Redonda este processo também acontece e a atuação das Cebbs no âmbito urbano e sindical, por volta do ano de 1979, desperta também sua atenção para o mundo da política, inclusive a política partidária.

A partir desta época, quando a discussão e engajamento das Cebbs, se aprofunda com sua presença significativa na vida da cidade, uma nova problemática começa a direcionar os trabalhos de formação política dos militantes das comunidades de base: a educação política e conhecimento da estrutura da sociedade, ganham papel de destaque nas reuniões de formação desses animadores de grupos e de comunidade. Subsídios, encontros, palestras e

seminários procuram levar os militantes das Cebcs a compreenderem melhor a sociedade em que vivem<sup>538</sup>.

As Cebcs nesta época, descobrem a política, como estímulo ao seu engajamento social e no sentido real de sua expressão, vista aqui como espaço de promoção da justiça e do bem comum. Os militantes das Cebcs, passam a enxergar a realidade em que vivem, como uma teia no imenso tecido social das relações de exploração capitalista: “(...) *a Igreja descobre a raiz do mal social: a miséria, que dificulta a fraternidade, a estrutura social que produz a dependência externa e interna da economia, cultura e política*”<sup>539</sup>

O próximo passo a seguir é o engajamento dos cristãos dessas comunidades no complicado mundo da política partidária. O bispo diocesano enfatiza este aspecto: (...) *Começa a ser dado um passo mais a frente de adesão na solidariedade, na participação dos sindicatos, na luta, nas manifestações (...) e no aspecto político*<sup>540</sup>. O bispo ainda reforça mais tarde este posicionamento, quando afirma: “(...) *os cristãos tem de ligar sua fé à política partidária, porque a Igreja tem muito a ver com o povo e sua libertação, procurando orientar a todos à respeito dos Partidos e escolher um partido que seja do povo, para o povo e que nasça do povo*”<sup>541</sup>. A Assembléia do Regional de Volta Redonda, também enfatiza este aspecto do engajamento partidário, indicando a necessidade de participação das Cebcs num partido político que defendesse os interesses dos mais pobres<sup>542</sup>.

Esta situação se evidenciava e se tornava cada vez mais urgente, pois o Brasil vivia intensamente o processo de abertura política e a reorganização da

---

<sup>538</sup> Estes encontros eram bastante amplo e abordavam temas como capitalismo e socialismo, classes sociais e estruturas do capitalismo, dívida externa, análise de conjuntura brasileira e internacional, experiência socialista de Cuba, Nicarágua e Chile, política econômica da ditadura, etc. Vide Boletim Diocesano, nº 178, 1979, p. 03; nº 188, 1979, p. 03

<sup>539</sup> Boletim Diocesano, nº 178, 1979, p. 04

<sup>540</sup> Entrevista realizada em 19.11.00

<sup>541</sup> Relatório do Conselho Pastoral Regional de Barra Mansa, 21 de setembro de 1981. Este reflexão mostra uma das posições de D. Waldyr sobre o engajamento partidário dos cristãos. Em 1981, ele provocou perplexidade na imprensa nacional e no clero brasileiro, ao revelar num jornal de Alagoas, ser simpático ao PT e ser favorável luta armada, em alguns casos.

sociedade política com a articulação de novos espaços, como já foi afirmado. Volta Redonda não fica à margem deste processo, sendo o mesmo vivenciado, com as comunidades eclesiais de base participando também da fundação do Partido dos Trabalhadores na cidade.

Organizado a partir do ano de 1979, com expressiva participação de cristãos engajados nas Cebbs, este partido consegue surpreender, quando nas eleições de 1982, elege Edson Santana, morador da periferia com ativa participação nas Cebbs diocesanas e movimento popular, como o único vereador petista eleito em todo o interior do estado do Rio de Janeiro. Este vereador, ancorado no conjunto do movimento social e apoiado por várias comunidades eclesiais de base, desenvolverá um importante trabalho na Câmara Municipal.

A diocese de Volta Redonda procura também orientar esse engajamento dos cristãos, alterando seu discurso político em relação à década de setenta. Através de campanhas de conscientização e trabalhos nos grupos de base, ela passa a destacar a importância da participação político-partidária, orientando seus fiéis para que decidissem de maneira consciente o seu voto: “(...) nós cristãos temos que escolher o partido que esteja comprometido com o povo trabalhador, que é marginalizado e oprimido. E daí escolher os candidatos desse partido”<sup>543</sup>. Demonstra-se neste contexto uma grande simpatia pelo Partido dos Trabalhadores.

O PT, nascido então com expressiva participação dos militantes das Cebbs e apoio velado da Igreja, será um importante instrumento de organização popular. Todavia, cisões políticas posteriores levaram ao afastamento de importantes militantes do partido.

Na década de noventa, seguindo orientação da coordenação nacional, o partido afasta-se do conjunto do movimento social e das lutas operárias, buscando privilegiar as ações e canais institucionais, numa nova estratégia

---

<sup>542</sup> Relatório da Assembléia do Regional de Volta Redonda, 14 a 26 de setembro de 1982.

política, inclusive abrindo-se à coligações partidárias, que acabam levando-o à vice prefeitura da cidade em 1992, em aliança com o PSB, fato que se repetiu em 1996 e 2000. Não cabe a mim e não é meu objetivo, analisar a trajetória e o processo vivido pelo Partido dos Trabalhadores em Volta Redonda, apenas destacar que, de certa forma, este partido, nascido com presença marcante das comunidades de base, hoje não apresenta mais tanta força e expressão junto a estas comunidades.

### **3.16. A Atuação da Cebis na Organização da Oposição Sindical**

O trabalho de renovação iniciado pelo bispo, no final dos anos sessenta, refletiu diretamente na orientação prática da Igreja diocesana no seu dia a dia. Em Volta Redonda, a Igreja assume a partir daí, um posicionamento claro e explícito de defesa e articulação dos espaços de participação e defesa dos interesses populares.

De acordo com a nova visão trazida pelo novo bispo, o movimento sindical ocupa um espaço de destaque, passando a ser visto menos como um espaço que deve ser monopolizado pela Igreja, do que um veículo de promoção dos despossuídos<sup>544</sup>.

Sobre esta problemática e a atuação das comunidades de base, bem como engajamento social do cristão, o bispo diocesano afirma que, através das reflexões das Cebis, emergiram não somente movimentos que se expressaram no espaço urbano, mas que também invadiram o espaço da fábrica: “(...) *a comunidade eclesial de base cria dentro do participante um espírito de solidariedade, um espírito de participação, um espírito de responsabilidade, na*

---

<sup>543</sup> Subsídio para grupos de base, ‘Vamos Votar’, 1982

<sup>544</sup> MONTEIRO, Geraldo. Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros. Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995, p. 48.



*defesa de todos os interesses daqueles que moram ali naquele bairro. E não ficam só no bairro. Eles tomam a consciência de também participarem dentro da própria vida e dos próprios problemas dos operários: a sua organização de reivindicação de salários, no apoio em suas luta por um sindicato mais livre, mais independente*<sup>545</sup>.

O sindicato é um instrumento de lutas dos trabalhadores, por isso, esforços de atuação da Igreja, logo começam a se direcionar, no sentido de recuperar o espaço sindical para os trabalhadores. Como exemplo dessa nova atuação, Geraldo Monteiro<sup>546</sup> destaca que, no âmbito da Igreja de Volta Redonda, partindo das Cebis, começa a se organizar um pequeno núcleo de onde virá o movimento pela retomada da independência da ação sindical, com apoio do bispo D. Waldyr.

Dessa forma, no período de maior terror e repressão da Ditadura Militar no Brasil, o início dos anos 70, a Igreja em Volta Redonda, por meio das Cebis, será o grande veículo de organização popular, na luta contra a ditadura e pela retomada dos espaços populares. Este mesmo movimento estava ocorrendo em todo o país, Clodovis Boff destaca que “(...) *as Cebis tiveram influência poderosa, se não decisiva em iniciativas populares muito significativas. Assim foi com a oposição sindical, o desencadeador das greves em cadeia, o Movimento Contra a Custo de Vida, a luta pelos direitos dos lavradores especialmente dos posseiros. Nessas iniciativas as Cebis constituíram não raro o ‘grupo dirigente’ do processo*”<sup>547</sup>. Em Volta Redonda, este processo também se realizará sob forte influencia da Igreja.

Um militante do período analisa esta intervenção da Igreja, destacando um dos aspectos do trabalho desenvolvido: “(...) *Como a repressão era grande e dentro da fábrica era difícil articular um trabalho, estrategicamente as Cebis*

<sup>545</sup> Entrevista realizada em 19.10.00

<sup>546</sup> MONTEIRO, Geraldo, op. cit., p. 52

<sup>547</sup> BOFF, Clodovis. ‘A Influência Política da Igreja’ in SEDOC, n° 118, p. 807

*ocuparam este espaço. Foi realmente um achado*”<sup>548</sup> De fato, a Igreja em Volta Redonda, se tornará o espaço aglutinador e formador de novas lideranças no período.

Geraldo Monteiro<sup>549</sup> atesta que um dos fatos que demonstra importância do papel da Igreja em Volta Redonda, revela-se no surgimento de lideranças de todos os matizes, que tiveram uma importância destacada na vida sindical da cidade. Futuros militantes de grupos clandestinos de esquerda, líderes populares como Vágner Barcellos, Luís de Oliveira Rodrigues, Waldemar Lustoza e Marcelo Felício (todos ex-presidentes do sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda) iniciam sua carreira política nos grupos de discussão da Igreja. Vale destacar ainda o grande número de militantes, presidentes de associação de moradores, líderes sindicais e vereadores nascidos no ambiente de discussões das comunidades eclesiais de base<sup>550</sup>. O depoimento de Marlene Fernandez é elucidativo desta questão: “(...) *O movimento era muito rico. Estes grupos formaram muitas lideranças como o Luizinho, Ernesto Braga, Marcelo Felício, entre muito outros.*”<sup>551</sup>

Em consequência deste novo direcionamento político, por volta de 1971-1972, um pequeno grupo de sindicalistas se prepara para disputar, em 1973, as primeiras eleições livres ocorridas no Sindicato dos Metalúrgicos desde 1968, quando então, o sindicato sofreu pela 2ª vez uma intervenção da ditadura<sup>552</sup>.

---

<sup>548</sup> Entrevista com Luiz de Oliveira Rodrigues

<sup>549</sup> MONTEIRO, Geraldo. Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros. Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995, p. 48

<sup>550</sup> No campo das esquerdas, grande parte das lideranças populares de Volta Redonda, nasceu desse grupo, como os vereadores e ex-vereadores Dodora, Aldílio França, Wanderlei Barcellos, Zeomar, Adão Pedro, Edson Santana e muitos outros sindicalistas Dejair, Ernesto Braga, etc

<sup>551</sup> Entrevista realizada em 10.10.00.

<sup>552</sup> No campo sindical, o ano de 1968, foi marcado pelo ressurgimento de núcleos de oposições sindicais em diversas regiões do país, com destaque para Osasco-SP e Contagem-MG, onde estas oposições lideraram as primeiras greves sob o regime militar. Em Volta Redonda, este ano será marcado pela vitória de uma chapa intitulada ‘independente’, liderada pelo metalúrgico Wilton Meira, para a direção sindical. Esta nova direção mantinha estreitos vínculos com o Governo Federal, e estava declaradamente decidida em separar a vida sindical da política partidária, alimentava concepções trabalhistas e recusava a lançar mão de qualquer instrumento de mobilização que pudesse levar ao enfrentamento com a empresa. No entanto a edição da AI-5, em dezembro de 1968, destituiu toda a

Nestas eleições sindicais, elege-se para a presidência do Sindicato, com decisivo apoio da Igreja<sup>553</sup>, Waldemar Lustoza, que permanecerá na direção da entidade por três mandatos sucessivos até 1983, quando enfim a oposição sindical ganhará oficialmente as eleições sindicais. A vitória de Waldemar Lustoza nesta ocasião se explica pelo fato de inicialmente este candidato representar uma esperança de mudanças para alguns, pertencer ao MDB, partido então que aglutinava setores da oposição, e segundo Pimenta<sup>554</sup>, se apresentar-se ainda como ‘vítima’ da empresa.

O grande problema da gestão Lustoza no Sindicato dos Metalúrgicos, foi que, embora inicialmente apoiado pela Igreja e também pelos setores mais combativos do Departamento Trabalhista do MDB, aos poucos -devido à sua escassa formação político-ideológica- o líder sindical, acabará se burocratizando e se alinhando aos interesses do grupo hegemônico. A Companhia Siderúrgica Nacional mais uma vez percebe a força e a utilidade de ter o controle do sindicato da categoria e a direção desta entidade alinhada aos seus interesses, vindo inclusive a reforçar e apoiar a ação desta entidade sindical. Sintomático desta situação de cooptação, como nas velhas práticas que envolviam a Igreja, foi a doação em 1978, de um terreno no centro da cidade, para que o Sindicato dos Metalúrgicos construísse sua nova sede.

Desde cedo então, Lustoza se afasta dos compromissos assumidos inicialmente com os grupos oposicionistas que tinham apoiado a sua candidatura. O Sindicato transforma-se neste período, num departamento da empresa,

---

direção do sindicato, nomeando como interventor, Sr. Olimpo Gomes de Oliveira. Vide MONTEIRO, Geraldo. Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros, Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995, p. 47 e CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, O Arigó: O Pássaro que vem de longe, Coleção Trabalhadores em Luta, nº 1, CEDI, Rio de Janeiro, 1989 e MOREIRA, Regina da Luz. CSN Um Sonho de Aço e Ousadia, Rio de Janeiro, Iarte, 2000, p. 110

<sup>553</sup> Vale destacar que neste período Lustoza era membro da comunidade de Santo Antônio, no bairro Niterói.

<sup>554</sup> A autora utiliza este termo para referir-se ao fato deste apresentar-se como oposição à Companhia Siderúrgica Nacional, sendo por este motivo perseguido dentro da fábrica. PIMENTA, Solange Maria. A Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Construindo Homens. O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989

inclusive organizando uma rede de atendimento médico-odontológico, nos moldes da estrutura sindical tradicional.

A desilusão provocada com a ascensão de Lustoza ao sindicato e o agravamento das questões sociais, leva à articulação, em meados dos anos de 1974/1975, de um movimento de oposição sindical com grande apoio da Igreja<sup>555</sup>, e com forte atuação de membros oriundos da Cebs, e de vários movimentos ligados à estas comunidades, como a ACO (Ação Católica Operária) e P.O (Pastoral Operária). Confirmando esta articulação D. Waldyr relata: “(...) *grande parte do grupo que havia apoiado Lustoza, agora estava na oposição*”<sup>556</sup>

A gestação deste pequeno núcleo de oposição sindical, inicialmente ocorrerá dentro dos marcos da Igreja. A pré-história do movimento de oposição sindical acontece na Igreja de São Sebastião no Retiro. Neste período, em meados de 1974, com assessoria do padre operário Jacques, começa a se articular grupos de ACO (Ação Católica Operária) e JOC (Juventude Operária Católica) nesta comunidade.

As discussões internas desse grupo, levantaram a necessidade de se organizar um grupo de oposição sindical para resgatar o sindicato e torná-lo de fato um órgão voltado para a defesa do interesse dos trabalhadores. Dentro da ótica desses militantes, esta ação era vista agora como um compromisso social diante de sua fé. Um dos pioneiros nesta tarefa relata: “(...) *o começo da oposição foi no Retiro. Naquele momento em que você saía na porta para ver se não tinha ninguém para te prender (...) eram poucas pessoas, umas seis ou sete. Era muito fechada, era a fase inicial e era preciso ter critério. Aí nós gestamos a oposição sindical.*”<sup>557</sup>

---

<sup>555</sup> Cf VEIGA, Sônia Mayrink e FONSECA, Isaque. Volta Redonda entre o Aço e as Armas, Vozes, Petrópolis, 1990, p.48

<sup>556</sup> Entrevista realizada em 10.10.00.

<sup>557</sup> Entrevista com Edson Santana, realizada em 16.11.00. Entre os pioneiros ele nesta experiência ele cita José Emídio, Braitto, Rocha, Alberto e Wagner Barcelos, além de padre Jacques, assessor da ACO. Há um consenso estabelecido entre vários entrevistados (Sr. Júlia, Padre Norrmando, Olívia Barreto, Marlene Fernandez, Luizinho, Sr. Dário e outros), em apontar estas pessoas como os articuladores iniciais da oposição.

A partir deste núcleo inicial, começou a se organizar o movimento de oposição sindical dentro da fábrica, abrindo as primeiras discussões com os operários. Uma importante contribuição para este movimento foi a organização das primeiras comissões de fábrica no interior da Companhia Siderúrgica Nacional.

Estes núcleos de discussão operária dentro da fábrica também surgem a partir do trabalho desenvolvido pelos grupos de discussão da Igreja nas comunidades eclesiais de base. Desafiados por um trabalho de atuação específica no mundo do trabalho, esses grupos de ACO e JOC, desenvolviam uma pedagogia operária baseada no método Ver-Julgar-Agir e na RVAO - Revisão de Vida e Ação Operária<sup>558</sup>-, onde faziam reflexões sobre ação na fábrica e planejavam sua atuação neste meio: *“(...)definíamos, a partir do método, ações na fábrica, comércio, construção civil. Daí surgiu a idéia de formar uma comissão de fábrica na CSN. A primeira comissão de fábrica da Usina surgiu na minha área, a sinterização. Tinha mais ou menos 10 operários, nos reuníamos clandestinamente numa sala escondida na área. (...)para participar da comissão a pessoa tinha que ter espírito crítico e ser discreta, bico calado. (...) a segunda comissão de fábrica surgiu logo depois, na área do Marcelo Felício (ex-presidente do Sindicato), na zona leste. Ele militava na ACO.”*<sup>559</sup>

Dessa forma um grupo de metalúrgicos cristãos, engajados nas Cebbs locais e militantes da ACO, iniciam as discussões da oposição sindical. As reuniões se iniciam neste ano, acontecendo clandestinamente e abertas somente aos militantes envolvidos no processo

A oposição aos poucos vai crescendo e absorvendo as reivindicações operárias. As péssimas condições de trabalho e segurança, o autoritarismo da empresa, o despotismo dos supervisores, alargam ainda mais o horizonte de

---

<sup>558</sup> De acordo com este método, desenvolvido pelo cardeal belga Cardjin, o militante atua no local de trabalho, revisa esta ação no grupo de discussão e planeja novamente esta ação em grupo.

atuação do grupo de oposição sindical. Somados à uma descrença generalizada no sindicato da categoria e ao processo de abertura política que se configura, o grupo potencializa forças para tornar-se público e constituir-se numa alternativa real ao sindicato controlado pelos ‘pelegos’.

O grupo de oposição busca uma melhor organização interna que garantisse sua sobrevivência. Por volta de 1978 então, as reuniões tornam-se pública, e novamente a Igreja ancora a decisão do grupo de oposição e segundo o depoimento de D. Waldyr, a Igreja de Volta Redonda desempenha papel importante, formando lideranças nas Comunidades Eclesiais de Base e apoiando as reivindicações operárias<sup>560</sup>, além de fornecer o próprio local de reunião do grupo, o salão da Comunidade N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças, no bairro Conforto<sup>561</sup>.

Estas reuniões que aconteciam semanalmente no salão desta Igreja, contavam com a participação média de 30-40 pessoas, majoritariamente de cristãos engajados nas Cebes e nas pastorais sociais da Igreja. A coordenação do grupo ficava à cargo de José Emídio e seus filhos Wagner, militantes com destacada atuação nos grupos de base da comunidade São Sebastião, no bairro Retiro, e também Juarez Antunes, antigo operador da antiga açariaria SM, que não tinha experiência política anterior expressiva, já que anteriormente somente tinha concorrido à prefeitura de sua cidade natal, Estrela Dalva- MG, mas destacava-se como grande orador e líder carismático. Este operário se elegerá posteriormente, presidente do sindicato, deputado federal e prefeito da cidade. Este último será praticamente um dos únicos líderes desse período, que não se inicia nos grupos de base da Igreja.

A sua participação na oposição sindical é bastante discutida, gerando inúmeras controvérsias. De concreto fica a certeza que Juarez Antunes, apareceu num momento em que a oposição, de certa forma já estava estruturada, não

---

<sup>559</sup> Entrevista com Edson Santana, realizada em 16.11.00

<sup>560</sup> MONTEIRO, Geraldo. op.cit., p. 52

<sup>561</sup> Bairro de classe média baixa, habitado em sua maioria por empregados da Companhia Siderúrgica Nacional.

chegando a realizar nenhum trabalho de base, tornando-se porém uma das principais lideranças da cidade.

A Igreja, com o apoio dispensado à Oposição Sindical, abandona dessa forma, sua posição histórica de apoio aos grupos hegemônicos, e os trabalhos de organização popular começam a frutificar. Desde meados da década de 60, a Igreja diocesana, articulada nas Cebcs, é modelo de organização popular.

O bispo diocesano D. Waldyr Calheiros, em relação a esse apoio da Igreja ao movimento de oposição sindical, afirma que nos tempos da ditadura “(...) a relação da Igreja era com o oposição (...) eles tinham acesso e apoio da Igreja (...) solicitavam o salão para reuniões e levavam o problema para a Igreja”<sup>562</sup>. Esclarecendo no entanto, o papel da Igreja nesse processo, afirmava que ela participava através de seus membros, que eram trabalhadores e segundo ele, também tinham o dever e o compromisso de participar<sup>563</sup>. Dessa forma a Igreja diocesana, já articulada por meio das Cebcs, contribui para o renascimento do movimento sindical na cidade.

Esse depoimento ilustra bem a visão de D. Waldyr sobre a Igreja e seu engajamento pastoral, vivido a partir das bases populares e da promoção humana

O grupo de Oposição Sindical Metalúrgica se alinhava às propostas políticas do Novo Sindicalismo<sup>564</sup>, que começava a surgir no Brasil neste período. A partir do seu crescimento e fortalecimento, a oposição sindical começa a pressionar e interferir nas pautas de reivindicações da categoria. Em seu trabalho ativista, pressiona e convoca assembleias, denuncia omissões e praticamente dirige as negociações com a Companhia Siderúrgica Nacional, inclusive conquistando avanços<sup>565</sup>.

---

<sup>562</sup> Idem Ibid, p. 53

<sup>563</sup> Idem Ibid, p. 54

<sup>564</sup> Cf MANGABEIRA, Vilma. Os Dilemas do Novo Sindicalismo - Democracia e Política em Volta Redonda. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ANPOCS, 1993, p. 65

<sup>565</sup> Pimenta destaca que em 1978, a empresa foi forçada a conceder, sob pressão da oposição sindical, um abono de 12.5% à título de adiantamento aos seus funcionários. PIMENTA, Solange Maria. A

A oposição avança em suas posições chegando a demonstrar seu poder de fogo, organizando comissões de internas de negociação e divulgação das reivindicações operárias, alargando também o seu conteúdo. Um jornal, intitulado ‘A Verdade’ também era produzido pela oposição. Vendido por um valor simbólico, além de divulgar o trabalho do grupo, era uma importante fonte de arrecadação de recursos para a oposição, além da venda de bônus.

A oposição sindical, nascida inicialmente no seio da Igreja, conta também com expressiva participação de outras forças da sociedade civil, agrupando o MDB trabalhista e forças tradicionais de esquerda na sociedade, como o MEP –Movimento de Emancipação do Proletário-, a Convergência Socialista e o Libelu (Liberdade e Luta)<sup>566</sup>. O relacionamento de todas estas corrente internas, nem sempre foi saudável, sendo constante a crítica de militantes das correntes externas de esquerdas, às posições adotadas pela Igreja na oposição sindical e no movimento popular, vista como uma tentativa de monopolizador este espaço<sup>567</sup>. A criação do Partido dos Trabalhadores na cidade, representará mais um outro momento deste encontro, que muitas vezes levou a rupturas inevitáveis.

Emblemático desses atritos, como já me referi anteriormente, é a presença de Juarez Antunes na oposição sindical. Aproximando-se deste grupo em meados de 1978, não desenvolvendo portanto nenhum trabalho de base, “*caindo de pára-quedas*”, utilizando a expressão de um militante da oposição,

---

Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Construindo Homens. O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989

<sup>566</sup> Os trotskistas dividiam-se em várias correntes, dentre as quais as mais importantes e presentes no meio sindical eram a Libelu e a Convergência Socialista. A primeira era resultado da união do grupo Fração Bolchevique com o pequeno 1º de Maio, tendo formado inicialmente o POI (Partido Operário Internacionalista) e depois chamado Libelu. Um grupo dissidente da Fração Bolchevique forma a Liga Operária, que se transforma em Partido Socialista dos Trabalhadores, antes de adotar o nome Convergência Socialista. Em 1979, participa da fundação do PT, sendo expulsos no início da década de noventa, quando formou o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

<sup>567</sup> Em linhas gerais, havia uma relação de convivência pacífica e uma imagem generalizada de apoio entre a Igreja e as diversas forças de esquerda na cidade. No entanto as desconfianças eram mútuas e frequentes. Existia um receio dessas forças de esquerda, que a Igreja exercesse o monopólio dos movimentos contestatórios em Volta Redonda, o que era uma realidade, haja visto o poder de organização da Igreja e as limitações das correntes de esquerda. Bem como, por parte da Igreja prevalecia o temor de uma infiltração das esquerdas em suas bases, fato que chegou a se concretizar



Antunes se destaca rapidamente como um dos líderes desse movimento, principalmente por suas características de bom orador e facilidade de contato com o ‘peão’ e a massa operária. Havia uma identidade muito forte que unia o operário com Juarez, este mesmo visto como um simples operário, “(...) *que teve coragem de desafiar o patrão*”<sup>568</sup>. Esta impressão sobre Juarez é confirmada por um militante do período: “(...) *Juarez foi uma pessoa muito problemática. Apareceu no meio do caminho (...) e com o espaço aberto, aproveitando de nossa boa vontade, (...) e como era um cara bom de papo, conseguiu seu objetivo. Agente até desconfiava de sua atuação no movimento, como agente da CSN*”<sup>569</sup>

Nas eleições de 1980, estas divergências são amenizadas e a oposição caminha unida, sendo porém derrotada numa eleição bastante questionada e recheada de indícios de fraude<sup>570</sup>.

As crescentes divergências no entanto se agudizam a partir deste momento e nas eleições 1983, o ‘racha’ se concretiza com o lançamento de duas chapas da oposição às eleições sindicais daquele ano. A chapa 4, liderada por José Emídio, militante da comunidade São Sebastião- Retiro, apoiada pela Igreja; e a chapa 5, comandada por Juarez Antunes, auto-intitulada independente, mas que agrupava tradicionais forças de esquerda, com reservas à intervenção da Igreja.

Um acordo realizado às pressas é fechado às vésperas das eleições, garantindo à chapa vencedora na 1ª votação o apoio da chapa derrotada. Depois de um processo bastante conturbado<sup>571</sup> a chapa liderada por Juarez Antunes

em diversas ocasiões. Não é meu objetivo enveredar por este viés de análise, no entanto em minha estreita avaliação, esta experiência embrionária gerou resultados mais positivos do que negativos.

<sup>568</sup> Depoimento de um operário da Companhia Siderúrgica Nacional

<sup>569</sup> Entrevista com Edson Santana, realizada em 16.11.00

<sup>570</sup> Informações colhidas em diversas entrevistas afirmam que a oposição na verdade, havia ganho as eleições, mas as fraudes realizadas pelo grupo que estava no poder, com apoio da Companhia Siderúrgica Nacional, permitiram que Lustoza permanecesse na direção do sindicato por mais três anos.

<sup>571</sup> Sobre o processo eleitoral e as manobras do Sindicato e da direção da Companhia Siderúrgica Nacional para evitar a vitória da oposição vide Jornal A Verdade, Edição Especial, setembro de 1983.

vence as eleições<sup>572</sup>, transformando o Sindicato num combativo instrumento de defesa dos trabalhadores. Diante do quadro de vitória de uma das chapas da oposição sindical, as divisões no interior do movimento foram abandonadas, iniciando um período inédito de lutas operárias na Cidade do Aço, que aproxima a Igreja, por meio das Cebs, do sindicato da categoria<sup>573</sup>.

A partir deste momento, estas comunidades se tornam um importante ponto de apoio ao sindicato da categoria. Basta citar as vitoriosas atuações destas comunidades no apoio aos grevistas em 1984<sup>574</sup>, durante a primeira greve deflagrada na Companhia Siderúrgica Nacional em toda sua história, a qual é assinalada como o divisor de águas nas relações capital-trabalho em Volta Redonda<sup>575</sup>, assim como as memoráveis greves locais da siderúrgica e greves gerais articuladas pela CUT na década de oitenta<sup>576</sup>.

Este processo se interrompe abruptamente, quando em 1992, um grupo dissidente do Sindicato, liderado por Luiz de Oliveira Rodrigues, o Luizinho, ex-militante das Cebs e da Pastoral Operária, com apoio ostensivo da direção da Companhia Siderúrgica Nacional, ganha as eleições sindicais. A partir daí, o Sindicato passa a desenvolver, de acordo com sua definição, uma política de ‘parceria’ com a direção da empresa, onde ele opta “(...) *pela defesa intransigente do processo de privatização, buscará a obtenção de resultados, isto é, de ganhos materiais, e retornará o trabalho de assistência médica e*

---

<sup>572</sup> A chapa liderada por Antunes teve 7.060 votos contra 1.969 do candidato da situação. MONTEIRO, Geraldo. op.cit., p. 53

<sup>573</sup> O Sindicato dos Metalúrgicos, desde a vitória da oposição sindical em 1983, filiou-se à CUT e sempre apontou a igreja como uma parceira na defesa dos interesses dos trabalhadores na cidade. Este quadro de relações muda radicalmente quando a Força Sindical ganha as eleições sindicais em 1992

<sup>574</sup> Vide Jornal A Verdade, Edição Extra, julho de 1984

<sup>575</sup> O Sindicato, em seu jornal oficial, afirma “(...) *depois dessa greve, Volta Redonda nunca mais voltaria a ser como antes*”, referindo às mudanças provocada pela eclosão da greve e pela união das forças populares em Volta Redonda. Jornal A Verdade, Edição Extra, julho de 1984

<sup>576</sup> Nesta década se realizaram greves gerais que pretendiam paralisar o país, os movimentos foram deflagrados em dezembro de 1986 e agosto de 1987, foram os mais significativas do período. Mangabeira enfatiza que Volta Redonda participou ativamente dessas greves, com expressiva atuação das Cebs e do Sindicato dos Metalúrgicos, porém essas greves foram um fracasso em nível nacional. MANGABEIRA, Vilma Os Dilemas do Novo Sindicalismo - Democracia e Política em Volta Redonda. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ANPOCS, 1993, p. 112 e 113

*odontológica*”<sup>577</sup>. O Sindicato, outrora combativo, novamente curva-se ante as determinações da Companhia Siderúrgica Nacional<sup>578</sup>.

Este processo resultou na prática, numa grandiosa derrota para as forças populares e de esquerda em Volta Redonda<sup>579</sup>, convertendo-se também em perdas históricas para os trabalhadores da Siderúrgica, que viram a grande maioria de seus direitos arduamente conquistados ao longo de anos, serem barganhados pela direção sindical: adicional de horas extras, ATS, girafa, e finalmente o turno de 6 horas.

As Cebs no entanto permanecem articuladas e continuam sua caminhada, juntamente com os sindicatos e movimentos populares que ainda acreditam que é possível fazer oposição à onda neoliberal. Um balanço de suas atividades nos últimos anos, nos mostram o seu firme engajamento nas lutas sociais e seu profundo impacto na vida política desta cidade.<sup>580</sup>

### **3.17. A Construção das Cebs em Volta Redonda, um Processo em Marcha: Algumas Considerações**

*‘Vem caminheiro, o caminho é caminhar*

*Vai peregrino meu amor testemunhar’<sup>581</sup>*

Com a eclosão Cebs, a Igreja diocesana, iniciou um longo processo de descoberta de sua identidade e de sua face humana. Numa cidade operária, nascida pela iniciativa de uma empresa que monopolizava o espaço físico assim

<sup>577</sup> MONTEIRO, Geraldo. Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros. Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995, p. 79

<sup>579</sup> Sobre este processo vide GRACIOLLI, Edilson José. Um Laboratório Chamado CSN, Uberlândia, EDUFU, 1997

<sup>580</sup> Sobre atuação da Igreja diocesana e seu engajamento nas lutas sociais, Vide: Algumas Considerações: Aspectos Sócio-Religiosos, Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, Setor Social 2000

como monopolizava as próprias consciências, o trabalhador era construído como refém da empresa que ajudara a criar.

A Igreja, para ser fiel ao seu compromisso cristão e efetivamente viver a ‘opção preferencial pelos pobres’, era preciso descer dos altares e dos palanques do poder e caminhar em direção ao povo, nas periferias e favelas, onde nascia e vivia sua nova força.

D. Waldyr Calheiros teve o mérito e a coragem de ousar. De acordo com o padre Paulo Hottz todo esse processo de ampla mudança pastoral e abertura para o social em Volta Redonda, “(...) *se deu ‘pelo alto’, impulsionado pelo bispo e parte do clero. Nos regionais onde os padres e as religiosas se empenharam mais na formação e educação das comunidades sua vitalidade é maior. Onde os padres fizeram resistência ou não se empenharam tanto, é pequeno o dinamismo das comunidades*”<sup>582</sup>. Essa nova maneira de ser Igreja, mesmo que não abarcasse à grande totalidade da diocese, soube assumir seu compromisso e a opção preferencial pelos pobres.

Dessa forma, apoiadas pelo bispo e grande parte do clero, as mudanças se processaram num ritmo bastante promissor. Este aspecto é destacado por Regina Novais, ao enfatizar que, via de regra, para iniciar este processo de renovação pós-conciliar nas diferentes dioceses brasileiras, foi necessário o apoio do bispo local e a existência de um grupo de agentes de pastoral com projetos e recursos intelectuais diferentes daqueles vigentes no ‘universo intelectual popular’.

Decorre daí a importância da formação e capacitação de lideranças, capazes de assumir plenamente também este projeto. A experiência das Cebs em Volta Redonda, inicialmente organizadas no bairro do Retiro e nas periferias da cidade, representou o perfeito encontro da Igreja com as camadas mais baixas da sociedade, vivenciando assim a ‘opção preferencial pelos pobres’.

---

<sup>581</sup> Canto nº . Caminhando e Cantando, Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai

Através de encontros em grupos e dinâmicas cristãs, inicialmente com assessoria de religiosas, a formação de grupos de reflexão, que cada vez mais se encarnavam na realidade concreta da população e de suas carências, se espalhou por toda a cidade, concretizando a formação das primeiras comunidades eclesiais de base.

As Cebbs em Volta Redonda, nasceram e cresceram estimuladas por todo um conjunto de mudanças que se operava na diocese desde a chegada do novo bispo no final de 1966. Enquanto que neste ano existiam cerca de 26 comunidades na cidade de Volta Redonda, no ano de 1992, ultrapassavam o número de 80 comunidades<sup>583</sup>. Hoje, lança-se o desafio de continuar avançando este processo, englobando amplos setores da vida da cidade.

Desde a organização da 1ª Assembléia Diocesana realizada em Mendes, no ano de 1975, onde foi preparado o Plano Pastoral Diocesano, até a última Assembléia Diocesana, realizada no período de 1992 a 1995, a organização e fortalecimento das Cebbs foram apontadas como prioridades diocesanas, revelando a importância atribuídas a estas comunidades que traçam o verdadeiro perfil da diocese, “(...) a Igreja diocesana é constituída por uma rede de comunidades”<sup>584</sup>, tornando-se a sua própria maneira de ser.

Desta forma, a diocese de Volta Redonda por meio da atuação corajosa das Cebbs, cumpre o seu papel profético e missionário de estar ao lado dos pobres e oprimidos de nossa sociedade, buscando caminhos para implantar um novo mundo justo e solidário.

Na verdade este processo ainda se desenrola e não sabemos o fim ( se é possível sabê-lo). Se é certo que muita coisa foi realizada nas últimas três décadas, também é certo que há incertezas quando se olha para frente, e ainda há muito o que fazer. No entanto, as dificuldades superadas e o testemunho

---

<sup>582</sup> Paulo Hottz in Diocese de VR/BP, op. Cit., p. 12

<sup>583</sup> Cf. VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p. 11

corajosos de centenas de militantes anônimos e cristãos comprometidos, escreveram a história das Cebis em Volta Redonda. Com todos, estava a vontade e a coragem de lutar e implantar o Reino de Deus, aqui, entre nós.

---

<sup>584</sup> Diretrizes Pastorais – 10ª Assembléia Diocesana, 1995

## CONCLUSÃO

*“Trá chegar um novo dia, um novo Céu, uma nova Terra e um novo mar e neste dia, os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar...”*

Nas últimas décadas, as Cebbs alteraram profundamente a atuação da Igreja Católica no Brasil. A diocese de Volta Redonda foi especialmente marcada por essa experiência inovadora, fazendo este movimento parte de sua própria organicidade. A Diocese se estrutura fundamentalmente sobre esta forma de ser Igreja e quer continuar sua caminhada em direção a uma Igreja cada vez mais democrática, plural e solidária com as causas sociais.

Seu profundo compromisso social, fez da Igreja em Volta Redonda, articulada por meio das Cebbs, um modelo que serve de exemplo para todo o país, mostrando de fato como esta Instituição deve atuar na sociedade. Mesmo não englobando a totalidade da Igreja diocesana, haja visto que apenas 15% dos católicos da região participam de atividades das Cebbs<sup>584</sup>, elas com seu dinamismo e atuação, transformam a Igreja de Volta Redonda e a projetou como uma Igreja com grande inserção na sociedade e nos movimentos populares<sup>585</sup>, formadora de expressivos quadros para a sociedade civil<sup>586</sup>

Inspiradas na opção preferencial pelos pobres, a diocese convocou seus fiéis e as Cebbs se comprometerem na luta pela transformação da sociedade, engajando-se nos movimentos sociais e sindicais, bem como a política

---

<sup>584</sup> VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p.35

<sup>585</sup> Vide quadro anexo

<sup>586</sup> Vide quadro anexo

partidária<sup>587</sup>. O engajamento é um elemento constitutivo da nova forma de ser Igreja<sup>588</sup>.

Entretanto, dentro da própria Igreja diocesana permanece o atrito entre grupos que acreditam no projeto diocesano das Cebbs e da grande rede de comunidades e grupos ainda presos aos modelos eclesiais tradicionais. Afinal, as mudanças que trazem novos modelos, acontecem num processo lento, que implica no surgimento de uma nova mentalidade, nova maneira de vivenciar a fé e de compreender o mundo.

Particularmente hoje, grupos conservadores e tradicionalistas, que defendem uma interiorização da fé sem uma expressiva atuação no campo social, ganham espaço dentro da estrutura da Igreja, impulsionados pela mudanças acontecida no final dos anos 70, com a ascensão de João Paulo II ao papado<sup>589</sup>. Isto também se reflete em Volta Redonda, com particular crescimento da RCC-Renovação Carismática Católica<sup>590</sup>, que “(...) *se apresenta com um maior poder de sedução do que as Cebbs, mesmo nas camadas populares*”<sup>591</sup>, como atesta a própria diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, o avanço deste movimento mesmo nas camadas mais pobres da sociedade, tradicional reduto e fonte de inspiração das comunidades de base. Para superar esse dualismo e buscar possível unidade entre essas duas expressões da Igreja, hoje um tanto distante, Clodovis Boff propõe o diálogo entre ambos: os carismáticos, abrindo-se às experiências comunitárias e a prática de efetiva intervenção social, e as Cebbs, redescobrimo a importância da subjetividade da fé e a dimensão pneumatológica da vida eclesial. Esta é uma proposta dialética de superação deste conflito.

---

<sup>587</sup> Vide quadro anexo

<sup>588</sup> Perfil Sociológico da Diocese de Volta Redonda Barra do Pirai, Avaliação Pastoral, Equipe de Assessoria ISER, 1994

<sup>589</sup> PAIVA Vanilda, Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais- Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991

<sup>590</sup> Este não é um fenômeno restrito a Volta Redonda. A RCC vem crescendo vertiginosamente em todo o mundo. No Brasil ela aglutina cerca de quatro milhões de pessoas, enquanto as Cebbs aglutinam mais de dois milhões de católicos. BOFF, Clodovis. ‘CEBs: A que ponto estão e para onde vão’ in TEIXEIRA, Faustino L. C., Cebbs, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993, p.296

<sup>591</sup> Paulo Hottz in VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p. 15



Com todos os avanços e recuos característicos de todo processo histórico, as Cebts avançam em Volta Redonda. Novais abordando esta problemática atesta que “(...) a ‘caminhada’ das Cebts não é sempre cumulativa e linear como se imaginava”<sup>592</sup>. A trajetória das Cebts na Cidade do Aço, também foi marcada por impasses, atritos, cansaço de militantes, evasão de quadros e absorção de outros pelos partidos políticos ou sindicatos, etc<sup>593</sup>. Tudo isto marcou e ainda continua marcando todos aqueles que vivenciaram e contribuíram para este grande projeto. Pude perceber isto claramente nas entrevistas emocionadas e nas lágrimas tantas vezes contidos e outras declaradas. Muitos seguiram caminhos diferentes, o seu projeto pessoal predominou sobre o projeto coletivo. Não cabe a mim julgar, vamos deixar que a consciência de cada um cumpra este papel. Na grande maioria porém, a certeza de que fariam tudo de novo, lembrando Fernando Pessoa “*tudo vale a pena, se alma não é pequena*”. É necessário agora, não retroceder em relação a tudo que foi construído com tanta luta e sofrimento.

---

<sup>592</sup> NOVAIS, Regina. ‘Nada será como antes entre urubus e papagaios’ in TEIXEIRA, Faustino L. C. Cebts, Cidadania e Modernidade, São Paulo, Paulinas, 1993, p. 99

<sup>593</sup> A diocese aponta entre vários fatores que de certa forma enfraqueceram Cebts os seguintes:

Os anos se passaram e na década de 80 as Cebs cumpriram verdadeiramente seu projeto libertador. A participação dessas comunidades em todos os movimentos populares, sindicais e reivindicatórios nesta cidade operária, nascida na periferia da fábrica que iria redimir Brasil, concederam a elas corajosamente um reconhecido papel de liderança e destaque na história da cidade, como o elemento organizador e dinamizador de tais movimentos. Onde havia luta, seus militantes estavam presentes.

A década de 90 e os desafios dos tempos de globalização e neoliberalismo, fazem essas comunidades repensarem sua caminhada, descortina-se um cenário de *“diminuição das certezas e aumento das indagações”*, como define Teixeira<sup>594</sup>, sem contudo abandonar o caminho trilhado. Em meio a uma aparente escuridão, as Cebs continuam a lutar e acreditar na ‘nova sociedade’, *“(...) mesmo que digam os homens, tú nada podes mudar, luta por um mundo novo...”*<sup>595</sup>. Mesmo se a ‘nova sociedade’ não é tão clara quanto antes, é certo que os sonhos de utopia não se concretizaram e nem se concretizarão na sociedade que idolatra o Deus-Mercado, excluindo e negando a seu povo o bem estar social e dignidade de ser verdadeiramente homem e mulher. É possível construir uma sociedade livre e justa, democrática e participativa. Esta é a certeza que está presente nos esforços e lutas dos milhares de participantes das Cebs, que ainda hoje, teimosamente, insistem em continuar.

Sobre a diocese, uma visão clara pode ser mostrada a partir dos pontos fortes apontados como suas principais características:

*“As 7 ‘notas’( traços fortes, características) de nossa Igreja*

1. *Igreja rede de comunidades de base;*
2. *Igreja que caminha com os pobres;*

---

<sup>594</sup> TEIXEIRA, Faustino C. ‘As cebs no Brasil, Cidadania em Processo’ in TEIXEIRA, Faustino L. C. *Cebs, Cidadania e Modernidade*, São Paulo, Paulinas, 1993, p.23

<sup>595</sup> Refrão de uma música muito utilizada nas Cebs.

3. *Igreja que tem a bíblia como companheira;*
4. *Igreja evangelizadora e ministerial;*
5. *Igreja orante e celebrante;*
6. *Igreja profética e missionária;*
7. *Igreja marcada pela presença ativa e participativa das mulheres;*<sup>596</sup>

---

<sup>596</sup> VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999, p. 23

## ANEXOS

Quadro 2 - Ano de criação das comunidades

	DIOCESE	VR
Localização		
TOTAL	303	83
1750 a 1955(*)	40	12
1956 a 1966(**)	42	14
1967 a 1972	39	6
1973 a 1978	32	9
1979 a 1984	64	17
1985 a 1990	65	15
1991 a 1992	9	4
Sem informação	12	6

(\*) Até a chegada de D. Agnelo Rossi. (\*\*) Chegada de D. Waldyr Calheiros de Novaes.

Quadro 29 - Comunidades segundo atividades de conscientização social

Atividades	DIOCESE	VR
Total de comunidades	303	83
TEM	127	51
assembléia popular	39	15
encontro com posseiros	39	26
encontro c/ sindicalistas	18	11
debate com políticos	43	14
reunião c/desempregados	11	6
outra forma	55	28
NÃO TEM	171	30
sem informação	5	2

*Quadro 30 - Comunidades segundo atividades ligadas à organização de trabalhadores e trabalhadoras*

Atividades	DIOCESE	VR
Total de comunidades	303	83
TEM ATIVIDADES	98	48
luta por salário justo	39	28
luta por carteira assinada	18	13
solidariedade a greves	80	44
apoio a desempregados	43	29
organiz.de aposentados	25	21
apoio a org. de cooperat.	3	3
organização de lavadeiras	51	18
outra	10	6
NÃO TEM	200	33
sem informação	5	2

*Quadro 31 - Comunidades segundo apoio a movimentos sociais*

Apoio a movimentos sociais	DIOCESE	VR
Total de comunidades	303	83
Movimento sindical		
sim	124	54
não	142	16
sem inf.	35	13
Luta pela terra		
sim	163	65
não	117	10
sem inf.	23	8
Luta pela moradia		
sim	126	56
não	140	14
sem inf.	37	13
Movimento DDHH contra violênc.		
sim	146	56
não	123	14
sem inf.	34	13
Movimento apoio a menor aband.		
sim	117	41
não	147	27
sem inf.	39	15
Movimento negro		
sim	112	32
não	151	35
sem inf.	40	16
Movimento ecológico		
sim	95	26
não	164	40
sem inf.	44	17
Associação de moradores	186	60
sim	97	13
não	20	10
sem inf.		
Organizações político-partidárias		
sim	84	28
não	176	39
sem inf.	43	16

*Quadro 32 - Força que a comunidade dá aos movimentos sociais, em relação ao passado.*

	DIOCESE	VR
--	---------	----

Total de comunidades	303	83
Aumentou	120	32
Diminuiu	55	24
Igual	106	24
Sem informação	22	3

*Quadro 33 - Candidatos em eleições*

Tipo de eleição	DIOCESE	VR
Sindicais ou associações de trabalhadores	139	78
Diretoria de As.Moradores	1.560	581
Políticas	741	180

*Quadro 34 - Pessoas atuando em atividades políticas*

Tipo de atividade	DIOCESE	VR
Direção de sindicato	81	39
Associação de moradores	1.150	354
Partidos políticos	970	380
Movimentos populares	1.093	546

## BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil, Petrópolis, Vozes, 5<sup>a</sup> ed., 1989
2. ARMESTO, Felipe Fernandez e WILSON, Derek. Reforma: O Cristianismo e o Mundo 1500-2000, Rio de Janeiro, Record, 1997
3. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil: Nunca Mais, Petrópolis, Vozes, 28<sup>a</sup> ed., 1996
4. AZEVEDO Marcello de Carvalho. Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé, São Paulo, Loyola, 1988,
5. AZEVEDO Antônio Carlos do Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997, 2<sup>a</sup> edição
6. BASBAUN Leôncio. História Sincera da República, São Paulo, Alfa Ômega
7. BEOZZO Oscar. História da Igreja Católica no Brasil in Curso de Verão III, São Paulo, Paulinas, 2<sup>a</sup> ed, 1989
8. BOFF Leonardo, E a Igreja se Fez Povo, Ecclesilogênese: a Igreja que nasce do Povo, Petrópolis, Vozes, 3<sup>a</sup> edição, 1986
9. \_\_\_\_\_, Igreja: Carisma e Poder, Petrópolis, Vozes, 1981
10. \_\_\_\_\_, 'Ecclesilogênese: As Comunidades eclesiais de Base Re-Inventam a Igreja' in SEDOC, n. 95, 197
11. \_\_\_\_\_, Teologia do Cativo e da Libertação, Petrópolis, Vozes, 2<sup>a</sup> ed., 1980
12. \_\_\_\_\_, 'Quem Tem Medo da Igreja Popular' in Revista Vozes, maio de 1983, n. 3,
13. \_\_\_\_\_, 'Teologia da Libertação e da Graça' in Revista Vozes, outubro de 1975, n. 8
14. \_\_\_\_\_, 'Comunidades Eclesiais de Base: Povo que se Organiza para a Libertação' in Revista Eclesiástica Brasileira, Vol. 41, fasc. 162, junho de 1981
15. \_\_\_\_\_, LACERDA J. A. de, e ROCHA A. Os cristão e a Militância Político Partidária, CECA-CDDHP, Porto Alegre, 1989



16. BOFF Clodovis. Comunidade de Base-Comunidade Política: Ensaio de Eclesiologia Política, Petrópolis, Vozes, 1986.
17. \_\_\_\_\_...et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997
18. BOBBIO Norberto, MATTEUCCI Nicolla e PASQUINO Gianfranco. Dicionário de Política, Trad. Carmen C. Varriale et al, coord. Trad. João Ferreira, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 11<sup>a</sup> ed., 1998, vol. 2
19. CARAMURU Raimundo. Comunidade de Base: Uma Opção Pastoral Decisiva, Petrópolis, Vozes, 1967
20. CASTANHO Amauri. Caminhos das Cebbs no Brasil – Reflexão Crítica, Rio de Janeiro, Agir, 1987, p. 80
21. CASTRO Marcos de, 1964: Conflito Igreja X Estado, Petrópolis, Vozes, 1984
22. COSTA, Alkindar. Volta Redonda- Ontem e Hoje, Volta Redonda, Grêmio Literário de Autores Novos, 3<sup>a</sup> ed., 1992
23. CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. O Arigó: O Pássaro que Veio de Longe, Coleção Trabalhadores em Luta, n. 1, CEDI, Rio de Janeiro, 1989
24. COMBLIM José. ‘Questões a partir da Prática das Comunidades Eclesiais de Base no Nordeste’ in REB Revista Eclesiástica Brasileira, volume 50, fasc. 198, junho de 1990
25. DREIFUSS René. 1964: A Conquista do Estado, Petrópolis, Vozes, 1981
26. DUSSEL Enrique, História da Igreja Latino-Americana (1930-1985), Trad. Eugenia Flaviana, São Paulo, Paulus, 2<sup>a</sup> ed., 1999
27. EICHER Peter, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, São Paulo, Paulus, 1993,
28. FAUSTO Bóris. História do Brasil, São Paulo, Edusp, 2<sup>a</sup> edição, 1995
29. FREI BETTO, Fermento de Boa Marca, in Revista Sem Fronteiras, N<sup>o</sup> 252 - Julho 1997
30. \_\_\_\_\_, O quê é Comunidade Eclesial de Base, São Paulo, Brasiliense, 1981

31. GORENDER, Jacob. Combate nas Trevas, São Paulo, Ática, 5ª edição, 1998.
32. GRACIOLLI, Edilson José. Um Caldeirão Chamado CSN: Resistência Operária e Violência Militar na Greve de 1988, Uberlândia, EDUFU, 1997
33. GRAMSCI, Antônio, Os intelectuais e a Organização da Cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995
34. GUARINELLO Norberto Luiz, Breve Arqueologia da História Oral in História Oral, Associação Brasileira de História Oral, número 01, Junho de 1998, São Paulo
35. GUIMARÃES, Almir Ribeiro. Comunidades de Base no Brasil: Uma Nova Maneira de Ser em Igreja, Petrópolis, Vozes, 1ª edição, 1987
36. GUIMARÃES Luís G. Como se Faz uma Comunidade Eclesial de Base, Petrópolis, Vozes, 3ª edição, 1984,
37. GUTIERREZ Gustavo. Teologia da Libertação: Perspectivas, Trad. Jorge Soares, Petrópolis, Vozes, 4ª edição, 1983
38. GREGORY, Affonso. 'As paróquias querem ser verdadeiras comunidades', in A Paróquia: Ontem Hoje e Amanhã, CERIS, Rio de Janeiro, 1982
39. HOORNAERT, Eduardo. ( org.) História Liberationis: 500 anos de História da América Latina, trad. Rezende Costa, São Paulo, Paulinas, 1992
40. JULLIARD Jacques, A Política, in História: Novas Abordagens, Dir. LE GOFF Jacques e NORA Pierre, Trad. Henrique Mesquita, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976
41. LESPAUPIN Ivo, 'As mudanças na Igreja Católica no Brasil: 1960-1982' in Revista Vozes, ano 76, dezembro de 1982, n. 10,
42. \_\_\_\_\_, (org), Igreja, Movimento Popular e Política no Brasil, São Paulo, Loyola, 1983
43. LEORATO, Massimiliano. CEBs: Gente que se faz Gente na Igreja, São Paulo, Paulinas, 1997
44. LIBÂNIO João Batista., 'Comunidades Eclesiais de Base' in Religião e Sociedade, CER-ISER, número 11, ano 1, Rio de Janeiro, 1984.
45. \_\_\_\_\_, 'Comunidades de Base' in Revista Eclesiástica Brasileira , n. 164, agosto de 1981,

46. \_\_\_\_\_, Cenários da Igreja, Loyola, São Paulo, 1999
47. \_\_\_\_\_, Igreja: Povo que se organiza para a libertação, Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 41, fasc. 162, junho de 1981,
48. MADURO Otto. Religião e luta de classes: Quadro Teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina, Trad. Clarêncio Neiotti e Epharaim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 2<sup>a</sup> ed., 1983
49. MANGABEIRA Wilma. Democracia e Política: Os Dilemas do Novo Sindicalismo em Volta Redonda, Anpocs, Relume-Dumará, 1993
50. MARINS, José. A Comunidade Eclesial da Base, São Paulo, Salesianas, 1967
51. MARTINA, Giacomo. História da Igreja: De Lutero aos Nossos Dias, vol. 4 – A Era Contemporânea, Trad. Orlando Soares Moreira, São Paulo, Loyola, 1997
52. MARINS José e et al. Martírio: Memória Perigosa na América Latina Hoje, São Paulo, Paulinas, 1984
53. MENDONÇA Sônia Regina de. in História Geral do Brasil, Maria Yeda Linhares (org), Rio de Janeiro, Campus, 1998
54. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. A Ferro e Fogo. Construção e Crise da Família Siderúrgica: O Caso de Volta Redonda ( 1941-1968), São Paulo, Tese de Doutorado, USP, 1989
55. MONTENEGRO, José. A Evolução de Catolicismo no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1972
56. MONTENEGRO, João Alfredo de S. Reflexão Metodológica sobre a História da Igreja no Brasil, in Revista de Cultura Vozes, 182. Número 9, novembro de 1982
57. MONTEIRO Geraldo, Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos Brasileiros. Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995.
58. MONTES M. L. “Figuras do Sagrado: entre o Público e o Privado” in História da Vida Privada no Brasil, Lilia Morritz Schwarcz (org. volume), São Paulo, Companhia das Letras, 1998, volume 4
59. MOREIRA, Regina da Luz. CSN Um Sonho de Aço e Ousadia, Rio de Janeiro, Iarte, 2000
60. MIRANDA. Antônio Francisco de, Puebla Sintetizado, Aparecida-SP, Ed. Santuário, 1979

61. NAPOLITANO Marcos, O Regime Militar Brasileiro, São Paulo, Atual, 1998
62. NOVAES, Regina. 'Nada Será Como Antes, Entre Urubus e Papagaios' in TEIXEIRA, Faustino L. CEBs: Cidadania e Modernidade-Uma Análise Crítica, São Paulo, Paulinas, 1993
63. OLIVEIRA Ildes F. de, 'Ideologia Dominante e Ideologias Dominadas' in Caderno do CEAS, Salvador-Ba, número 104, 1986.
64. OLIVEIRA Pedro A. Ribeiro de, Um Perfil Sociológico da Diocese de Volta Redonda, Pesquisa ISER- Diocese VR/BP, 1994
65. \_\_\_\_\_, 'Cebs e Massas', Revista Sem Fronteiras, N° 248 - Fev/Mar 1997
66. \_\_\_\_\_, 'CEB; Unidade Estruturante da Igreja' in BOFF, Clodovis, e et al, As Comunidades de Base em Questão, São Paulo, Paulinas, 1997
67. PALÁCIO Carlos, O Legado da 'Gaudium Et Spes'. Riscos e Exigências de Uma Nova 'Condição Cristã' in Revista Perspectivas Teológicas, n. 27, 1995
68. PAIVA Vanilda, Catolicismo , Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais- Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991
69. \_\_\_\_\_, A Igreja Moderna no Brasil in Revista Religião e Sociedade, número 13, ano 1, Rio de Janeiro, Campus, 1984
70. PERANI, Cláudio. 'Novos Rumos da Pastoral Popular', in PAIVA Vanilda (org) Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais- Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991
71. PIMENTA , Solange Maria. A Estratégia da Gestão: Fabricando Aço e Constuindo Homens, O caso da Companhia Siderúrgica Nacional, Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, 1989
72. PORTELLI Hugues, Gramsci e a Questão Religiosa, Trad. Luiz João Galo, São Paulo. Paulinas, 1984
73. \_\_\_\_\_, Gramsci e o Bloco Histórico, Trad. Angelina Peralva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977
74. PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu (organizadores). As Relações Igreja- Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 2- Durante o gov. Costa e Silva 1967- 1970, 1986

75. \_\_\_\_\_, As Relações Igreja- Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 3- Gov. Médici 1970-1974-, 1986
76. \_\_\_\_\_, As Relações Igreja- Estado no Brasil, CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, São Paulo, Loyola, vol. 6 - Gov. Costa e Silva 1967- 1970
77. NUNES, Maria José Rosado. 'Freiras no Brasil' in PRIORE, Mary Del (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos), História das Mulheres no Brasil, São Paulo, Contexto, 3<sup>a</sup> ed., 2000
78. QUEIROZ José. (org.), A Educação Popular nas Comunidades Eclesiais de Base, Coleção PUC-Estudios, São Paulo, Paulinas, 1985
79. REIS Daniel Aarão. Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000
80. \_\_\_\_\_ e MORAES Pedro de, 1968: A Paixão de uma Utopia, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2<sup>a</sup> ed., 1998
81. \_\_\_\_\_, 'Lutas Sociais, Reformas e Revolução nas Tradições das Esquerdas Brasileiras', in <http://www.artnet.org.br/gramsci/textos>
82. \_\_\_\_\_, 'A Tortura no Brasil' in <http://www.artnet.org.br/gramsci/textos>
83. REVISTA CIDADES E MUNICÍPIOS, 'Volta Redonda, A Cidade do Aço', julho de 1992
84. REVISTA SEM FRONTEIRAS, 'D. Waldyr Calheiros: Caminhar com o Povo', n° 171, agosto de 1989
85. REVISTA NAÇÃO BRASIL, 'Igreja Social – Entrevista com D. Waldyr Calheiros', ano 3, n° 167, abril de 2000
86. ROCHA, M<sup>a</sup> C. de C. F., Discurso Mítico e Construção Histórica. In Revista do Mestrado de História da Universidade Severino Sombra. ., USS – ano 1. Rio de Janeiro. Editora Sette Letras, 1998.
87. ROSSI, Dom Agnelo, 'Os Primeiros Manuais de Catequese Popular' in REB, vol 18, fasc. 2, junho de 1958
88. \_\_\_\_\_, ' Uma Experiência de Catequese Popular' in REB, vol 17, fasc. 3, setembro de 1957
89. SAEZ, Décio. Classe Média e Sistema Político no Brasil, São Paulo, T.A Queiroz, 1984

90. SALÉM, Helena. A Igreja dos Oprimidos, São Paulo, Brasil Debates, 1982
91. SALVADOR, C. C., Dicionário de Direito Canônico. Trad. de Jesús Hortal. São Paulo, Loyola, 1993
92. SILVA, Edmundo de Macedo Soares e. Um Construtor de Nosso Tempo, Entrevista ao CPDOC, Rio de Janeiro, 1999
93. SCHWARCZ, Lilia Moritz (org. vol). História da Vida Privada no Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 4
94. SCHWATZMAN S., A política da Igreja e a Educação: o Sentido de um Pacto, Religião e Sociedade, CER/ ISER, n. 13, 1986.
95. SCHLESENER Anita Helena. Gramsci: Hegemonia e Cultura, Curitiba, Ed. UFPR, 1992
96. SKIDMORE, Thomas. Uma História do Brasil, trad. Raul Fiker, São Paulo, Paz e Terra, 1998, 2ª edição
97. \_\_\_\_\_, Brasil: De Getúlio a Castelo, Trad. Mário Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1998
98. \_\_\_\_\_, Brasil: De Castelo a Tancredo, Trad. Mário Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed., 1988
99. SIDNEY, Jairo C. “Igreja e Mobilização Popular’ in Dossê CPV-1985, Comunidades Eclesiais de Base e Movimento Popular, p. 11
100. SOUZA, Jessi Jane Vieira de, Valentim: O Guardião da Memória Circulista, Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1991
101. \_\_\_\_\_, Da Transcendência à Disciplina: Os Círculos Operários e a intervenção da Igreja Católica no Mundo do Trabalho, Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, UFRJ, 1996
102. SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. Pelo Espaço da Cidade, Aspectos da Vida e do Conflito Urbano em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ/IPPUR, 1992
103. STACONE Giuseppe, Filosofia da Religião: O Pensamento do Homem Ocidental e o Problema de Deus, Petrópolis, Vozes, 2ª ed., 1991
104. TEIXEIRA, Francisco Carlos. ‘A Modernização Autoritária: do Golpe Militar à Redemocratização 1964/1984’ in LINHARES, Maria Yeda (org), História Geral do Brasil , Rio de Janeiro, Campus, 1998

105. TEIXEIRA Luís Faustino Couto, A Gênese das Cebbs no Brasil: Elementos Explicativos, São Paulo, Paulinas, 1ª edição, 1988
106. \_\_\_\_\_, 'As Cebbs como Recriação Evangelizadora' in PAIVA, Vanilda (org) Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais- Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991
107. \_\_\_\_\_ ...et al, CEBs: Cidadania e Modernidade: Uma Análise Crítica, São Paulo, Paulinas, 1993,
108. TORRES, Camilo. Cristianismo e Revolução, Trad. Aton Fon Filho, São Paulo, Global, 1981
109. VALLE, Edênio. 'O Aggiornamento Católico e Suas Consequências nas Áreas Científica e Educacional' in PAIVA, Vanilda (org.), Catolicismo, Educação e Ciência, Coleção Seminários Especiais- Centro João XXIII, São Paulo, Loyola, 1991
110. VÁRIOS, 2º Encontro Regional das Cebbs, Amazônia em Busca de Libertação, Subsídio para Reuniões, CNBB- Norte I, texto mimeografado, 1989
111. VÁRIOS, Revista da Diocese de VR/BP- 75 anos Presente na Região Sul Fluminense, Volta Redonda, 1999
112. VÁRIOS, Revista da Arquidiocese de Goiânia, Goiânia- Go, n. 6-7 e 8, jul-ago-set/1986
113. VÁRIOS, Comunidades de Base e Movimentos Populares, Dossiê CPV – Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro, São Paulo, 1995
114. VÁRIOS, Informações para o Plano Diretor, IPPU/VR, agosto de 1994
115. VEIGA Sônia Mayrink e FONSECA Isaque. Volta Redonda entre o Aço e as Armas, Vozes, Petrópolis, 1990.
116. VINCENT Gerald, 'Os católicos: o Imaginário e o Pecado', in História da Vida Privada, Antoine Prost e Gerárd Vincent (org. vol.), S. Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 5

## **DOCUMENTOS DA CNBB**

Hipertexto – [www.cnbb.org.br/documentos.html](http://www.cnbb.org.br/documentos.html)

Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, CNBB, 1991-1994, D. 45, São Paulo, 1991

Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil

**DOCUMENTOS DO EPISCOPADO LATINO –AMERICANO -**  
[www.cnbb.org.br/documentos.html](http://www.cnbb.org.br/documentos.html)

Documentos de Puebla - 1979

Documentos de Medellín - 1968

**DOCUMENTOS DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL**

Relatórios da Diretoria da CSN, anos de 1964, 65, 66, 67, 68, 69 e 1970

Jornal 'O Lingote', anos de 1953-1970

Jornal 'Nove de Abril' abril de 1991, nº 156

**DOCUMENTOS DA CÚRIA DIOCESANA**

1 da Visita 'Ad Límina'- 1980

2. Carta do Cardeal Ganthim ao Bispo D. Waldyr Calheiros em 28.01.88

3. Carta de padre Ernesto Lamin, enviada ao Cardeal D. Ganthin, em 03/05/88

4. Carta dos padres diocesanos, enviada ao Sr. Cardeal Ganthim, Diretor da Sagrada Congregação para os Bispos, Volta Redonda, 04/05/88

5. Carta de D. Waldyr em saudação aos diocesanos de Volta Redonda, 08/12/66

6. Carta de D. Waldyr aos diocesanos em 19.01.69

7. Carta de Solidariedade da Comissão Central da CNBB ao bispo D. Waldyr, em 20.09.69

8. . Relatório da Mini-Assembléia Diocesana de 06/09/86

9. Relatório de Reunião da Pastoral da Juventude em 15.11.73

10. Levantamento realizado por Irmã Martha Dale em 12.03.96, entrega da Medalha Chico Mendes à D. Waldyr

11. Atas das Assembléias do Regional Volta Redonda, 1977 a 1980



12 Atas das Reuniões do Conselho Pastoral Regional – Volta Redonda, 1970-1980

13 Relatório Cidade-Paróquia, texto mimeografado, 29.05.69

14. Levantamento Volta Redonda – Cidade Paróquia, setembro de 1969 e questionários respondidos pelas comunidades: N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida- Bairro São João, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição-Conforto, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças- Jardim Paraíba, São Sebastião-Retiro, Santo Antônio- Niterói, Santa Cecília- Vila Santa Cecília, Santo Agostinho-Bairro Santo Agostinho, São Miguel- Vila Americana, Bom Jesus- Água Limpa, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida- Pinto da Serra e São Geraldo, Vila São Geraldo

15. Comunicado aos Diocesanos de Volta Redonda, 01.01.1969

16. Carta aos Diocesanos em 19.01.1969

Comunicado aos diocesanos em 02.09.1969

17. Pontos de Orientação para Visita Pastoral, 07.04.70

18. Atas da Reunião do Conselho Diocesano de Pastoral, 1974-1980

Circular da Cúria Diocesana em 07.12.79, ‘Celebração da Eucaristia e Bênção de Estabelecimentos’

Avaliação da Paróquia-Cidade, setembro-outubro de 1969 e Relatórios enviados pelas comunidades N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> Aparecida, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição, N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> das Graças , São Sebastião, Santo Antônio, Santa Cecília, Santo Agostinho, Vila Americana, Água Limpa, Pinto da Serra e São Geraldo

Decreto de Reestruturação das Paróquias da Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, 21.11.71

Livro de Atas de Reuniões do Conselho Paroquial da Comunidade Santo Agostinho

Projeto do Decreto de Unificação das Paróquias de Volta Redonda, 01.01.69

Plano de Evangelização Para o Ano Cinquentenário da Diocese, 1972

Relatório sobre a Pastoral Operária em Volta Redonda 1974-1977, em 28.10.77

‘A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda’, Pesquisa CERIS, 1982

Diocese de Volta Redonda-Barra do Pirai, Setor Social, Algumas Considerações: Aspectos Sócio-Religiosos, 2000

Relatório da 2ª Assembléia Diocesana, 15 e 16.11.75

Resultado da pesquisa feita com grupos de reflexão em 08.10.76

Relatórios de Atividades do IDP, 1976 a 1979.

Relatórios das comunidades enviados para pesquisa ‘A Concretização da Opção Preferencial pelos Pobres no Regional de Volta Redonda’, 1981

Perfil Socioóxico da Diocese de Volta Redonda Barra do Pirai, Avaliação Pastoral, Equipe de Assessoria ISER, 1994

Diretrizes Pastorais – 10ª Assembléia Diocesana

### **SUBSÍDIO PARA COMUNIDADES DE BASE:**

Como se defender contra prisões ilegais e abusos policiais, Diocese de BP-VR, 1979

As Eleições Vem Aí, Diocese de BP-VR, setembro de 1978

Tempos de Eleições, Diocese de BP-VR, março de 1982

Vamos Votar, Diocese de BP-VR, 1982

Celebração de 1º de Maio, Diocese de BP-VR, 1978

A Greve dos Peões, Diocese de BP-VR, outubro de 1980

A Expulsão do padre Vitor, Diocese de BP-VR, novembro de 1980

### **PERIÓDICOS**

Jornal Pé da Serra, Resende, julho de 1982

Jornal Folha da Cidade, Volta Redonda, 30 de abril de 1989

Jornal Primeira Página, Volta Redonda, março-abril de 1996

Jornal do Brasil, 14 de novembro de 1999, 30 de março de 1967, 30 de maio de 1968

Jornal Gazeta do Aço, Volta Redonda, 9 a 15.10.1981

Jornal Diário do Vale, Volta Redonda, 02.04.1996

Revista Agora, nº 01, Volta Redonda, janeiro de 1979

Jornal Opção, nº 03, Volta Redonda, junho de 1979

Jornal A Verdade, Edição Extra, Volta Redonda, julho de 1984

Jornal A Verdade, Edição Especial, Volta Redonda, setembro de 1983

**DOCUMENTOS DA CNBB** – [www.cnbb.org.br/documentos.html](http://www.cnbb.org.br/documentos.html)

Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, CNBB, 1991-1994, D. 45, São Paulo, 1991

Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil

Relatório da Comissão de Pastoral Operária, CNBB, 1978-1980

**DOCUMENTOS do EPISCOPADO LATINO-AMERICANO** -  
[www.cnbb.org.br/documentos.html](http://www.cnbb.org.br/documentos.html)

Documentos de Puebla - 1979

Documentos de Medellín - 1968

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)